

Índice

I – Artigos	6
Três Dias em Praga	7
Regras de Etiqueta	17
10 Coisas a Fazer em Praga no Inverno	20
Praga no Inverno	22
Segurança em Praga	24
Clima de Praga	27
Saúde em Praga	30
Quando Visitar Praga	33
Dinheiro	37
Férias Económicas em Praga	40
Dez Razões Para Visitar Praga	45
A Evitar em Praga	47
Chegar a Praga	49
II - Guia Alternativo de Praga	53
Um Passeio Junto ao Vltava	54
Naplavka	56
O Hospital dos Malucos	58
Museu da Força Aérea	60
A Volta do Fosso do Veado	62
Jardins de Vrtba	64
Divoká Šárka	65
Cinemas Gold Class	67
Narodni Divadlo	69
Os Jardins de Vojanovy	72
Espectáculos de Fogo	73
A Remos ou a Pedais no Vltava	75
Parque Stromovka	77
Casa Dançante	79

Muralha da Fome	81
Dobeska	82
Baba	83
Lennon Wall	84
Lidice	86
Monumento às Vítimas do Comunismo	88
Batalha de Bila Hora.....	90
Zoo de Praga	92
Mercado de Havelska.....	94
Jardim Botânico Universitário	96
Mosteiro de Strahov	97
Cemitério de Olsany	99
O Palácio de Troja.....	101
Jardim Botânico de Troja	103
A Praça Kinsky e o Tanque Cor-de-Rosa.....	104
Metródomo	107
Rua Bartolomějská.....	109
O Beijo dos Soldados.....	111
Torre de TV de Zizkov	112
Pavilhão Hanavsky	114
A Equipa Desaparecida.....	116
Slovansky Ostrov	117
Rasjská Zahrada.....	119
Capela Betlemska.....	121
Prisão de Pankrác	123
Bio Oko	125
O 17	127
Meet Factory	131
Um Passeio por Vinohrady.....	133
Cinema à Margem	136
A Rua Mais Estreita de Praga.....	138
Para Trás de Petrin	140
A Vivenda Čapek.....	142

A Feira de Velharias Plavý Blesí Trh	145
Sapa: O Vietnam em Praga.....	147
III – Comes & Bebes	149
Kavárna & Galerie Róza K.....	150
Dobra Čajovna.....	152
Mlýnská Kavarna.....	155
Šlágr Kavarna	157
Dobra Čajovna.....	159
Kavarna Sudička	161
Cafe Globe	163
Cafe Fantazie.....	165
Cafe Grand Orient	167
Dobra Trafika Ujezd	169
Choco Cafe	171
Cafe Slavia	173
Louvre Cafe.....	175
Blatouch.....	177
Standard Cafe	179
Cafe Rybka.....	181
Paul de IP Pavlova	182
U Sadu	184
U Vystrelenyho Oka.....	186
Wings Club	188
Zlý Časy	190
U Kruhu	192
Dnistre	194
Haštalsky Dědek	196
Haštalsky Dědek	198
Hrom do Police	200
Kabul.....	202
Karavensaraj.....	204
Kmotra.....	250
Kofeine	253

La Casa Blu	257
Las Adelitas.....	260
Matylda	262
Pivovarský Klub	266
Sofia.....	268
U Ferdinanda	270
Letna	274
Na Hradbách	277
Blues Sklep.....	280
Vagon.....	229
Akropolis.....	284
Rincon Latino	287
Wakata.....	289
IV – Coisas Diversas	291
A Passagem de Ano	292
Festival One World.....	294
O Assassínio de Heydrich.....	296
As Cheias de Agosto de 2002	301
Requiem pela Primavera de 1968	247

I - Artigos

Três Dias em Praga

Dia 1

Há que aproveitar ao máximo. É preciso acordar cedo, não só para esticar o dia, como para o iniciar no ponto mais turístico da cidade quando toda a gente dorme ainda. Vamos atravessar a ponte Karlovo aos primeiros raios do Sol (esperando que exista mesmo Sol), quando a temos quase só para nós. Se for Inverno, pode até ser a única alma no tabuleiro da ponte. Um contraste brutal com o cenário que ali se vive quotidianamente durante o dia, quando o afluxo contínuo de turistas enche aquela calçada, milímetro por milímetro. Se iniciou o passeio na margem Oeste, então pode voltar para trás, umas vez que nos queremos dirigir ao Castelo de Praga. De resto, toda a caminhada até lá é um deleite. Seguindo a via natural de quem vem da ponte, desembocaremos na praça Malonstranské. Daqui sai a rua Nerudova, onde viveram Franz Kafka e Jan Neruda (um autor bem menos conhecido que o chileno Pablo Neruda, que inspirou o seu nome artístico no escritor e jornalista checo).

Não deixe de observar a notável simbologia acima de algumas das portas das casas desta rua: noutros tempos, antes da utilização metódica da numeração dos edifícios, a denominação dos lares era apoiada por uma representação plástica. Assim, quando chegar ao prédio que ostenta o símbolo de três violinos, saberá que no passado qualquer correspondência para as famílias que aqui moravam deveria ser endereçada à “Casa dos Três Violinos”. Muitas vezes a escolha do símbolo tinha uma razão prática. No exemplo que apontámos, a casa albergava originalmente uma família que se dedicava à manufactura de belíssimos violinos. A utilização de simbologia para identificação das casas era uma prática comum, mas hoje é na rua Nerudova que se pode observar a maior concentração destes elementos visuais.

Sensivelmente a meio da rua, deverá fazer um desvio e enfrentar uma longa escadaria. Se imaginasse que não iria seguir os conselhos e tomar esta caminho cedinho pela manhã, dar-lhe-ia um acesso alternativo, afastado da multidão de turistas. Mas a esta hora esta via é tão boa como qualquer outra. Tomando depois uma direita e seguindo as indicações, chegará ao castelo. Toda a informação sobre o local poderá ser consultada no website oficial. Demore o tempo que precisar. Explore, visite. Não se esqueça de passar pelos jardins exteriores, se for a época do ano certa.

Quando terminar, em vez de descer de novo à baixa, como a maioria dos turistas. Aventure-se pelas “traseiras” do castelo. Dê uma vista de olhos na igreja do Loreto. E depois, passe junto ao mosteiro de Strahov. Se houver condições, sugiro uma paragem para uma bebida na esplanada panorâmica no patamar imediatamente a seguir ao do mosteiro. As vistas sobre a cidade são magníficas, e se as contas não me falham, por esta altura o corpo pede uma pausa.

Quando se sentir revigorado, aventure-se pela colina Petrin. Um dos acessos inicia-se mesmo aí junto às esplanadas. É um mundo para explorar, cujos detalhes não me atrevo a explicar num artigo genérico como este. Sugiro que encontre por si o que Petrin tem para oferecer. Se não lhe apetecer ir ao topo, também lhe digo que não perde nada de especial. As pessoas procuram instintivamente lá chegar, mas aqui entre nós, ficará tão bem ou melhor servido se andar pela meia-encosta. É aí, junto à paragem intermédio do funicular, que encontrará o restaurante Nebozizek, onde poderá tomar o almoço se forem horas disso. Como entenderá, dada a localização e a atmosfera do estabelecimento, os preços praticados não são do mais económico. Mas não se assuste! Estamos a falar de pratos entre os 8 e os 14 Euros. E veja no website do restaurante como vale a pena...

Passada a linha do funicular, e, quiçá, depois do almoço, continuaremos a andar na mesma direcção, até cruzar a Muralha da Fome. A partir desse momento estaremos nos jardins Kinsky. A beleza deste parque é notável. Encontraremos vegetação mais densa do que até então, e talvez por isso o ruído natural da cidade chegue até nós filtrado. Tão perto, e tão longe. Mas é também a frondosa vegetação que nos impede de usufruir das vistas que apenas ficam expostas quando o Inverno chega e as árvores ficam desnudas. Não importa. Prossigamos. É capaz de encontrar uma estranha igreja construída em madeira. O edifício foi originalmente construído nos Cárpatos, em terras que antes eram da Ucrânia. Foi desmontando, pedaço por pedaço, transportado até Praga e montado de novo. Tudo se passou em 1891, por ocasião da Exposição Universal de Praga.

Mais abaixo, se for descendo – o que é capaz de ser uma boa ideia – encontrará o Museu de Etnografia. Siga o seu instinto e chegará com facilidade à saída. Se tudo correr bem estará na praça Kinsky, onde outrora se encontrava o famoso “tanque cor-de-rosa”: Na madrugada de 28 de Abril de 1991, uma estranha movimentação podia ser observada pelo noctívago casual que ali passasse. David Cerny, o polémico artista plástico checo, então um jovem de 23 anos, pintava de cor-de-rosa um tanque soviético exposto no local desde 1945, em homenagem à libertação de Praga do jugo alemão. Após o ataque artístico de Cerny e dos seus amigos, as autoridades devolveram a cor original ao IS-2 – na realidade um tipo de tanque historicamente incorrecto, pois o modelo que entrou em Praga no dia da libertação foi o T-34 – mas a história não se ficou por aqui: um grupo de quinze deputados parlamentares, gozando de imunidade, voltaram ao local e repintaram a pobre

máquina de cor-de-rosa, em protesto contra a detenção de David Cerny. Foi o suficiente para que o tanque fosse definitivamente removido. Hoje em dia encontra-se exposto no Museu Militar Técnico de Lesany, e na praça Kinsky foi construída uma fonte no local onde antes se encontrava o monumento. Já em 2008, Cerny voltou ao ataque, transportando para as imediações uma réplica cor-de-rosa de uma parte traseira de um tanque soviético, de forma ilegal, tentando encorajar a reflexão política sobre os novos sinais de expansionismo russo.

Agora deverá iniciar o caminho de regresso ao centro, se tal for conveniente. Siga pela esquerda, pela rua Ujezd. Estará na periferia de Smichov, um agradável bairro de Praga, bem localizado, repleto de interessantes edifícios habitacionais, muito comércio tradicional e um grande centro comercial. Vá reparando nas fachadas e observe os detalhes. Mais à frente, a cerca de 400 m, do seu lado esquerdo, não poderá deixar de notar uma estranha escultura. Trata-se de uma homenagem às vítimas do Comunismo. Aí chegado, vire à direita, pela Vítězná. Não tardando estará a chegar ao rio, e à ponte Legii. Inicie a sua travessia. A meio, desça as escadas e explore a pequena mas bonita ilha. No seu extremo norte terá uma das melhores vistas de Praga, não como do castelo, de cima, mas antes numa perspectiva visualmente rica da Praga clássica, com o Teatro Nacional mesmo ali, e a ponte Karlovo um pouco mais à frente, e todos os ricos edifícios que se estendem por ambas as margens do rio Vltava. Talvez seja chegada a altura de relaxar no Vltava, alugando um pequeno barco a remos ou a pedais. Está agora no sítio certo. A sua base é muito perto dessa ponte, do lado direito, se tiver seguido o itinerário sugerido. Se não os vir, é porque está em Praga na época do ano errada.

De qualquer forma, a partir daqui suba a avenida Narodni, a continuação natural da ponte Legii. Logo na esquina verá um dos cafés clássicos de Praga, o Slavia. Mais à frente, atente nas fachadas dos edifícios, especialmente nos andares mais elevados. Se tiver alguma necessidade indesejada, tem ali uma farmácia. Adiante... continue a andar... a cerca de 200 m vai encontrar do seu lado direito uma discreta entrada para o Café Louvre, que ocupa o primeiro andar do prédio. Não perca! Se não tiver ainda fome, vá para o chocolate quente mas sobretudo não perca os gelados! Os melhores que já experimentei. E sabe que mais? Acho que por hoje estamos falados. Se lhe sobrar tempo, é muito provável que esteja exausto. Tem uma série de agradáveis bares e cafés onde o deixei, caso o Louvre não lhe interesse. Estará em Narodni Trida, onde passam eléctricos para quase todo o lado e onde existe uma estação de metro da linha amarela. Se está a ficar num apartamento ou precisa de alguma coisa de um supermercado, saia do Louvre e chegue à esquina seguinte. Do outro lado da rua estará um armazém comercial. Na cave encontrará um bem apetrechado supermercado. Só mais uma coisa: se é fumador, sensivelmente em frente ao Café Louvre, do outro lado da rua, existe uma excelente tabacaria, com todo o tipo de acessórios.... dê uma vista de olhos.

Vamos seguir o mesmo princípio de ontem: a primeira coisa a fazer é ir a um dos locais usualmente com maior presença de turistas para aproveitar a calma matinal. Se ontem atravessámos a ponte Karlovo e visitámos o Castelo de Praga aos primeiros raios de Sol, hoje vamos às duas praças centrais, a da Cidade Antiga e a da Cidade Nova, começando por esta última. Faça-se transportar para Muzeum (o que provavelmente acontecerá através das linhas verde ou vermelha de metro). Estará na imponente praça Venceslau, na realidade mais uma alameda. O imponente edifício do Museu Nacional ergue-se sobre este amplo espaço, logo secundado do famoso “cavalo”, uma estátua equestre que é utilizada diariamente como ponto de encontro para centenas ou mesmo milhares de praguenses. Diz a tradição que uma relação que se inicie com um primeiro encontro junto à cauda do “cavalo” terá bom futuro. Por isso, por aqui, quando um rapaz convida uma rapariga (ou vice-versa) para se encontrarem nesse ponto, há desde logo uma declaração silenciosa. Foi nesta praça que em 1968 a população de Praga se sublevou contra a intervenção militar soviética, e foi também aqui que o Comunismo caiu, em 1989, quando o povo desceu de novo à rua. Em 1969 Jan Palach, um jovem universitário, imolou-se pelo fogo, junto ao Museu Nacional, como forma de protesto pela perda de soberania efectiva da então Checoslováquia. O local onde caiu inanimado encontra-se marcado por um significativo sinal, e as coroas de flores ainda hoje são ali renovadas diariamente.

A praça Venceslau é o centro da Praga moderna. Diariamente é invadida por uma multidão de checos em trânsito. Quando a noite cai, o cenário é menos agradável. Por ali anda uma fauna estranha, nada recomendável. Mas caminhemos pela praça abaixo, até ao fim. Para os que acham a FNAC o máximo em termos de livros, notem as livrarias existentes nesta alameda; a maior, tem quatro andares, cada um deles com a extensão equivalente à da maior livraria portuguesa. Em Praga vivem apenas 1,5 milhões de pessoas, mas os checos são notórios leitores e consumidores de cultura.

Chegando ao fim da praça, cruze a Na Příkopě e vá andando até ver do seu lado direito o pitoresco mercado de rua de Havelská. Visite-o se desejar, e depois continue a andar até desembocar na praça central da Cidade Antiga. É um local que transpira história. Os belos edifícios, as majestosas igrejas, a estátua do reformista Jan Huss, o relógio astronómico... e tudo isto directamente na praça. Porque a exploração aleatória das pequenas ruas envolventes revelará um sem número de deliciosos detalhes, becos misteriosos, casas pitorescas. Digo-lhe desde já que não pode despedir-se de Praga sem voltar aqui à noite. Aliás, considero uma experiência mais intensa a visita nocturna ao local. A iluminação é excelente, e o ambiente é algo que tem que experimentar. Contado não dá.

Terminada a exploração da área adjacente, retorne à praça central e parta pela avenida Parizska, uma artéria luxuosa, onde as lojas mais chiques mantêm as respectivas representações. Pouco antes de chegar ao rio, vire à esquerda na 17. Listopadu. Tem aí uma paragem de eléctrico, onde deverá apanhar o 17. Quatro paragens depois estará em Výstaviště. Não se preocupe. As paragens são anunciadas oralmente e através de um painel luminoso bem visível. O nome da paragem significa “Parque de Exposições”, e é isso que verá logo ali: o complexo erigido para a monumental Exposição Universal de Praga de 1891. Deverá contorná-lo pela esquerda e internar-se no Parque Stromovka. Por esta altura está a salvo da onda de turistas. Aqui, só verá checos. Pares de namorados, garbosas avós com os respectivos netos, desportistas... todos usam este agradável espaço, de dimensões tão generosas. A ideia é atravessá-lo numa diagonal, em direcção a noroeste, de forma a encontrar o acesso a Troja. Deverá atravessar duas pequenas pontes pedestres, e deixar para trás a ilha Cisarsky, que se encontra bem no meio do Vltava.

Verá imediatamente o palácio de Troja, sede de várias exposições e de pólos museológicos. Uma visita ao interior fica ao seu critério, mas os jardins podem ser visitados com facilidade. Mesmo ao seu lado, tem o Zoo de Praga. Talvez não considere uma prioridade visitar um jardim zoológico quando vai a uma cidade estrangeira. Mas este é muito bom, tendo sido considerado o sétimo melhor do mundo (em 2008) pela prestigiada revista Forbes. Se a bicharada não lhe interessa de sobremaneira mas até estava capaz de espairecer um pouco num jardim, tem mais à frente o Jardim Botânico, cuja estufa temática, a Fata Morgana, recomendo vivamente, assim como a sua secção japonesa. O ingresso, quer seja no Zoo, quer seja no Jardim Botânico é apenas de cerca de 6 Eur. Se tiver fome pode usar o restaurante localizado à entrada do Zoo.

Para regressar deverá dotar-se antecipadamente do bilhete de transportes públicos. Mesmo à entrada do Jardim Zoológico, apanhe o autocarro 131 e faça-se transportar durante umas poucas paragens até chegar à de Trojská. Saia e ande no sentido da marcha do autocarro até chegar à esquina. Logo ali à sua vista tem a paragem de eléctrico onde o 17 o trará de regresso ao centro.

Saia em Narodni Divadlo. Estivemos aqui ontem. Se não teve oportunidade de dar o passeio de barco a remos na véspera, não conhece a ilha Slovansky, o que é imperdoável. Trata-se da pequena ilha mesmo em frente ao majestoso Teatro Nacional. Depois de uma breve volta pela ilha, quero-vos mostrar um dos meus poucos favoritos. Botel Matylda. O belo barco, ou restaurante flutuante, é o local ideal para uma refeição romântica com a vista do cair da noite, as luzes do castelo que se acendem lá longe... ou o abrigo de uma tarde invernal, acolhedor, perfeito para ler um pouco enquanto a neve cai lá fora, sobre as águas escuras do Vltava. Do barco, verá o bizarro edifício a que chamaram Casa Dançante. Pessoalmente não lhe

acho grande piada, mas não há dúvida que é uma imagem única de Praga, e já que está ali à mão, porque não ir até lá ver um pouco mais de perto e tirar umas fotos?

Creio que por esta altura o dia estará a acabar. Quer seja porque a noite se abate sobre a cidade, quer seja porque o cansaço se encontra prestes a vencer a curiosidade. Diria que por hoje chega. Onde o deixo, junto à Casa Dançante, poderá caminhar junto ao rio até à ponte Karlovo, apanhar o eléctrico 17 ou subir a avenida larga que evolui na direcção oposta ao rio, e chegando à praça Karlovo, não muito longe, terá a estação de metro da linha amarela Karlovo Namesti.

Hoje vamos tirar a manhã para explorar as ruas de duas das áreas clássicas de Praga: o bairro judeu, Josefov, e Mala Strana (que significa “Bairro Pequeno”). Vamo-nos encontrar à entrada para a ponte Karlovo, do lado Este, ou, se preferir, defronte do Teatro Nacional. Seja como for, o primeiro acto consistirá na travessia, pela segunda vez, da ponte Legii, que surge no seguimento da avenida Narodni. Desta vez não visitaremos nenhuma ilha, mas assim que a ponte acabe, vamos sair para a direita, passar em frente a um belo edifício de apartamentos de finais do século XIX e descer umas escadinhas. Estamos na ilha Kampa, diferente das restantes ilhas do Vltava. É que aqui, o visitante casual não se aperceberá que está rodeado de água. Do lado Oeste, corre a Ribeira do Diabo, que se separa do Vltava, contorna este bloco de terra antes de se reencontrar com o grande rio. É uma área cheia de charme. Perto da entrada que tomámos encontrará um simpático café, o Mlýnská. Talvez uma pausa seja prematura, mas se assim o decidir, fica a sugestão. Contudo, devo desde já avisar, o percurso desta manhã estará repleto de encantadores cafés e restaurantes, tantos que não serão individualmente nomeados. Se se mantiver atento, difícil será escolher.

Perto da entrada do Mlýnská verá uma azenha de madeira bastante fotogénica. De resto, não é a única. Mais para a frente existe um outro engenho, igualmente impressionante. No extenso relvado que ocupa a área central de Kampa, os praguenses trazem os seus cães para um passeio. Nos bancos, pares de namorados enrolam-se de forma ternurenta. Do lado direito, virado para o rio, encontra-se um dos restaurantes mais caros que conheço em Praga. Se não se quer assustar, não veja o menu. Daqui até à ponte Karlovo, à frente, e até à colina Petrin, do lado esquerdo, é Mala Strana. Sinceramente, a minha área favorita de Praga. Cada pedaço deste pequeno bairro viu muita História. E contudo, estranhamente, a multidão de turistas não chega até aqui, mantendo-se fiel ao seu carreiro de formigas, que se estende entre a praça antiga e o castelo, cruzando a ponte Karlovo. Tanto melhor para nós, que podemos explorar livremente estas pequenas ruelas. Prepare a câmara fotográfica, aqui há muito que trabalhar. Beethoven ficou numa destas casas. Noutro ponto, o muro de John Lennon é “apenas” mais um dos muitos pontos de interesse de Mala Strana. Se estiver a nevar, tanto melhor. Estas ruas não ficam em nada prejudicadas com o manto branco, que nos remete para o imaginário de outros tempos, quase medievais.

Por fim há-de desembocar na via que conduz à ponte Karlovo, inconfundível, pejada gente. Desta feita vamos segui-los. Quem sabe o que veremos na ponte. Os artistas de rua são ali quase todos notáveis. Mas o que queremos é chegar a Josefov, que se inicia assim que o tabuleiro da ponte termina, se virarmos à esquerda.

Em Josefov encontrará um punhado de atracções turísticas, mas como já deve ter percebido, quando toca a celebridades preferimos dar a voz a quem sabe. Estamos aqui para vos mostrar a Praga menos exposta, fora dos lugares-comuns guardados para os turistas. Assim, simbolicamente, deixamo-vos às portas de Josefov, com carta branca para explorar livremente. Não se impressione com o preço das entradas nas atracções “obrigatórias”, como o cemitério judeu (de facto, cobrar bilhete para se entrar num cemitério.....). Ah! À laia de graça, um desafio: se encontrar a ruela chamada Anezska, poderá ver a casa mais pequena de Praga. Irá indentificá-la sem qualquer dificuldade. E posso dizer-vos que fica exactamente a 180 m em linha recta do restaurante que seguidamente vos sugiro.

Quando estiver despachado da ronda por Josefov, dirija-se em direcção do rio. Procure a avenida Parizska ou a ponte Cechuv. Quero mostrar-vos o La Casa Blu, restaurante e/ou bar sul-americano que serve os melhores nachos com chili que consigo imaginar.

Se aceitou esta sugestão para o almoço, regresse até à ponte Chechuv, junto da qual encontrará a paragem do eléctrico 17. Apanhe-o, no sentido oposto ao da ponte. Saia em Vyton. Ande um pouco, passe por baixo da ponte ferroviária e inicie a subida da rua Vratislavova. Estou a conduzi-lo a Vysehrad, núcleo histórico da cidade. Em tempos, foi o primeiro local que visitei, depois de chegar a Praga cheio de expectativas. E o amor à primeira vista aconteceu. Vysehrad é hoje um bairro, uma estação de metro. Mas o Vysehrad que vamos visitar é uma antiga fortaleza. No seu interior, muita coisa vai se encontrada: a rotunda de São Martinho, uma pequena capela circular românica do século XII; o cemitério, onde se encontram sepultadas grandes figuras da História e da cultura checa; as muralhas, com deslumbrantes vistas sobre o rio, sobre o bairro de Podoli, sobre a parte sul de Praga; a neogótica igreja de São Pedro e São Paulo, fundada inicialmente também no século XI. E como está na República Checa, vai encontrar um jardim da cerveja e sobretudo muita vida genuinamente local. Os idosos que vêm dar o seu passeio, avós com netos pela mão, mães empurrando os seus carrinhos de bebé, pares de namorados. Se vier até aqui no final de Primavera ou no Verão, sobretudo ao fim-de-semana, é natural que seja brindado com qualquer espectáculo surpresa perto do relvado da grande igreja. Ali se reúnem grupos heterógeneos, disfrutando dos raios de sol que escasseiam noutras partes do ano.

Uma cena bucólica em Vysehrad, junto à rotunda de São Martinho

Vysehrad tem vários acessos. Vou-lhe pedir que procure encontrar a saída na direcção do rio. Será discreta, porque não é mais que um caminho pedestre que desce a encosta, depois de ultrapassada a muralha. Mas dar com ela é deveras

intuitivo. Quando desembocar na rua estará nas traseiras de um bloco construído sob a influência cubista. Contorne-o pela direita se desejar. De resto, vou sugerir-lhe que caminho um pouco junto ao rio, no sentido oposto ao que chegou. Vai atravessar o túnel que certamente avistou lá de cima, da fortaleza, sobre o qual se erguem ainda vestígios de um dos bastiões medievais de Vysehrad. Pouco depois vai avistar uma simpática marina, que alberga o Clube Naval, e cujas águas gelam por completo no Inverno.

Logo à frente tem a paragem de eléctrico Podolska Vodarna. Apanhe qualquer um dos eléctricos que passem na direcção em que tem estado a caminhar. Quando entrar no transporte, repare no espantoso edifício que vai surgir após um par de centenas de metros, do lado oposto ao do rio. É de facto a Podolska Vodarna, a central distribuidora de água, construída em 1925 sobre uma primeira estrutura ali erigida quarenta anos antes, e que veio solucionar os sérios problemas de abastecimento à cidade de Praga no início do século XX.

Mais à frente, do mesmo lado, avistará o principal complexo de piscinas da cidade. Depois de passar por ele, saia na segunda paragem, denominada Przhistavishte. Atente na impressionante formação rochosa, que se debruça sobre o rio. Ande um pouco para trás, atravesse um pequeno parque e irá encontrar um acesso pedestre que subirá toda aquela encosta. Atreva-se! Suba. Lá em cima, um outro jardimzito com um miradouro memorável – Dobeska. Uma vista inesperada de uma parte da cidade menos conhecida. Do outro lado do rio verá morros do mesmo tipo, que oferecem, também eles, belos passeios e perspectivas excelentes. Vislumbrará o bairro de Barrandov, onde se encontram os estúdios com o mesmo nome, núcleo da produção cinematográfica dos Checos. Que é muita e boa, apesar de desconhecida pelo mundo fora. Por mim falo, quando cheguei a Dobeska – nome milenar do bairro que se estende nesse planalto – compreendi pela milésima vez porque gosto tanto de Praga.

Regras de Etiqueta

Na Rua e Transportes Públicos

Os checos, aparentemente devido aos longos anos de repressão que viveram entre 1948 e 1989 tornaram-se taciturnos, sérios. Apesar de segmentos das novas gerações, que hoje frequentam os liceus, terem uma atitude diferente – por vezes de forma radical – a população em geral mantém os velhos hábitos. Dizem os mais velhos que nos anos mais pesados da ditadura comunista, um cidadão podia atravessar Praga no eléctrico sem ouvir um murmúrio. Claro que hoje as coisas não são bem assim, mas falar alto e em demasia em espaços públicos é visto como falta de educação. Tente ter isto em mente quando visitar a cidade, e não levante a voz nem grite de um lado para o outro. Se tem algo a dizer a um elemento do seu grupo, será melhor que se desloque até ele e lhe transmita a mensagem.

Note que os checos não têm qualquer problema em aplicar uma reprimenda em quem quer que eles achem que está a passar a linha do comportamento aceitável. Talvez tratando-se de um estrangeiro se fiquem pelo olhar reprovador, mas é frequente ver alguém dirigir-se a um jovem e chamar-lhe a atenção sobre o seu comportamento; já vi um adolescente de origem vietnamita levar um valente puxão de orelhas por ouvir música no seu leitor de MP3 a um nível considerado inadmissível pelos seus vizinhos de autocarro, e já vi um adulto tocar no ombro de outro que falava alto ao telemóvel e fazer o movimento de mão característico... “mais baixo, por favor”.

Os checos têm um gosto especial pela boa ordem das coisas, e tendem a caminhar da mesma forma que conduzem: pela direita. Se tentar andar aleatoriamente em zonas mais povoadas, como os corredores do Metro, não se admire se lhe forem dirigidos improperios por parte de quem está a andar na devida “mão”. E nas escadas rolantes, deixe sempre o espaço da esquerda para os “veículos rápidos”. Esta regra é tomada muito a sério.

Nos eléctricos e autocarros, não tente chegar à fala com os condutores, nem mesmo para pedir uma informação. Não é normal, parecerá estranho e muito provavelmente não obterá qualquer resposta. Em relação aos passageiros, tenha em conta que apesar de manchas comportamentais a roçar o azedume crónico, os checos (pelo menos os adultos) são de uma gentileza generalizada neste aspecto: dar lugar aos mais necessitados. De resto, se estiver sentado num lugar reservado a idosos, marcados por um autocolante com uma cruz verde nas suas imediações, não se atrase a levantar se alguém nessas condições entrar: os idosos podem ser

lentos a andar, mas são extremamente rápidos na reprimenda. Nos eléctricos, se não existirem cadeiras disponíveis ou simplesmente não lhe apetecer sentar, evite ocupar o espaço na rectaguarda, que se encontra reservado a carrinhos de bebé e a pessoas com cães, neste último caso, de forma tácita.

Cumprimentos

Os checos não se beijam socialmente e preferem evitar o toque humano. Até ao aperto de mão, é aceitável. Outros contactos, como a mão amigável no ombro, são geralmente incomodativos para quem os recebe e devem ser evitados de todo. O cumprimento verbal a usar será “Dobry Den”, que significa bom dia, apesar de ser aplicado a qualquer parte do dia, desde manhã até á noite. Existem outras palavras, como “cau” (que se diz “xau”) ou “Ahoj” (que se diz “ahói”) mas para as utilizar a relação não pode ser formal.

Gorjetas e Pubs

Não é socialmente aceitável que se deixe uma gorjeta em cima da mesa, como é natural em tantos países. O valor da gorjeta deverá ser anunciado ao empregado no acto de pagamento, recebendo-se o troco em conformidade. Se existirem dificuldades de comunicação, entregue de imediato o que desejar ao funcionário, antes deles se afastar. Não sei se este hábito se desenvolveu pelo medo de ver as gorjetas desaparecer das mesas, ou se deixar as moedas ao sair é considerada uma atitude de desdém.

O valor habitual para gorjetas – que só são comuns em estabelecimentos de restauração – varia entre os 10% e os 20%. Não se coíba de não deixar nada se o serviço for **extremamente** insatisfatório. E sublinhei “extremamente” porque os padrões checos de qualidade de serviço são bastante mais baixos que a média. Não é pouco frequente que após ser bastante mal atendido comente para os meus amigos: “-Acabei de poupar uma gorjeta”.

Agora atenção! Há um crime de lesa majestade social na República Checa. Se estiver a beber uma cerveja e encomendar outra, não se atreva, nem pense sequer, em verter o líquido da anterior para a mais recente. Outra dica: o cliente deverá colocar uma base para copos no lugar a tempo de receber o canecão de cerveja. A ausência de uma base na mesa quando o empregado vier entregar as bebidas é considerada má educação.

Já agora, uma indicação paralela: nos pubs e cervejarias mais tradicionais, é comum e aceitável, que o empregado traga mais cerveja sem esta ser encomendada. Diz a tradição local que há três maneiras de evitar isto: a primeira, é pagar a conta; a segunda, claro, é não esvaziar (nem nada que se pareça) o copo: a terceira, mais drástica, é deixar-se dormir sobre o tampo da mesa; o que pode parecer uma piada

mas não é. Não é raro ver um ou mais checos a dormir sobre as mesas do seu pub favorito.

Se brindar com um checo, olhe bem nos olhos no momento em que tocar com os copos. Diz-se, meio na brincadeira, que falhar nesta obrigação custará ao infractor uma série de anos de má vida sexual.

Por fim, é costume generalizado deixar as mesas próximas do balcão para os clientes habituais da casa. Os estabelecimentos um pouco mais formais podem colocar uma etiqueta de “reservado” nestas mesas, mas por via das dúvidas, mesmo que não veja nenhuma indicação escrita, não tente sentar-se nas proximidades do balcão.

Leve a sério os títulos

Desde há muito que os Checos são conhecidos por levarem bastante a sério os seus títulos académicos e honoríficos. Não tratar, por exemplo, um engenheiro pelo seu título é considerado uma gafe. Se tem um encontro mais formal, tente informar-se dos títulos das pessoas que vão estar presente, e use-os.

Um convite mais pessoal

Se for convidado para casa de um checo, deverá ter em atenção que a esmagadora maioria dos habitantes locais se descalçam ao entrar em casa... e esperam o mesmo das visitas, mesmo que se trate de uma ocasião mais formal ou social. Sugiro que se se vir nesta situação, e na dúvida, faça menção de tirar os sapatos. Ninguém, mas absolutamente ninguém, encarará isso como bizarro, e se a regra a observar for manter-se calçado, ser-lhe-á dito. Escusado será mencionar que se aconselham meias em excelentes condições... e, embora dificilmente venha a ser o caso de um visitante de ocasião, é aceitável levar as suas próprias pantufas quando visitar um amigo. Por outro lado, podem ser-lhe oferecidas as pantufas para visitas, das quais os checos mantêm geralmente um bom stock.

Já agora, se for convidado para jantar, leve flores. É o equivalente checo do nosso vinho. É de muito bom tom os convidados oferecerem flores aos anfitriões. Mas atenção, isto, apenas se existir uma “dona de casa”.

10 Coisas a Fazer em Praga no Inverno

Visite o Castelo, a ponte velha e a praça antiga. Um privilégio de que nunca me canso é o de passar por estes locais numa noite gélida de Inverno. Quando penso na multidão que se actovela nestes locais nas tardes amenas de Primavera, não consigo conter um sorriso, ao atravessar a praça antiga sem vivalma á vista. Sou eu, a neve e a magia do local. faz toda a diferença. Agasalhe-se, encha-se de coragem e, se a noite está fria e a neve cobre a cidade, faça este passeio.

Faça uma pausa num bom café. No Inverno não há quem aguente cirandar pelas ruas de manhã à noite, como se costuma fazer numa cidade nova quando o clima é ameno. São precisas paragens para recuperar forças e calor corporal. E não há melhor locais para estas pausas do que os bons cafés. Vá para um chocolate quente, um chá natural ou mesmo um café. Deixe o seu corpo apreciar o calor reconfortante que o envolve, aproveite para verificar o seu e-mail através do wi-fi gratuito que quase todos estes locais oferecem. Algumas recomendações: Sudicka, Blatouch, Medusa, Matylida, Choco Cafe.

Dê uma vista de olhos às feirinhas de Natal. Pronto, não espere visitar feiras de Natal em Fevereiro ou Março, mas se vier em Dezembro ou Janeiro, é muito provável que as encontre. São imensas, espalhadas pela cidade. Pequenos quiosques de madeira que vendem recordações e bebidas e comidas típicas da época. Para acalmar o frio experimente o característico vinho quente. A mais turística é montada mesmo no centro da praça antiga, mas prefiro a de Namesti Miru, mais local.

Explore Petrin. A colina que se ergue sobranceira ao rio Vltava cobre-se de branco, torna-se mais intimista, há menos gente por lá. Tenha cuidado com o gelo, mas não perca a melhor aproximação ao que é um passeio pela floresta num dia típico de Inverno. As vistas são sempre exclentes e há muitos detalhes para apreciar. Se tiver sorte verá crianças a fazer descidas nas encostas cobertas de neve, às vezes apenas com uma folha de cartão a servir de trenó.

Assista a um jogo de hockey no gelo. A República Checa é uma potência mundial deste espectacular desporto, e o ambiente na “arena” é sempre intenso e cheio de vida. Uma experiência diferente, uma memória que perdurará de uma visita de Inverno a Praga. Existem duas grandes equipas em Praga: o Slavia e o Sparta. O recinto do Slavia é bem mais impressionante.

Experimente um ringue de patinagem no gelo. Esqueça a moda portuguesa dos ringues nos centros comerciais. Aqui é a coisa real, a preservação de costumes e hábitos centenários. Poderá não ser fácil concretizar esta actividade se for tímido. Estes locais não se encontram nos locais turísticos e os funcionários não falam provavelmente inglês, mas é uma experiência divertida e gratificante.

Vysehrad. Esta antiga fortaleza e núcleo histórico da cidade oferece excelentes vistas sobre partes da cidade antiga e sobre o rio. Aprecie o seu carácter genuíno, relativamente a salvo das hordas de turistas, essencialmente frequentada por gentes locais. No Inverno é magnífica.

E que tal nadar numa piscina aquecida ao ar livre? É uma sensação única. Emergir dos balneários, aguentar uma temperatura baixa durante segundos e depois mergulhar numa piscina de água quentinha. Pode ser uma experiência ao seu alcance. Basta dirigir-se às piscinas públicas de Podolí, localizadas numa área agradável da cidade, à beira rio.

As Ilhas do Vltava. O rio que cruza Praga é pontilhado por pequenas ilhas, quase todas acessíveis através de pontes. Algumas delas encontram-se bem no centro e tornam-se extremamente belas no Inverno. O acesso é simples e se a temperatura se tornar um problema poderá retirar rapidamente em direcção a um sítio mais quentinho.

Coma. Aproveite o mau tempo para se abrigar nos excelentes restaurantes que Praga tem para oferecer. Não apenas de comida checa mas de gastronomias de todo o mundo. Afeganistão, Etiópia, Geórgia,

Praga no Inverno

Uma das questões recorrentes dos nossos visitantes prende-se com o Inverno. Afinal, como é viajar até um destino como Praga nos meses em que os termómetros descem bem abaixo do zero? Valerá a pena? É tão romântico como parece nos postais ilustrados? Consegue-se suportar o frio? O que há para fazer em Praga quando a neve tudo cobre e o frio nos envolve?

Vamos por partes, começando pelo ponto fundamental: cada pessoa é uma pessoa, e a forma como lidam com a intempérie varia. Pessoalmente, consigo apreciar um passeio por Praga quando as temperaturas andam pelos dez graus negativos. Mais do que isso começa a ser doloroso. Mas outros terão fasquias diferentes.

Dito isto, gostaria de deixar claro outro aspecto. Se é friorento, dê um desconto, mas a verdade é que o frio em Praga é menos agressivo do que o conhecemos no nosso país. Creio que se prende com a menor humidade e com a protecção de que o nosso corpo beneficia, uma vez que quando não se está na rua as temperaturas são bastante amenas, fruto do trabalho de uma cultura que há muito teve que aprender a lidar com a invernia.

Um outro ponto a ter em conta é que ao contrário do que geralmente se pensa o Inverno em Praga não é só neve. A aparição deste elemento mágico é cada vez mais rara. Em 2011, depois do Outono, simplesmente não nevou. E quando isso acontece, o visitante pode ser brindado com dias de chuva, que geralmente não é intensa nem contínua, mas que pode arruinar uma viagem. Sejam honestos: mesmo uma cidade linda de morrer como Praga se torna feia num dia cinzento e húmido, com as árvores despidas de folhas, a lama presente em todo o lado (pior ainda se nevou um pouco anteriormente) e o frio que nos acompanha por todo o lado assim que saímos para o exterior.

Mas vamos assumir que sim, que tem a sorte de chegar a Praga numa época em que um manto branco de neve cobriu a cidade. Sim! É magnífico, sobretudo para nós, criaturas do sul, que não conseguimos afastar o fascínio natural pelo exótico deste fenómeno raro em Portugal.

Ao contrário do que sucederia numa sociedade mais doméstica, como a nossa, em Praga as pessoas saem e divertem-se com naturalidade no pico do Inverno. As

atividades são diferentes, mas a vida não é menos dinâmica. É portanto agradável
cirandar, raramente se tendo a impressão que estamos a atravessar uma cidade
“morta”. Mas há alguns conselhos, avulsos, que vos posso dar: cuidado com o gelo;
sapatos com uma sola lisa são meio-caminho para uma tarde cheia de quedas, e
olhe que para além de escorregadio, o gelo é duro.

Esta pode parecer piada mas não é: olhe para cima com alguma frequência, porque
o desprendimento de blocos de gelo dos telhados mata gente todos os anos; por
vezes a polícia coloca fitas de interdição em segmentos onde a derrocada é
eminente, mas isso nem sempre sucede. E agora um pequeno truque que aprendi
por experiência própria: no Inverno dê prioridade à noite. Depois do sol posto, o
ambiente tristonho de um céu carregado de nuvens baixas desvanece-se. Na
escuridão, apenas a magia da iluminação que envolve os belos edifícios de Praga
prevalece. É a minha parte favorita do dia quando os dias cinzentos se sucedem,
uma espécie de tréguas que me traz a alegria subjugada pelo ambiente depressivo
que resulta da ausência continuada do brilho do sol.

Já agora, se quer elevar as possibilidades de visitar com neve, venha em Dezembro
ou Janeiro. Nunca se sabe, mas é altura que a neve escolhe cair em Praga.

Segurança em Praga

Generalidades

A cidade de Praga goza de níveis de segurança apreciáveis, não existindo praticamente crime violento nas suas ruas. É certo que existem zonas cinzentas, mas mais pelo ambiente desagradável do que propriamente pelo risco que apresentam. Não existem, de todo, áreas onde o cidadão honesto não possa penetrar sob risco de ver a sua integridade física em causa.

Carteirismo e Fraudes

O carteirismo é, esse sim, uma ameaça constante ao turista que não sabe, não quer ou não consegue confundir-se com a população local. As ocorrências são numerosas e ninguém parece encontrar-se a salvo, por mais medidas que tome. As áreas de maior relevância turística são as mais delicadas, e, no que toca a transportes públicos, isso significa as estações finais da linha de metro verde e os eléctricos 22, 23 e 17.

Aconselha-se igualmente prestar bastante atenção aos seus objectos pessoais quando se encontrar em restaurantes e esplanadas, de novo, com especial atenção às zonas mais procuradas pelos turistas. É de referir que estes problemas não se colocam de todo nas áreas afastadas do grande bulício de turistas, frequentadas pela população local.

A fraude que tipicamente vitima o turista incide sobre dois aspectos: táxis e restaurantes e bares. Se necessitar de apanhar um táxi recomendamos vivamente que se limite aos que pertencem à cooperativa AAA, que poderá chamar através do telefone, num sistema de funcionamento impecável: todas as operadoras falam inglês e, depois de lhes fornecer a morada exacta onde pretende o carro, receberá a estimativa do tempo para a chegada do transporte e o número do táxi. Por seu lado, o motorista, que deverá chegar em menos de cinco minutos, confirmará o seu nome. Telefone dos AAA: 14014 ou 222 333 222. Indicativo do país: +420. Não caia na tentação fácil de mandar parar qualquer outro táxi. Apesar dos esforços das autoridades, os condutores são geralmente desonestos e as probabilidades de burlarem os clientes, sobretudo sendo estrangeiros, são enormes.

Quanto a restaurantes e bares, deverá manter um controlo apurado do que consumir e confrontar esses elementos com a conta final. Quando apanhados em falta, muitos empregados tentarão inviabilizar a comunicação, remetendo-se à

língua checa. Chame a polícia se achar que é caso disso. Em muitos bares, é usual o empregado deixar um papel em cima da mesa onde marca, com riscos, o consumo dos clientes. Não perca esse papel de vista, e certifique-se de que o risco não é duplamente colocado, uma vez no acto da encomenda, e outra vez na entrega. Escusado será dizer que antes de consumir qualquer artigo, deverá confirmar o seu valor. Conheço pelo menos um caso em que o cliente encomendou dois menus de almoço, a um preço perfeitamente aceitável, e quando a conta chegou apresentava valores escandalosos para as bebidas e até para os molhos consumidos.

Não sendo uma fraude, no sentido em que nenhuma ilegalidade é cometida, deverá ter bastante atenção nos balcões de câmbio; um dos truques utilizados consiste na afixação de condições muito atraentes, mas quando o cliente é atendido, se notar que o câmbio está longe de ser favorável, será rapidamente esclarecido: em letras minúsculas, nos painéis, está referido que aquelas condições se aplicam a transações com valores elevadíssimos, de 30 ou 40 mil Coroas.

Locais a Evitar

Como referi, não existem áreas realmente perigosas, mas algumas zonas podem ser incomodativas:

- A praça Voklášské náměstí, ou Venceslau, a partir do anoitecer; a “fauna” que habita estas paragens torna-se estranha, depois do encerramento das lojas e findo o bulício do dia. Algumas prostitutas, geralmente de etnia cigana, poderão abordá-lo, mesmo que vá acompanhado da família. E certamente ser-lhe-ão propostas todos os tipos de droga, geralmente por indivíduos africanos, que controlam o comércio de estupefacientes ao nível das ruas.
- A estação de comboios central, Hlavní nádraží e parque envolvente; área bastante mal frequentada, por toxicodependentes e pessoas sem abrigo, geralmente alcóolicas.
- Zona envolvente da estação de metro Smíchov; centro de consumo de drogas.
- Karlovo náměstí; recomenda-se alguma prudência ao atravessar o jardim que se encontra no centro da praça, durante a noite. Um dos raros (na realidade, dois) casos de assalto com recurso à violência que chegaram ao meu conhecimento, verificou-se aqui.
- Palmovka e área norte de Žizkov, onde vive uma comunidade cigana em edifícios degradados.

Existem outros locais onde podem ser vistos inúmeros sem-abrigo, mas geralmente esta população é inofensiva e raramente se dedica à mendiguice. São um grupo característico, sempre acompanhados das suas garrafas de vinho barato e de pelo menos um cão.

Já que falo de elementos potencialmente desagradáveis mas que não constituem ameaça, referirei que tipicamente o checo embriagado comporta-se estoicamente; o alcoolismo é um problema generalizado, com níveis verdadeiramente preocupantes, mas não parece despertar nos checos qualquer comportamento de hostilidade, ao contrário do que sucede com tantos outros povos.

Já agora, não entre em nenhum estabelecimento com a indicação “*Herna Bar*”; estes, são uma mistura entre casino electrónico e bar 24 horas. Existem às dúzias, sendo o seu elevado número um autêntico mistério. Nenhum Checo de bom nome entra nos *herna bar*, muito menos um estrangeiro prevenido. A sua clientela baseia-se em emigrantes e locais dedicados a estilos de vida e negócios algo suspeitos.

Polícia

A primeira vez que vim a Praga fiquei impressionado com o número de carros de polícia que via a circular nas arterias da cidade, não necessariamente em tarefas operacionais e de patrulhamento. Supus que tal se devesse a uma sobredimensionada força policial, necessária para um Estado autoritário. De facto, com o tempo, essa presença veio a decair, mas as áreas centrais de Praga encontram-se ainda hoje bem policiadas, e nos últimos anos tem-se notado uma notável melhoria na capacidade dos agentes em comunicarem com estrangeiros.

Contacto de emergência, através do qual poderá comunicar em ingles: 112 ou 158.

Se necessitar de apresentar queixa de um crime e a situação for realmente grave, poderá tentar valer os seus direitos legais: o queixoso estrangeiro tem o direito de apresentar queixa na sua língua materna, e se necessário um tradutor será utilizado a expensas da força de polícia (Secção 2, Paragrafo 14 do Código de Procedimenyo Criminal, em checo, *trestní řád* e Secção 28, Parágrafo 1 do Código Criminal).

Ao contrário do que sucede em Portugal, a polícia municipal chama a si as tarefas mais complicadas, estando melhor equipada e com pessoal fisicamente mais apto.

Clima de Praga

Descrição Genérica

O clima de Praga é caracterizado pela sua natureza “continental”, com Invernos frios e Verões quentes. As quatro estações do ano sentem-se de forma perfeitamente demarcada. É contudo de salientar que, talvez devido à humidade reduzida, as temperaturas em Praga são sentidas pelo corpo de forma diferente do que sucede em Portugal. O frio não é tão frio, não se entrenha nos tecidos, não chega aos ossos. Apesar de ter experimentado por diversas vezes temperaturas a rondar os 20 graus negativos, nunca senti tanto frio como em Portugal. Diria, sem qualquer rigo científico, que os -10 graus de Praga se sentem como uns 5 graus de Portugal. O vento forte é raro, e mesmo a brisa não se faz sentir com frequência.

Inverno

O Inverno, apesar de tecnicamente só se iniciar em Dezembro, pode começar a sentir-se desde logo no início de Novembro; por essa altura não é de esperar queda de neve, mas pode certamente suceder. De resto, ao longo do mês de Novembro, são de esperar temperaturas baixas, talvez com uma média de 10 graus. A precipitação é irregular. O visitante pode ter sorte e gozar de vários dias solarengos... ou não, e passar a estadia debaixo de chuva, numa semana cinzenta.

Vysehrad, 5 de Janeiro de 2009, o dia do nevão em Praga.

Em Dezembro o frio tende a acentuar-se, com alguma neve bem provável a revestir a cidade por curtos períodos de tempo. Na realidade, é para o final do mês – e Janeiro – que o frio atinge os seus máximos, que, em situações normais, roçarão os 20 graus negativos em períodos curtos, de alguns dias. Depois, a partir do início de Fevereiro, as temperaturas elevam-se gradualmente, podendo-se manter durante semanas a fio muito perto dos zero graus. A falta de sol pode ser nesta altura verdadeiramente depressiva, sobretudo para os que cá vivem. Não existe uma regra absoluta, e podem até surgir dias de um céu azul deslumbrante, mas em alguns anos o cinzento domina por completo durante semanas e semanas sem interrupção.

Uma última palavra para a neve: muitos visitantes, especialmente oriundos dos países do Sul, fantasiam uma cidade bela como Praga coberta de neve. Não quero

ser pessimista, mas as coisas podem não ser assim na realidade. Primeiro, porque actualmente Praga não é uma cidade de neve, nem mesmo de Inverno. Contam os mais velhos que há 30 ou 40 anos, tudo se encontrava coberto de um alto manto branco durante os meses de Inverno e não só. Mas hoje o panorama é algo diferente: a maioria dos dias em que neva não são suficientemente frios para manter os flocos depois destes tocarem o chão, e a neve desvanece-se como se de mera chuva se tratasse. Para além disso, a queda de neve não é assim tão habitual. E muito menos em quantidade. Nos últimos anos, os períodos em que de facto a paisagem se pintou de branco ficaram limitados a uns quantos dias.

Primavera

A Primavera de Praga é tardia. Em meados de Abril as árvores poderão ainda apresentar um aspecto desnudado, algo deprimente no que toca a paisagem. Mas as temperaturas positivas já vieram para ficar, e os dias de sol são frequentes. É em Maio, e, claro, em Junho, que a natureza desponta com todo o seu vigor. Ora isso em Praga é especialmente importante, porque se trata de uma cidade repleta de espaços verdes de todo o tipo, e a paisagem urbana ganha outra vida. Para quem tem tempo, é a época ideal para os grandes passeios na natureza. Há imensos dias amenos, e, sobretudo a partir do início de Maio, já se anda de calções e t-shirt com frequência. Curiosamente, a amplitude térmica diária é reduzida, e por vezes os serões são ligeiramente mais quentes que os dias.

*Um passeio de Primavera junto ao rio Vltava,
no limite sudoeste de Praga*

Verão

Os Portugueses, habituados como estão aos Verões quentes e solarengos, deverão despir-se desses preconceitos. Aqui, é no Verão que mais chove, e dias nebulados são vulgares. A temperatura, essa, nunca desce abaixo de determinado nível, mas não conte com uma semana de sol assegurada. Guarda-chuva na mala, sobretudo por ser Verão!

Outono

O Outono chega a Praga a tempo e horas. É em meados de Setembro que se começa a fazer sentir, com as temperaturas a descer e a natureza a pintar-se com as cores quentes da estação.

O fabuloso Outono de Praga num dos bosques da cidade

É uma altura climatericamente muito equilibrada, oferecendo talvez as condições ideais para a visita. A chuva é rara, os dias azuis são frequentes e ninguém se poderá

queixar de frio, sobretudo se trouxer na mala alguns agasalhos ligeiros. A amplitude térmica diária pode ser acentuada, e se depois do almoço subir à colina de Petrin em t-shirt, poderá apenas umas horas mais tarde necessitar de se agasalhar, com o pôr-do-sol.

Apesar de se apresentar atempadamente, o Outono tende a desaparecer antes do esperado. A segunda metade de Outubro pode trazer já algum frio, e nos primeiros dias de Novembro quase podemos dizer que o Inverno chegou.

A Luz

À primeira vista pode parecer irrelevante, até porque na teoria o cenário não é muito diferente do português. Mas há alguns apontamentos que gostaria de deixar: se visitar Praga numa altura do ano em que haja menos horas de luz por dia, não desanime – pessoalmente aprecio mais observar os grandes monumentos da cidade depois do escurecer. Há menos pessoas e a iluminação é de excelente qualidade, tornando estes locais mais majestosos.

De resto, tome em conta que nestas regiões a noite cai mais lentamente. Depois de começar a escurecer, podem passar duas horas até à noite se encontrar totalmente instalada. Por outro lado, na Primavera, às três da manhã já se nota o clarear do céu, que evolui gradualmente durante horas, até ao dia chegar.

Saúde em Praga

Generalidades

Se for cidadão de um país comunitário, como Portugal, deverá requerer na Segurança Social um Cartão Internacional de Saúde. Munido com este documento, terá acesso na República Checa aos cuidados de saúde tal e qual como se fosse um contribuinte deste país. Terá que pagar cerca de 1 Eur (30 Czk) por uma consulta num posto de saúde, ou, em caso de emergência 24 h, uma taxa de cerca de 3,50 Eur (90 Czk) será aplicada, incluindo todos os exames que forem necessários.

Em termos gerais, numa altura em que o sistema de saúde deixou de ser inteiramente estatal, o ponto de situação não é muito positivo. As instalações e equipamentos tendem a ser algo antiquados, apesar do pessoal manter as salas em imaculada condição. Se precisar de consultar um médico, esteja preparado para uma atitude diferente a que está habituado. São diferenças culturais: nestas partes do mundo os médicos não costumam trocar impressões com os pacientes. Escutam, formam as suas ideias e “decretam”. Terá talvez que puxar pelo médico que o atender para obter informações sobre a sua situação.

Se o seu problema advir de acção criminosa, como um assalto, não se admire se for redireccionado para o hospital da... polícia!

Mesmo que tenha um seguro de saúde, é provável que seja forçado a pagar do seu bolso a factura (no caso de recorrer a cuidados privados) e posteriormente esperar o reembolso da sua seguradora. Fique também ciente que não é certo que sejam aceites pagamentos com cartão de crédito.

Números de emergência: o universal 112 e, para questões médicas (opcional, mais rápido), o 115.

Saúde Pública

Se quiser poupar dinheiro e experimentar o Serviço Nacional de Saúde Checo, pode contar com um hospitais público onde existem um “departamento de estrangeiros”, com o pessoal a falar pelo menos em inglês:

Hospital Universitário de Motol

Morada: V Úvalu 84, 150 06 Prague 5

Telefones: +420 224 433 681, +420 224 433 682, +420 224 433 674

Website (em Inglês): <http://www.fnmotol.cz>

Saúde Privada

Se desejar um atendimento teoricamente de melhor qualidade, pode dirigir-se a uma das clínicas privadas que asseguram atendimento em língua inglesa, muito populares junto da comunidade de residentes estrangeiros em Praga.

Canadian Medical Care

Talvez a mais popular. Informações detalhadas, incluindo preços, no website indicado abaixo. Espere pagar cerca de 75 Eur por uma primeira consulta, e metade do preço para as visitas seguintes.

Morada: Veleslavínská 1/30, Praga 6

Telefones: +420 235 360 133 ou +420 724 300 301

Website (em inglês): www.cmcpraha.cz/en/index.shtml

Poliklinika Narodni

Convenientemente localizada no centro. Um pouco mais económica, com a primeira consulta a custar pouco mais de 50 Eur e as seguintes a irem para os 25 Eur. Morada: Narodni 9, 110 00 Praga 1

Telefones: +420 222 075 120, +420 222 075 119; Emergências: +420 777 942 270

Website (em inglês): www.poliklinika.narodni.cz/

Hospital Na Holmoce

Morada: Roentgenova 2, Prague 5

Telefones: +420 257 272 144, +420 257 272 146

Website (em inglês): <http://www.homolka.cz/en/>

Farmácias

Em checo, “lekarna” significa farmácia. Como seria de esperar encontram-se espalhadas um pouco por todo o lado. Infelizmente, problemas de comunicação são frequentes; os farmacêuticos não são muito bons com o Inglês, e a especificidade do tema não ajuda.

Aqui fica uma breve tabela de correspondências para os produtos mais comuns (se faltar algum, diga-nos):

- Analgésico genérico do tipo Trifene 200: Ibalgin;
- Analgésicos para dores de cabeça e estados febris: Paralen, Valetol;
- Gel anti-inflamatório para problemas musculares do tipo Reumon Gel: Fastum Gel;
- Em caso de gripe, tipo Antigripine: Coldrex ou Paralen Plus;
- Dores de garganta: Tantum Verde (sim, mesmo como em Português)
- Tosse: Bromhexin ou Stoptussin
- Para aplicação em pequenos golpe do tipo Betadine: Jodova tinktura.
- Para tomar depois de uma refeição mais forte e indigesta, do tipo Alkaseltzer: Espumisan.
- Em caso de diarreia: Endiaron.
- Para a prisão de ventre: Gutallax.

E agora, uma lista das farmácias de permanência em Praga. O sistema deles é um pouco diferente do nosso. Não existem farmácias de serviço, em escala. São sempre as mesmas, abertas 24 horas por dia, uma por cada divisão administrativa da cidade:

Praga 1: Palackeho 5, tel 224 946 982

Praga 2: Belgicka 37, tel 222 519 731

Praga 4: Vídeňská 800, tel 261 084 019

Praga 5, Štefánikova 6, tel 257 320 918 (only till 10 pm)

Praga 5, V Úvalu 84 (FN Motol), tel 224 435 736

Praga 6, Vítězné náměstí 13, tel 224 325 520

Praga 7, Františka Křižíka 22, tel 233 375 599

Praga 8, Bulovka 282 (FN Na Bulovce), 283 840 501

Praga 10, Plaňanská 1/753, tel 281 019 258

Quando Visitar Praga

Janeiro-Fevereiro

Frio! Muito frio! As temperaturas poderão descer aos 20 graus negativos e dificilmente andarão acima do zero. Mas há que ter em conta que o frio de Praga não se sente de forma tão aguda como o de Portugal. Numa escala de equivalências imaginária, diria que 8 graus negativos em Praga se sentem como 4 ou 5 positivos em Portugal. Os dias são cinzentões mas a precipitação não é muita. Praga não é uma cidade de grandes chuvadas e quando cai alguma, é geralmente breve e pouco intensa.

De resto, Janeiro-Fevereiro é época baixa. Turistas, há sempre em Praga. É preciso não esquecer que falamos de um destino que se encontra no Top 10 mundial. Mas no pico do frio muitas das actividades sugeridas estarão indisponíveis. E a natureza, omnipresente na cidade, encontra-se tão tristonha... árvores desnudadas, relva queimada, restos de neve suja acumulados nos cantos. Pronto, directo ao assunto: visitar Praga em Janeiro-Fevereiro, só em último caso! “Mas tem de haver alguma coisa positiva”... e há! A época de hóquei no gelo está no auge, para quem gosta, claro.

Março

Ainda perfeitamente fora de época. Esplanadas, passeios de barco a remos no Vltava... tudo isso é interdito ao visitante que chega a Praga no Inverno. Esticar as pernas e explorar os mágicos bosques que se estendem em plena cidade não têm metade de magia de outras alturas do ano, quando tudo se encontra verdejantes ou coberto pelo manto maravilhoso das côres quentes de Outono. Em Março, talvez uma nevezita caia... mas não deverá ser suficiente para cobrir a cidade do manto branco que encanta. Pelo contrário, a fealdade dos restos tímidos de neve são de assinalar. É uma lama esbranquiçada que se acumula pelas bermas, em pequenas pilhas.

Tirando a hotelaria, os preços não oscilam consoante a época, pelo que deverá considerar este elemento sem grandes optimismos. A poupança proporcionada por uma vinda na época baixa não é grande.

Abril

Em Abril chega a Primavera, de início tímida, com as primeiras sequências de dias solarengos, mas com temperaturas ainda baixas, que não dispensarão o agasalho. Aqui não costuma haver o Abril das águas mil, mas mesmo assim convém contar com alguma precipitação que não deverá já ser de neve.

Para o meio do mês notamos que as árvores começam a ganhar a folhagem que atingirá o seu máximo lá para o Verão, e os arbustos enchem-se de botões de flor. A cidade, que se encontra repleta de espaços verdes começa a ganhar uma côr que está ausente nos meses de Inverno. As esplanadas mais precoces são instaladas nas ruas. Sente-se uma alma nova num povo que todos os anos renasce para os prazeres da vida por esta altura. E há ainda poucos turistas nas ruas, que se encherão até limites insuportáveis nos meses que se seguem.

Maio

Chegamos a um dos meses mais recomendáveis para a visita a Praga. A vegetação está prestes a atingir o seu mais luxuriante estado. O Zoo e o Jardim Botânico são destinos que beneficiam da chegada da Primavera em todo o seu esplendor. No dia 1 de Maio os barcos a remos e a pedais enchem o Vltava. Por toda a cidade as esplanadas estendem-se pelas calçadas, cheias de gente que sai às ruas para gozar os primeiros dias de calor. Nos vastos parques de Letna e Stromovka a população ajusta contas com os rigores de Inverno: grupos de pessoas sentam-se em círculos na relva, anda-se de patins ou bicicleta, joga-se futebol e frisbee. Um ambiente mágico cobre toda a cidade. É o espírito da Primavera à solta. Mas não há bela sem senão. Maio é também o mês em que os turistas começam a chegar em massa, e as principais atrações da cidade, como o “Castelo” e a ponte Karlovo ganham uma saturação de visitantes que poderá assustar os mais tímidos. A partir de agora, torna-se altamente recomendável ir a esses locais bem cedinho de manhã, ou quase ao pôr-do-sol.

Junho

Com a Primavera plenamente instalada a cidade de Praga transpira vida. Os dias longos convidam a grandes passeatas, e apesar de haver dias cinzentos e chuva, raramente isto se torna um verdadeiro incómodo. É a época ideal para visitar algumas atracções que se encontram nos arredores, fazendo uso do grande número diário de horas de luz e da cumplicidade do clima. A temperatura há muito que deixou de ser um problema e a roupa de Verão toma definitivamente o lugar de honra nos guarda-roupas. Em Junho todas as hipóteses estão em aberto: espectáculos ao ar livre, *beer gardens*, esplanadas, parques, cruzeiros no rio... a imaginação do visitante é o derradeiro limite. Mas, nas zonas centrais da cidade, o

número de turistas pode ser verdadeiramente opressivo, e compreende-se porque é que os habitantes de Praga evitam descer à baixa por esta altura do ano.

Julho-Agosto

O Verão de Praga oferece um ambiente muito característico: é uma espécie de *fiesta* eslava sem interrupção. As pessoas andam descontraídas, gozam do bom tempo – apesar da precipitação frequente. Mas, mesmo, é uma época que não aprecio. O número de turistas nas ruas torna-se intolerável. É uma espécie de Albufeira em Agosto. Há filas para tudo e não se consegue apreciar a beleza da cidade. Compreendo que os habitantes locais se deliciem com o tépido contraste com o rigoroso Inverno. Mas para os povos do Sul, Verão não é em Praga. Falta o mar, e de resto há destinos mais apetecíveis para esta época do ano. Se quer vir a Praga sugiro que escolha uma outra época.

Setembro

Uma boa escolha. O pico do afluxo turístico ficou para trás, em Agosto. É ainda altura de disfrutar uma série de opções que em breve ficarão vedadas. As belas esplanadas de Petrin e Strahov encontram-se ainda abertas, disponibilizando um cobertor aos clientes de fins de tarde que tenham o azar de apanhar um dia mais frescote.

A partir do meio do mês o Outono começa a fazer-se anunciar. O visitante mais atento detectará as primeiras folhas a ganhar os tons alaranjados e a desprender-se graciosamente do galho onde passaram o verão. Em Setembro chove pouco, um valor importante para quem visita. Os dias são ainda longos, permitindo uma boa rentabilização do tempo. Os jardins reais – que mantêm esta designação apesar do país ser desde sempre uma república – estão ainda abertos. Poderá assim apreciar da melhor forma a visita ao “Castelo”, rodeando-o através dos gloriosos espaços ajardinados que oferecem vistas magníficas sobre a cidade e uma série de recantos que, por si, valem a deslocação.

Outubro

Best Pick! É o mês que costumo aconselhar aos meus amigos. Creio ser a solução mais equilibrada para quem visita, sobretudo se for a primeira ocasião em que se desloca a Praga. Vejamos: o grosso dos turistas já abandonou a cidade, deixando para si alguns momentos de solitário usufruto – se escolher as melhores horas. Uma visita à ponte Karlovo ao nascer do sol poder reservar-lhe a surpresa de ser a única alma andante no seu tabuleiro. E subir ao “Castelo” ao cair da noite, quando ainda é possível transpôr os portões, pode proporcionar-lhe uma visita sem a presença quase incontornável de uma multidão.

Depois, o clima é o mais perfeito que se consegue arranjar. A precipitação é reduzida, os dias de sol ainda são relativamente frequentes e as temperaturas não descem a níveis que possam incomodar, podendo até apanhar uma série de dias que convidam à utilização de roupa estival.

Por fim, as atracções sazonais encontram-se ainda disponíveis, e, quiçá, mais atractivas. Na primeira parte do mês, virá ainda em boa hora para o passeio de barco a pedais no Vltava, e os programas de ar livre – passeio por um dos muitos parques de Praga, visita ao Zoo ou ao Jardim Botânico ou saída de dia inteiro para um dos destinos dos arredores – são perfeitamente exequíveis.

Novembro

Um tiro no escuro! Se tiver sorte, encontrará uma Praga ainda muito recomendável, com boas condições climatéricas, e, apesar de algumas atracções sazonais estarem já encerradas, o que ainda sobre não lhe deixará mãos a medir. Mas, sobretudo na segunda metade do mês, o tempo pode-se tornar agreste, até com a chegada da primeira neve. O reverso positivo da moeda é a ausência da pressão turística nos locais mais famosos. Se tiver sorte, para os últimos dias do mês poderá já gozar dos mercadinhos de Natal, sempre tão pictorescos, sobretudo se a never chegar adiantada.

Dezembro

O mês de Natal e da passagem de ano. Claro, se vier por esta altura deverá estar preparado para enfrentar um Inverno que não é o nosso. E se apesar do frio aqui não se sentir de forma tão intensa, mesmo assim faz frio. Todos os ambientes interiores estão aquecidos, por vezes em excesso, mas uma volta ao ar livre poderá ser dolorosa.

O Natal tem uma magia próprio nos países “de neve”, mas também na República Checa o consumismo tem desvirtuado as tradições que contribuíram para a popularidade desta quadra festiva. Os mercados de Natal são “obrigatórios”; poderá visitar aqueles que se encontram nas áreas mais turísticas. Mas talvez encontre mais gratificação se procurar mercadinhos de bairro.

A passagem de ano... isto é para ser levado a sério: se vier para estes lados por esta altura, em caso algum ande pelo centro da cidade no dia 31 de Janeiro. O lançamento de foguetes e artefactos potencialmente perigosos torna toda a área num autêntico campo de batalha.

De qualquer modo, há formas espectaculares de passar o ano em Praga. A colina Petrin oferece uma perspectiva global, e de forma geral segura, de seguir os muitos fogos-de-artifício que se estendem pela cidade.

Dinheiro

Um Pouco de História

Dinheiro, dinheiro, essa vil entidade, tão importante no mundo que é o nosso. Naturalmente que uma das primeiras preocupações que sentimos ao chegar a um novo país recai sobre a necessidade de nos apetrecharmos com uma quantidade variável de dinheiro local. É sobre esse problema basilar que o artigo que hoje escrevo incide, mas antes de mais, um pouco de História.

Moeda de 1 Coroa, 1922

A primeira moeda em circulação na região foi a *krone*, introduzida no Império Austro-Húngaro em 1892. Como os mais preparados já saberão, a Checoslováquia ganhou a sua independência na sequência da I Guerra Mundial, e com a autonomia política, veio também a emancipação monetária. Assim, no dia 10 de Abril de 1919, entrou em circulação a Coroa Checoslovaca (*Koruna československá*), substituída temporariamente pelos alemães durante a ocupação que teve lugar no decorrer da II Guerra Mundial (1938-1945). Na fase introdutória, a nova moeda foi equiparada em valor à antiga *krone*, primeiro apenas na forma de notas bancárias, e depois, em 1922, com o lançamento das primeiras moedas.

Moeda de 1 Coroa, 1962

Depois do final da II Guerra Mundial, foi com toda a naturalidade que a Coroa Checoslovaca foi reintroduzida no país, mas terrivelmente desvalorizada em consequência da devastação provocada pelo longo conflito. Com a tomada do poder por parte dos comunistas, em 1948, as moedas e notas checoslovacas adoptaram os temas tipicamente socialistas e a União Soviética chamou a si a responsabilidade da produção efectiva de notas e moedas do país. Em 1953 deu-se uma reforma monetária drástica, preparada em segredo pelo Governo, que procurava lidar com a existência de um mercado negro emergente. A reacção à

reforma foi tão forte que só na cidade de Plzen foram detidas cerca de 500 pessoas na sequência dos protestos.

Em 1993, quatro anos após a queda do regime comunista, a federação checoslovaca dissolveu-se, e a Coroa Checa foi introduzida na República Checa, enquanto na Eslováquia era criada a Coroa Eslovaca. Recentemente o Euro foi adoptado pela Eslováquia, causando alguma instabilidade económica e, segundo dizem, enfraquecendo o poder de compra da população. Já na República Checa a moeda única tem encontrado forte resistência. Apesar de teorias e rumores diversos, a verdade é que não está marcada uma data para a introdução do Euro.

Notas e Moedas em Circulação

Actualmente encontram-se em circulação notas de 100, 200, 500, 1000, 2000 e 5000 Czk. Quanto a moedas, poderá encontrar de 1, 2, 5, 10, 20 e 50 Czk. Recentemente foram eliminadas as moedas que fraccionavam a Coroa, os Heller. Eram pequenas moedas, de alumínio, muito leves, que não têm já qualquer valor pelo que deverá recusá-las.

Todas as notas em uso na República Checa: 100, 200, 500, 1000, 2000 e 5000 Czk.

Todas as moedas em uso na República Checa: 1, 2, 5, 10, 20 e 50 Czk

Trocar ou Obter Dinheiro em Praga

No aeroporto encontrará alguns balcões de câmbio. Lamento mas não posso aconselhar nenhum. Apesar das potenciais taxas bancárias continuo a preferir manter os hábitos e simplesmente levantar dinheiro de uma caixa Multibanco. Que também as há, em ambas as áreas de chegadas dos dois terminais, em locais de destaque. Há que pagar uma taxa bancária, mas a responsabilidade de transportar e guardar uma relativamente elevada soma em dinheiro não existe. A utilização dos terminais Multibanco, no aeroporto ou em qualquer parte do país, é extremamente simples se souber inglês, pois o sistema, ao detectar um cartão estrangeiro, oferece-lhe um menú onde poderá escolher a língua. Na pior das hipóteses poderá optar por Inglês ou Francês, mas nalgumas caixas existe mesmo Alemão, Italiano e Russo. Ao contrário do que sucede em Portugal, o sistema não é totalmente uniforme, e o software pode variar terminal para terminal, consoante os bancos.

Aliás, a facilidade de utilização do Multibanco que conhecemos em Portugal não se aplica na República Checa. Para o turista o problema não se coloca, mas os locais procuram caixas do seu próprio banco, uma vez que as transações são sujeitas a taxas, que são menores se forem utilizadas terminais da instituição bancária de que se é cliente.

Se preferir efectivamente o velho método das casas de câmbios, aconselho-o a eXchange. Por todas as áreas centrais de Praga existem dezenas, senão centenas, de balcões de câmbio. Mas todo o tipo de truques, legais mas desonestos, são praticados em várias destas lojas de dinheiro. A eXchange foi-me recomendada quando me mudei para Praga, e apesar de me manter fiel ao método de Multibanco, tenho-a utilizado de tempos a tempos, sem qualquer problemas. Por isso, se quiser jogar pelo seguro, já sabe. E, claro, aceitar trocas de rua, de indivíduos particulares, está fora de questão. Parece-me inacreditável que existam incautos suficientes para “alimentar” este tipo de actividade, mas eles aí estão, sussurando propostas no meio da multidão, pelo que deve continuar a ser rentável. Os truques utilizados são diversos... desde a passagem de dinheiro de outros países eslavos com valor muito baixo reduzido até simplesmente a fuga com o bom dinheiro do turista.

Férias Económicas em Praga

Viajar a partir de Portugal

Até há relativamente pouco tempo, a forma mais prática de viajar até Praga era simplesmente voando pela TAP. A transportadora aérea nacional, não sendo uma operadora “low cost”, oferece mesmo assim preços que chegam a ser bastante aceitáveis. Se tiver a sorte de encontrar uma promoção talvez consiga uma viagem de ida e volta por 99 Eur. Mas usualmente o custo dos vôos é de 200 Euros.

Contudo, os preços mais apetecíveis são sem dúvida os propostos pelas companhias “low cost”. Ryanair, Easy Jet, Wizzair são alguns dos operadores que o podem ajudar a chegar a Praga com um custo reduzido. A utilização de qualquer uma destas companhias implica algum esforço de planeamento e alguns malabarismos. É necessário estudar as hipóteses de ligações, num universo em constante mutação. Para umas datas a solução A será a melhor, para outras, já a solução B se adequará.

Neste momento, há a opção Portugal (Lisboa, Porto ou Faro) Londres, e, depois, Londres – Brno com a Ryanair, e de Brno (porque não ficar uma noite na segunda cidade do país) as ligações para Praga são simples e económicas.

As viagens directas a partir de Portugal, neste momento exclusivas da TAP, demoram cerca de três horas. Já as trocas e baldrucas com as “low cost” significam vôos com durações muito variáveis, muitas vezes implicando uma noite (ou parte dela) passada num aeroporto algures por essa Europa.

Low costs a voar para Praga:

www.easyjet.com

www.ryanair.com

www.wizzair.com

Couchsurfing

Se um alojamento de baixo preço lhe agrada, então e que tal um cantinho a preço zero? Calma. Há compromissos, e nada é realmente de borla. Mas vamos lá ver... já ouviu falar em Couchsurfing? Trata-se de uma comunidade internacional cujos membros oferecem um lugar na sua própria casa aos viajantes, sem pedir qualquer

contrapartidas. Não pedem eles, mas pede o próprio coonceito, e o que deve dar em troca é, por seu turno, disponibilizar também o seu lar para acolher visitantes.

É preciso deixar bem claro que nada disto é rígido. Há membros que de momento não podem oferecer “couch”; não é por isso que ficam impedidos de viajar e solicitar um abrigo aos outros. Tudo se baseia no bom senso. Por outro lado, a partir do momento em que decide aderir em grande estilo, disponibilizando o sofá da sala ou o quarto de visitas, não terá que aceitar todos os interessados em “surf” o seu “couch”. Antes de dizer que sim, terá acesso ao perfil completo do requerente, onde consta um registo das suas experiências anteriores, com “feedbacks” mais ou menos detalhados.

Convém não cair na tentação de encarar o Couchsurfing como uma forma prática de usufruir daquelas fériasinhas de borla. O pessoal que usa o sistema fareja à distância os chicos-espertos que enveredam por essa via, e, ou nem respondem ou dar-lhe-ão um rotundo “não”. Se estiver interessado, a primeira coisa que deve fazer após criar um perfil no sistema, é enriquecê-lo ao máximo. Preencha todos os campos, explique em que condições aceita convidados, crie galerias de imagens. Ser novo no sistema e não ter ainda “feedbacks” é um problema menor do que encará-lo com leviandade.

Em Praga, existe uma comunidade de Couchsurfers muito activa. A coisa já há muito extravasou a simples permuta de alojamento. Tornou-se numa rede social real, com encontros permanentes, de carácter diverso: ir ao cinema, jogar frisbee no parque, partir para um dia de caminhada no campo ou na serra, experimentar em conjunto novos pubs, clubes de leitura... a lista continuaria, porque a imaginação é o limite.

Ora ao entrar imediatamente neste círculo, ficando em casa de alguém que já está por dentro, tem acesso imediato a uma realidade que raras vezes está ao alcance do mero turista. Pode penetrar de imediato na sociedade local, ir aqueles sítios que só quem vive numa cidade conhece, receber informações preciosas e aprender curiosidades que não constam nos guias de viagem. Costumo pensar no Couchsurfing, e perdoem-me o anglicismo, como “the ultimate way of traveling”.

Não se deverá esquecer que Praga é um dos grandes destinos mundiais de turistas, e encontrar um “couch” disponível por aqui pode ser complicado. Não desanime às primeiras negativas. Por vezes, não só em Praga como noutras grandes cidades, pode ser necessário enviar para cima de cinquenta pedidos até ter uma resposta positiva.

Claro que aderir ao Couchsurfing traz-lhe vantagens que não se esgotarão com a viagem a Praga. É uma porta aberta para o viajante, onde quer que vá. Não se

esqueça é que para aderir, deverá fazê-lo de coração aberto, não apenas com os olhos postos na carteira.

Uma curiosidade: há uns poucos anos, Portugal era dos países do mundo onde o Couchsurfing se encontrava mais implementado, tendo chegado a ocupar a quarta posição.

Website

www.couchsurfing.org

Alojamento Económico: Hósteis

A cultura do hostel tem uma projecção mundial que até há pouco tempo me escapava. Foi apenas depois de me instalar em Praga que compreendi a popularidade destes estabelecimentos hoteleiros. De todo o mundo partem viajantes, sobretudo jovens, que com um orçamento reduzido conseguem cruzar continentes, visitando inúmeros países, com recurso à boleia ou a transportes económicos, e alojando-se em hósteis.

Um hostel não oferece as comodidades do hotel, ou mesmo da pensão. Mas a verdade é que por preços muito mais baixos, chegam a disponibilizar condições que às vezes não se encontram nos seus “parentes ricos”. As taxas mais reduzidas implicam a estadia num dormitório, com pessoas desconhecidas. É certo que nunca sabemos quem nos vai calhar em sorte, mas por outro lado, o ambiente de confraternização e de troca de ideias entre culturas distintas que se vive nos hósteis oferece uma experiência única, potenciadora de construção de novas amizades. Quanto à segurança dos nossos haveres, a disponibilização de cacifos ou cofres é regra quase comum.

Mesmo assim, os mais reservados podem optar por alojamentos próprios, naturalmente a preços mais altos, mas mesmo assim muito acessíveis.

Entretanto, a grande popularidade dos hósteis tem uma consequência imediata: é preciso reservar a estadia com enorme antecedência, especialmente quando se trata dos estabelecimentos mais recomendáveis e mais económicos.

Hostel Arpacay

O Arpacay oferece uma enorme gama de alojamentos, desde o convencional quarto para duas pessoas até apartamentos com oito camas, com preços a começarem nas 390 Czk (cerca de 16 Eur) para a estadia em dormitório de cinco a oito pessoas. Nos preços, inclui-se pequeno-almoço, internet wi-fi em todo o espaço, computadores para utilização para quem não leva o seu portátil, cozinhas para os hóspedes, lavandaria, cacifos seguros.

Morada

Hostel Arpacay
Nerudova 223/40
118 00 Prague 1

Telefone

+420 251 552 297

Website

www.arpacayhostel.com

Hostel Elf

Localizado no mítico bairro de Zizkov, o Elf tem recepção aberta durante 24 horas, e oferece estadias desde 10 Eur por noite. Oferece um agradável espaço exterior, onde o hóspede pode apreciar a boa e barata cerveja checa. Incluído no preço está o acesso à Internet, cofre-forte em todos os quartos e dormitórios, acesso à cozinha e à lavandaria.

Morada

Hostel Elf
Husitská 11
130 00 Prague 3

Telefone

+420 220 540 963

Website

www.hostelelf.com

Travellers Hostel

Na realidade, trata-se de uma pequena rede, composta por vários estabelecimentos, e não só em Praga.

As condições e preços variam, pelo que deverá consultar o website do Travellers e comparar o que cada estabelecimento tem para oferecer. Alguns, apenas disponibilizam camas em dormitório, enquanto outros oferecem quartos duplos e de outras lotações. O preço mais baixo é no estabelecimento de Ujezd (uma óptima localização), onde poderá ficar por menos de 8 Euros, incluindo pequeno-almoço!

Em todos eles terá acesso gratuito à Internet, assim como cofres para os objectos mais preciosos. Tenha em atenção que alguns dos estabelecimentos Travellers só se encontram abertos na época alta.

Website

www.travellers.cz

Dez Razões Para Visitar Praga

Beleza. Esta é de facto uma nota dominante em toda a relação que se mantém com Praga. Não se limita à beleza que o turista espera habitualmente, reflectida em monumentos e locais famosos. Não. A estética é levada muito a sério pelos checos, que colocam um imenso esmero em tudo o que tocam, no sentido de o tornar bonito. E depois, a beleza natural, presente nos parques, jardins e florestas de Praga.

Segurança. Não é todos os dias que nos podemos dar ao luxo de sentir seguros. Isto é, se não estivermos em Praga. Aqui, ninguém tem medo de sair à noite, de circular por lugares ermos, seja lá onde for e a que horas for. O crime com uso de violência é residual, e quem conhece não sente necessidade de olhar por cima do ombro a cada esquina.

Classicismo. Praga é uma das capitais imperiais da Europa. Muita História se fez por aqui, e isso sente-se. Durante séculos a nossa civilização gravitou em redor destas grandes cidades da Europa Central. Figuras de projecção mundial, como Einstein e Kafka pisaram estas ruas, que se mantiveram inalteradas ao longo dos séculos.

Preços. Apesar de já não ser o achado que era logo após a queda do Comunismo, Praga é ainda uma cidade barata, sobretudo do ponto de vista do turista: comer e beber, cultura, transportes... todos estes bens e serviços se obtêm a preços muito abaixo dos nossos padrões.

Acessibilidade. Se escolher um alojamento central, pronto. Tudo o que tem a fazer é caminhar um pouco em redor, e terá acesso a todos os pontos gloriosos da cidade de Praga. Trata-se de uma cidade cujo centro histórico é bastante compacto, e, sobretudo quando visita pela primeira vez, o turista não sentirá necessidade de se afastar deste núcleo. Se for flexível e não quiser usar transportes públicos, é certo que não precisará de o fazer, excepto, claro, no trajecto para o aeroporto. De resto, a rede de transportes públicos é exemplar, com os veículos a passar imperetivelmente à hora que consta no horário, e a cobrirem toda a cidade de forma eficiente e rápida.

Centralidade. Praga encontra-se no centro do país que se encontra no centro da Europa. Parece mentira mas não é. Praga é de facto o centro da Europa. Isto, em termos prácticos significa duas coisas: torna-se muito simples viajar pela República Checa estando baseado na sua capital; mas talvez mais importante que isso é a

facilidade com que chega a outras cidades famosas da Europa: até Berlin são 280 km; Dresden fica a pouco mais de 100 km; Budapeste, a 430 km; Viena, a 250 km; Cracóvia, 400 km. Todos estes destinos se alcançam facilmente, de comboio ou autocarro. É um mundo à sua espera.

Variedade. Praga oferece de tudo, para todos os gostos, sem limites. O que quer que aprecie, que goste, que o divirta, vai encontrar aqui. Cultura. Vida nocturna. Comércio. Monumentos deslumbrantes. Passeios na natureza. Gastronomia. As opções são imensas, o tédio, um inimigo desconhecido. Até do ponto de vista climatérico reina a diversidade: divirta-se com a neve de Inverno ou aprecie o ambiente relaxado dos longos dias de Verão; disfrute da natureza verdejante da Primavera, ou fascine-se com os tons dourados que tudo cobrem no Outono.

Comunicação. Assumindo que se safa com o Inglês, não terá dificuldades em Praga; não significa isto que seja de esperar chegar a um qualquer restaurante ou loja, desatar a falar em Inglês e esperar que tudo corra às mil maravilhas. Mas com esforço aqui, perspicácia acolá, as coisas vão ao lugar. Até porque nos percursos usuais do turista regular, as pessoas estão mais do que habituadas ao Inglês de ocasião, que serve para desenrascar o que for necessário. Ao fim de três anos a viver em Praga, apenas uma vez, umazinha, tive um problema real de comunicação, sem grandes consequências. E isto se calhar é algo que não podemos esperar se formos a uma Paris ou Madrid.

Genuinidade. Num mundo cada vez mais global, os Checos resistem ainda às pressões descontroladas do exterior. O Europeísmo não é lá muito popular, e eles saberão porquê. Depois de séculos a serem dirigidos por capitais estrangeiras, não estão com muita vontade de serem agora controlados por Bruxelas. Nas ruas, vêem-se algumas faces orientais, provavelmente vietnamitas... e pouco mais. Praga não é uma cidade multicultural, e isso encerra alguns pontos positivos: Praga é Checa, em toda a sua extensão. E os Checos não vivem para agradar aos forasteiros. São eles próprios, vivem à sua maneira, e se observar com atenção, verá uma atitude de vida que já rareia no nosso mundo: genuína e local.

Notoriedade. Praga é um dos dez destinos turísticos à escala mundial. Ou seja, é notoriamente interessante. Pense assim: se toda esta gente, proveniente de países dos cinco continentes e com um substrato cultural distinto, escolhe Praga, então alguma razão existirá. Além disso, este extenso mercado beneficia o turista nos mais pequenos detalhes: é fácil encontrar informações sobre Praga, existe uma extensa estrutura vocacionada para o turismo, o Governo mantém um controle estrito sobre os agentes turísticos locais.

A Evitar em Praga

Castelo de Praga e ponte Karlovo

Não me passaria pela ideia dizer ao turista que não deve visitar estes dois pontos, ciente do risco eminente de apupo. Apesar dos pontos mais famosos da cidade estarem numa espécie de lista negra para os residentes, que só os visitam para acompanhar amigos de visita, é razoável esperar que o turista não dispense uma ida a eses locais.

Já que assim é, pelo menos que o faça às horas mortas, sobretudo se estiver por cá na época alta. Passar pela ponte às 6 da manhã pode parecer radical, mas a alvorada antecipada é um preço reduzido para disfrutar daquele glorioso monumento quase sozinho.

Muita gente não imagina que o castelo se encontra aberto pelo serão dentro. Claro que os museus, as igrejas e a catedral estão encerradas, mas o ambiente nocturno no castelo é espectacular. Estará deserto ou quase, e as vistas são gloriosas, quer no interior dos pátios quer nos muros que controlam a cidade. Não posso prometer nada, mas a “rua dourada”, junto ao castelo poderá possivelmente visitada de graça se for depois do sol posto... e olhe que o bilhete para entrar durante o dia não é nada barato.

Pubs e restaurantes famosos

Não sei como é noutras cidades, mas em Praga, é trigo limpo: pubs históricos, restaurantes famosos? É para esquecer, de todo. Por onde começar? Pelas multidões que se acotovelam para obter uma mesa? Pelos preços muitos furos acima da média, mesmo para as áreas nobres da cidade? Pela atitude dos empregados, sobranceiros, rudes, hostis? Pelas constantes aldrabices na hora de chegar a conta? Esqueça! Com toda a veemência desaconselho que perca o seu precioso tempo em Praga em locais como o U Fleku.

Nesta altura poderá o leitor estar a pensar: “- Ah e tal, mas por alguma razão estes locais constam nos guias”. Pois é. Há elevadas probabilidades de que algures no tempo fossem estabelecimentos recomendáveis. Antes de se tornarem excessivamente famosos e de ganharem a arrogância e a falta de qualidade dos que têm o produto vendido à partida.

Espectáculos de folclore, música tradicional, danças...? Atenção: Praga não é Lisboa. Não existe um fado. Os checos não têm – pelo menos de forma viva, um folclore. Se perguntar a dez habitantes locais qual foi a última vez que viram ou ouviram falar num espectáculo de folclore, talvez fique surpreendido com as respostas. As

propostas que lhe forem apresentadas são provavelmente de espectáculos artificiais criados para atrair turistas incautos. Tão simples como isto. A decisão é sua.

Esta cidade é um mundo e o seu único crime é oferecer mais locais de interesse do que o visitante poderá conhecer em... anos. Não arruine a sua estadia desta forma, quase que suplico.

A Via Dourada ou “Golden Lane”

Localizada no interior do Castelo, esta rua é largamente publicitada em tudo o que é meio turístico, mas o seu interesse é muito relativo. É verdade que foi aqui, em casa de sua irmã, que Franz Kafka teve alguns dos seus melhores momentos de inspiração, mas o local é de facto sobrevalorizado. Ah! E é a pagar! Se faz mesmo questão de dar uma vista de olhos, pelo menos vá depois de o Sol se pôr. Com sorte, vai ver que os portões para a Via Dourada estão abertos e a entrada passou a ser livre. E isto, turista algum sabe.

Museus

Se aceitar um conselho, esqueça os museus em Praga. Aliás, na República Checa. Abra as excepções que achar vitais consoante os seus interesses específicos, e de resto aproveite o seu tempo em Praga de forma mais produtiva. A museologia (e este que vos escreve, tendo trabalhado nessa área durante vários anos, sabe do que fala) checa é muito insipiente e os métodos são antiquados. Pior, as colecções não se encontram geralmente legendadas em inglês. Acredito que existam honrosas excepções, mas o cenário global é deprimente. Na realidade, a museologia é o grande “calcanhar de Aquiles” do panorama cultural checo.

Chegar a Praga

Chegar a Praga de Avião

O aeroporto de Praga, denominado Vaclav Havel (antes, Ruzyne), é constituído por dois terminais (a bem dizer três, mas o terceiro é para vôos privados e pouco mais); o terminal 2 a servir vôos provenientes ou destinados a países do espaço Schengen, e o terminal 1 para vôos de e para fora desse espaço.

Apesar de Praga ser um dos dez principais destinos turísticos a nível mundial, o aeroporto é relativamente pequeno, e não correrá o risco de se sentir perdido ali. Ambos os terminais oferecem as comodidades esperadas num aeroporto internacional, com as partidas e chegadas bastante perto, e podendo-se caminhar facilmente entre o terminal 1 e 2 – não demorará mais do que 10 minutos a percorrer toda a área de ponta a ponta.

Depois de recuperada a bagagem de porão – se for caso disso – e de ultrapassadas as formalidades de identificação, dará consigo na área de chegadas. Creio que há dois elementos que se constituem como prioridades primordiais de um recém-chegado: dinheiro e transporte. Geralmente por esta ordem.

Dinheiro; no aeroporto encontrará alguns balcões de câmbio. Lamento mas não posso aconselhar nenhum. Apesar das potenciais taxas bancárias continuo a preferir manter os hábitos e simplesmente levantar dinheiro de uma caixa Multibanco. Que também as há, em ambas as áreas de chegadas dos dois terminais, em locais de destaque. Actualmente a República Checa, apesar de ser um membro pleno da Comunidade Europeia e de se encontrar no Espaço Schengen, não aderiu ainda ao Euro, mantendo a sua moeda, a Coroa Checa (Czk).

Transporte; o visitante que chega ao aeroporto de Praga, quase invariavelmente pretende dirigir-se a um local na zona central, e tem várias opções, a saber:

agendar com antecedência a recepção com motorista privado. O custo é sensivelmente o mesmo que o de uma viagem de táxi comum para o centro, pelo que poderá ser uma boa opção para aqueles que não querem mesmo preocupar-se com nada. 19 Libras na Prague Airport Transfers.

por táxi; apesar da fama dos motoristas de táxi de Praga ser negra, actualmente apenas os carros pertencentes à cooperativa AAA estão autorizados a operar na zona do aeroporto, e esses são, até ver, de confiança assegurada. Aproximadamente 25 Euros.

por minibus. A empresa Cedaz oferece um serviço com boas garantias, sendo amplamente utilizado. Pessoalmente não aprecio esta opção, por a achar mais confusa (no que toca ao acto de compra de bilhete e locais de paragem) do que a de transportes públicos regulares.

de transportes públicos colectivos. Na esmagadora maioria dos casos o visitante querará chegar ao centro de Praga. Para isso, deverá apanhar o autocarro 119, com paragens no exterior de ambos os terminais. Encontrar a paragem e compreender o funcionamento do sistema não é complicado, e está ao alcance mesmo do viajante menos experiente. A aquisição do bilhete poderá realizar-se das seguintes formas: no balcão dos transportes públicos de Praga ainda no interior do terminal, o que será uma boa escolha pela interacção e possível esclarecimento de dúvidas, e ainda pela possibilidade de comprar logo ali um bilhete de 3, 5 ou 7 dias e de um mapa da rede de transportes; contudo, o balcão é algo discreto e poderá necessitar de alguma atenção para o encontrar. Segunda opção, na máquina de venda de bilhetes junto à paragem – neste caso tenha em atenção que precisará de ter moedas em Coroas Checas; as máquinas dão troco mas não aceitam notas. Por fim, poderá comprar o bilhete directamente ao motorista, mas assim pagará uma taxa acrescida. Atenção! Apenas na carreira do aeroporto é possível comprar bilhetes no interior do autocarro. O autocarro 119 termina o seu percurso na praça de Dejvicka, onde deverá apanhar o metro – linha verde, cuja entrada é mesmo em frente à paragem terminal do autocarro. Mais algumas informações: o bilhete normal (existe um mais económico para pequenos percursos) dá-lhe acesso à utilização da rede de transportes públicos de Praga pelo periodo de 75 minutos, sem limites; isto significa que poderá usar o mesmo bilhete para viajar do aeroporto até ao seu destino final, independentemente do número de transportes que precisar de apanhar. Cerca de 1,20 Euros. Uma pequena nota: se estiver à espera do autocarro na paragem do terminal 2, e vir o 119 passar à sua frente a assobiar para se deter 100 metros à frente, não corra... é um autocarro a chegar ao aeroporto, que dará a volta para depois recolher os passageiros.

Chegar a Praga de comboio

O transporte ferroviário é vastamente utilizado na República Checa, como de resto em toda a Europa Central e de Leste. Isso significa a existência de uma completa rede ferroviária, que em Praga se traduz por um sem número de estações menores e algumas estações que recebem ligações internacionais, sendo as principais a estação central (Hlavni Nadrazi) e a de Holesovice (Holesovice Nadrazi).

Ambas se encontram servidas por estações de metro da linha vermelha, com os mesmos nomes (Hlavni Nadrazi e Holesovice Nadrazi). Se chegar a Hlavni Nadrazi, situada na orla do centro da cidade, é até possível que se possa deslocar para o seu destino final a pé. A estação encontra-se a poucos minutos de caminhada da praça Wenceslau.

Como acontece em quase toda a Europa, em redor das estações de comboios internacionais reúne-se uma estranha “fauna”, que pode ser incomodativa mas não perigosa. Recomenda-se apenas que mantenha um redobrado controlo sobre a sua propriedade quando estivez nestas zonas.

Sugerimos que verifique a rede de eléctricos uma vez que ambas as estações são servidas por várias carreiras, e, quem sabe, estas poderão proporcionar-lhe uma viagem mais directa.

Em ambas as estações encontrará máquinas Multibanco para recolher o seu primeiro dinheiro checo. Seguidamente, deverá comprar alguma coisa para obter as moedas necessárias à compra do bilhete para os transportes públicos. É que as máquinas não aceitam notas, apesar de darem troco. Para mais detalhes, sugerimos que leia o artigo dedicado ao funcionamento dos transportes públicos.

Não se admire se a polícia lhe pedir os seus documentos nestas estações ou nas suas imediações. O esforço crescente das autoridades checas em se desembaraçar de emigrantes clandestinos desencadeou uma operação global de controle de identificação nos locais do costume, e aqueles que não se pareçam com um checo “típico” são mais frequentemente interpelados.

Chegar a Praga de autocarro

A cidade de Praga é servida por algumas redes de expressos, que usam a estação de autocarros de Florenc como base. É uma área da cidade algo tristonha, suja, com edifícios degradados e alguma população de aspecto “suspeito”. Sugiro que tenha especial atenção aos seus bens quando se encontrar na estação e nas suas imediações directas. Mas tem tudo são más notícias. Saindo para a rua e atravessando-a, encontrará ao caminhar cerca de 150 metros para a esquerda, uma das melhores cervejarias da cidade. Ah! Muito importante! Nunca fume nas estações de transportes públicos, mesmo que esteja completamente ao ar livre. É proibido e as autoridades mantêm uma vigilância apertada. É uma outra forma de caça à multa, num país onde o fumo em restaurantes é permitido.

A estação de autocarros de Florenc tem o acesso à estação de metro com o mesmo nome a cerca de 150 metros. Esta estação de metro é servida quer pela linha amarela, quer pela linha vermelha. Sugerimos que leia os conselhos para a utilização do metro que deixámos mais acima.

II - Guia Alternativo de Praga

Um Passeio Junto ao Vltava

Dos muitos passeios que gosto de dar por Praga, decidi partilhar hoje com os leitores um que corre ao longo do rio Vltava. É uma caminhada que muito aprecio, pela relativa facilidade de acesso, pela beleza da paisagem, pela possibilidade de mergulhar numa outra Praga, quase provinciana, muito profunda, onde se pode sentir o verdadeiro pulsar dos habitantes locais.

Inicia-se em Troja, junto ao palácio com o mesmo nome. Pode lá chegar depois de um delicioso passeio a pé pelo Parque Stromovka, ou apanhar o eléctrico 17 no centro, junto ao rio, saindo na paragem Trojska, andando uns 100 metros no sentido da marcha do eléctrico, virando à esquerda e apanhando o autocarro 112 directo para o Zoo, mesmo defronte do palácio.

Uma vez nesse ponto, notará que existe um trilho que segue o rio, no sentido oposto ao do centro da cidade. Foi recentemente asfaltado para facilitar a utilização de bicicletas e de patins em linha, actividades muito populares, que trazem muita gente a este local, especialmente em fins-de-semana cheios de sol.

Depois, é começar a caminhar. À sua esquerda verá a última das ilhas do Vltava, onde se encontra instalada uma enorme estação de tratamento de águas residuais. Do lado direito do trilho estará o Zoo, e por vezes é mesmo possível avistarem-se alguns dos animais que ali moram. Recordo-me de ver uma chita, muito digna e nobre, no alto de um monte, numa ilusão perfeita de vida em liberdade.

Terminado o Zoo, encontrará esparsas habitações, muitas delas espaços de fim-de-semana, sem grandes condições de habitabilidade. Do outro lado do rio, por detrás da ilha, lá em cima, avistará a ruína e a margem do bairro de Baba. Cerca de quilómetro e meio depois de iniciar o passeio, encontrará uma estradita asfaltada à sua direita. Se está cansado deverá tomá-la e logo à frente chegará a uma pequena rotunda onde de tempos a tempos um autocarro o levará de volta ao metro. Mas esta evacuação deverá ser apenas uma solução de emergência, porque o melhor do passeio ainda está para vir.

Ai nesse ponto de junção entre o trilho e a estradita para o autocarro, encontrará uma barraquinha onde poderá comprar uma bebida fresca. Se tiver sorte observará a pequena barca que liga este ponto à margem oposta. Esta travessia é bastante pictoresca. O barquito é uma coisa de outros tempos, aludindo ao conceito perdido de “barqueiro”, e o mais curioso é que faz parte da rede de transportes públicos de Praga, e quem tiver um passe pode simplesmente usá-lo.

Para cima, no topo da escarpa que observa do seu lado direito, mas sem ângulo de visão, encontra-se o bairro dormitório de Bohnice. Geralmente acabo por usar um dos discretos trilhos que sobe pelo meio da vegetação e apanho um autocarro lá, mas reconheço que é uma possibilidade complicada para o visitante casual, implicando uma ou duas mudanças de transporte até chegar ao centro.

De qualquer forma sugiro que se aventure e tente encontrar um destes percursos escondidos. A ascensão é difícil, bem inclinada, mas o prémio é tentador: a vegetação densa encanta, e uma vez no topo as vistas são assombrosas.

Notará que desde que iniciou o seu passeio, os traços da cidade são cada vez mais vagos. Praga, ao contrário das grandes metrópoles portuguesas, acaba subitamente. Passa-se da cidade para o meio rural durante uma caminhada de alguns minutos. Se tiver suficiente energia dará por si fora da cidade, apreciando a carícia da natureza. O som do rio que corre e da passarada que por ali anda serão praticamente os únicos sons. Especialmente se não for fim-de-semana e se o tempo não estiver especialmente agradável.

Poderá voltar para trás a qualquer momento, e refazer o caminho para o seu regresso ao centro.

Naplavka

Naplavka. Uma palavra que se popularizou em Praga nos últimos dois ou três anos. Numa tradução literal, significa algo como “a área escavada pelo correr da água de um rio”, algo que, creio, não tem uma palavra específica em português. Mas num sentido mais prática o que é este Naplavka?

Trata-se de uma área à beira-rio, onde recentemente os filhos de Praga passaram a amar ainda mais o seu Vltava. Num ano era apenas mais um dos muitos segmentos de passeio ao longo do rio, e no ano seguinte era um centro de encontro cheio de vida, com bares improvisados e gente de todas as idades sentada na amurada, copos de cerveja na mão, muito sorriso, muita voz, muita interacção.

E com a dinamização veio o nome. Naplavka. Tornou-se comum a colocação no Facebook: “- Vou estar no Naplavka a partir das seis, quem é que quer aparecer?” Claro que nos dias frios de Inverno não se passa grande coisa, mas a partir de meados de Abril a animação inicia o seu crescendo, que depois do Verão desce gradualmente até praticamente desaparecer para finais de Outubro.

Mas durante estes meses todos, dá gosto, ver toda aquela vida. Comida, e sobretudo bebida, não faltam. Existem os barcos fixos ao cais, onde o passeante se pode sentar tranquilamente numa mesa observando aquele cenário maravilhoso, bebericando a sua Pilsner ou Gambrinus. E as esplanadas improvisadas, servidas por pequenas cabinas onde empregados atarefados despacham “imperiais” e “coktails” a ritmo alucinante. As bebidas são vendidas a preços normalíssimos, digamos, a uns 1,50 Eur por um copo de meio-litro de cerveja, apesar dos copos de plástico serem a norma, o que a mim causa um certo desagrado.

Para comer, há o restaurantezinho que pouco mais é do que uma barraca, quase em frente à Casa Dançante, que tem um detalhe histórico: o heróis da luta anti-comunista e primeiro presidente da Checoslováquia livre, Vaclav Havel, cresceu ali defronte, e tinha o hábito de almoçar por ali o seu goulash.

Atenção aos passeios no Naplavka! Não entre no corredor das bicicletas, porque as há, e céleres. É preciso ter cuidado para não arruinar o dia com uma distração. Fora isso, é só divertir-se, trazendo um tom de descontração à sua visita a Praga. Jogando umas migalhas aos cisnes e patos que por ali vão flutuando, experimentando umas cervejas nos barcos que mais lhe chamarem a atenção.

E o melhor é que nem terá que sair do centro histórico para usufruir deste local, com muitas das atrações da cidade a brilharem mesmo por detrás do Naplavka. Este inicia-se logo a seguir ao barco-hotel Mathilda, e prossegue até ao nível da praça Palackeho, cerca de 500 metros mais à frente. Ou seja, o grosso da festa tem lugar entre duas pontes, a Jiuráskuv e a Palackeho.

O Hospital dos Malucos

Desconfio que a mera intenção de escrever um artigo sobre um hospital de loucos valer-me-á, a mim próprio, o epíteto de louco por parte de muitos dos leitores. Mas não posso conter este desejo de partilhar com quem aqui venha cair as maravilhas de um passeio pelo Hospital Psiquiátrico de Bohnice.

Mas comecemos pelas origens. Em 1903, ainda o Império Austro-Húngaro reinava por estas partes, era instalada nas terras de Bohnice uma filial do Instituto de Terapêutica Psiquiátrica de Praga (fundado em 1844). Em 1909, já com trezentos pacientes, ganha autonomia institucional e cresce: durante a I Guerra Mundial (1914-1918) tem 1774 camas, uma rede própria de abastecimento de água, uma estação eléctrica, padaria, cozinha e oficinas. Ainda no decorrer da Guerra é construída a igreja que hoje podemos visitar. De resto, o hospital tal como o conhecemos ganhou a sua forma definitiva em 1924, quando foi adicionado o sanatório para doentes com recursos, uma espécie de ala VIP. Por essa altura existiam 1896 camas e trabalhavam lá um total de 950 pessoas.

A partir de 1937 as comas induzidas por injeção de insulina (apenas no início dos anos 60 esta prática em doentes esquizofrénicos caiu em desuso) vieram juntar-se as velhas lobotomias e “terapias” de choques eléctricos. Depois da II Guerra Mundial e da tomada do poder pelos Comunistas, foi tomada a decisão de dismantelar o hospital e de transformar as suas instalações numa base militar. Contudo, apenas metade dos pavilhões seguiram esse destino. Entre 1956 e 1965 o Exército abandonou gradualmente Bohnice, durante o período em que o Dr. Dobisek (1952-1971) trouxe uma vida nova à instituição. Sob a sua égide foram adoptadas práticas clínicas renovadas e a qualidade de gestão do hospital atingiu níveis nunca antes alcançados.

Actualmente o hospital ocupa uma área de 64 hectares (detendo mais 144 ha, substancialmente menos do que os 240 ha que chegaram a estar sob a sua administração). Nesse espaço erguem-se 88 edifícios e pavilhões, organizados de forma radial, tendo como centro um parque ajardinado em estilo inglês, onde se encontra a igreja construída sob os cânones Art Nouveau.

Apesar de um certo ambiente de abandono – ou talvez por causa disso – uma visita ao hospital é uma ótima forma de passar uma tarde solarenga. As portas estão abertas, e o visitante, depois de passar pelo edifício da recepção (não há necessidade de se identificar ou de interagir com ninguém) estará perante a igreja e um amplo espaço verde onde berços de flores lhe sorriem. Depois, é explorar. A

maioria dos edifícios são nobres palacetes, trinta e seis deles pavilhões para albergar doentes.

O silêncio, a calma, a serenidade dominam. É o local ideal para vir em busca de algum isolamento, para ler, escrever ou criar, de forma geral. Todo o espaço respira uma majestosidade centenária, quebrado a tempos, com a organização de eventos algo bizarros para a natureza da instituição: o festival de rock de Bohnice, por exemplo, é um clássico, ocorrendo geralmente em Maio. Existem cafés e esplanadas, mas até determinada hora (sete, creio) não é permitida a venda de bebidas alcóolicas neste estabelecimentos.

Poderá conjugar uma visita ao complexo de Bohnice com um passeio mais arrojado, pelos trilhos da floresta, até lá abaixo, à margem do Vltava, e depois caminhar até Troja pelo passadiço marginal.

Museu da Força Aérea

Os amantes da aeronáutica ou os meros curiosos terão no Museu da Força Aérea um destino sugestivo. Localizado numa área periférica da cidade, este museu não é habitualmente visitado por estrangeiros. Para lá chegar é necessário tomar o metro, sair na estação de linha amarela de Ceskomoravska, e ali entrar num dos varios autocarros que (110, 185, 259, 280) o deixarão á porta do museu, na paragem com seu nome: Letecké muzeum. Tenha em atenção que se trata de uma paragem não obrigatória, pelo que deverá tocar a campainha com antecedência, e, no regresso, sinalizar o seu desejo de entrar no autocarro.

Mas voltemos ao museu. Foi aberto num anexo à base aérea de Kbely em 1968, o ano em que os soviéticos chegaram. Paradoxalmente, este foi o primeiro aeroporto construído na Checoslováquia independente, depois da I Guerra Mundial, e também uma das principais portas de entrada dos exércitos do Pacto de Varsóvia que em 1968 acabaram de vez com o sonho de uma Checoslováquia autónoma do jugo da URSS.

Como tantos outros no país, este museu é algo antiquado, com conceitos obsoletos e padecendo de problemas orçamentais sérios. A exposição não se encontra legendada em inglês, o pouco pessoal segue os visitantes como cães de guarda desconfiados e talvez por isso não conseguem estar em todo o lado... o que significa que um dos pavilhões pode encontrar-se fechado até que o funcionário “despache” os visitantes do edifício anterior. Contudo, costuma-se dizer que “a cavalo dado não se olha o dente”, e a verdade é que a entrada neste museu (como de resto em todos os que estão dependentes das Forças Armadas) é gratuita.

Existem duas grandes divisões na exposição: os espaços cobertos e os espaços ao ar livre. Se os primeiros se encontram relativamente bem mantidos, a situação do material exposto ao ar livre é deplorável. Na prática tratam-se de aeronaves (e algum equipamento variado) deixadas por ali, como sucata, para apodrecerem lentamente à mercê dos elementos. Para quem teve a oportunidade de visitar o Museu da Força Aérea Polaca, em Cracóvia, a diferença é abismal.

O total de aeronaves do espólio ronda as 275. Cerca de 90 destas encontram-se em exibição nos espaços interiores, enquanto 25 estão expostas no exterior. As restantes são mantidas como reservas museológicas. Mas claro que o espólio não se resume a aeronaves. O visitante poderá apreciar uniformes, sistemas de

armamento, peças de avião e outros elementos relacionados com a aeronáutica militar no país.

Importante: O museu só se encontra aberto ao público entre Maio e Outubro. Nesse período poderá ser visitado entre as 9:30 e as 18:00, encerrando às 2ª Feiras.

A Volta do Fosso do Veado

O “Castelo de Praga” é a atracção turística mais procurada em todo o país. Apenas em 2007 foi visitado por cerca de um milhão e meio de pessoas. Contudo, essa multidão que se aglomera sobretudo nos meses do Verão, acorre aos locais centrais do complexo, desconhecendo um maravilhoso passeio conhecido apenas de alguns, a chamada Volta do Fosso do Veado (*Jelenni prikop* em Checo).

Este percurso está apenas disponível entre Maio e Outubro, evoluindo por terrenos classificados como parte dos “Jardins Reais”, que se encontram encerrados ao público durante a época baixa. O antigo fosso, fez parte do perímetro defensivo do Castelo, mas no reinado de Rudolfo II (Século XVI) a componente militar da zona tinha-se perdido e a área era utilizada para caçar... veados. Daí a denominação actual. Infelizmente os soldados franceses que ocuparam Praga nos anos de 1741 e 1742 exterminaram os animais, que não mais reapareceram.

O passeio inicia-se perto da estação de metro de Malostranská (linha verde). Ai chegado deverá seguir um pouco o percurso dos eléctricos que sobem em direcção ao Castelo, pela rua Chotkova. Se caminhar pelo lado esquerdo, passará por um relvado, findo o qual a rua curva para a esquerda. Logo a seguir, deverá atentar numas escadas e num passadiço metálico do seu lado esquerdo. Essa é a entrada para o paraíso. Tome-a.

Depois de um empolgante troço sobre a estrutura de acesso, desembocamos num largo caminho, que sobe em direcção ao Castelo. De um lado e de outro os taludes estão repletos de uma vegetação deslumbrante, verdejante na Primavera e no Verão, tinta com as cores quentes de Outono a partir de meados de Setembro.

A caminhada conduzi-lo-á por pontos como o acesso ao abrigo nuclear construído em segredo para as figuras dominantes do regime ditatorial dos tempos do Comunismo, ou a casa dos tratadores dos ursos e respectivas jaulas dos animais. Toda a caminhada é acompanhada por um curso de água fresca e de espaço a espaço o visitante encontrará painéis informativos.

Já a chegar ao fim, passará por debaixo da ponte que conduz até aos pátios do castelo as fornadas diárias de turistas. Mas lá em baixo, de onde os observa, reina o sossego e a beleza natural. Não longe dali encontra-se a residência do chefe de

Estado Checo. Estará na hora de regressar. O percurso de ida e volta tem cerca de 2 km.

A Lenda do Lobisomem do Fosso do Veados

Segundo esta lenda, nos tempos de Rudolfo II, que reinou no século XVI, um homem chamado Jan tomava conta dos animais do rei, com especial destaque para os dois lobos que ali eram conservados. Jan era mudo, mas aprendeu a reproduzir os sons dos lobos, até que um dia... desapareceu. Então, um novo lobo, enorme, foi avistado na área do fosso, e até o Imperador veio para o ver. O comportamento do animal era deveras estranho e as pessoas começaram a receá-lo, até porque os seus olhos, dizia-se, eram tal e qual os de Jan. A lenda mantém-se, desaconselhando as pessoas a visitarem a zona durante a noite – o que de resto é altamente proibido. Segundo a tradição, o lobisomem ataca cães e humanos que se desloquem rapidamente

Jardins de Vrtba

O jardim de Vrtba parecem esconder-se do visitante. Mas eu vou denunciar o seu paradeiro: rua Karmelitská, número 25. Se observar um mapa até encontrar a rua que referi, ficará espantado pela localização do jardim, de forma discreta, quase impossível de encontrar para o viandante casual. É preciso saber-se ao que se vai, manter a atenção nos números das portas, para dar com o jardim de Vrtba.

Estávamos no início do século XVIII quando František Maxmilián Kaňka foi contratado para renovar o palácio do conde de Vrtba, Jan Josef. Concluídos os trabalhos no edifício, o arquitecto idealizou os jardins, que hoje podemos visitar, seguindo o estilo Barroco de influência italiana, com a construção de patamares, decorados com estatuária de Matyáš Bernard Braun dedicada à temática mitologia romana. Apesar da manifesta influência estrangeira, nota-se uma adaptação aos valores estéticos locais, aquilo a que chamaremos de Barroco Checo.

A localização do jardim de Vrtba, no início da encosta de Petrin, permite-lhe oferecer, do seu socalco mais elevado, vistas privilegiadas sobre o bairro que o envolve, o belo Mala Strana.

Depois de longas obras de reclassificação, que decorreram entre 1990 e 1998, o jardim encontra-se actualmente aberto ao público (contudo, apenas é possível visitá-lo durante os meses mais quentes do ano, entre Abril e Outubro), sendo propriedade da cidade de Praga, apesar de ser explorado por uma empresa privada, que organiza ali espectáculos privados, casamentos e actividades para empresas. Está classificado pela UNESCO na classe 1 da lista de património mundial.

Divoká Šárka

Praga é uma cidade de amplos espaços verdes. Não só de tradicionais parques urbanos, uns maiores que outros, com todas as infraestruturas que se esperariam em tais áreas, mas as verdaderiras pérolas, raramente encontradas nas grandes capitais europeias, são outras: as extensas florestas, bem no coração da cidade, seguras, belas, repletas de vida selvagem.

Uma das mais apreciadas pelos habitantes de Praga é formalmente chamada de Parque Natural de Divoká Šárka, e estende-se por uma vasta área, a este da grande artéria que liga o centro da cidade ao aeroporto. O seu nome significa algo como “indomável Šárka”, numa alusão mítica a uma heroína do Século VI ou VII. Segundo reza a lenda, por essa altura o poder encontrava-se nas mãos das mulheres, sob a orientação da princesa Libuse. Com o falecimento desta, os homens rebelaram-se, e o “partido” das mulheres estabeleceu-se na zona norte da actual Praga. Num período marcado por uma aparente guerra civil, as mulheres levavam a melhor nas refregas, até que o jovem Ctirad, apontado pelo príncipe Premysl para liderar as forças masculinas, começou a revelar capacidades militares que preocuparam Vlasta, a sucessora de Libuse. Então, a sua ajudante Šárka ofereceu-se para armar uma cilada a Ctirad. Os pormenores divergem, mas terá sido no lugar onde hoje se localiza este parque que Ctirad sucumbiu às mãos de Šárka, o que de resto não foi de grande vantagem, uma vez que Premysl acabou mesmo por levar a melhor. Por fim, Šárka ter-se-á suicidado, atirando-se do topo de um dos rochedos aqui existentes. As causas apontados para o suicídio variam: uns dizem que ela se apaixonou pela sua vítima e desistiu de viver sem ele; outros, que Šárka simplesmente não conseguiu enfrentar a desonra da derrota eminente.

Tenha lá sido como for, a verdade é que hoje temos aqui um belo espaço. A forma mais simples de chegar é de autocarro, saindo na paragem Divoká Šárka, facilmente reconhecível pelo enorme Mc Donalds à beira da estrada. Depois, o caminho é evidente. Daqui para a frente estará por sua conta. O parque é imenso (cerca de 4km de comprimento por 2 km de largura), mas não creio que corra risco de se perder para não mais tornar a ser visto.

No seu interior correm alguns cursos de água fresca, com especial destaque para a ribeira Šárka. à deusa com o mesmo nome. Os trilhos internam-se na floresta,

contornando montes e rochedos, por vezes conduzindo até ao seu topo. Algures, poderá encontrar um complexo de piscinas públicas, muito apreciadas pelos habitantes de Praga durante o Verão, até porque as suas águas provêm directamente dos caudais frescos das ribeiras que ziguezagueiam pelos terrenos do parque.

Não se admire se avistar um ou outro veado selvagem, que fugirá à sua aproximação; passear em Divoká Šárka é um sonho que não está alcance dos habitantes das grandes cidades portuguesas. A beleza natural que emana de um bosque destes é algo que não pode ser descrito por palavras, e mesmo as fotografias não farão nunca jus ao ambiente que ali se encontra. As árvores, altas e frondosas, oferecem uma sombra quase permanente. Mas será no Outono que a envolvência atinge o climax, com todo o solo a cobrir-se por um denso tapete vermelho, que vai crescendo à medida que ainda mais folhas se desprendem dos ramos, lá altos, da floresta.

Apesar dos habitantes de Praga apreciarem bastante Divoká Šárka, a sua extensão e a existência de outras ofertas semelhantes permitem um passeio repousado, sem encontros constantes com outros humanos.

Aqui e acolá um pequeno banco pode ser encontrado, num convite irrecusável para uma breve pausa, quiçá para uns momentos de leitura, ou apenas para parar e escutar os sons da natureza: o restolhar dos ramos ao sabor do vento, o cantar da passarada, o esquilo que célere sobe pelo tronco do enorme carvalho.

Em Divoká Šárka as mais incríveis experiências podem suceder. Certo dia deparei-me com um pastor, um jovem de aparência letrada, que tocava flauta para o seu rebanho misto, de cabras e ovelhas. Sentei-me ali por perto, ele esboçou um ligeiro sorriso, e enquanto me deliciava com um banho de sol e escutava aquela encantada música, parecíamos fazer parte de um mesmo mundo mágico. O encantador flautista, os animais... e eu... todos partilhando em serenidade da companhia uns dos outros.

Cinemas Gold Class

Imagine que está em Praga, mas acorda um dia de manhã, vai à janela, e pensa... “- Pronto, com este tempo, está tudo lixado!”. Condenado a uma existência entre quatro paredes, pelo menos nas próximas vinte e quatro horas, que opções tem? Ir ao cinema, porque não?

Em Praga tem oportunidade de assistir a um filme com condições extraordinárias. As sessões regulares já dão um sossego que há muito não é permitido nas salas portuguesas. Aqui ainda é raro os telemóveis que tocam, o vizinho de trás que colocada os pés nas costas da nossa cadeira, os barulhos inconvenientes e desnecessários, enfim, a má-educação generalizada. Mas o que lhe proponho é uma experiência ainda superior: assistir a um filme numa sala VIP nos cinemas Gold Class.

Em cada sala existem apenas trinta lugares, que dificilmente estarão todos ocupados. As poltronas são completamente articuladas e rotativas, encontrando-se, duas a duas, servida por uma pequena mesa redonda. O conforto dos lugares é supremo, permitindo assistir à película na melhor posição.

Na câmara de entrada, um roupeiro exclusivo para os clientes Gold Class encontra-se disponível, mas como são os próprios utentes que colocam e retiram as suas coisas de lá, não convirá deixar valores nos bolsos. O bar está naturalmente aberto antes, durante e depois do filme, mas não se preocupe com esses detalhes. Em cada mesa encontra-se um botão que chamará até si uma das funcionárias de serviço, que tomará nota da sua encomenda e a trará posteriormente.

Claro que todo este luxo tem o seu preço, mas que diabo, é uma vez na vida. O bilhete para o cinema custa cerca de 11 Euros, e os comes e bebes, a escolher numa ampla lista, são algo inflacionados face ao mercado de Praga: uma Coca-Cola, 1,20 Eur, um Martini, 2,60 Eur, uma cerveja, 2 Eur.

Na República Checa os filmes exibidos não se encontram dobrados, com excepção das películas para os mais pequenos, que mesmo assim, em algumas salas, serão projectadas na sua versão original. Se escolher um filme checo (e a indústria cinematográfica local é bastante produtiva), certifique-se de que será exibido com legendas em inglês.

Uma última nota: alguns amigos, quando lhes explicava o conceito Gold Class diziam com um pouco de desdém: “- Ah mas isso também há cá”. Não. Não tem nada a ver. A experiência em Praga é muito melhor.

Narodni Divadlo

As raízes da construção do teatro nacional, como sucede com tantos outros elementos em Praga, têm que ser procuradas no terreno fértil do nacionalismo que por aqui grassava em finais do século XIX. Os checos, cansados de séculos de ocupação estrangeira, aspiravam à instauração da sua própria Nação, e, nos tempos que se viviam, um teatro digno era essencial para a afirmação dos checos enquanto povo totalmente autónomo.

O primeiro passo para a construção do teatro deu-se em 1845, quando um grupo de notáveis checos sugeriu às autoridades que considerassem a possibilidade de fazer surgir um espaço de espectáculos em pedra, que funcionasse em complemento do já existente Stavoské divadlo, onde raramente eram encenadas peças em língua checa. Cinco anos depois, em 1850, ocorre a primeira reunião da Comissão para a Construção do Teatro Nacional, após a qual se iniciaram as campanhas de colecta de fundos. Por toda a cidade se passeavam voluntários transportando caixas para a recolha de dinheiro, construídas na forma do edifício projectado, onde se lia a inscrição “Na Zdar” (que significa, “ao sucesso”, e que possivelmente terá inspirado a expressão checa de brinde, “Nazdar”, correspondente ao nosso “saúde”).

Entretanto, a escolha do local onde o futuro edifício se erigiria revelava-se polémica. Foram inventariadas nove possibilidades, de entre as quais se destacavam Staré Mesto, Václavské náměstí e Karlovo náměstí. Por fim, foi seleccionado o lote de terreno de onze hectares onde hoje se encontra o Teatro Nacional, que levou ao desespero os arquitectos, preocupados com a natureza lodosa do terreno e com o seu formato trapezoidal irregular, enquanto os nacionalistas se deliciavam com o simbolismo do local, a meio caminho entre dois pontos emblemáticos: o castelo de Praga e Vysehrad.

Em 1862, não tendo sido ainda possível iniciar a obra monumental que estava no pensamento dos pioneiros do movimento, foi construído um teatro provisório, projectado pelo arquitecto Ignac Ullman, que viria a ser parte integrante do projecto final. Três anos depois, um núcleo mais dinâmico que desde sempre advogara a concretização do ambicioso plano inicial solicitaram a Josef Zitek, um jovem professor de Engenharia Civil no Colégio Técnico de Praga, um esboço arquitectónico para o futuro teatro. Zitek não só apresentou uma proposta válida

como venceu um concurso público posteriormente organizado, e, quando as obras se iniciaram em 1867, seguiam o seu plano.

Em 1868, quando o assentamento de fundações teve lugar, o simbolismo nacionalista revelou-se com toda a clareza: de todo a parte foram enviadas pedras retiradas de locais de extrema importância para os checos, enviadas para o local da obra em carruagens faustamente decoradas (a comunidade checa nos EUA enviou uma pedra com a inscrição “o que o sangue une, o oceano não pode separar”, que contudo chegou apenas em 1869), num desfile festivo que culminou com a cerimónia da primeira pedra, a que assistiram vinte mil pessoas.

A partir daí a obra decorreu em boa cadência: em 1875 o edifício estava erigido e em 1877 o telhado estava concluído. O interior foi decorado segundo os parâmetros definidos por uma comissão especialmente criada para o efeito, liderada por Sladkovský: o Neo-Renascentismo e a Mitologia Eslava associar-se-iam a temáticas inspiradas pelas Escrituras.

Em 1881, apesar de trabalhos menores se encontrarem ainda em curso, o teatro estava pronto para a inauguração formal, prevista para Setembro. No dia 11 de Junho, para celebrar a visita do príncipe Rudolfo, a ópera *Libuse*, de Smetana, foi ali apresentada a um público entusiasmado, a que se seguiram onze actuações antes do encerramento do teatro para os retoques finais.

Contudo, no dia 12 de Agosto, a tragédia abateu-se sobre o Teatro Nacional. Um incêndio provocado pelas obras que decorriam alastrou dramaticamente a vastas áreas do edifício. Os bombeiros alegadamente chegaram tarde e sem a quantidade de água que seria normal; as bocas de incêndio criadas no local não funcionaram. E assim, o palco do magnífico teatro foi arruinado, o telhado ardeu e o candelabro de tonelada e meio de peso despenhou-se no solo com enorme estrondo.

Mas a determinação do povo checo estava mais forte que nunca. Em apenas um mês foram reunidos um milhão de florins, quantia suficiente para iniciar de imediato as obras de recuperação. Entretanto, Josef Zitek, incomodado com as acusações de negligência face à possibilidade de ocorrência de sinistros, manifestou-se indisponível para liderar a inesperada adenda. Foi o seu discípulo Josef Schulz que assumiu a responsabilidade da reconstrução, aproveitando para integrar o edifício de apartamentos do Dr. Polák, que passaria a fazer parte do Teatro. Assim, num toque de génio, foram integrados três edifícios arquitectonicamente díspares em apenas um (o terceiro era o teatro provisório construído em 1862).

Por fim, no dia 18 de Novembro de 1883 deu-se a inauguração oficial, de novo com a ópera Libuse, de Smetana. Para a ocasião foi cunhada uma série especial de moedas, a partir do metal fundido do candelabro semi-destruído pelo incêndio de 1881.

O edifício foi tão primorosamente equipado, que operou durante quase cem anos, sem necessidade de obras de fundo. Apenas em 1977 foi encerrado por um período de seis anos, durante o qual o arquitecto Zdeněk Vávra comandou um projecto de recuperação e ampliação. Foi construído o vasto parque de estacionamento subterrâneo e um novo espaço de espectáculos (Nová Scéna), desenhado por K. Prager; a fachada deste novo espaço é composta por 4306 prismas de vidro e no seu interior foi construído um palco circular. Precisamente no dia em que se comemorava o centésimo aniversário da inauguração do Teatro Nacional, este foi devolvido à vida, de novo com a ópera Libuse em cena.

Os Jardins de Vojanovy

Os jardins de Vojanovy encontram-se numa das áreas mais centrais da cidade, e contudo são uns admiráveis desconhecidos. Segundo parece, este é o jardim mais antigo de Praga, com as suas origens a remontar ao século XIII. Servia o antigo mosteiro que ali existia. Primeiro, sob a Ordem das Carmelitas Descalças, depois, sob a Ordem das Virgens Inglesas. Actualmente encontra-se sob a alçada do Ministério das Finanças mas é uma área inteiramente pública, apesar de limitada por um horário de abertura. Os portões encontram-se abertos sensivelmente durante o dia, encerrando com o pôr-do-sol.

A magia deste espaço reside na sensação de privacidade que oferece aos seus visitantes. Rodeado de um alto muro, herança do velho convento, e de edifícios pertencentes ao Ministério, o jardim não é de todo visível a partir do exterior e é este factor que lhe permite manter-se como um feudo reservado aos habitantes locais. Os turistas são “bichos raros” nos jardins de Vojanovy, geralmente visitado por pares de namorados e mães que levam os seus filhos a brincar ao ar livre.

O romantismo do jardim é realçado pelas árvores de fruto e pelos abundantes pavões que se passeiam pelos cantos mais recatados. Na realidade, se o visitar em boa época, poderá experimentar as pêras e as maçãs que tiverem escapado à voracidade dos pássaros e dos humanos. Gostaria ainda de realçar as interessantes colmeias existentes numa das extremidades do jardim, talhadas com formas humanas e pintadas de alegres côres, assim como o esplêndido relógio de sol existente ao fundo, na zona mais apreciada pelos pavões para as suas manobras de charme.

As famosas cheias de 2002, que marcaram profundamente a cidade, chegaram aqui. Os vestígios da presença das invasoras águas do Vltava são visíveis em algumas partes dos edifícios envolventes.

Por vezes são organizadas neste espaço exposições de escultura moderna, que criam um interessante ambiente de contraste com as duas capelinhas barrocas e com a escultura tradicional de S. João de Neponuk, da autoria de Ignaz Platzer, que se encontra na entrada.

Espectáculos de Fogo

São onze horas da noite. A silhueta feminina rodopia uma última vez, ao ritmo dos tambores, num êxtase de voluptuosidade, envolta nas chamas que se extinguem, acabado o combustível líquido que nos últimos cinco minutos deu vida aqueles archotes.

Acabámos a assistir a mais um encontro da Tribo Fuego, um nome curioso para um grupo de amigos e fãs das lides do fogo exclusivamente checo. Reuném-se todas as duas semanas, sempre às Quarta-feiras, e em locais diferentes. O ritual repete-se entre Maio e Outubro, enquanto as condições climatéricas são potencialmente positivas.

O grupo reúne-se num ponto que é anunciado apenas com umas semanas de antecedência, perto do ponto idealizado para a *performance*. Chegada a hora, a “tribo” desloca-se, sem palavras, num movimento expontâneo. É melhor segui-los, porque se perder a oportunidade poderá falhar o espectáculo. Umas centenas de metros mais à frente, num qualquer parque ou jardim de Praga, bem longe das hostes de turistas, forma-se um círculo. Os tocadores de tambores aquecem os pulsos, com toadas mais brandas. Os primeiros charros acendem-se e a cerveja e outras bebidas que foram trazidas até ali são saboreadas.

As pessoas que participam nos rituais de fogo, como de resto a maioria da audiência, são muito “alternativas”. Nota-se nas roupagens, nos penteados. Alguns cães correm pelo perímetro, brincam ou lutam, conforme as ocasiões e o que os odores uns dos outros inspiram. Não estranhe se for abordado por alguém para dois dedos de conversa. Os checos que participam nestas reuniões ficam sempre muito intrigados sobre a presença de estrangeiros. Sem hostilidade. Apenas não esperam encontrar visitantes vindos de paragens distantes numa reunião, digamos, tão intimista.

E nisto, iniciam-se os movimentos de fogo. Alguns, abordam a actuação ao melhor estilo circense, enquanto outros presenteiam a audiência com verdadeiras coreografias, centrando-se no aspecto artístico, na dança. Há cuspidores de fogo, malabaristas com archotes, saltadores à corda em chamas e adeptos de toda uma miríade de instrumentos que em comum têm só uma coisa: estão a arder. O interior do círculo enche-se e esvazia-se sem uma ordem definida. Nunca se esvazia por completo, mas ora está uma multidão de artistas, em números a solo ou em pares,

ora apenas um ou dois evoluem, enquanto os camaradas páram para descansar ou reabastecer os instrumentos com mais combustível.

Talvez o sucesso da noite dependa dos tocadores de tambores, que estabelecem o ritmo, não parando nunca, mesmo quando têm que descansar por uns minutos: a cada baixa, logo outro toma o lugar deixado vago, entrando no ritmo em questão de segundos. São eles – e o clarão que pode ser visto a alguma distância – que servem de farol aos adeptos atrasados, que não conseguiram chegar a tempo ao local da reunião.

Os espectáculos de fogo inciam-se por volta das nove, quando a escuridão cai sobre a cidade, e terminam antes da meia-noite, na prática, quando o cansaço aperta e o combustível acaba.

Todas as informações prácticas sobre os espectáculos de fogo podem ser encontradas na versão em inglês do site da Tribo Fuego. Agenda completa para a temporada, locais e horas de encontro.

A Remos ou a Pedais no Vltava

O rio Vltava cruza a cidade de Praga, dividindo-a em duas partes de igual importância. Torna-se por isso um local privilegiado para o turista que pretende abarcar rapidamente um elevado número de pontos de interesse. Existem dezenas de cruzeiros fluviais, para todo o tipo de bolsas e de durações diversas. Mas hoje vamos escrever sobre uma alternativa: e porque não simplesmente alugar um barco a remos ou uma “gaivota” e tornar-se o seu próprio capitão?

Estas pequenas embarcações estão confinadas a um segmento limitado do rio, demarcado por bóias de sinalização que avisam da aproximação da área de perigo relacionada com a existência de dois diques, a norte e a sul. Mas é uma zona de dimensões muito generosas, e que oferece excelentes vistas sobre a ponte Karlovo, sobre a Casa Dançante e sobre o Teatro Nacional, para referir apenas alguns exemplos. O visitante poderá deslocar a embarcação livremente por este troço do rio, passando debaixo de pontes e contornando uma das ilhas do Vltava. Para além das limitações referidas, está estritamente proibida a aproximação da margem fora do ponto de atracagem.

O preço deste agradável serviço tem vindo a agravar-se drasticamente a cada ano que passa. Em 2005 rondava os 3 Eur. Em 2007 já ia nos 7 Eur. Seja como for, é um divertimento diferente que a cidade tem para oferecer, e que recomendamos vivamente. Ideal para um momento de descontração, depois de um dia inteiro a palmilhar as ruas da cidade. Há quem se afaste um pouco com a embarcação, e depois se deixe levar ao sabor da suave corrente, apreciando as vistas sem qualquer esforço.

Existem “gaivotas” para duas, três e quatro pessoas, com os preços naturalmente a acompanharem a capacidade da “máquina”. À chegada será convidado a apresentar um documento de identificação válido (até hoje uma fotocópia do bilhete de identidade português tem servido); depois, ouvirá um breve “briefing” com as condições, que não se afastará muito do que já aqui foi apresentado. Por fim, alguém ajudará os novos “marinheiros” a entrar na embarcação e a aventura terá início.

Infelizmente o negócio encerra pela época baixa. O que significa que apenas poderá usufruir deste entretenimento sensivelmente entre o início de Abril e o final de Outubro. Depois, os barcos são cuidadosamente tratados e recolhidos, para

passarem o Inverno em segurança, algures longe do olhar dos viandantes. Geralmente é possível alugar as embarcações até ao pôr-do-sol.

Como encontrar? Simples. Tendo como referência a ponte Karlovo – ou seja, a famosa ponte mais antiga da cidade – deverá caminhar um pouco para Sul, até encontrar o majestoso edifício do Teatro Nacional do seu lado esquerdo. Logo ali em frente há uma ilha com um evidente acesso. Entre na ilha e vire à direita, seguindo até ao seu final. Ali encontrará os barcos para alugar. Já agora, antes ou depois do passeio recomendamos a barcaça-bar que se encontra mesmo ali ao lado. Mesmo que acabe por não escolher esta entrega dos barcos, vale sempre a pena parar um pouco por ali para tomar uma bebida, literalmente metido no Vltava, usufruindo da agradável esplanada a preços muito razoáveis.

Parque Stromovka

O parque de Stromovka foi um dos meus primeiros amores nesta cidade. Encontrado quase por acaso, revelou-se uma surpresa agradável, a coroar uma grandiosa tarde de Outono, solarenga e tranquila. Estende-se actualmente por 95 hectares, com diversos acessos a partir de pontos distintos da cidade, de entre os quais se destacam as entradas de Holesovice, Bubenec e Vystevyste.

As primeiras referências ao parque remontam a meados do século XIII, quando o rei Premysl Otakar II criou aqui uma área real de caça, incluindo um pavilhão de caça, instalado num dos pontos mais elevados da zona. Já no século XVI o parque foi renovado, tendo aparecido pela primeira vez o grande lago central que ainda hoje encanta os visitantes. Mas a época áurea de Stromovka chegou com Rudolfo II, que alargou o parque, criou um sistema de irrigação de água e um novo lago e mandou vir animais e plantas exóticas para alegrar as zonas nobres daquele espaço.

Arrasado pelos conflictos armados que grassaram no reinado de Maria Teresa, o parque foi renovado, abrindo ao público pela primeira vez em 1804. Já em 2002, as cheias que danificaram a cidade não pouparam Stromovka, destruindo cerca de seiscentas árvores. Foi só no ano seguinte que o parque abriu de novo, depois de mais uma renovação.

A melhor altura para visitar será o Outono, quando toda a área se aperalta, vestindo as suas melhores cores, os tons quentes, entre o castanho e os avermelhados. Aos fins-de-semana é um mimo, ver as pessoas a usufruir dos espaços “verdes” da cidade, sozinhas ou em família; local muito procurado para o exercício físico, para namorar ou para estar com os mais pequenos.

Talvez o acesso mais recomendável seja o de Vystevyste, podendo o visitante aproveitar para deitar uma vista de olhos aos edifícios que se constituíram como o centro da Grande Exposição Universal de 1891, antes de se internar no parque. Ainda com o bulício da cidade por perto, encontra-se o velho Planetário, mas dali para a frente será a vida natural que dominará.

Se vier na altura certa do ano, ficará surpreendido com a quantidade de esquilos que por ali andam, com o seu característico movimento, como se estivessem constantemente a fazer traquinices. Os apreciadores de aves não se sentirão

defraudados. Inúmeras espécies habitam Stromovka, ou utilizam as suas enormes árvores como base de passagem para outras paragens.

Os lagos, que no Inverno podem gelar por completo, fazem as delícias das famílias de patos que ali residem. É um gosto para a vista vê-los voar para logo depois aterrarem com estardalhaço nas verdes águas paradas.

Stromovka é uma excelente porta de entrada para o universo de Troja, onde se localiza o palácio com o mesmo nome, o jardim zoológico e o jardim botânico. É certo que existem transportes públicos que servem aquela área, mas se o visitante não se sente confortável com as viagens de eléctrico e de autocarro em Praga, poderá chegar até lá atravessando Stromovka, passando por baixo da linha férrea através de um pequeno túnel, e, por fim, cruzando as águas do rio Vltava usando uma ponte pedonal que ali existe para o efeito.

Casa Dançante

A Casa Dançante (*Tančící dům* em checo) encontra-se no local que anteriormente era ocupado por um edifício Neo-Renascentista, destruído por um bombardeamento em 1945 (uma das raras vítimas arquitectónicas de Praga durante a II Guerra Mundial). Foi preciso esperar até 1960 para que os escombros do anterior prédio fossem removidas, e mais 34 anos até que a construção da actual estrutura se iniciasse.

O edifício vizinho, com um pequeno globo no topo, pertenceu a Vaclav Havel, a figura central do processo de reconstrução da democracia após quatro décadas de ditadura comunista. Ali nasceu Havel e ali viveu quase toda a sua vida. Não admira portanto que o então Presidente da República se envolvesse no processo que culminou na construção da Casa Dançante.

Em meados dos anos 80 ele teve algumas conversas com o seu vizinho Vlado Milunic sobre a recuperação daquele espaço. Quando assumiu as funções presidenciais, no início dos anos 90, encomendou um estudo arquitectónico preliminar a Milunic. Pouco depois, o banco holandês ING concordou em patrocinar a construção de um edifício revolucionário naquela localização, e Milunic ficou encarregue de seleccionar e convidar um arquitecto de renome internacional. A sua primeira escolha, Jean Nouvel, declinou a oferta devido à pequena área onde o imóvel seria construído (491 m). De seguida, foi contactado o norte-americano Frank Gehry (responsável, entre outros trabalhos, pelo Museu Guggenheim de Bilbao), que aceitou a proposta.

O edifício reflecte um conceito de arquitectura desconstrucionista, que, claro, levantou enorme polémica em meados dos anos 90. Hoje, faz já parte da paisagem urbana de Praga e a população aprendeu a aceitar a presença da insólita Ginger & Fred (nome inicial do projecto, alusivo ao par de dançarinos Fred Astaire e Ginger Rogers). A construção foi feita em 99 painéis de concreto de forma irregular, todos eles diferentes entre si, exigindo uma cofragem individual. O edifício não foi pintado: os arquitectos envolvidos optaram por manter o aspecto inicial dos materiais de construção.

Apesar do visitante não poder explorar livremente o interior do prédio, ocupado por escritórios, poderá subir até ao último andar e tomar uma refeição no restaurante de influência francesa, Celeste.

Muralha da Fome

Onde quer que o visitante se encontre na zona central de Praga, dificilmente deixará de ter sob a sua vista a colina de Petrin, um espaço arborizado e arejado localizado na margem oeste do rio Vltava. O que poucos sabem é que sensivelmente a meio dessa colina se encontra uma muralha, que separa os jardins de Kinski do restante espaço. Apesar de pouco subsistir do muro original, uma bizarra história envolve a estrutura. A muralha original foi construída entre 1360 e 1362, a mando do rei Carlos IV, com pedra retirada da própria colina de Petrin, para fortalecer a linha de defesa do castelo e de Mala Strana contra ataques provenientes de sul e de oeste. Esta obra inicial teria uma altura de cerca de quatro metros e uma largura de dois metros, sendo reforçada com oito bastiões. Em 1624 a muralha foi submetida a trabalhos de reparação e reforçada no século XVIII. Posteriormente foi reparada, nomeadamente em 1923 e em 1975. Actualmente existem cerca de 1.200 metros de muralha, elevando-se em média a seis metros de altura.

Segundo a lenda, a muralha foi construída com uma finalidade social: 1361 foi um ano de más colheitas, que conduziram a uma grande fome junto da população de Praga. Foi então que o rei se lembrou de ordenar a construção da muralha, na qual as pessoas participariam a troco de alimentos. Foi assim que a construção ganhou o nome de Muralha da Fome, em checo Hladová zed'. Como curiosidade, a expressão checa passou a denominar na generalidade as obras públicas que o povo considera inúteis.

Outro mito relacionado com a estrutura, referenciado nas crónicas de Václav Hájek z Libočan e de Bohuslav Balbín, afirma que o próprio rei passou algum tempo a trabalhar com as suas próprias mãos na construção do muro, de forma a estar em contacto com o seu bem amado povo.

Dobeska

Gostei deste miradouro desde o primeiro momento. Porquê? Talvez porque o encontrei quando comecei a afastar-me das zonas centrais, no processo de enamoramento com Praga. Ali senti que estava a penetrar na alma da cidade, a pisar solos onde os estrangeiros não vão, a começar a conhecer estes pequenos cantos onde as pessoas “normais” levam as suas vidas quotidianas, afastadas da Praga das histórias de encantar, mantida para usufruto da multidão de turistas que mantém o seu coração a pulsar.

Chegar a Dobeska é mais simples do que pode parecer. É uma questão de apanhar o eléctrico 17, que corre paralelo ao rio, em toda a extensão do centro da cidade, do lado Este. Depois é sair em , atravessar a avenida e encontrar umas escadinhas que sobem a partir do pequeno jardim que vai encontrar ali.

Uma vez no topo, usufruirá de uma nova perspectiva de Praga. O miradouro encontra-se enquadrado por um pequeno jardim, e a vista é explicada por um painel informativo, infelizmente apenas em Checo. Castelo, a ponte Karlovo, a praça antiga e a praça Venceslau... todas essas referências dos guias turísticos não fazem parte desta outra Praga, genuína, verdadeira. A Praga dos Praguenses, e não a que há muito foi tomada de assalto pelas hostes de japoneses, italianos, alemães. Em baixo, corre o Vltava, e na outra margem observa-se um outro morro, que, por falar nisso, é outra excelente opção para o visitante que quer conhecer mais. Ao lado de Dobeska, para Sul, existe um parque que poderá explorar, se tiver tempo e vontade. É um exemplo dos muitos espaços verdes que existem na cidade. Não com a organização e a manipulação de um parque urbano; é mais um pequeno bosque, deixado quase em estado selvagem, apenas com alguns trilhos a revelarem a presença urbana.

Baba

O bairro de Baba ergue-se, sobranceiro, no topo de uma falésia que desce a pique sobre o rio, deixando apenas, cá em baixo, o espaço para uma via rodoviária e para a linha de comboio que deixa Praga em direcção a norte.

O coração do bairro é constituído por um grupo de trinta e três vivendas de modelo funcionalista, desenhadas e construídas de forma independente, mas sob a coordenação do arquitecto Pavel Janák, outrora um Cubista convicto, mas mais tarde um adepto da corrente funcionalista.

A iniciativa, que aglomerou um grupo de arquitectos filiados na Aliança de Trabalhadores Checos, inspirou-se numa ideia desenvolvida em Estugarda. O projecto inicial previa a atribuição das casas a famílias, que beneficiariam de um espaço de habitação quase luxuoso, não pela utilização de materiais de construção dispendiosos, mas pela gestão cuidadosa do espaço, que deveria ser mantido em planos abertos.

Apesar do ideal que inspirou a construção do núcleo central de Baba, as casas acabaram por ser adquiridas por elementos da comunidade artística e intelectual de Praga. Hoje em dia, apesar da passagem do tempo, estas habitações encontram-se em perfeitas condições, resistindo melhor ao teste da vida real do que a generalidade dos projectos arquitectónicos regidos por princípios utópicos.

Infelizmente todas elas se mantêm no domínio privado, e o visitante terá que se contentar com a observação a partir do exterior. Para tal, deverá circular pelas ruas Na Ostrohu, Na Babě, Nad Patankou, e Průlehdová.

Mas os atractivos de Baba não se esgotam nos aspectos arquitectónicos. A posição elevada do bairro oferece uma excelente perspectiva do sector noroeste de Praga, especialmente sobre a ilha Cisarsky e os terrenos de Troja, onde se podem ver o Zoo e o Jardim Botânico. O melhor local para disfrutar desta vista será talvez junto da peculiar ruína que se ergue no extremo norte de Baba. Curiosamente não existe um consenso quanto à história deste edifício. A corrente dominante diz que se trata de uma construção, construída em 1622, onde funcionaria uma prensa vinícola. Há quem diga que se trata de uma vivenda comum construída no início do século XIX, ou ainda uma antiga capela.

Lennon Wall

Até 1980, a pacata praça Velkoprevorske era conhecida apenas por oferecer guarida à embaixada francesa. Este local, perdido no bonito bairro de Mala Strana (“bairro pequeno”), não tinha absolutamente nada de diferente. Mas a 8 de Dezembro desse ano, quando John Lennon sucumbiu, abatido pelas balas assassinas disparadas pelo tresloucado Mark David Chapman, um grupo de jovens checoslovacos decidiu espontaneamente homenagear o ex-Beatle. Por essa altura a música ocidental encontrava-se banida da Checoslováquia, e este tipo de acções era punível com prisão, sob a acusação de actividades subversivas contra o Estado.

Isso não impediu os admiradores de Lennon de construir um túmulo simbólico, pintando graffiti e escrevinhando poemas do músico numa parede que delimitava o terreno de uma velha igreja do século XIX – propriedade da Ordem de Malta, que até hoje mantém a autorização para a permanência das pinturas – e apesar dos esforços das autoridades, o muro nunca mais voltou ao seu branco original.

Foi sucessivamente pintado, e câmaras de vigilância foram instaladas. A presença policial foi intensificada, com a colocação de um agente em permanência junto ao controverso muro. Mas nenhuma destas medidas conseguiu manter os estudantes afastados, e as palavras de ordem e os poemas regressaram sempre.

Todos os anos, no dia de aniversário da morte de Lennon, foram realizadas marchas, por vezes promovidas por movimentos dissidentes e com relativa conotação com o Dia Internacional dos Direitos Humanos, que se celebra a 10 de Dezembro. Os confrontos com a polícia de choque eram inevitáveis e sucederam-se até à queda do regime comunista em 1989. Até então, os jovens haviam sido classificados pelo governo de Gustav Husak de sociopatas, alcóolicos e agentes do imperialismo ocidental, num discurso em conformidade com os padrões da época.

Provavelmente nunca serão determinadas as razões que levaram os pioneiros do movimento a escolher esta parede para prestar a sua homenagem a John Lennon. É possível que o nome inicial da Ordem dos Cavaleiros de Malta – Ordem dos Cavaleiros de São João de Jerusalém, possa ter sido a inspiração que conduziu os ousados jovens até ali; ou a existência de uma estátua de São João Baptista mesmo ao virar da esquina. Mas o testemunho de um jornalista ocidental que residia na cidade desde os anos 70 indica que já desde então havia adolescentes a escrever inscrições naquela parede, embora sem conotações políticas – poemas sobre amigos falecidos em acidentes de carro ou de overdose, para referir apenas um par de exemplos.

Em 1998 a Ordem dos Cavaleiros de Malta e o John Lennon Peace Club levaram a cabo uma polémica obra, que retirou o acesso à reentrância que em 1980 foi escolhida para construir o túmulo simbólico de Lennon, e a parede, que entretanto se encontrava degradada pela retirada permanente de pedaços, levados a título de recordação por turistas pouco conscienciosos, foi renovada. Os escritos da década de 80 e a inscrição feita pessoalmente por Yoko Ono, que de qualquer modo já se encontravam submersos por camadas incontáveis de participações, desapareceram para sempre.

Actualmente o muro encontra-se coberto com graffiti, mas do movimento inicial apenas resta o espírito. As pinturas que podem ser vistas no local são controladas pela Ordem de Malta – que tem eliminado os trabalhos de maiores dimensões e as inscrições que não merecem a aprovação da Ordem - e as mensagens perderam a profundidade dos escritos originais.

Lidice

No dia 10 de Junho de 1942 a pacata aldeia de Lidice, localizada a cerca de 10 km a noroeste do centro de Praga, foi cercada pela polícia militar alemã. Pelas sete da manhã, os homens de Lidice começaram a ser executados. Primeiro, em grupos de cinco; depois, para acelerar o processo, aos dez. As crianças da comunidade foram examinadas: as que apresentavam traços “arianos” foram enviadas para a Alemanha para adopção por famílias germânicas. As outras, assim como as mulheres, foram enviadas para o campo de concentração de Chelmno, onde foram executadas através de gás letal nos meses que se seguiram.

Esvaziada a aldeia, os militares alemães incendiaram as casas, utilizando em seguida explosivos plásticos para as arrasarem. Quando acabaram, Lidice e os seus habitantes tinham simplesmente sido riscados da superfície da Terra.

Toda esta violência foi desencadeada pelo assassinato do governador alemão da Checoslováquia, Reinhard Heydrich, por dois comandos de origem checoslovaca, treinados na Grã-Bretanha. Os homens haviam sido lançados de pára-quedas em Dezembro, e durante os seis meses anteriores tinham observado cuidadosamente os passos de Heydrich, planeando a conclusão da sua missão. No dia 27 de Maio de 1942 emboscaram o carro que conduzia o governador para o escritório,, desde a sua casa nos arredores de Praga. Gabčík tentou abater Heydrich com uma arma automática Sten, mas esta encravou, deixando o checo à mercê do oficial alemão, que cometeu então um erro que lhe seria fatal: em vez de ordenar ao condutor que acelerasse para retirar do local o mais rápido possível, levantou-se, tirou a sua pistola do coldre e mandou o carro parar. Neste momento o segundo atacante lançou uma granada que explodiu junto á viatura. Heydrich não parecia especialmente maltratado, e ainda tentou encetar uma perseguição; incapaz de o fazer, ordenou ao seu motorista que fosse no encalço dos dois atacantes, que acabaram por escapar.

Existem suspeitas de que em última instância a verdadeira missão de Kubiš e Gabčík fosse, de forma indirecta, a chacina da população de Lidice e de todos os outros inocentes torturados e executados pelas autoridades alemãs na sequência do assassinato. A forma como o governo Checo no exílio determinou esta missão, com um objectivo perfeitamente desnecessário e certamente merecedor de sangrentas retaliações, levam a pensar que as autoridades inglesas e o futuro presidente Benes procuraram fomentar o espírito anti-alemão no país,

preocupados que indiscutivelmente estavam com um certo apaziguamento dos Checos perante a ocupação germânica. A ausência de resposta por parte do governo Checo em Londres às mensagens angustiadas que os resistentes no terreno lhe enviaram, suplicando o cancelamento da missão, parece dar força a esta tese. Curiosamente, do lado alemão pairam também algumas suspeitas: há quem defenda que Heydrich foi na realidade vítima do méfido de Himmler, enviado para ajudar na assistência ao ferido. É que Heydrich era mencionado como um potencial candidato à sucessão de Hitler, e um dos homens na teia política do III Reich que Himmler realmente temia.

A aldeia de Lidice foi selecionada devido à antipatia da comunidade local perante os ocupantes alemães e por existirem rumores de que os habitantes da aldeia tinha já auxiliado resistentes armados no passado. Já me disseram, apesar de não o ter conseguido confirmar, que em Lidice vivia uma família com o mesmo sobrenome de um dos atacantes, mas na realidade sem qualquer relação.

Actualmente existe uma nova Lidice, reconstruída logo em 1947, para albergar as mulheres e crianças da comunidade original que conseguiram regressar. Situa-se a poucas centenas de metros da área onde antes de 1942 se estendia a original Lidice. Nesses terrenos é possível visitar vários pontos de interesse, incluindo um memorial em bronze representando as 81 crianças de Lidice que foram executadas, um museu e alguns discretos vestígios da antiga aldeia. O recinto pode ser visitado livremente, mas a entrada no museu e na galeria exigem a compra de um bilhete (80 Czk em Agosto de 2009).

Monumento às Vítimas do Comunismo

No dia 22 de Maio de 2002 era inaugurada esta polémica escultura de homenagem às vítimas do regime comunista que controlou o país entre 1948 e 1989. O trabalho, da autoria do escultor Olbram Zoubek e dos arquitectos Jan Kerel e Zdenek Hoelzel, era inicialmente constituído por um grupo de sete estátuas – uma delas foi destruída por um ataque à bomba em 2003 – representando a degeneração que um regime daquele tipo provoca no ente humano.

O monumento, designado em checo de *Pomník obětem komunismu*, encontra-se disposto numa plataforma em escada, onde se pode ler uma placa explicativa: 205,486 prisões, 170,938 exilados, 4,500 mortos nas prisões, 327 abatidos enquanto tentavam fugir, 248 executados. Para além dos números, consta a frase: “Este memorial é dedicado a todas as vítimas: não apenas aos que foram empriionados e perderam a vida, mas também aos que viram a sua existência arruinada pelo despotismo totalitarista”.

A inauguração foi marcada por alguma controvérsia. Alguns notaram a inexistência de figuras femininas entre as esculturas. E a Confederação dos Prisoneiros Políticos, que basicamente coordenou todo o processo, realçou a inexistência de apoios por parte do Governo Central: a disponibilização do local e a maioria dos fundos necessários provieram daquilo a que podemos chamar de Junta de Freguesia de Praga 1, na altura controlada pelo Partido Democrata Cívico, liderado então pelo actual Presidente, Vaclav Klaus, que contudo decidiu não estar presente na cerimónia de inauguração.

O conjunto de estátuas de bronze representa de forma bastante gráfica a decomposição humana. Da primeira para a última o avanço da malevolência é notada pela queda de “bocados”. A primeira figura, apesar da expressão de sofrimento facial e da postura corporal, mostra um corpo completo, enquanto a segunda mostra aparentemente a mesma pessoa, parcialmente amputada... e a degeneração prossegue, mal se reconhecendo a morfologia humana da última escultura.

O monumento é interessante durante o dia, porque os pormenores podem ser observados nas melhores condições, mas é à noite, em virtude de um dramático sistema de iluminação, que o impacto é maior. Se a zona estiver coberta de neve, o efeito é ainda mais intenso.

Batalha de Bila Hora

Estou ciente que esta sugestão é apenas para alguns que, como eu, apreciam visitar locais onde um dia algo de decisivo sucedeu, mesmo que hoje nada mais que um simples marco o indique. Para disfrutar deste local é preciso ter a capacidade de fechar os olhos e viajar no tempo, sentindo o cheiro nauseabundo de um exército em posição de batalha, de ouvir o relinchar nervoso dos cavalos que sentem a aproximação do perigo, de sentir a tensão no ar, o medo que paira sobre os campos... foi aqui que...

A 8 de Novembro de 1620 deu-se uma das primeiras grandes batalhas da Guerra dos Trinta Anos. O conflito envolvia interesses mais vastos, mas para os checos o momento era de extrema gravidade. Estava em jogo a possível autonomia da Boémia, há tanto tempo perdida. A insurreição tinha rebentado há um ano atrás. Das janelas do Castelo de Praga tinham sido atirados dois conselheiros fieis ao imperador, naquilo que ficou conhecido como a “primeira defenestração de Praga”. Perdidos na complexa teia política da Europa Central, os boémios acreditaram que havia esperança, sobretudo depois do impasse alcançado nas primeiras confrontações militares. Mas quando por fim as forças do império Habsburgo decidiram movimentar-se em direcção a Praga, a derrota veio ensombrar o sonho boémio e enterrou por mais trezentos anos as legítimas aspirações deste povo. E foi neste preciso local que tudo aconteceu: Bila Hora, ou, tradução feita, Montanha Branca.

O comandante do exército Boémio, Cristiano de Anhalt, colocou as suas forças na encosta desta colina. Eram cerca de 15 mil homens, na sua maioria mercenários, não só boémios mas também alemães, húngaros, austríacos. A artilharia foi posicionada, logo à frente dos cinco mil cavaleiros ao dispôr de Anhalt. Era uma posição bem escolhida, com os flancos protegidos: do lado direito, um pequeno castelo, do lado esquerdo um pequeno curso de água. E ali bloqueava o acesso a Praga ao exército que se aproximava.

Do outro lado, Johann Tserclaes, conde de Tilly, observou cuidadosamente a disposição de tropas do seu oponente. Atrás de si alinhavam-se 27 mil homens, incluindo soldados espanhóis e holandeses. Decidiu tomar a ponte que cruzava o pequeno rio, e os seus bem treinados combatentes executaram com destreza a tarefa. Para surpresa geral, os experientes mercenários de Jindrich Matyas Thurn começaram a debandar, causando uma reacção de pânico em cadeia. Uma carga de cavalaria liderada pelo próprio Cristiano de Anhalt conseguiu por breves instantes

re-equilibrar a situação, mas sem apoio, o contra-ataque perdeu o fulgor e os cavaleiros sofreram pesadas baixas. Depois de apenas duas horas de intenso combate, o destino da batalha ficou decidido. Os boémios deixaram caídos no campo de batalha cinco mil homens, enquanto o exército invasor sofreu “apenas” duas mil baixas mortais.

As consequências da batalha de Bila Hora ficaram duramente marcadas na memória colectiva checa até aos dias de hoje. A historiografia checa refere-se ao período que se seguiu como “doba temna” – a época das trevas. No ano seguinte, os vinte e sete cabecilhas da revolta foram executados. As condições de vida do homem comum tornaram-se extremamente penosas, devido às terríveis represálias sofridas.

Explicada que está a importância do evento, resta agora fornecer algumas indicações sobre o que encontrará actualmente no local onde tudo sucedeu e qual a melhor forma de chegar até lá. Deverá apanhar o eléctrico 22, o mais tutístico de todos, que vem da outra extremidade da cidade, passa ao centro, e depois junto ao Castelo de Praga. As boas notícias é que Bila Hora é a última paragem, não tem possibilidade de se enganar. Ao sair do eléctrico, ande umas poucas dezenas de metro, aprecie o mosteiro que se lhe apresenta do seu lado direito e continue a andar. Após 100 metros, vire na Répska. Se não vir indicação do nome da rua, não há problema: é a primeira à direita depois do mosteiro. E pronto. A partir daí é só caminhar 130 m até ao fim dessa rua, e estará na orla do espaço da batalha. Actualmente é um descampado, relativamente vasto, com um memorial no centro. Tudo isto ladeado de um pequeno bairro de modestas vivendas. Se é do género explorador, pode atravessar o campo de batalha e encontrar passagem entre as casas, até ao bosque transformado em parque que se encontra a nordeste. A floresta é lindíssima e lá encontrará o pequeno castelo mencionado no texto, que protegeu o flanco do exército boémio, chamado Letohrad Hvezda.

Guia Alternativo de Praga

Zoo de Praga

É compreensível que o viajante comum não considere a visita a um Zoo como uma prioridade no seu planeamento. Uns, nem acharão piada a este tipo de espaços, outros considerarão que tendo em conta o pouco tempo disponível, haverá sempre coisas mais importantes para ver. Mas não consigo resistir a incluir o Zoo de Praga neste guia. A sua qualidade assim o dita.

Durante décadas o Zoo de Praga foi um local desinteressante, mal cuidado, com “habitats” obsoletos e infraestruturas desadequadas. Mas... começemos pelo início. As origens do Zoo remontam ao ano de 1881. Por ocasião do casamento do príncipe herdeiro do Império Austro-Húngaro, que então dominava as terras da Chéchia, com a princesa Stéphanie da Bélgica, o conde Sweerts-Spork apelou à construção de um parque zoológico em Praga. O próximo passo fez-se num novo mundo: com o final da I Guerra Mundial e a fundação da República da Checoslováquia, um dos primeiros passos do novo Governo foi estabelecer uma comissão para preparar a formação de um Zoo. Corria o ano de 1919. Doze anos depois, em 1931, era inaugurado o Zoo de Praga.

Em 1997 Petr Fejk assumiu a direcção da instituição. O seu trabalho é considerado um exemplo de gestão e profissionalismo, e quando o seu abandono foi anunciado, em 2009, a consternação tomou conta de funcionários e amigos do Zoo. Mas a consagração do trabalho desenvolvido tinha já chegado, quando em 2008 a prestigiada revista Forbes cotou o Zoo de Praga como o sétimo melhor do mundo.

Uns anos antes, em 2002, a catástrofe abateu-se sobre o Zoo de Praga. Quando umas das piores cheias do rio Vltava submergiu as áreas ribeirinhas da cidade, o Zoo foi terrivelmente atingido. Estimativas erradas sobre o nível da subida das águas induziram os técnicos do Zoo em erro. Os animais foram movidos para uma área que acabou por ser submersa pelas águas em fúria. A bicharada entrou em pânico, sentido no ar o cheiro da ameaça e do nervosismo dos seus tratadores. Foram horas de grande drama, e, quando tudo acabou, dezenas de animais tinham morrido e as instalações mais preciosas estavam destruídas.

Mas voltemos à actualidade. O Zoo de Praga é hoje um moderno parque, em constante processo de aperfeiçoamento. Os habitats são adequados, e alguns permitem mesmo uma certa interacção entre visitantes e animais. É o caso dos lémures, que podem vistos de muito perto. A natureza pacífica e social destes animais permitiu a abertura do seu espaço às pessoas, oferecendo uma experiência diferente a todos aqueles que visitam o Zoo.

Os meus animais / habitats favoritos:

Tigres de Bengala; separados dos visitantes por um painel de plástico translúcido que coloca animais e humanos, num face a face de uns meros 20 centímetros. Se o tigre estiver disposto a aproximar-se, o que pode suceder mas não é garantido;

Chitas; ocupando uma vasta parcela de terreno, surgem no seu topo como se estivessem em liberdade; são uma visão impressionante, mesmo a partir do exterior do Zoo;

Lémures; para além de serem uns animais sempre engraçados, a possibilidade de entrar no seu habitat é algo novo, uma sensação a experimentar;

Lontras; se visitar à hora da refeição (à entrada existe um painel com todas as horas de alimentação dos animais) são um espectáculo imperdível!

Girafas; são muitas, de todos os tamanhos, e partilham o seu habitat com mais animais da savana africana, que, de resto, é reproduzida à letra, numa área quase tão extensa como a que os animais encontrariam em liberdade;

Suricatas; adoro estes pequenos animais gregários, a sua energia e o seu organizado sistema de vigilância;

Abutres; apenas se conseguir observá-los após ter sido servida a refeição. Os rituais de competição pelos melhores pedaços são dignos de observação;

Crocodilos Piscivoros; pela perspectiva que o habitat oferece, pelo toque de diferença em relação aos crocodilos que estamos habituados a ver, pela espectacularidade do seu “bico” adequado para a apanha do peixe.

As infraestruturas são adequadas, com diversos pontos de comes e bebes (apesar da variedade ser escassa, muito centrada na venda de salsichas, uma incontornável tradição checa); não falta o habitual teleférico, as lojas de venda de lembranças, as máquinas automáticas de bebidas. Pode-se até usar de forma gratuita uns postos espalhados pelo Zoo que permitem a recolha de uma imagem e imediato envio por

eMail. A sinalização é abundante mas por vezes confusa. Aconselha-se insistentemente a compra de um mapa do Zoo na bilheteira, por umas poucas Coroas adicionais. De resto, as entradas neste Zoo são notoriamente económicas. Apenas com uma pontinha de exagero, pode-se dizer que um livre trânsito anual custa o mesmo que um bilhete regular para o Zoo de Lisboa. O ingresso diário vale aqui cerca de 5 Euros (Abril a Setembro) ou 2,50 Eur (Outubro a Março). Mas visitar nos meses de frio é uma experiência desoladora, que não aconselho. A maioria dos animais estará recolhida e o espaço é deixado a um abandono controlado.

Se planeia dar uma vista de olhos pelo Zoo, tente não ir ao fim-de-semana. Este é um dos locais favoritos das famílias de checos, que de resto adoram jardins zoológicos: em 2007, da lista de locais mais visitados na República Checa, constam três zoos. O de Praga surge em segundo lugar, com 1,27 milhões de visitas, apenas batido pelo Castelo de Praga e os seus 1,42 milhões de visitas.

Para mais informações aconselho a visita ao website do Zoo, que apesar de estar ridiculamente desactualizado no que toca a notícias, tem mesmo assim muita informação preciosa no seu interior.

Guia Alternativo de Praga

Mercado de Havelka

Existem poucas coisas mais interessantes para um viajante do que um bom mercado de rua, esse imaculado espelho de uma realidade local, onde estratos sociais se misturam, onde hábitos alimentares e de consumo ficam a nú, onde tradições artesanais são expostas. Tudo isto numa imensa paleta de cores de grande intensidade humana, que proporciona um pictoresco cenário ao visitante.

Praga não é contudo uma cidade de mercados. Existem uns quantos locais com sabor a “feira da ladra”, há a enorme praça Pražská Tržnice em Holesovice e o mundo vietnamita de Sapa, a que os checos chamam de “Pequena Hanoi”. Mas todos esses encontram-se em locais bem afastados do centro, e os turistas terão dificuldade em se aventurar tão longe da sua “área de conforto”. Assim, apresento-vos hoje o mercado de rua de Hávelska, bem no coração da cidade, situado entre a praça antiga e a praça Venceslau.

Dada a sua localização seria de esperar um público quase exclusivamente constituído por turistas, mas espantosamente as pessoas que se movimentam por entre as barraquinhas deste mercado são uma curiosa miscelânea: para além dos incontornáveis visitantes estrangeiros, vêem-se simpáticas velhinhas, donas de casa do antigamente, cujas famílias habitaram a zona central de Praga desde sempre. E uma nova geração de Checos, que nasceram depois da queda do Comunismo, modernos, revolucionários, que trabalham algures na baixa e por aqui passam em busca daquele pequeno nada que precisam.

O comércio aqui assenta em bens alimentares, especialmente fruta e legumes, assim como em flores, artesanato de madeira e brinquedos, peças de arte, cerâmicas e, claro, artigos turísticos.

Uma visita a este local recomenda-se, considerando que a centralidade há-de o conduzir até às suas imediações, e que sendo pequeno, se vê num instante, não lhe consumindo tempo em demasia.

O mercado de Havélska abre ao longo de todo o ano, entre as seis da manhã e as seis da tarde. E imagine-se a coragem destes comerciantes ao abrirem a sua barraquinha na noite invernosa de Janeiro, com temperaturas a rondar os 20 graus negativos....

E como chegar até lá? O melhor será arrancar da praça Venceslau. Com o Museu bem lá no alto, pelas suas costas, abandone a praça, cruzando sucessivamente a Na Příkopě e a Rytířská, deixando para trás no seu lado esquerdo a V Kotčíh... e chegando à Havélska, que se inicia também do seu lado esquerdo.

Jardim Botânico Universitário

O Jardim Botânico da Faculdade de Ciências da Universidade Karlovo não deverá ser confundido com o enorme Jardim Botânico que se localiza no extremo norte da cidade, paredes meias com o Zoo de Praga. Este, encontra-se numa área bem mais central, e é o jardim botânico mais antigo do país, tendo sido fundado em 1775, numa outra localização (Smichov) e transferido para o terreno que agora ocupa em 1898. Em 1998 foi requalificado.

É um jardim mais intimista, muito procurado por jovens namorados e pessoas em busca de um local relaxante no centro. A entrada é livre, mas se quiser visitar as estufas há lugar ao pagamento de uma taxa quase simbólica (0,50 Eur, da última vez que vi o preço). A grande atracção nas estufas é o nenúfar gigante (*Victoria cruziana*), que, diz-se, consegue suportar o peso de uma criança. Na sala dos cactos, vive uma “árvore” Methuselah, o mais antigo organismo vivo conhecido, com cerca de 4.800 anos. Desde 1938 as estufas albergam uma colecção de plantas tropicais. Contudo, deverá ter em conta que o regime de abertura ao público das áreas cobertas é algo aleatório.

As áreas exteriores têm um certo encanto decadente, com recantos deliciosos, mas necessitando de uma atenção que claramente não têm. É uma visita que se faz em meia-hora, se o visitante não desejar sentar-se um pouco enquanto usufrui da calma envolvente. Ao ar livre a colecção botânica é dedicada à Europa Central, com pequenos cursos de água que conferem uma frescura adicional ao espaço.

Para aqui chegar poderá vir a pé, planeando o seu percurso num mapa, de forma a chegar à rua Na Slupi. Se vier de eléctrico, fica com a tarefa simplificada: a paragem chama-se significativamente Botanická zahrada, ou seja, Jardim Botânico, e é servida pelas carreiras 18 e 24.

Mosteiro de Strahov

Numa outra cidade, o mosteiro de Strahov seria só por si uma estrela. Mas localizado em Praga, perde-se entre o brilho do Castelo de Praga e a magnífica colina Petrin, rodeado por uma multidão de atracções menores, como o Loreto. Mas este velho senhor trás atrás de si uma longa história, que faz dele um dos edifícios mais antigos da cidade.

Foi construído inicialmente em 1140, erigido pela Ordem dos Premonstratenses. O fogo destruiu-o em 1258, o que permitiu uma reconstrução sob a égide do estilo gótico. A vida do mosteiro decorreu relativamente tranquila durante cerca de 500 anos. Foi pilhado, primeiro pelos Hussitas, depois, durante a Guerra dos 30 Anos, pelo exército sueco. Em 1742, foi bombardeado pelos franceses. Mas a situação mais delicada viveu-se em 1787, quando a dissolução dos mosteiros do Império foi ordenada por José II. Contudo, os monges fintaram a ameaça: declaram Strahov como uma instituição escolástica, e tornaram-se assim um dos poucos mosteiros a escapar à extinção, talvez mercê da admirável biblioteca que já então haviam constituído. Não tiveram igual sorte após a tomada de poder dos comunistas (1948), quando a instituição foi de facto encerrada. Após 1989, com a queda do regime, os monges regressaram, e Strahov, para além da face visível ao visitante, é de facto um mosteiro em actividade.

Hoje em dia o turista pode optar entre uma simples observação exterior dos edifícios ou pagar para aceder aos pontos de interesse que se abrigam no seu interior. Se optar pela primeira hipótese, deverá atentar na figura imponente do mosteiro a partir da colina Petrin, procedendo a uma aproximação gradual até chegar junto ao edifício. Durante uma parte do ano, encontra-se aberto um resurante com esplanada que oferece uma vista sumptuosa sobre uma das áreas mais nobres da cidade. Os preços são algo exagerados, mas recomendo o pequeno sacrifício na bolsa. Apreciar aquela vista prolongadamente enquanto se toma uma refeição ou se saboreia uma simples bebida, vale a pena.

As visitas ao interior estão dependentes da aquisição de mais de um bilhete, consoante as áreas que se desejam visitar. Talvez o melhor seja inquirir no local quais as opções, mas deixo desde já a indicação dos principais chamarizes:

Basília de Nossa Senhora; dedicada a São Norberto, o fundador da Ordem dos Premonstratenses. A decoração interior é da responsabilidade de Neunhertz, que em 1774 pintou os frescos que podem ser ali observados, explorando a temática da Virgem Maria e trechos da vida de São Norberto. Destaque ainda para o altar construído com mármore de Slivenec, para as esculturas de Ignác Platzer (1768) e para o órgão, que Mozar usou para um pequeno recital aquando da sua visita ao Mosteiro, em 1787.

O Salão Teológico; por outras palavras, a biblioteca nobre, que alberga cerca de 18.000 volumes, incluindo o livro mais pequeno do mundo. Esta secção foi terminada em 1679, sob a direcção do abade Jeroným Hirnhaim.

O Salão Filosófico; alberga o grosso da biblioteca de Strahov, com cerca de 42.000 volumes. Construído em 1782, quando Václav Mayer era abade.

A Sala das Curiosidades; alberga uma espécie de museu, cujo espólio foi transferido para Strahov em 1798, proveniente do palácio de Jan Erben. Uma das peças mais curiosas é o conjunto de vestígios de uma ave Dodo, extinta há muito, pelos exploradores europeus. De resto, a colecção é variada, composta por peças tão díspares como insectos dissecados, armas rurais usadas pelos Hussitas, minerais e cerâmicas.

A Galeria; desde sempre o Mosteiro de Strahov desempenhou um importante papel no plano das artes e letras. Não é assim surpreendente que no século XVIII a colecção de arte da instituição fosse já constituída por um espólio interessante. Em 1834 o abade Jeroným J. Zeidler decidiu partilhar com o público cerca de 400 telas, número que foi crescendo com o tempo. Com a dissolução do Mosteiro imposta pelos Comunistas, a colecção dispersou-se. Entre 1992 e 1993 trabalhou-se na recuperação do espólio inicial, e o público pode uma vez mais apreciar a mostra de pintura organizada pelo Mosteiro, abarcando trabalhos realizados entre os séculos XIV e XIX. Para visitar a galeria é necessário adquirir um ingresso específico.

Cemitério de Olsany

Em Praga existem cerca de trinta cemitérios. Todos eles são interessantes, mas o mais majestoso é o de Olsany. Foi fundado em 1680, para acolher as vítimas da praga, que deviam ser enterradas com celeridade. No espaço de algumas semanas, mais de trinta mil corpos foram aqui enterrados, fora do espaço da cidade, que por essa altura se quedava num perímetro reduzido. Em 1787, o imperador José II proibiu o enterro dos corpos no interior da cidade, e o cemitério de Olsany começou a assumir o papel de cemitério central, recebendo mesmo trasladações .

É um espaço imenso, onde mais de um milhão de pessoas encontraram a sua derradeira morada. Com facilidade o visitante se perde no emaranhado de caminhos, repletos de fabulosas campas, de histórias para contar. Os eixos principais assemelham-se a autênticas avenidas, com mais de um quilómetro de comprimento. O cemitério encontra-se dividido em dez partes, numeradas de acordo com a sua antiguidade. Na realidade, o primeiro sector já não existe, e o seu passado é apenas recordado pela capela de São Rochus.

Mesmo assim, algumas áreas do cemitério são autênticos museus, com campas centenárias. As mais antigas têm as suas inscrições ainda em alemão, remontando aos tempos em que os austríacos dominavam ainda as terras checas.

Por todo o espaço se respira um ambiente de extrema tranquilidade. A cada passo existe um novo detalhe para ser observado. A variedade dos conceitos aplicados às campas é de uma riqueza que não pára de deslumbrar por instante. O silêncio rodeia o visitante, apenas entrecortado pelo canto da passarada que por ali anda, e pelo restolhar inesperado provocado por um esquilo que se esgueira. Estes atrevidos roedores estão tão habituados à presença humana que se levar uns pedacinhos de noz ou outros frutos secos, virão recolhê-los à sua mão.

Apesar das figuras mais ilustres da história checa se encontrarem sepultadas no cemitério de Vysehrad, existem mesmo assim campas de destaque em Olsany. Por exemplo, a de Jan Palach, o jovem que se imolou pelo fogo em protesto pela

intervenção soviética de 1968, e cujo corpo foi retirado do cemitério em 1973, para impedir a criação de um culto indesejado pelas autoridades. Apenas em 1990 os seus restos mortais foram devolvidos à paz merecida, que envolve todo o espaço de Olsany. Do outro lado da barricada, por assim dizer, está aqui sepultado Klement Gotwald, um dos mais importantes líderes comunistas do século XX. Franz Kafka encontra-se também sepultado por aqui, numa secção independente, no chamado cemitério judeu (não confundir com o espaço turístico com o mesmo nome, explorado até ao extremo, localizado na zona central da cidade).

A altura mais adequada para visitar os cemitérios de Praga será o Outono, quando as enormes árvores que cobrem estes espaços se despem da sua folhagem, tudo cobrindo com o tapete dourado, característico desta época do ano. Poucos locais mais mágicos existirão em Praga do que o cemitério de Olsany num dia solarengo de Outubro, quando os raios do astro-rei criam as mais incríveis sombras e intensificam os maravilhosos tons das folhas caídas. Uma ou outra pessoa poderá ser encontrada pelos caminhos de Olsany, mas a tranquilidade que ali se respira não admite a existência de muitos humanos nas imediações. Recordo-me que este foi o último local que visitei, aquando da minha primeira viagem a Praga, na véspera da partida. E esse momento perdurará na memória. Depois disso regressei várias vezes. Ou para mostrar a magia do espaço a amigos, ou simplesmente para usufruir da paz e do silêncio que aqui se podem viver, apesar de (ou talvez devido a...) os mortos nos rodearem.

Os amantes da fotografia encontrarão aqui terreno fértil para a sua arte. Em qualquer altura do ano, com o cenário característico de cada Estação, o cemitério de Olsany oferece infinitos motivos pictóricos. É um mundo por descobrir, mais um cantinho encantado desta cidade única.

Para chegar ao cemitério de Olsany deverá apanhar o metro, linha verde, e sair na estação de Zelivského. Ali, virado para os cemitérios, que identificará de imediato, deverá tomar uma opção: o cemitério judeu estará à sua direita, o outro, principal, à sua esquerda. Uma dica: as campas mais antigas, encontram-se no canto oposto do cemitério de Olsany. Deverá percorrê-lo na diagonal, e sair pelo vértice mais distante, encontrando-se então mais próximo do metro de Flora.

O Palácio de Troja

Partindo à descoberta de uma Praga menos conhecida dos turistas, atravessamos o parque de Stromovka, e chegamos a Troja, depois de cruzar o Vltava duas vezes, deixando para trás mais uma das suas muitas ilhas.

Troja é hoje um vasto bairro marcado por blocos de apartamentos sem graça; mas é também onde iremos encontrar o magnífico Zoo e o Jardim Botânico (é daqui que se consegue a melhor perspectiva do palácio).

Mas a origem do nome provêm de um dos elementos mais característicos do Palácio (de Troja): a composição escultórica que ornamenta a escadaria norte, que dá para os amplos jardins, representa a batalha entre os deus do Olimpo e os Titãs, que com o passar dos tempos foi associada à conquista de Troia.

A história do edifício remonta à segunda parte do século XVII. Em 1679 conde Václav Vojtěch de Šternberka, filho de uma das mais antigas famílias nobres da Boémia, entregou ao arquitecto de origem francesa Jean Baptiste Mathey a responsabilidade de construir um palácio digno de alojar o Imperador. Este, que tinha recentemente viajado pela Itália, encontrava-se dominado pela influência romana, e aplicou o estilo das melhores “villas” daquela região ao palácio de Troja: o espaço central, e claramente dominante, do edifício é um espaçoso “hall”, a partir do qual parte um corredor que liga as salas adjacentes em ambas as alas.

O conceito escultórico já referido, sem dúvida uma das imagens “de marca” do palácio de Troja, foi entregue aos irmãos Georg e Paul Hermann, de Deesden. Os interiores foram trabalhados sobretudo pelos pintores Carpofo Tencalla (piso térreo) e Francesco Marchetti e Giovanni Francesco (primeiro andar). Para reforçar o trabalho ornamental do grande “hall”, ilustrado com temáticas celebratórias da glória da casa dos Habsburgos, foram chamados os famosos pintores flamengos Abraham e Isaac Godynov.

Os jardins, em estilo francês, precursores do género na Boémia, eram outrora ornamentados com uma ampla fonte barroca e um lago, ambos destruídos,

provavelmente pelo exército prussiano em 1757. Mas a sua actual configuração mantém-se atractiva e merecedora de uma visita.

Uma impressão forte que o palácio de Troja deixa no visitante prende-se com o excelente estado de conservação e o esmerado trabalho manutenção a que é constantemente sujeito. Dir-se-ia que vivemos nos derradeiros anos do século XVII e que estamos a visitar um edifício acabado de construir.

Para além do valor estético imediato, o palácio alberga exposições de arte que podem ser visitadas, assim como os interiores do edifício, após o pagamento de uma quantia de 120 Czk (cerca de 5 Eur). A visita aos jardins e ao exterior do palácio é gratuita. Para mais informações sobre as exposições, nomeadamente as de carácter temporário, sugerimos uma visita ao website oficial da “City Gallery Prague”, que faz a gestão do espaço.

Pode chegar ao Palácio de Troja depois de um delicioso passeio a pé pelo Parque Stromovka, ou apanhar o eléctrico 17 no centro, junto ao rio, saindo na paragem Trojska, andando uns 100 metros no sentido da marcha do eléctrico, virando à esquerda e apanhando o autocarro 112 directo para o Zoo, mesmo defronte do palácio.

Jardim Botânico de Troja

Praga oferece ao visitante dois jardins botânicos. O primeiro, mais antigo, encontra-se sob a tutela da Universidade Karlova. Depois há o Jardim Botânico de Troja. Localizado na orla da cidade, pode mesmo assim ser alcançado a pé a partir do centro, o que de resto se recomenda, pois constitui-se assim um belo passeio, que inclui o Parque de Exposições de 1891, o parque Stromovka e, para quem desejar, o Zoo.

Trata-se de um espaço mais vasto, com um conceito mais moderno e de todo mais dinâmico. É composto pelo parque principal, que se subdivide em zonas climáticas, e pela chamada Fata Morgana, uma estrutura coberta que recria no seu interior os climas tropicais de diversas partes do Mundo.

Do núcleo central, gostaria de destacar o jardim japonês, muito bonito, bem estruturado, diverso. As cerejeiras em flor oferecem um espectáculo notável nos finais de Março, mas ao longo de todo o ano este cantinho renova os seus encantos... as cores outonais dão lugar ao manto de neve e ao lago congelado, que por sua vez são substituídos pelo desabrochar das flores e pela folhagem abundante que começa a espreitar no início da Primavera e atinge o seu melhor durante o Verão.

As vinhas de Santa Clara, que descer a encosta a partir da pequena capela, muito característica, que se vê desde longe, são outro ponto a não perder. Nos meses quentes é aberta a esplanada onde o visitante se pode deliciar com um copo de vinho produzido no local, enquanto descansa as pernas e se deleita com a magnífica vista que daqui se usufrui. Estas vinhas faziam parte do “chateau” de Troja, que se pode observar um pouco abaixo.

Para além das áreas “convencionais”, existem frequentemente exposições temáticas temporárias, organizadas com rigor e muito bom gosto.

Nos dias de maior movimento, especialmente aos fins-de-semana entre Maio e Outubro, encontra-se aberta uma pequena esplanada no interior dos jardins, onde se pode petiscar qualquer coisa, se a fome apertar.

A Fata Morgana encontra-se separada do espaço ao ar livre. Para lá chegar há que caminhar umas centenas de metros, tendo o cuidado de manter o bilhete (que actualmente custa 90 Czk – c. 3,50 Eur) que servirá para obter acesso ao interior da estufa. A exposição interior encontra-se dividida em quatro secções com graus de humidade e temperaturas diversos. Esta viagem extraordinária pelas selvas de quatro continentes é complementada por um complexo sistema de som que cria uma envolvência auditiva inesquecível.

Pode chegar ao Jardim Botânico depois de um delicioso passeio a pé pelo Parque Stromovka, ou apanhar o eléctrico 17 no centro, junto ao rio, saindo na paragem Trojska, andando uns 100 metros no sentido da marcha do eléctrico, virando à esquerda e apanhando o autocarro 112 directo para o Zoo. A partir daí é uma curta caminhada, em direcção ao topo da colina. De resto, encontra-se bem assinalado.

Guia Alternativo de Praga

A Praça Kinsky e o Tanque Cor-de-Rosa

Hoje em dia a praça Kinsky (ou Kinsých, em checo) não desperta grande interesse no visitante. É certo que se encontra numa área relativamente central da cidade, e que por ela podemos aceder aos interessantes jardins Kinsky. Mas certamente não é o tipo de local que fica na memória de um viajante. Mas aqui se viveu uma história interessante, não há muito tempo, que hoje trago até si.

Na madrugada de 28 de Abril de 1991, uma estranha movimentação podia ser observada pelo noctívago casual que passasse na praça Kinsky. David Cerny, o polémico artista plástico checo, então um jovem de 23 anos, pintava de cor-de-rosa um tanque soviético exposto no local desde 1945, em homenagem à libertação de Praga do jugo alemão.

Três dias após o ataque artístico de Cerny e dos seus amigos, um camião carregado de soldados armados com baldes de tinta verde e pinceis chegou ao local. Passado um par de horas as autoridades haviam devolvido a cor original ao IS-2. Mas a história não se ficou por aqui: um grupo de quinze deputados parlamentares, gozando de imunidade, voltaram ao local e repintaram a pobre máquina de cor-de-rosa, em protesto contra a detenção de David Cerny. Foi o suficiente para que o tanque fosse definitivamente removido. Hoje em dia encontra-se exposto no Museu Militar Técnico de Lesany, e na praça Kinsky foi construída uma fonte (Propadliště času) no local onde antes se encontrava o monumento.

Apesar da natural reacção dos simpatizantes comunistas, que até aos dias de hoje procuram trazer o tanque de volta ao seu pedestal, a generalidade da população

não via com bons olhos o monumento. Na realidade, depois da intervenção soviética de 1968, os checos nunca mais viram os seus “libertadores” com bons olhos, e o tanque-monumento era geralmente associado a uma força de ocupação e não a um exército de libertação. Muitos viam um simbolismo escondido no número da torre, o 23: $1945 + 23 = 1968$.

Na realidade, a homenagem estava envolta em falsidade desde o início. Apesar do tanque exposto ser alegadamente o veículo que teria entrado em primeiro lugar em Praga, naquele mês de Maio de 1945, a verdade é que se tratava desde logo do modelo errado: o exército soviético entrou na cidade com uma unidade equipada com carros de combate T-34 (a 63ª Brigada de Tanques da Guarda, pertencente ao 10º Corpo de Tanques da Guarda), e o tanque “cor-de-rosa” é um IS-2. Além disso, o T-34 comandado pelo tenente Goncharenko foi destruído pouco após a sua entrada na cidade, durante os combates que se sucederam. Até o número de identificação

Pintado na torre do veículo – 23 – revelaria ao mais entendido que este tanque não poderia ter desempenhado o papel na História que as autoridades lhe atribuíam, já que o carro de combate de Goncharenko ostentava o número I-24.

Resta dizer que o monumento foi erigido originalmente em Julho de 1945, na então praça Štefánik (Milan Rastislav Štefánik foi o primeiro ministro da Guerra da recém formada Checoslováquia, funções que ocupou apenas entre 1918 e 1919, tendo falecido num acidente aéreo nesse ano). Quando os comunistas tomaram o poder, em 1948, o monumento foi classificado como Monumento Cultural Nacional e a praça mudou de nome, passando-se a chamar Praça das Tripulações de Tanque Soviéticas.

Ah! Lembra-se da invasão das vacas em 2004? Havia-as por todo o lado em Portugal, pintadas de todas as formas e feitios. Na República Checa passou-se o mesmo, e uma vaca pintada de verde militar e com o número 23 em ambos os flancos foi colocada ali mesmo, ao lado da fonte. Estava planeado proceder-se à sua posterior pintura com tinta cor-de-rosa, numa encenação simbólica do gesto inicial de David Cerny, mas a pobre vaca foi vandalizada e o plano ficou assim gorado.

Já em 2008, Cerny voltou ao ataque, transportando para as imediações uma réplica cor-de-rosa de uma parte traseira de um tanque soviético, de forma ilegal, tentando encorajar a reflexão política sobre os novos sinais de expansionismo russo. Ilegal ou não, a verdade é que até hoje a peça se encontra por lá.

Metródomo

É bem provável que o turista casual encontre este bizarro elemento nas suas deambulações por Praga. O pêndulo ou metronomo, concebido por Vratislav Novak e construído em 1991, ergue-se no topo das colinas que se estendem pela margem ocidental do rio Vltava, no enfiamento da ponte Chechuv, que por sua vez é a sequência natural do eixo que sai da praça antiga e que segue pela avenida Parizska.

Subir até à plataforma onde o mecanismo faz oscilar o pêndulo é simples: de um e do outro lado encontram-se amplas escadarias que dão acesso ao patamar superior, a partir do qual se pode apreciar uma bela vista sobre o rio e sobre a parte antiga da cidade. Em redor, provavelmente encontrará jovens checos executando malabarismos com skates e outros artefactos com rodas. O local é também um óptimo ponto de partida para se seguir à descoberta do parque de Letna, que o circunda.

Mas o que poucos turistas saberão é o “segredo” passado que aquela plataforma testemunhou. Em 1949, pouco depois do golpe que conduziu os comunistas ao poder absoluto na Checoslováquia, foram iniciados os preparativos para a construção de uma megalómana estátua de Estaline em Praga. Os trabalhos duraram cerca de cinco anos e meio, e quando finalmente foi inaugurada, a 1 de Maio de 1956, as dimensões do trabalho surpreenderam todos. A figura de Josef Stalin dominava o grupo de proletários que o seguiam, num conjunto com 15,5 m de altura e 22 m de comprimento. Mas uma medição a partir do solo tornava as dimensões ainda mais impressionantes: 50 metros!

Os habitantes de Praga arranjaram imediatamente forma de parodiar a massa de 17,000 toneladas: considerando a configuração da estátua, chamaram-lhe “Fronta na maso”, ou seja, a fila para a carne, numa alusão à dificuldade em adquirir bens alimentícios, que na altura implicava intermináveis horas de espera.

Os mais supersticiosos encontraram uma sequência negra de eventos associada à estátua: o seu criador, Otakar Švec, não aguentou a pressão que estava a ser exercida sobre ele por parte da polícia secreta e por cidadãos descontentes com a

omnipresença do líder soviético em Praga, e suicidou-se (?) três semanas antes da inauguração. O homem que serviu de modelo de Estaline, um electricista que trabalhava nos estúdios Barrandov, não aguentou as chalaças com a sua nova alcunha, “Stalin”, e morreu três anos depois.

Todo o esforço envolvido na construção deste grandioso monumento foi desperdiçado, uma vez que pouco depois se iniciou o processo de “destalinização” na máquina de Estado Soviética, com a tomada de poder de Nikita Krutchev. Em 1962 chegaram ordens de Moscovo para a destruição da estátua. Foram precisos 800 kg de explosivos para tratar do assunto. Rezam as crónicas que após a primeira explosão, a cabeça do ditador georgiano se soltou do corpo granítico, rolou pela encosta, e se afundou no Vltava. Os restos do monumento foram transportados em camiões, numa parada que passou pelo centro de Praga, sob os aplausos da multidão. Era o fim do maior monumento estalinista do mundo.

Durante os 30 anos que se seguiram o local ficou ao abandono. Assinala-se a utilização de um pequeno abrigo contra bombardeamentos que se encontra sob a plataforma para as emissões da rádio pirata Radio Stalin, após 1990. O mesmo local foi depois explorado como discoteca, encontrando-se agora encerrado.

Rua Bartolomějská

Quando cheguei a Praga pela primeira vez, em 2005, tinham decorrido 16 anos desde a queda do regime comunista totalitário de Gustáv Husák. Apesar do tempo passado, não foi difícil sentir alguns vestígios da máquina repressiva do Estado de outrora. Notei um sobredimensionamento do sistema policial, visível pelo um número impressionante de carros de polícia que circulavam pelas ruas, não em patrulha operacional, mas com aparência errante, como que em diligências sem fim, transmitindo de qualquer forma uma sensação de ócio. Mas foi quando por acaso passei pela rua Bartolomejská (a que os checos chamam carinhosamente de Bartak) que fiquei mais impressionado.

Para o turista comum não existem grandes pontos de interesse nesta discreta artéria da cidade. A rua é antiga, existindo sólidas referências históricas que remontam a meados do século XIV, e que incluem menção à existência do mais afamado bordel da cidade, destruído por fim em 1372. Apesar de se localizar numa das zonas mais centrais da cidade, os edifícios que ali se encontram não oferecem a beleza quase omnipresente nesta área de Praga. A presença da igreja Svatého Bartoloměje, de estilo plenamente barroco, construída pela Ordem dos Jesuitas entre 1726 e 1731 não chega para suplantiar este sentir desagradável que pode assolar o visitante que cruza aquela rua: é que a determinado momento, e talvez ao longo de duas centenas de metros, o local torna-se num espelho do totalitarismo que foi, e que já não é. De ambos os lados da rua erguem-se os cinzentos edifícios tão característicos desses tempos tristes, e todos eles são ocupados por departamentos sem fim das forças policiais.

Contudo, se a memória colectiva dos habitantes de mais velhos de Praga associa estas instalações com o regime de terror comunista, a presença policial na Bartolomějská é bem mais antiga, iniciando-se em 1900, quando ali se construiu o edifício que albergaria o quartel-general da polícia de Praga, com capacidade para albergar cerca de mil agentes e uma centena de funcionários de apoio.

Se actualmente a concentração do aparato policial na Bartolomějská, parecerá apenas bizarra, a verdade é que o local constituiu um símbolo do sentimento de terror que pesou sobre a cabeça dos checos entre 1948 e 1989. Ali, encontrava-se baseada a polícia política StB (Státní bezpečnost, Segurança do Estado).

A StB foi criado em 1945, e apesar dos comunistas só terem tomado o poder em 1948, encontrou-se desde a sua nascença controlada por agentes daquela facção política. Nesses três anos que mediaram a libertação do jugo nazi e o início da repressão comunista, a StB movimentou-se activamente para minar o débil sistema democrático, espiando elementos políticos não comunistas e forjando falsas provas de actividades criminais contra eles.

Nos 41 anos que se seguiram a StB cumpriu a sua funesta missão com mão de ferro, controlando a população com um número relativamente pequeno de agentes mas com uma rede considerável de informadores. Os primeiros chegaram a ser 17.000, mas entre 1953 e 1968 cerca de 200.000 checoslovacos colaboraram com a StB.

O terror de ser chamado à Bartolomějská atormentava milhões de checoslovacos. As pessoas sabiam que podiam entrar no edifício da StB completamente inocentes, e sair com a vida acabada, com uma confissão arrancada através de coacção física ou psicológica. Se o leitor viu o filme *A Insustentável Leveza do Ser*, inspirado no livro do escritor checo Milan Kundera, poderá lembrar-se da visita de Tomás à polícia... cena filmada no local real, na rua Bartolomějská.

Um dos edifícios com passado mais sinistro encontra-se no número 9. O Centro de Detenção de StB. Foi ali instalado em 1950, inicialmente com capacidade para 120 pessoas, mas habitualmente ocupada por mais de 300 detidos. Por ali passaram literalmente centenas de milhares de checoslovacos. O complexo foi montado num antigo convento, e depois da queda do regime, aproveitado como hostel comercial, que ainda hoje existe com o nome de Hostel Unitas Art Prison.

Como chegar: encontre o Teatro Nacional (Narodni Divadlo). Suba a avenida Narodni, perpendicular ao rio. Vire na primeira à esquerda e logo à frente quando encontrar a próxima rua, vire à direita e está lá.

O Beijo dos Soldados

A estátua de que hoje vos falo pode ser encontrada nas imediações da estação central de comboios – Hlavní Nádraží – e será um pormenor de somenos importância numa cidade com a riqueza cultural da capital da República Checa. Mesmo assim, tem uma significância que convém referir.

Defronte da estação existe um pequeno parque, tristemente conhecido pela legião de desfavorecidos que por ali fazem vida. São toxicódepenentes e indigentes, gentes que dormem nos seus bancos e usam aquele espaço como lar. Mas ao mesmo tempo é ponto de passagem de vastos milhares de checos e estrangeiros, nas suas rotinas diárias, que envolvem a utilização do sistema de caminhos-de-ferro. Mas voltemos ao que nos interessa: a estátua em questão encontra-se para o lado direito de quem virar as costas ao terminal ferroviário, já quase no limite do parque, com a paragem de eléctricos à vista.

O monumento foi inaugurado nos anos 60, durante os anos do regime comunista, e pretendia ser uma homenagem ao dia da libertação de Praga (como “libertação” entenda-se a expulsão dos últimos alemães em Maio de 1945, no final da Segunda Guerra Mundial). Durante os anos de controle soviético esse tipo de monumentos

proliferou, não só em Praga, mas também em toda a Checoslováquia. Contudo este tem uma particularidade relevante: é o último sobrevivente. Não só da comemoração da chegada dos Soviéticos, mas, de todo, trata-se do último monumento de inspiração comunista na cidade.

A estátua representa um abraço e um beijo fraternal – muitos dirão, para além disso, com laivos de homossexualidade – entre um “libertador” soviético e um militar checo. Mas existe uma mensagem relativamente discreta no trabalho: o soviético ergue-se altivo, imperioso, claramente maior no sentido de escala, sendo abraçado a partir de baixo por uma figura de dimensões mais reduzidas, assumindo uma posição de subserviência feminina. A mensagem era evidente e reflectia uma realidade diplomática que se projectou durante décadas no relacionamento entre a União Soviética, e a teoricamente soberana Checoslováquia.

Torre de TV de Zizkov

A torre de televisão de Zizkov é um marco sobranceiro na cidade de Praga. É omnipresente, podendo ser avistado de qualquer ponto da cidade. Quase de forma inconsciente torna-se um farol de navegação.

A construção da estrutura, idealizada pelo arquitecto Vaclav Aulicky, iniciou-se em 1985 e terminou em 1992. Os estudos preliminares consideraram vinte localizações, incluindo o topo da colina Petrin e as imediações da fortaleza de Vysehrad. A torre tem uma altura total de 216 metros, com o miradouro público estabelecido no oitavo andar, a 93 metros. Já o restaurante se encontra um pouco mais abaixo, a 66 metros. Diz-se que em perfeitas condições de visibilidade, o visitante pode apreciar a paisagem num raio de 100 km em redor da torre.

Talvez mito urbano, mas há uma história curiosa referente à construção da torre: diz-se que no início as pessoas (certamente não todas, claro) estavam convencidas de que a emissão de ondas de televisão era um pretexto do Governo, e que a verdadeira utilidade da estrutura seria monitorizar todas as conversas tidas em Praga, com o auxílio da mais moderna tecnologia soviética. Outros, mais razoáveis, temeram que a torre pudesse ser usada para bloquear emissões de rádio provenientes do Ocidente, e que pudesse ter efeitos nefastos na saúde pública. Aliás, em 1989, após a “Revolução de Veludo”, os trabalhos foram suspensos durante um ano e meio, para se procederem a estudos sobre os efeitos da radiação electromagnética. O que é certo é que por vezes os praguenses se referem à torre como “o pénis de Praga”. Muitos, opuseram-se à construção desde o início, receosos do choque arquitectónico que uma torre com estas características produziria no clássico bairro de Zizkov e incomodados com a profanação parcial de um cemitério judeu – cuja área que sobreviveu pode ser visitada se se deslocar à torre.

Actualmente a torre emite sinais de TV e rádio, comunicações móveis, televisão cablada e ondas de rádio para as redes de emergência de Praga e arredores; adicionalmente faz a monitorização da qualidade do ar.

Desde 2000 o valor turístico da torre foi aumentado pela colocação das esculturas de bebés, trepando pelos pilares, da autoria do polémico escultor David Cerny.

Pavilhão Hanavsky

O pavilhão Hanavsky é um dos locais mais românticos da cidade, mercê da vista privilegiada de que se disfruta da sua localização, cobrindo uma vasta extensão do rio que serpenteia lá em baixo, as pontes que o cruzam e uma considerável área de Praga antiga.

O pavilhão foi construído para a Exposição Universal de 1891 e erigido nos terrenos de Vystaviste. O criador da estrutura, desenhada segundo os padrões estéticos do pseudo-Barroco, foi Otta Hieser, e os trabalhos de construção ficaram entregues à responsabilidade do arquitecto František Červenka.

Depois de encerrado o certame, em Dezembro do mesmo ano, o seu proprietário, príncipe William Hanavský, ofereceu a estrutura à cidade de Praga. O pavilhão Hanavsky foi então desmantelado e montado de novo no local onde hoje o podemos encontrar, na orla do parque Letna.

Inicialmente foi utilizado simplesmente como um abrigo, disponível a todos os visitantes do parque, tendo posteriormente sido convertido em restaurante . O pavilhão sofreu duas intervenções de requalificação, levadas a cabo em 1967 e 1987.

Infelizmente ainda não tive oportunidade de experimentar o restaurante Hanavsky, Pavillon, mas já o andei a namorar. Apesar do local privilegiado e do ambiente faustoso, os pratos têm preços bem acima da média da cidade, mas para os padrões portugueses as refeições não têm custos propriamente interditivos. O prato mais económico, de galinha, fica-se pelos 16 Eur, com uma média a rondar os 22 Eur. De qualquer forma, seguindo o costume local, o cliente pode usar o restaurante para tomar uma simples bebida. Nesse caso, um chocolate quente custará cerca de 2,50 Eur.

O pavilhão Havavsky pode ser observado a partir da margem oriental do Vltava, pelo menos se caminhar da ponte antiga para norte. Seja como for, a melhor forma de o encontrar é dedicar uma parte do dia à exploração do parque Letna, onde poderá também visitar o metródromo, local onde outrora se ergueu a maior estátua do mundo de Estaline.

A Equipa Desaparecida

A Rep. Checa e a Eslováquia, tal como a antiga Checoslováquia no passado, são potências mundiais do Hockey no Gelo. Nos últimos quinze anos o país ganhou por cinco vezes o campeonato do mundo, ficando o ceptro com Eslováquia por uma vez. Quanto à Checoslováquia, entre 1947 e 1977, triunfou por cinco vezes.

A edição de 1949 disputou-se na Suécia, e uma fortíssima equipa checoslovaca, onde despontavam nomes como Gustav Bubník, Stanislav Konopásek, Václav Rozinák, Josef Jirka, Jirí Macelis, Antonín Španinger, Premysl Hajný e Josef Stocko, arrebatou a medalha de ouro. No ano seguinte a competição teria lugar em Londres, e os checoslvacos aguardavam com ansiedade a oportunidade de renovar o título.

Mas algo de sinistramente bizarro sucedeu. O dia 13 de Março foi uma Segunda-feira, naquele ano de 1949. Pelas três da tarde os jogadores foram informados que a equipa não voaria para o Reino Unido. Os membros morávios da equipa partiram de comboio, desanimados, enquanto os jogadores de Praga se reuniam para uma cerveja no pub U Herclíku, localizado na rua Pstrossova. Encontraram-se por lá oito ou dez jogadores quando o noticiário das sete transmitiu à nação a notícia, explicando que a ausência se deveria ao facto de as autoridades do Reino Unido terem recusado visto de entrada aos repórteres da rádio checoslovaca.

Pelas nove horas, quando alguns dos jogadores decidiram retirar-se, a sua saída foi barrada. Homens dos serviços secretos rodeavam o pub e todos os jogadores presentes foram detidos, juntando-se na cadeia a uma série de companheiros que não tinham estado presentes no pub, tendo sido detidos individualmente.

Aparentemente os jogadores eram suspeitos de planejar uma deserção em massa, e todos foram incluídos no processo acusatório, denominado “Processo contra o grupo anti-governamental [Bohumil] Modry e companhia”.

Os alegados mentores do plano de deserção eram Modrý, Bubník ([ler entrevista a Bubník](#)), Konopásek, Rozinák e Kobranov, e por isso enfrentavam possíveis penas de prisão que iam até aos 15 anos de encarceramento. O julgamento iniciou-se a 6 de Outubro e no dia seguinte estava tudo consumado. A acusação apresentou elementos que indicavam que em Dezembro de 1948 os jogadores do LTC Praha, a maioria dos quais fazia parte da equipa nacional, teria discutido a possibilidade de

fuga durante a sua estadia na Suíça, depois de disputarem a Taça Spengler. Como resultado deste indício, fundamentado ou não, os principais acusados foram condenados a penas entre os 6 e os 15 anos de prisão. Seis outros réus receberam penas menores, oscilando entre os 8 meses e os três anos. Na prática quase todos foram libertados após cinco anos de prisão, mas Modry faleceu em 1963, devido a problemas de saúde provocados pelas condições da sua vida de recluso.

O local que hoje vos mostro, e que desempenhou um papel fundamental na história que acabei de contar, é o do antigo pub U Herclíku, que já não existe. Mas na parede pode-se observar uma placa em homenagem aos jogadores daquela fabulosa equipa. A paranóia do Estado custou à nação uma geração de brilhantes jogadores que tinham todas as condições para estender a hegemonia do hockey checoslovaco durante alguns anos. A eles, custou-lhes uma juventude perdida, e a Modry, a própria vida.

Ironicamente vivi a poucos metros deste local durante dois anos e nunca reparei nesta placa. Foi preciso mudar de casa para que alguém me chamasse a atenção para o pequeno monumento e para a história que aqui partilho com os leitores.

Os meus agradecimentos à minha amiga Zuzana Piovarciova, que teve a gentileza de fazer as traduções necessárias para que pudesse compreender os detalhes deste episódio.

Guia Alternativo de Praga

Slovansky Ostrov

Bem no centro de Praga, entre os muitos pontos que certamente o turista percorrerá durante a sua estadia, existem três pequenas mas interessantes ilhas. Hoje, vamos falar da *Slovansky ostrov*, que significa ilha Eslava. Dispõe apenas de um acesso, localizado defronte do Teatro Nacional (*Narodni Divadlo*). Atravessada a pequena ponte, terá à sua esquerda um belo palacete, enquanto à direita se apresenta um parquezito que termina logo ali à frente.

Começamos pelo lado direito. É por ali que se acede à plataforma onde se podem alugar barcos a remos ou a pedais, que sensivelmente entre Maio e Outubro se encontram disponíveis; aparentemente relacionado com o negócio das embarcações, vamos encontrar um agradável café instalado num pequeno batelão flutuante, que proporciona um magnífico descanso ao exausto viajante. Com uma

vista privilegiada, localizado directamente nas águas do rio, os preços praticados são completamente razoáveis. Qualquer coisa como 2 Euros por uma cerveja de meio-litro, se a memória não me falha.

Se preferir, pode simplesmente sentar-se na amurada de pedra, observando o rio e a margem oposta, num ambiente propício ao relaxamento; é um local apreciado pelos jovens namorados de Praga, tão central e contudo tão sossegado.

Exploremos agora o lado esquerdo da ilha. O palacete imponente que poderá observar chama-se Žofín. Foi construído entre 1835 e 1837 segundo um projecto de Vincenc Kulhanek. Mais tarde, em 1885, iniciaram-se obras de reconstrução, que definiram o actual estilo Neo-Renascentista da estrutura, após o Município ter adquirido a ilha. O novo projecto foi concebido por Jindrich Fialka e a decoração interior ficou sob a responsabilidade de Franticek Duchoslav e Viktor Oliva. Em 1930 o local foi de novo alvo de requalificação: foi construído um coreto, o actual restaurante-esplanada foi inaugurado, e a ilha foi dotada do jardim que actualmente podemos visitar. Finalmente, entre 1992 e 1994, foi sujeito a uma restauração geral. Actualmente trata-se dos locais mais requintados da cidade, escolhido pelo Governo para recepções oficiais a altos dignatários. É frequente observar a disposição de cordões policiais de elevada segurança à entrada da ilha por estas ocasiões. Se der uma vista de olhos pelo website indicado, compreenderá...

Apesar de não poder entrar no palacete, a esplanada que se encontra nas suas “costas” é uma opção a considerar. Mais à frente a ilha vai-se estreitando, havendo ainda espaço para um pequeno parque infantil. Da orla da ilha poderá observar alguns elementos marcantes da paisagem urbanística de Praga, como a Casa Dançante e o Castelo de Praga.

Por vezes são organizados eventos culturais na ilha. Desde concertos a feiras temáticas. Nos feriados é quase certo, mas, com toda a sinceridade, não conheço uma forma fiável de antever estes acontecimentos. Sempre me surgiram como agradáveis surpresas colocadas no trajecto do caminhante. Felizmente, durante três anos vivi ali mesmo defronte e pude juntar-me “à festa” de forma bastante espontânea.

Rasjská Zahrada

Zizkov é um bairro icónico em Praga. E este pequeno jardim, que aliás é maior do que parece à primeira vista, trata-se de “apenas” mais uma proposta do muito que há a fazer e visitar nesta parte da cidade.

Integra-se num parque maior, Riegrovy Sady (talvez mais famoso pelo seu jardim da cerveja, onde multidões se concentram para assistir a eventos desportivos no seu ecrã gigante) mas ao contrário deste, o Rajska Zahrada (o que significa mais ou menos “jardim do paraíso”) tem horário de abertura. Que de resto é tão liberal que nem merece ser mencionado. Simplesmente encerra para a noite e pronto.

Antes de prosseguir, uma advertência: se passar pelo local e der de caras com a porta fechada, é normal; jogue a mão ao fecho e teste-o. Provavelmente vai-se abrir para lhe dar passagem.

Logo após penetrar o recatado espaço, delicie-se com os bancos à sua direita, cada um deles abraçado por roseiras trepadeiras, com flores tão coloridas e diversas. Depois, a escadaria, a meio da qual vamos encontrar o meu “spot” favorito nestes jardins: um pequeno lago, encantador a todos os níveis, e uma plataforma de madeira que é excelente para se ficar por ali um bocadinho, a ler ou simplesmente a descansar.

Para os mais pequenitos, existe um parque infantil bastante bem equipado, mas não convém fazer grandes planos para a sua utilização entre as 10:30 e as 11:30, porque neste intervalo de tempo uma escola próxima tem prioridade na sua utilização, apesar de não a exercer quotidianamente.

O café é outro ponto muito agradável do Rasjská Zahrada, mas a simples exploração deste jardim promete momentos de prazer. A entidade gestora tem uma postura rigorosa, apostando na qualidade: é um dos raros locais em Praga onde não é permitido fumar. Cães também não são admitidos neste espaço, e existe pessoal de segurança para garantir o cumprimento destas regras.

A área foi no passado bastante negligenciada, pelo que este projecto foi muito aplaudido pela comunidade local. Foram 40 milhões de CZK, investidos pela

equivalente checa à nossa “junta de freguesia”. A inauguração teve lugar em Setembro de 2008.

Capela Betlemska

A igreja de Betlemska é famosa. Na sua antecessora, pregou Jan Hus, o paladino reformista que os checos tendem a ver como um herói nacional. Encontra-se no centro de Praga, na zona mais antiga e nobre da cidade. Mas existe uma outra igreja de Betlemska, um pouco mais afastada, sendo um dos segredos mais bem escondidos da capital checa.

Um turista de passagem apenas por acaso chegará ao bairro de Zizkov, a não ser que seja atraído pelo título de bairro na Europa com mais bares por metro quadrado. Contudo, esta zona de Praga, num segundo anel a partir do centro (se considerarmos a praça antiga como tal), tem actualmente muito para oferecer. Durante décadas foi um dos santuários comunistas, habitada por operários e depois reforçada com famílias da minoria cigana. Os seus pubs típicos tem fama de ser os sobreviventes puros e duros destes importantes esteios da cultura urbana dos tempos do comunismo. Mas hoje em dia, Zizkov está a ser redescoberto por um misto composto por checos sofisticados e estrangeiros que procuram um local economicamente acessível mas mesmo assim central e cosmopolita.

Tudo isto acaba por ser irrelevante para a história que hoje vos trago. Quem descer a rua Prokopova, deixando para trás o parque Parukarka, não poderá imaginar o que se encontra por detrás das banais fachadas de prédios que envolvem aquela artéria da cidade. Mas se experimentar o fecho da porta 216/4, verá que a encontra aberta. Entre. Depois de alguns passos num corredor, estará num pátio. E enquanto centenas de outros pátios idênticos oferecem apenas um pouco de sombra e tranquilidade aos moradores, neste local encontrará uma surpresa espantosa: uma igreja!

A capela de Betlemska, pertencente à Igreja Evangélica, foi construída no início do século XX. O autor do projecto foi o arquitecto Emil Kralicek, que combinou elementos cubistas com Arte Nouveau tardia. Em 1913 foi dada autorização para a construção do santuário, e no ano seguinte, a 29 de Junho, ocorreu a estreia solene. Em 1938 a paróquia da aldeia suíça de Balgach doou um sino à capela Betlemska, o que resultou na construção de uma torre sineira e de uma sacristia, num projecto do arquitecto Bohumir Kozak.

Na década de 70 a capela correu perigo de demolição, durante a vasta campanha de renovação urbana do bairro de Zizkov. Mas o bom do padre Frantisek Potmesil conseguiu salvar o edifício, que foi classificado como monumento cultural.

Enfim, uma pérola a que poucas pessoas têm acesso. Certamente não muitos locais conhecem esta pequena igreja, e o número de estrangeiros que a visitam será muito reduzido.

Prisão de Pankrác

Uma prisão é por natureza um local obscuro e desagradável, que o comum dos mortais tende a evitar. Contudo, há prisões que despertam a curiosidade, e uma vontade irresistível de ver com os próprios olhos pode brotar. Talvez não junto daqueles que se limitam à viagem turística tradicional, mas quem gosta de sentir a história e as estórias para além dos postais ilustrados, um local como Pankrác terá muito a contar. Num país com uma vida tão conturbada como a República Checa, uma prisão torna-se inevitavelmente o palco de acontecimentos determinantes. Desde a inauguração do complexo prisional de Pankrác, Praga foi cidade do Império Austro-Húngaro, capital de um país independente, centro da ocupação nazi, coração da rede opressiva de um regime comunista e de novo a capital de um país restaurado. Durante estes 120 anos, as celas de Pankrác viram passar as mais ilustres figuras da oposição aos regimes vigentes e testemunharam execuções dramáticas. Com este artigo, pretendo recriar a história da prisão de Pankrác e, quem sabe, estimular o seu apetite para uma visita à sua periferia.

Pankrác foi inaugurada em 1889, em substituição da decadente prisão de São Venceslau, localizada em Karlovo namesti. Inicialmente a prisão tinha lotação para 867 reclusos. Foi a primeira prisão moderna na área que hoje é a República Checa, tendo sido implementada num lote de cerca de 14 hectares junto a Nusle. Note-se que apesar de hoje Pankrác se encontrar num segundo anel a partir do centro da cidade, em finais do século XIX a sua localização era claramente no exterior da cidade.

Com o tempo, o espaço evoluiu, tendo desaparecido algumas estruturas e sido criadas outras: a padaria e a enorme lavandaria nas traseiras do complexo já não existem; a igreja foi encerrada em 1950, na linha anti-religiosa das novas autoridades comunistas; o hospital presidiário cresceu (neste momento tem capacidade para 111 doentes) e actualmente existe uma área desportiva que não estava lá nos primórdios; em 1930 um tribunal foi anexado ao complexo.

Com a criação da Checoslováquia, a prisão foi alargada, passando a albergar prisioneiros comuns (inicialmente era considerada uma prisão de alta segurança reservada para os reclusos mais perigosos e temidos) com uma nova lotação de 1169. Depois, veio 1938 e a ocupação nazi. Pankrác foi então dividida em três secções distintas: uma, servindo o sistema judicial checo, outra, o alemão, e uma terceira, administrada autonomamente pela Gestapo. A lotação passou oficialmente

a cifrar-se em 2200, tornando-se na maior prisão do país. Nos primeiros anos, a prisão foi utilizada como centro de distribuição, por onde os detidos transitavam antes de seguirem para campos de concentração onde eventualmente viriam a ser mortos. Mas a partir da Primavera de 1943 os alemães começaram a efectuar execuções em Pancrác, reservando para o efeito três celas, uma delas equipada com guilhotina. Em apenas dois anos, entre 5 de Abril de 1943 e 26 de Abril de 1945, foram ali executadas 1079 pessoas. Segundo os relatos da época, o processo era deveras célere: em apenas três minutos, o prisioneiro era retirado da sua cela, julgado e conduzido à sala de execução. O macabro cerimonial era levado a cabo por uma equipa de executores constituída pelo líder, Alois Weiss, um alemão, e por quatro ajudantes, dois alemães e dois checos. Com o aproximar do final da guerra, os alemães desmantelaram a guilhotina e lançaram-na às águas do Vltava, mas a população de Praga recuperou-a. Os executores alemães conseguiram escapar para a Alemanha Ocidental (de onde nos anos 70, Alois Weiss exigiu o pagamento de uma pensão à Checoslováquia sob o pretexto que nos anos da guerra trabalhou para o Estado Checo) mas os dois executores checos foram capturados e executados... em Pancrác.

Com a libertação do jugo alemão, o número de execuções reduziu-se, mas a infâmia manteve-se. Após a tomada do poder por parte dos comunistas, uma série de oponentes políticos, reais ou imaginários, foram condenados à morte e executados por enforcamento. O processo de Milada Horakova, cuja sepultura pode ser visitada no cemitério de Visehrad e que durante os anos de ocupação alemã esteve detida em Terezin, foi um dos mais escabrosos. As ondas de choque do episódio chegaram aos dias de hoje: apenas há um par de anos a promotora-pública que levou Milada e tantas outras vítimas inocentes à forca, Ludmila Brožová-Polednová, foi condenada, aos 87 anos de idade, a seis anos de prisão efectiva. Mais tarde, vieram as purgas no seio do Partido. Rudolf Margolius e Rudolf Slánský foram talvez os casos de maior impacto, mas outros comunistas foram julgados e condenados à morte durante esses tempos negros.

Claro que a par das execuções criminosas de oponentes políticos, também criminosos comuns perderam aqui a vida. Foi o caso do *serial killer* Václav Mrázek, responsável pela morte provada de sete vítimas, e executado a 30 de Dezembro de 1957. Em 1989, deu-se a última execução, de Vladimir Lulek, um outro assassino em série que ceifou a vida de cinco pessoas.

Actualmente a prisão de Pancrác sofre de sobrelotação. Segundo dados de 2005 o número de detidos é frequentemente superior ao previsto em 25%. Mesmo assim, mantém-se como a prisão mais importante do sistema checo. No seu interior existe

um pequeno museu, que contudo apenas pode ser visitado mediante marcação autorizada.

Como chegar à prisão de Pancrác? É muito simples. O eléctrico nº 18, que corre no centro junto ao rio, deixa-o mesmo à porta, e ainda para mais é a paragem terminal, não tem nada que enganar: Vozovna Pancrác.

Guia Alternativo de Praga

Bio Oko

Localizado no bairro de Letna, o BioOko é um cinema dedicado à projecção de filmes independentes e de documentários de qualidade. E, ao mesmo tempo, oferece um espaço para se beber um café ou uma cerveja, num ambiente jovem, de carácter intelectual, vanguardista.

Se não sabe checo, não coloque de lado a ideia de assistir aqui a um filme, porque é frequente a exibição de películas com legendas em inglês (e no caso de filmes originalmente em inglês, não existe dobragem). E se não gostar do filme? Nem, só o ambiente – incluindo um mítico Trabant colocado no interior da sala e de dentro do qual se pode assistir à projecção – é capaz de valer a pena. E depois, os preços são quase simbólicos. Em média, 100 CZK, que é como quem diz, menos de 4 Euros.

Seja como for, poderá dar uma vista de olhos no website oficial do BioOko antes da sua partida para Praga: <http://www.biooko.net/en/>. Aqui poderá mesmo comprar os seus bilhetes em adiantado, consultando toda a informação detalhada sobre o filme ou evento em questão.

Mas o BioOko vale muito pelo ambiente. Reconheço que tendo vivido ao virar da esquina durante um par de anos me habituei a parar aqui para uma bebida no regresso a casa. Lembro-me de uma ocasião em que ouvi falar português, e descobri um grupo de estudantes angolanos que, pelo que soube depois, costumava também passar por ali.

Pela negativa? Por vezes encerra um pouco antes do que gostaríamos. Se tiver fome não será o melhor local para estar, apesar dos “snacks” geralmente disponíveis.

Não está propriamente no centro de Praga, pelo menos naquele centro que os turistas conhecem. Mas não é complicado chegar-se aqui, mesmo a pé, a partir do rio. Muitos viajantes fazem questão de dar um passeio até ao parque Letna, e o BioOko, por assim dizer, encontra-se mesmo por detrás. Se se preferir utilizar os

transportes públicos, nada mais simples: qualquer eléctrico que pare em Kamenická (1, 8, 12, 25, 26 – 51, 56) servirá. A partir dali são 100 ou 200 metros até ao BioOko. A morada é Františka Křížka 15, ou, se preferir, pode anotar as coordenadas: N 50 6.000 E 14 25.815.

P.S. – Como é evidente, existe Wi-Fi disponível.

Este é o primeiro artigo do que espero ser uma série, dedicada aos percursos de eléctrico mais interessantes do ponto de vista do visitante de Praga. Sempre que forem mais longos, serão divididos em duas partes. É o caso do 17, que neste primeiro artigo abordo com início no Teatro Nacional, em direcção a sul, ao longo do rio Vltava, até ao fim da linha, no bairro dormitório de Sídliště Modřany. O eléctrico 17 oferece um dos mais bonitos percursos por Praga. Pretendo mostrar-lhe como usufruir ao máximo de uma viagem nesta mítica carreira. Espero que goste.

Národní divadlo

Este passeio a bordo do eléctrico 17 inicia-se na paragem que tem o nome do Teatro Nacional, e não é por acaso. Foi ali que vivi durante dois felizes anos, mesmo defronte da paragem que quotidianamente me serviu. Não será preciso chamar a atenção para o imponente edifício do Teatro, abordado a fundo neste outro artigo. Recomendo que, caso haja lugares sentados, tome um no lado direito, ou, melhor ainda, se instale de pé, na traseira da carruagem, se for uma daquelas bem antigas, com amplo espaço à ré.

Do seu lado direito verá a “slovansky ostrov”, a ilha que também mereceu um artigo neste nosso website. Logo de seguida, do mesmo lado, um dos meus pousos favoritos, o “Botel Matilda”, recentemente reforçado com uma nova embarcação pertencendo ao mesmo proprietário. É ali mesmo que se detém o eléctrico na primeira paragem do nosso percurso.

Jiráskovo náměstí

Esta é uma paragem com algum peso emocional para mim. Na minha primeira visita a Praga fiquei no Hostel Merlin, numa rua aqui por detrás. Deve o seu nome a Alois Jirasek, cuja estátua se pode observar no centro da pequena praça, do lado esquerdo. O escritor viveu na casa defronte da escultura entre 1903 e 1930, e inspirou também o nome da ponte que ali atravessa o Vltava. Mas a atracção principal deste local é a Casa Dançante e, numa nota mais discreta, a casa que lhe está anexa, onde cresceu Vaclav Havel, o primeiro presidente da Checoslováquia livre, após a queda do Comunismo. Do lado esquerdo podem ser observadas algumas das mais belas fachadas de Praga, casas de sonho, quer pelo seu requinte arquitectónico quer pela sua localização privilegiada.

Palackého náměstí

Nesta praça acaba, no meu entendimento, o centro histórico de Praga, para quem se desloca para Sul, junto ao rio. Atente nas torres do que parece ser uma igreja mas é na realidade o convento Emauzy. Verá que têm um estilo vanguardista, em claro contraste com o corpo do edifício. Isto é porque durante um dos raros bombardeamentos a que Praga foi sujeita na Segunda Guerra Mundial, uma bomba caiu ali, destruindo as torres sineiras originais. Mais tarde estas foram reconstruídas, mas com um estilo moderno, criando um conjunto bastante original.

Výton

A partir daqui inicia-se o acesso pedestre mais popular para Vysehrad. É por ali acima, a curvar para a direita, com a primeira etapa numa bonita rua de Praga. A ponte que aqui cruza o Vltava é ferroviária, mas tem dois estreitos tabuleiros para peões e ciclistas. Não é uma sensação boa, estar a atravessá-la quando passa um comboio. O barulho é ensurdecedor e a estrutura treme fortemente. Mesmo defronte da paragem existe um pequeno pavilhão; no piso térreo, que é quase uma cave, há um pub restaurante muito checo, que se aconselha, apesar de não poder esperar que o pessoal ali fale inglês. Talvez tenha que se desenrascar como for possível. Quando o eléctrico arrancar, mantenha os olhos bem abertos. Irá passar por um pequeno túnel que é uma das imagens de marca de Praga, observável no seu melhor a partir de Vysehrad. Parece ali por cima existiam uma antigas termas, das quais hoje apenas resta uma precária parede. E depois, do lado do rio, surgirá a primeira marina de Praga, cuja água congela totalmente no pico dos Invernos mais rigorosos.

Podolská vodárna

O nome é uma referência ao principal atractivo do bairro: a antiga central de distribuição de água, inicialmente ali construída em 1885, reconstruída entre 1927 e 1929 segundo os planos do arquitecto Antonin Engel, trata-se de um dos mais importantes edifícios industriais de Praga. Do lado do rio inicia-se um maravilhoso trilho pedestre que se pode seguir durante alguns quilómetros, especialmente apetecível no Outono e na Primavera.

Kublov

Um pouco mais à frente vamos encontrar o principal complexo de piscinas de Praga, bem junto à avenida marginal, no sopé de uma colina cujo topo é ocupado pelos edifícios da televisão estatal. Têm um design retro, com um forte sabor a anos 60-70, mas, diz quem as utiliza, estão ainda em grande forma. Na realidade estas piscinas encontram-se a meio caminho entre Kublov e a paragem seguinte. Do lado do rio poderá ver uma das ilhas menos populares, pacata, tranquila. O seu nome é Veslarský e pode ser acedida através de uma ponte no seu extremo norte.

Dvorce

Uma paragem sem grandes atractivos, apesar de ser um ponto de acesso tão válido como a anterior para os locais já mencionados. Mas já que aqui estamos, e considerando a hipótese remota de apetecer ao leitor sair, mencionaria que na avenida (Jeremonvka) que sobe a partir daqui, logo no início, do lado esquerdo, encontra-se um edifício deveras interessante: trata-se de um sobrevivente da antiga Dvorce, inicialmente construído em meados do século XIX.

Přístaviště

Daqui vai-se a um dos cantinhos que muito aprecio nesta cidade: Dobeska. Observe-se o rochedo, e, se tiver sorte, verá escaladores na subida até lá acima. No pequeno jardim, cá em baixo, muito arranjado, verá um painel explicativo sobre a geologia que o rodeia. As casas ali na zona têm um toque provincial, o que não espanta: como tantos outros bairros em redor da Praga Central, este foi em tempos uma localidade independente, absorvida pela grande cidade. Um pouco mais à frente uma moderna ponte rodoviária atravessa o rio, com tabuleiros largos (são quatro faixas de rodagem para cada lado) e acessos que se cruzam num emaranhado.

Pobřežní cesta

Esta é uma paragem tristonha, sem grandes objectivos para além de servir alguns blocos habitacionais e uns quantos escritórios e pequenas indústrias.

Nádraží Braník

Braník é mais uma daquelas aldeias que, com o decorrer do tempo, especialmente durante o século XX, se foram agregando a Praga à medida que esta se expandia. A moderna Braník começa aliás na paragem anterior, mas é desprovida de interesse. Agora, em Nádraží Braník, sim, podemos ter um cheirinho da provinciana Braník, onde se destaca a fábrica de cerveja, com alguma projecção comercial, e uma das poucas que existe em Praga. Mais à frente poderá observar-se uma ponte ferroviária de má memória: foi construída nos primeiros anos da década de 50, mas durante anos foi virtualmente inútil, pois apenas em 1964 os carris foram colocados. Mas esta é a melhor parte: a ponte tem dois tabuleiros paralelos, para tráfego ferroviário em circulação em sentidos opostos, mas um dos tabuleiros nunca foi utilizado, por uma simples razão: o túnel que se encontra à saída da ponte apenas tem espaço para um sentido de tráfego!

Černý kůň

Outra paragem sem grandes atractivos. Oferece acesso a um mal estimado parque junto ao rio, enquanto na direcção oposta se observa uma pequena floresta. É o carácter rural destes subúrbios de novo a ganhar forma.

Belárie

À primeira vista esta seria mais uma paragem desinteressante. Mas há aqui algo... entre a linha do eléctrico e a colina coberta de árvores que se pode ver a umas centenas de metros existe algum casario antigo que merece uma observação. E depois, seguindo essa rua, será encontrada uma escadaria que leva o transeunte até ao topo, à parte alta do bairro de Modrany, onde aqui e acolá tem pontos que oferecem uma vista excelente sobre o vale do Vltava. É um passeio ousado, quer porque a subida é pouco convidativa, quer porque o interesse será limitado para quem tem os dias contados em Praga. Mas este bairro de vivendas tem um charme que fica na memória.

Modřanská škola

O nome diz tudo: o eléctrico detém-se aqui para servir a escola de Modrany e algumas residências que lhe estão próximas.

Nádraží Modřany

Aqui está uma paragem “obrigatória”. Aqui se chega a Modrany antiga, e os edifícios logo ali, atrás da avenida “marginal” são testemunho desse passado. Um par de igrejzinhas chama a atenção. É também aqui que se apanha o autocarro para Tocna, um potencial passeio fora da cidade. Do outro lado do rio, pouco visível, o hipódromo de Praga, onde com frequência se organizam corridas, com apostas e tudo, como nos filmes. Esta é também a última paragem do 17 no seu percurso junto ao rio. A partir daqui, vai-se internar durante umas centenas de metros, afastando-se do Vltava, servindo um cinzento bairro de subúrbios.

Čechova čtvrť, Poliklinika Modřany, U Libušského potoka, Modřanská rokle, Sídliště Modřany

Esta sequência de cinco paragens serve uma área densamente povoada, um bairro tipicamente de subúrbio, construído maioritariamente nos últimos anos de governo comunista, com blocos de fraca qualidade. Para um checo comum viver num bairro destes é despristigante e motivo de embaraço. Se viver em Sídliště Modřany (“Sídliště” significa precisamente subúrbio urbano) a sua tendência será dizer que reside em Modřany. Uma pequena subtilidade que faz toda a diferença. São cinco paragens numa linha de pouco mais de 1,5 km. Mas há aqui algo mais do que blocos residenciais. Do lado direito, chamada Ravina de Modrany, é um parque natural de pequenas dimensões mas grande beleza. A sensação de sair do eléctrico, andar 5 minutos e estar-se mergulhado na Natureza é algo de mágico. Um passeio que se recomenda.

Meet Factory

A MeetFactory nasceu em 2001, numa unidade fabril de processamento de carnes (daí o nome... MeetFactory / Meat Factory) no bairro de Holesovice. A linha mestra dominante na criação do projecto definia-se como a vontade de fomentar uma corrente de intercâmbio internacional na área da arte contemporânea. No ano seguinte as históricas cheias do rio Vltava arruinaram o espaço em Holesovice, adiando por alguns anos o aparecimento de algo concreto.

Em 2005 surgiu a oportunidade de ocupar um imóvel de características única, com cerca de 5.000 m², numa área marginal de Smichov, alugado até aos dias de hoje ao município de Praga. Após a ultimização do trabalho burocrático, o ano de 2007 foi dispendido na relativa renovação e adequação das vastas instalações. O espaço, de cariz fabril, pertenceu na realidade aos caminhos de ferro, e oferece inúmeras possibilidades, com os seus inúmeros cantos e recantos, que realçam a polivalência pretendida.

A liderar o projecto surgem pelo menos dois nomes grandes da cultura checa: David Cerny e David Koller, acompanhados por Alice Nellis, especialista para a área de cinema. Mais coisa menos coisa, o projecto Meet Factory alcançou todos os objetivos a que se propôs: o visitante encontrará ali ateliers, espaços para albergar artistas, sala de concertos, estúdio de gravação, espaço de projecção de cinema, bar, livraria com edição própria de livros, e um infinito espaço de exposição.

Talvez um dos focos de interesse mais forte na Meet Factory seja a vertente habitacional. É dada a oportunidade aos artistas seleccionados de viver numa das salas do edifício, onde podem ser observados na suas actividades quotidianas por qualquer um que passe por lá. Os períodos de alojamento podem variar entre os dois e os doze meses, e abranger um total de 30 artistas em simultâneo.

À laia de curiosidade referiria que entidades como o Ministério da Cultura (de Portugal), a Fundação Calouste Gulbenkian e o Instituto Camões se encontram envolvidos em projectos de cooperação com a Meet Factory.

Enfim, se aprecia arte contemporânea e lhe apetece respirar um ambiente alternativo durante a sua visita a Praga, uma visita à Meet Factory é essencial.

Chegar lá não é simples, mas com um pouco de esforço poderá juntar-se às cerca de 30.000 pessoas que anualmente se têm deslocado a estas instalações.

Um Passeio por Vinohrady

O bairro de Vinohrady é hoje uma das mais apetecíveis escolhas para residir em Praga. Localiza-se num segundo anel, imediatamente a seguir ao centro. Dispõe de excelente acessibilidade, mas o valor do imobiliário não atinge os níveis astronómicos de Mala Strana ou Starometska. É muito apreciado pela comunidade de estrangeiros que por aqui vivem, não os parentes pobres, como os vietnamitas e ucranianos, mas uma franja de privilegiados: americanos, australianos e ingleses, que tradicionalmente se estabelecem em Praga durante alguns para ensinar inglês e viver a aventura checa; franceses, portugueses, italianos, belgas, suecos... que desempenham funções em empresas multinacionais ou por qualquer razão decidiram experimentar tudo o que a vida de Praga tem para oferecer. Não se pense porém que Vinohrady está entregue aos estrangeiros. Mas sem dúvida que esta multiplicidade contribui, e muito, para oferecer o toque cosmopolita de que este bairro actualmente dispõe.

Muitas das artérias de Vinohrady encontram-se enriquecidas com fileiras de árvores, que lhes conferem um ambiente ainda mais agradável, a fazer lembrar os bairros mais românticos de Paris. São muitos os cafés, todos com uma personalidade própria. Embora os haja, esta não é uma área de pubs puros e duros. Isso é coisa para o bairro de Zizkov, operário, rude, duro. Vinohrady é a terra do requinte, a grande zona burguesa da primeira metade do século XX.

Um passeio por estas ruas surpreenderá o turista que pense que os belos edifícios e o esplendor arquitectónico estão confinados à “baixa” de Praga, à cidade antiga e central. Na realidade, um dos aspectos da capital dos Checos que não pára de surpreender é a extensão da estética patrimonial. É preciso avançar mesmo muito em direcção à orla da cidade para chegar aos subúrbios descaracterizados, formados por blocos de apartamento de betão. Por aqui, é o Art Nouveau, o Pseudo-Barroco, o Neo-Renascentismo e o Neo-Gótico que dominam. Basicamente o parque habitacional de Vinohrady é constituído por edifícios da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX, dispostos numa planta quadrangular. Alguns encontram-se algo decadentes, mas a maioria tem vindo a ser objecto de obras de reclassificação, e encantam habitantes e visitantes.

O nome do bairro, Vinohrady, significa “vinhas”, e deve-se à plantação de vinhas mandada efectuar pelo rei Carlos IV no século XIV. Na realidade, até finais do século XIX a área chamava-se Kralovské Vinohrady, ou seja, “vinhas reais”. Até meados do século XVII as vinhas originais perduraram, mas acabaram por dar lugar a outras culturas e, finalmente, ao bairro que hoje conhecemos. Com a expansão urbana a área ganhou um estatuto comunitário, e em 1879 Kralovské Vinohrady tornou-se cidade, antes de ser incorporada definitivamente em Praga, o que sucedeu em 1922. Apenas em 1968 ganhou a sua denominação actual.

Mas vamos ao nosso passeio? Começemos por Namesti Miru, talvez o coração do bairro. Para lá chegar podemos apanhar um eléctrico das carreiras 22, 10 ou 16, mas talvez seja mais simples utilizar o Metro, cuja linha verde tem aqui uma estação (com o mesmo nome, Namesti Miru).

O marco mais saliente da praça é a magnífica igreja de Santa Ludmila, construída em estilo Neo-Gótico entre 1888 e 1893. Muitos foram os nomes grandes das artes Checas que contribuíram para a edificação desta igreja, mas o principal destaque vai para Josef Václav Myslbek, o escultor responsável pela famosa estátua equestre que se avista na praça Venceslau, defronte da entrada do imponente edifício do Museu Nacional. Se for Dezembro, poderá visitar aqui um dos bons mercados de Natal que se organizam um pouco por toda a cidade. Se estiver virado para a fachada da igreja, atente agora à sua esquerda, do lado de lá da rua, um pouco mais à frente: verá o Divadlo Na Vinohradec, um belíssimo teatro, construído nos primeiros anos do século XX, com o intento de reforçar a cultura em língua checa (por oposição ao teatro em alemão, que até há bem pouco tempo dominava todo o cenário artístico de Praga). Mesmo por detrás da igreja, mais um edifício curioso, a Národní dům, ou seja, a “casa nacional”. Trata-se de um prédio construído em 1894, em estilo Neo-Renascentista, que alberga eventos de grande nível nos seus sumptuosos salões.

Sugiro que passe pelo lado direito da “Casa Nacional” e vá subindo a a Korunni. Vire na terceira à esquerda, que será a Budečska, e ande mais um pouco. Do seu lado direito encontrará o Vinohradsky Pavilon. Foi construído em 1904, também em estilo Neo-Renascentista, e durante décadas albergou o mercado de Vinohrad. Depois da Revolução iniciaram-se ali as obras de reconversão, e quando reabriu, em 1994, apenas o seu exterior mantinha uma ligação com o passado. Lá dentro encontrava-se o que à data era um dos mais modernos centros comerciais da cidade. Actualmente encontra-se quase ao abandono, com as lojas encerradas, vítimas dos novos espaços, mais apelativos, maiores, enfim, na moda. Se quer comprar alguns abastecimentos, aproveite: existe um supermercado Albert na cave.

Encontra-se agora na Vinohrádská, um dos eixos principais do bairro, apesar da sua situação marginal, definindo a fronteira entre Vinohrad e Žižkov. Ande cerca de 450 m, para cima, uma boa parte dos quais serão acompanhados por um pequeno jardim urbano, à sua direita. Chegará à praça Jiřího z Poděbrad, onde se ergue uma outra igreja, de estilo bem distinto da anterior: Nejsvětějšího srdce Páně (não se deixe impressionar pelo nome). Foi construída em 1928 por Josip Plečnik, um arquitecto esloveno que desempenhou um importante papel na remodelação do Castelo de Praga. Deixe a praça pela rua Nitranská, à direita, se estiver virado para a fachada da igreja. Se tiver fome, aconselho o Sudická, precisamente nessa rua.

Quando chegar à Korunni, vire à direita, e volvidos umas poucas dezenas de metros verá a Vinohradská vodárna, uma maravilhosa torre de água, construída por Antonín Turka, de novo em estilo Neo-Renascentista, em 1891. Esteve funcional, como elemento vital do sistema de distribuição de água do bairro, até 1962, altura em que a estrutura foi convertida para albergar apartamentos. Mesmo por detrás poderá visitar uma bizarra igreja, a Husův sbor (igreja Hussita), construída no início dos anos 30 por Pavel Janák. Saltará imediatamente à vista a torre sineira, construída como um poste de betão, com uma escada espiral exterior. Na parede, um memorial assinala o papel desta igreja no levantamento contra os ocupantes alemães, em Maio de 1945, quando ali foi instalado o quartel-general da Resistência.

E, apesar de muito mais existir para ver neste bairro, está quase concluído o nosso passeio. Se desejar avançar um pouco mais, por sua conta e risco, caminhe para Sul, consulte o seu mapa, e encontre o jardim Havlíčkovy. Do jardim, construído no topo de uma colina, é possível ainda observar-se numa encosta os últimos vestígios das vinhas que outrora cobriam toda esta área. De destacar ali a casa apalaçada Villa Gröbe, construída como residência de Verão para o industrial Moritz Gröbe em 1871.

Cinema à Margem

Entre tantas outras coisas, Praga ofereceu-me a redescoberta do prazer pelo cinema. Não a mera visualização de filmes, porque essa foi constante. Mas a ida mágica à sala em Portugal tombou há muitos anos, vítima da cultura da pipoca, dos telemóveis e das conversas casuais em plena projecção.

Claro que quem visita Praga terá outras prioridades, mas como me recordo de algumas situações excepcionais (é um maluquinho inveterado por cinema, ou chega numa altura em que o frio não dá tréguas, ou andou tanto nos primeiros dias que já não pode mais e uma sala de cinema vem a calhar para relaxar) decidi deixar aqui este singelo artigo, com umas indicações que poderão ser úteis.

Existem diversos cinemas independentes em Praga, mas incidirei sobretudo no Kino Světozor, pertencente a um grupo que inclui ainda o Aero e o Oko. Mas o primeiro está vocacionado para a audiência não checa, passando produção anglo-saxónica sem legendas, e filmes locais de de outras paragens do mundo com legendas em inglês. Não todos, não em todas as sessões. Mas com uma oferta de pasmar. Todos os dias da semana, são organizadas quatro ou cinco sessões em cada uma das suas duas salas, uma mais pequena e outra maior. Com tudo isto, chegam a haver dias que oferecem uma escolha de mais de 12 filmes, o que é espantoso considerando a existência de apenas duas salas. Os bilhetes oscilam entre as 60 e as 110 Czk, ou seja, uma média de cerca de 3 Eur, e podem ser adquiridos previamente com escolha de lugar no website oficial do cinema. Que de resto oferece extensa informação sobre as obras em cartaz, assim como sobre as características de cada projecção (língua original, sala, legendagem).

Por vezes, a programação normal é interrompida por ciclos fantásticos de cinema, variados no tema ou origem. Há o Festival Bollywood, o Festival de Cinema Francês, o Festival de Curtas Metragens, o Festival de Filme Publicitário, o Festival One World... entre outros. O último caso indicado dedica-se ao tema de filme documental incidindo na área dos direitos humanos, e todos os anos nos presenteia com uma cabazada de materiais de elevada qualidade. Fica aqui o website do festival para ter uma ideia.

Para o estrangeiro, a actividades destes cinemas significa também a oportunidade de estreitar o relacionamento com a cultura local. Seja viajante, seja residente, é aqui possível experimentar o muito de bom que todos os anos se produz na Rep. Checa e utilizar esse reflexo de uma sociedade que é o cinema para melhor entender o povo checo e a sua língua.

Dos três cinemas do grupo Europa Cinemas, talvez o Kino Světozor tenha sido o escolhido para oferecer alguma comodidade aos estrangeiros devido à sua localização central. Numa rua perpendicular à famosa praça Venceslau, pode ser aceso facilmente a partir de qualquer ponto da cidade, e não há turista que não passe à sua porta.

De resto o espaço é agradável e funciona bem. O pessoal do cinema é jovem, aberto ao contacto com visitantes, capaz de falar inglês. Comprar bilhete no local é simples, assim como todo o processo de entrada na sala. O bar é simpático, disponibilizando mesmo Internet Wi-Fi gratuita, como de resto é regra em Praga.

Lá dentro, iniciada a projecção, o silêncio cai sobre a sala. Nem o estalar dos pacotes de pipocas, nem o toque de telemóveis, nem conversas durante a sessão. Nada. No máximo dos máximos e em caso extremo, um ligeiro susurrar para o colega do lado. De resto, é o regresso aos tempos áureos do cinema, quando se podia apreciar Sétima Arte sem interrupções e sobretudo com muito respeito mútuo. Portanto, se gosta de cinema, bem vindo a Praga! Divirta-se!

A Rua Mais Estreita de Praga

A chamada “rua mais estreita de Praga” poderá por muitos ser considerada uma falsta artéria, um simples corredor mais do que uma verdadeira rua. Mas a verdade é que encerra um passado histórico mais profundo do que os turistas que casualmente a descobrem podem imaginar: trata-se do último “corredor de fogo” existente em toda a cidade e iremos encontrar as suas raízes no início do século XVI.

O dia 8 de Agosto poderá ter sido especialmente quente. Provavelmente nunca o saberemos, mas a verdade é que quando Praga acordou, não imaginava a catástrofe que sobre si desabaria antes que o sol se pusesse. Algures nos bairros orientais deflagrou um incêndio, que consumiu mais de sessenta casas antes de ser controlado. Para o concelho da cidade era evidente que algo tinha que ser feito para evitar a repetição de tal devastação. Assim, foi decidido que se construiriam vias de acesso, por entre a malha urbana, que conduzissem directamente ao Vltava, e à preciosa água necessária para o combate às chamas.

Hoje em dia este “corredor de fogo” conduz a um restaurante (de seu nome, Certovka), junto ao rio. Sobre o estabelecimento não nos poderemos pronunciar, porque nunca foi experimentado. Uma coisa é certa: tem óptimo aspecto e um ambiente agradável, quer no Inverno, com a sua lareira e sala intimista, quer em dias de clima mais próprio, quando o visitante pode usufruir da esplanada estrategicamente colocada.

Para regular o trânsito de peões, foram instalados semáforos no topo e no final da viela. Muita gente toma-os por uma graça, mas a verdade é que sem eles o restaurante não poderia operar. As luzes reguladoras de trânsito permitem satisfazer as regras de segurança do município e, de certa forma, garantir a acessibilidade à dita “saída de emergência”. Isto porque a rua é tão estreita que de facto é quase impossível duas pessoas se cruzarem nela: são 50 centímetros, de largura para um comprimento de 14 metros. Os degraus é que são uma novidade: foram colocados apenas em 1991, para permitir uma circulação mais confortável.

A coisa é de tal forma que já estive à beira de um desentedimento com umas jovens turistas que não respeitaram o sinal vermelho, e vieram por ali abaixo, como se aquilo fosse apenas uma piada. Dei-lhes um apertão de que não gostaram, apesar de merecido, e ficaram-me a olhar de soslaio. Noutra ocasião, uma alemã, candidata a cliente, que pretendia tomar a sua refeição no restaurante, ficou literalmente presa entre as paredes. Depois de muito esforço os aflitos funcionários acabaram por resolver o problema untando a zona com sabão.

Portanto fica a dica. Vá, respeite os semáforos, e faça o percurso de 14 metros. Não precisa de ir ao restaurante para dar uma vista de olhos, e de lá de baixo obtêm-se das melhores fotos da ponte antiga.

Para Trás de Petrin

Nenhum visitante passará por Praga sem reparar na colina que se ergue por detrás da margem oeste do rio Vltava. Muitos gastarão um par de horas a explorar os caminhos que cruzam Petrin, apreciando as vistas espectaculares sobre a cidade e a beleza deste parque ali tão perto do centro de Praga. Mas raros serão o que se atrevem a ir um pouco mais longe, a espreitar o que se encontra por detrás do topo, apesar da curiosidade ficar sempre. É desse assunto que vamos tratar aqui hoje.

Imediatamente a seguir ao cume da colina, existe um complexo urbano universitário, composto por onze blocos principais, que compreende residências para estudantes e diversos departamentos relacionados com a estrutura académica. E como os checos gostam de se divertir, num destes edifícios encontra-se uma das emblemáticas discotecas da cidade, o Klub 007 onde se organizam frequentemente espectáculos ao vivo.

Mas o principal destaque, o “monstro” escondido, aguarda em silêncio por detrás do “campus” universitário: o colossal estádio de Strahov, fruto da procura de afirmação da Primeira República Checoslovaca (1918-1938), que chegou a ser o maior recinto desportivo do mundo, com 220.000 lugares sentados, valor que mesmo actualmente é apenas batido pelo circuito automobilístico de Indianapolis, nos EUA.

A construção do Estádio Strahov, ou *Strahov Stadion*, em checo, iniciou-se em 1926; essa primeira versão do recinto apoiava-se sobre uma estrutura de madeira, substituída pelo betão seis anos depois. Os primeiros eventos a terem lugar no estádio foram organizados pela SOKOL, uma organização com forte apoio estatal que por essa altura procurou divulgar actividades desportivas e de ar livre por toda a população do país. A ginástica sincronizada praticada por centenas de pessoas em simultâneo encheram de magia as bancadas de Strahov. A esses encontros, que ocorriam de cinco em cinco anos, chamava-se “Spartakiadas”, numa associação entre a energia do movimento e a fulminante revolta dos escravos romanos liderados por Spartacus.

Em meados dos anos 60 do século passado foram organizadas algumas competições automóveis. Com a queda do sistema comunista, Strahov passou a

albergar concertos, tendo actuado ali nomes grandes da música mundial: Rolling Stones, Guns N'Roses, Bon Jovi, Aerosmith, Pink Floyd, U2 e AC/DC, para citar apenas alguns nomes.

Actualmente o recinto é utilizado como complexo de treinos e escola de futebol pelo Sparta de Praga, existindo no interior do estádio oito campos de futebol. A estrutura encontra-se contudo em evidente estado de degradação, sendo uma sombra decadente das gloriosas jornadas de outros tempos. O debate sobre o futuro do estádio e da zona envolvente é intenso, com vários projectos de reconversão sobre a mesa.

A título de curiosidade, sob esta imensa massa de terra passa um túnel rodoviário, com cerca de 2 km de comprimento. A central de ventilação que serve o túnel Strahov pode ser vista perto do monumento quase fálico que salta à vista a qualquer um que passe junto ao estádio, contornando-o pela esquerda. Esse é aliás o ponto mais aconselhável para apreciar a vista envolvente.

No seguimento do estádio, existe um complexo pertencente à Televisão Checa, enquanto do lado esquerdo, as vistas deslumbrantes sobre a cidade são entrecortadas por algumas moradias de luxo. Inicia-se depois o parque Ladronka, muito apreciado pela população local para actividades ao ar livre, sobretudo para a patinagem, pela morfologia do terreno, essencialmente plano e estendendo-se em linha recta por cerca de dois quilómetros.

Se decidir arriscar a espreitar estas paragens, suba pela colina Petrin, siga o seu instinto, com facilidade dará com o estádio. Senão, tem um autocarro que o traz cá acima, que sai de Karlovo náměstí (onde existe também uma estação de metro da linha amarela).

A Vivenda Čapek

Se os leitores forem como eu, gostarão de visitar sítios que parecem não ter nada de mais, mas que na realidade encerram histórias extraordinárias; são locais onde podemos partir para o mundo feito de imaginação e rever cenas de um passado marcante, ouvir os sons de então, ver as pessoas que calcaram o mesmo pedaço de calçada onde os nossos pés agora assentam. Nesse caso, recomendo-vos um passeio até à Vivenda Čapek. Para todos os outros certamente Praga terá algo melhor para oferecer.

Os irmãos Čapek foram duas figuras determinantes da cultura checa da Primeira República – designação dada ao curto período em que a Checoslováquia viveu enquanto país independente, entre 1919 e 1938. Karel, talvez o mais famoso dos dois, distinguiu-se pela escrita, especialmente na área da ficção científica, algo que nos anos 30 tinha algo de pioneirismo; foi o criado do termo robot, palavra derivada do verbo “trabalhar”, apesar de numa carta Karel atribuir a ideia ao seu irmão. Josef escreveu também, mas focou-se mais na pintura.

Por assim dizer tudo começou quando os pais Čapek se mudaram para Praga, em 1907, vindos da sua Úpice materna. Nesses primeiros anos a família viveu num pequeno apartamento na bela Mala Strana, perto de Ujezd, na rua Říční.

Em 1920 os manos começaram a pensar mudar-se para o seu próprio lar. O plano ganhou forma e entre 1923 e 1924 uma casa desenhada pelo arquitecto Ladislav Machoň foi construída num pacato recanto de um bairro de vivendas em Vinohrady.

O imóvel pode ser enquadrado no estilo “nacional”, com influências do período tardio do modernismo de Kotěra. Debaixo do mesmo telhado vamos encontrar dois apartamentos independentes, um para cada irmão, desenhados de forma simétrica.

Um ano após a sua construção, em 1925, Josef Čapek mudou-se para a nova casa, na companhia da esposa Jarmila e da filha Alena. O irmão seguiu-lhe o exemplo, que trouxe consigo o pai de ambos, o ilustre médico Antonín Čapek, entretanto feito viúvo. Por essa altura, que foram os anos de ouro de Praga e da cultura checa, quando a vida parecia prometedora e cheia de opções, a casa alojou também o gato Pudlenka e um fox-terrier de nome Iris.

Podemos imaginar os habitantes da vivenda a usufruir do amplo jardim, dividido em dois, cada metade reflectindo as preferências de um e de outro irmão: o lote de

Karel estava metodicamente organizado, posteriormente incluindo uma pequena rocha que lhe foi trazida pelos mineiros da sua cidade-natal, Svatoňovice, enquanto Josef preferia deixar o seu em estado natural.

Durante essa época feliz a vivenda teve convidados influentes na política e na cultura do jovem país. Reuniam-se sobretudo na sala do apartamento de Karel, geralmente às Sextas-feiras. O nome mais importante seria Tomáš Garrigue Masaryk, nada mais nada menos do que o Presidente da Checoslováquia, mas tinha sempre companhia ilustre, embora para os menos familiarizados com o panorama do país nesta época os nomes nada digam: Ferdinand Peroutka, František Langer, Karel Poláček, Josef Kopta, Eduard Bass, Vladislav Vančura, Václav Rabas, entre outros. Das conversas de Karel com Masaryk nasceu aliás um dos seus livros, entitulado precisamente de “Conversas com Masaryk” (traduzido para inglês)

Em 1938 a festa acabou. Esse foi o ano em que a Alemanha nazi anexou o que é hoje a República Checa e criou um Estado satélite na actual Eslováquia. E foi também o ano em que Karel Čapek faleceu, prematuramente, vítima de pneumonia, no dia de Natal. Quanto a Josef, foi preso pelos nazis e enviado para o campo de concentração de Bergen-Belsen onde morreu nos últimos dias da guerra.

Recentemente a casa foi comprada pelo município de Praga aos herdeiros dos Čapek, por uma verba considerada escandalosa por muitos. O futuro nos dirá se o investimento terá valido a pena.

A Feira de Velharias Plavý Blesí Trh

É um evento jovem. Iniciou-se em Março de 2014 e até ver tem lugar duas vezes por mês, aos Sábados de manhã, na praça Tylovo náměstí, conhecida carinhosamente pelos habitantes de Praga como Tylak. Este recinto é aliás usado noutros dias como feirinha de agricultores, podendo-se nessas ocasiões comprar por ali legumes e frutas orgânicas.

Muitos conhecerão esta feira simplesmente como a feira de velharias de IP Pavlova, ou, em inglês, *flea market of IP Pavlova*. Este estranho nome corresponde a uma área de Praga. Não é bem um bairro, é mais uma abstracção que tem como epicentro a estação de metro com o mesmo nome, parte da linha vermelha. IP Pavlova é nem mais nem menos Ivan Petrovich Pavlov. Os primeiros nomes reduzidos às iniciais e o famoso apelido transvestido de acordo com a declinação checa para este caso gramatical resultam então em IP Pavlova. O homem do reflexo. O de Pavlov. Já sabe então qual a melhor forma de aqui chegar, se não se sentir à vontade para caminhar, o que será uma pena porque é um belo passeio a partir do centro, e se for esse o caso, então aproveito para sugerir que o faça a partir do rio, quase em linha recta, em vez da via mais tortuosa e, na minha opinião, não tão interessante, a partir da Praça Venceslau.

A zona reservada à feirinha é simplesmente perfeita. Quando não está a ser usada por nenhum evento é simplesmente um pequeno parque urbano com sabor a praçeta. Tem o seu relvadito, os bancos de jardim e umas quantas árvores. Elementos que em dia de feira passam despercebidas. Nessas ocasiões espalham-se bancadas de todas as formas por aquele 80 ou 100 metros. Quem não as tem, expõe os seus produtos directamente no chão. E aguarda, pacientemente, pelo cliente que pode nunca vir.

Os vendedores são só por si dignos de observar. Há-os de todos os géneros: semi-profissionais das antiguidades, de ar digno de quem entende do assunto, trocando ocasionais impressões entre si. E jovens que precisam de fazer uns cobres e estão ali para vender algumas coisas de que já não precisam ou que conseguiram que alguém lhas doasse. Há o cidadão anónimo, gente perfeitamente normal, sem um traço característico, o checo de classe média que ali vai montar banca só porque sim, porque lhe apetece ou acha piada a passar a manhã de um Sábado à conversa com desconhecidos. Há os velhotes, coitados, que têm muita tralha lá para casa cuja venda poderá complementar magras pensões de reforma.

Os produtos para venda variam de igual modo. Numas bancadas vemos coisas novas, produzidas pelos vendedores, à laia de artesanato. Noutras, a verdadeira essência das antiguidades, elementos curiosos, alguns sem um fim ou utilidade evidente, expostas como se estivessem na vitrina de um qualquer museu. E há os petiscos, feitos com amor por quem os vende, as fatias de bolo, as limonadas.

Uma das coisas boas desta feira é que tem o tamanho ideal: entra-se, atravessa-se, chega-se ao fundo, onde está um pequeno lago com uma fonte, e volta-se pelo outro lado, vendo as bancadas opostas. Em menos de quinze minutos pode-se tornar a sair trazendo, quanto mais não seja, uma nova experiência. Neste breve período de tempo, certamente inofensivo, incapaz de transtornar o rigoroso plano do turista que tem que usar cada minuto para conhecer a cidade, terá observado um mosaico da sociedade local, respirado a sua essência, observado a sua memória.

Quem sabe não encontrará aqui a recordação perfeita, algo de pessoal, um objecto antigo que tenha uma etiqueta invisível a dizer: “Essência de Praga”... certamente mais adequado do que os *souvenirs* fabricados em fábricas chinesas e vendidas a preço de ouro nas lojas especializadas da cidade antiga.

A feira tem um website próprio: pravyblesitrh.cz. Aqui poderá consultar o calendário exacto e, com a ajuda da tradução automática incorporada, ler um pouco mais sobre o evento.

Sendo localizada nas imediações de Namesti Miru, esta feira enquadra-se perfeitamente no Passeio por Vinohrad, apresentado num outro artigo.

Sapa: O Vietname em Praga

Para compreender a importância deste local deve o leitor ser informado de que a comunidade vietnamita é a minoria mais numerosa em Praga. Começaram a chegar durante a Guerra do Vietname. A União Soviética e os seus aliados do Leste da Europa apoiavam o regime do Vietname do Norte e entre os vietnamitas que chegavam para aqui estudar e trabalhar, alguns foram ficando. Depois vieram mais, como sempre sucede, a conselho do que cá estavam, a comunidade formou-se e engrossou. Actualmente o comércio de fruta e legumes frescos é dominado por estes laboriosos cidadãos que, a meias com os paquistaneses, detêm uma extensa rede de pequenas mercearias e lojas de conveniência. Ao ponto de “loja de vietnamitas” se ter tornado sinónimo de “mercearia de bairro”.

Não será então de espantar a existência de uma série de mercados vietnamitas em Praga, destacando-se o chamado Mercado de Sapa, pelas suas dimensões consideráveis. Localizado nos subúrbios, não é facilmente acessível a partir do centro, mas o visitante que desejar uma experiência diferente e que tiver um fraquinho por comida asiática genuína pode ali deslocar-se.

Sapa é o nome de uma região do norte do Vietname, um dos locais onde se podem observar os arrozais em socalcos, uma zona montanhosa, em altitude, muito apreciada pelos turistas que se baseiam em Hanói para conhecer um pouco do país envolvente. É portanto um nome adequado para este complexo, instalado na propriedade de um antigo matadouro e que hoje, para além do mercado propriamente dito, alberga também um templo budista e uma escola primária.

Fazer compras não será o que aqui trás o visitante ocasional, porque o comércio aqui é feito por grosso. Existem contudo algumas lojas de venda directa ao público, oferecendo uma selecção razoável de lanternas “chinesas” e bens que não interessarão ao leitor (Por exemplo? Filmes, revistas e jornais vietnamitas). É mesmo assim um cenário pictoresco, carregado de informação para todos os sentidos... há camiões que carregam e descarregam, odores novos, sons de uma língua distante.

Mas é o paladar que mais tem a ganhar aqui. Vai-se encontrar no centro de um turbilhão de sabores asiáticos. Há vietnamitas que viajam de outros países

europeus para matar saudades de casa e dos verdadeiros sabores da sua terra. Pode optar por um restaurante numa linha mais convencional ou por petiscar nas barraquinhas de comida de rua. Mas há um outro aspecto a ser explorado: se tem condições para cozinhar em casa, aqui vai poder encontrar os mais exóticos ingredientes que lhe permitirão confeccionar verdadeira comida asiática. São muitos os checos e residentes estrangeiros ocidentais que atravessam a cidade para aqui se abastecer, aproveitando para experimentar um *Pho* sentados lado a lado com os genuínos vietnamitas que enchem o mercado.

O mercado fica localizado na margem sudeste da cidade, junto ao bairro de Písnice. Para lá chegar tem duas opções: apanhar o metro na linha encarnada, sair em KaceroV e passar para o autocarro 113 ou usar a linha amarela do metro, saindo em Smichovske nadrazi e transitando para o autocarro 197/198. A paragem de autocarro servindo o mercado chama-se Sídliště Písnice (Sídliště significa “subúrbio”). O recinto encontra-se aberto ao público desde as 9 da manhã até às 8 da noite. Se preferir um ambiente mais animado, tente ir ao fim-de-semana. Se procura mais espaço e calma, vá a um dia de semana.

III – Comes & Bebes

Kavárna & Galerie Róza K

Actualização Importante: desde 2011 o café Meduza mudou de gerência e de nome, tendo passado a chamar-se Kavárna & Galerie Róza K..

A kavarna Meduza (kavarna significa “café” em Checo) é simplesmente o meu pouso favorito em Praga. O local eleito para passar uma tarde de trabalho, com uma bebida na mesa e o portátil ao colo, sentado numa das elegantes poltronas no fundo da sala.

Localiza-se na zona de Namesti Miru, não sendo portanto directamente no centro, mas gozando de excelente acessibilidade: a estação de metro mais próxima, precisamente a de Namesti Miru, localiza-se a 200 ou 300 m.

O Meduza tem um ambiente único. O seu interior foi decorado de forma personalizada. Talvez não existam duas mesas iguais, e mesmo as cadeiras são quase todas diferentes. Na parede, peças de um passado distante, acentuam o classicismo informal do espaço. Na primeira sala, onde é permitido fumar, o balcão ocupa uma pequena área no canto interior direito. A minha área favorita localiza-se no ponto oposto, onde existem duas mesas baixas com cadeirões decadentes em redor, de pano gasto e solidez duvidosa, mas muito confortáveis.

A sala interior, reservada a não-fumadores, beneficia de uma agradável exposição à luz solar directa durante a tarde, e embora a decoração seja quase inexistente, o mobiliário é pelo menos tão interessante, igualmente com cadeiras e mesas de origem diversa e dimensões irregulares.

O horário é irregular, pelo que sugiro a consulta do website indicado (boa sorte, está apenas em Checo). De qualquer modo, a melhor altura para ir até ao Meduza será a meio da tarde, quando as pessoas estão a trabalhar, depois do almoço e antes de se começarem a reunir nas horas pós-expediente. Ou seja, entre as 3 e as 4:30 da tarde.

Todo o espaço encontra-se coberto por Internet Wi-Fi gratuita – como de resto é comum em Praga. Do menu, aconselho especialmente: os batidos de fruta, servidos generosamente e a preço reduzido, preparados com fruta fresca resultando num líquido cremoso de densidade exemplar; os chás de menta e de fruta; apesar de não apreciar, será important experimentar a cerveja que aqui se serve, a Svejani, de sabor extremamente frutado; nos dias mais frios, porque não, um chocolate quente, bastante cremoso e de sabor agradável.

O público é variado, representando uma mais valia para quem gosta de observar pessoas: ali, uma jovem de vinte e poucos anos espera pelo namorado que tarda em chegar mas não faltará; acolá, um checo na casa dos trinta anos, com aspecto de executivo bem sucedido, recebe explicações de inglês de um americano mais ou menos da sua idade; noutra mesa, um casal com ares de intelectuais de outros tempos, quiçá velhos amantes ou companheiros de luta contra o antigo regime; um outro estrangeiro ocupa a pequena mesa do canto... é um cliente habitual, e trabalha no seu *laptop*; sentadas junto à porta estão duas jovens escandinavas, pouco mais do que adolescentes, viajantes, com as grandes mochilas encostadas contra a parede. É esta a audiência do Meduza. Diversificada, divertida, espelhando a natureza do espaço... ou vice-versa.

Os principais jornais diários checos são disponibilizados aos clientes, assim como jogos de mesa, que podem ser utilizados livremente. O pessoal é jovem e comunica em inglês com facilidade. Para grupos maiores, pode-se reservar uma mesa, por telefone ou através de uma visita prévia ao local.

Como Ir: *Chegue a Namesti Miru de eléctrico ou de metro (linha verde). Coloque-se de frente para a entrada da imponente igreja. A rua do Meduza, a Bělgická, será a segunda para trás de si, do seu lado direito. Depois é andar uns 200 metros, deixar para trás uma rua que se junta à Américká do lado direito, e encontrará o café, também do lado direito. Quanto Custa:* O menu é variado, com preços relativamente acessíveis. **Quando Ir:** *O ideal é ir a meio da tarde. Para o serão enche-se muito e o fumo invade tudo. Contactos:* Kavárna & Galerie Róza K. Belgická 17 Praga 2
Telefone +420 222 515 107

Dobra Čajovna

Em Portugal não existe uma cultura de chá. Uma observação atenta nas ruas das principais cidades do país revelará uns quantos “salões de chá”, herança bacoca de outros tempos, em que ingleses traziam usos e costumes como sendo os da moda. Estava-se no século XIX e a exposição da sociedade portuguesa a estas influências atingia o seu zénite. Mas a verdade é que o chá não pegou. Hoje, esses “salões de chá” pouco mais são do que pastelarias com aspirações a uma classe perdida, onde se pode de facto pedir um chá... tal como em qualquer café.

Mas em Praga existe de facto um culto do chá. Claro que não se aproxima da paixão nacional pela cerveja e mesmo o interesse pelo café bate-o por uma certa margem. Mas existe. E para nós é uma agradável pedrada no charco. Porque se mantemos as nossas cervejarias e cafés, não existe em Portugal nada que se pareça com a “čajovna”, a verdadeira casa de chá checa. Espalhadas pela cidade, quem sabe quantas existirão. Se me forçassem a atirar um número para o ar, falaria em 30 ou 40.

Perante esta realidade, decidi trazer até vós, para começar, uma das mais interessantes casas de chá de Praga: a Dobra Čajovna (ou seja, a Boa Casa de Chá, sendo que Čaj significa chá e se lê quase como se pronuncia a palavra em português: txai).

O estabelecimento de que hoje aqui falamos, sito na praça Venceslau, faz parte de uma rede em “franchising”, sendo um dos dois existentes na cidade de Praga, contando-se cerca de vinte e cinco espalhados pelo país. Como talvez saiba já, esta praça é um dos centros da capital checa. É na realidade uma alameda, alongando-se por cerca de 800 metros. O Dobra Čajovna encontra-se num discreto pátio, do lado direito de quem sobe, sendo necessária toda a concentração para dar com o local sem precalços. Talvez resida neste carácter tímido a magia da primeira impressão do visitante. Subitamente salvo da azáfama por vezes doentia da praça Venceslau, dará consigo num recanto de sossego e calma, como que numa passagem de ilusionismo. No Verão, a esplanada poderá servir desde logo. A mim encanta-me, esta influência dos espaços intimistas que se vulgarizaram noutras cidades europeias e norte-americanas, como Viena ou Nova Iorque. Mas se não quiser ou não puder gozar do espaço ao ar livre, entre.

No interior da Dobra Čajovna encontrará uma série de salas, com dimensões e estilos algo variáveis, tendo em comum a calma que se espera usufruir num local destinado ao consumo desta requintada bebida. Aviso desde já que não é simples

encontrar uma mesa ou um canto vagos. Se falhar na primeira tentativa, poderá sempre reservar para mais tarde ou para o dia seguinte. Porque se aprecia chá, vale mesmo a pena.

Se o leitor não está habituado a estas andanças, presto um esclarecimento adicional. Que me perdoem os outros, que tomam tal como certo: numa verdadeira casa de chá seria escandalosa a existência de infusões de saco. Todo o chá sugerido provém de castas mais ou menos raras, importadas do misterioso Oriente ou de onde quer que cresçam plantas adequadas à infusão. O pessoal que aqui trabalha é simplesmente fanático por chá. Provavelmente não existe uma espécie à superfície da Terra que não seja deles conhecida. Recordo-me do entusiasmo que causou uma embalagem de chá Gorreana dos Açores que trouxe para oferecer ao pessoal: que sim, conheciam, mas apenas de nome... que não tinham tido a oportunidade de experimentar, e daí o entusiasmo quase pueril. E com mais um sorriso foram-se, preparar com excitação um cházinho português (deu-se a tolerância, visto que este se trata de um chá apresentado em saquinhos).

Note que para além de poder deliciar-se no local, o amante desta bebida terá hipótese de levar consigo para posterior consumo não só uma embalagem das deliciosas ervas ou folhas secas, mas também alguns objectos da parafernália relacionada com o cerimonial da preparação e consumo de chá.

Os preços praticados não são dos mais simpáticos. Nem nos chás nem nos petiscos – todos deliciosos – que constam do menu. As sandes de pão de pita são soberbas, com combinações espantosas de ingredientes, todos de elevada qualidade. O orçamento diário do visitante é que poderá sofrer um pequeno rombo mas a verdade é que um dia não são dias, e recomendo vivamente esta experiência, pelo menos uma vez.

Como Ir: No coração da cidade. Basta procurar na morada indicada. Quanto Custa: Algo carote para chá. Prepare uns 5 ou 7 Eur, entre o chá e qualquer coisinha mais. Quando Ir: Qualquer altura é boa, mas procure as horas de expediente, quando as probabilidades de arranjar um cantinho para si se elevam. Aberto entre as 10:00 e as 21:30, e aos fins-de-semana entre as 14:00 e 21:30. Contactos: Dobra Čajovna Václavské Náměstí 14, – Praga 1 Telefone +420 224 231 480 – Website www.tea.cz/cajovna

Mlýnská Kavarna

O local é tão discreto que quase não o encontrava quando o visitei pela primeira vez, para um encontro com uma pessoa amiga. Contudo, está localizado num dos pontos mais centrais de Praga, a ilha de Kampa, separada do banco ocidental do Vltava por um pequeno curso de água, a ribeira do Diabo.

Não há turista que nas suas deambulações não passe por ali, mas notar este interessante café é outra conversa. A entrada, à qual se acede após atravessar uma pequena ponte que cruza a ribeira, encontra-se parede meias com uma enorme azenha que outrora era movida pelo fluxo das águas, assim como outra, que se pode ver um pouco mais à frente.

Existe uma pequena esplanada, com cerca de sete mesas, com uma agradável vista sobre o ribeiro e o jardim de Kampa, que não poderá deixar de apreciar se o tempo estiver solarengo e ameno. Por outro lado, caso o frio aperte ou a chuva impeça o desfrute desse espaço exterior, poderá usufruir do salão interior, que apresenta uma evidente influência artística. É frequente a exibição de peças para venda, geralmente para benefício de causas nobres, e, de resto, a decoração tem um toque experimental, que não engana: trata-se de um espaço frequentado por jovens artistas locais, que se mantém relativamente a salvo da invasão de turistas. A organização de espectáculos musicais e de outros eventos artísticos é frequente. À laia de exemplo, tive a oportunidade de ver uma excelente exposição de cartazes contestatários, da época da Revolução de Veludo, incluindo trabalhos de Paul Benes, Michal Cihlář, Ivan King, Ales Najbrt, Michael Rittstein, František Skála, Jiří Votruba and Roman Werner.

Infelizmente não são servidas refeições regulares, mas se quiser saciar a fome existe uma boa selecção de sandes e petiscos ligeiros assim como uma variedade razoável de cafés e outras bebidas. A disponibilização de acesso Wi-Fi à Internet é mais uma das razões que o poderá trazer até aqui. Mas, de resto, é de facto o local ideal para descansar um pouco, se tiver poucos dias para visitar a cidade e andar a palmilhar o centro.

Como Ir: *Existem diversas formas de aqui chegar, mas vou descrever a mais inequívoca. Estando perto do Teatro Nacional (Narodni Divadlo), atravesse a ponte mesmo ali em frente. Chegando ao seu fim, vire imediatamente à esquerda, desça os degraus e estará na ilha de Kampa. Ande pela esquerda do relvado que ali vê, e encontrará a ribeira do Diabo. Mesmo ali, verá a roda de água, assim como o discreto café Mlýnská, do outro lado de uma pequena pontezinha. Caso tenha GPS, são estas as coordenadas: N 50º 04.965' E14º 24.434'*

Quanto Custa: *Não é dos cafés mais baratos, mas não irá à falência se tomar ali uma bebida ou mesmo uma refeição ligeira.*

Quando Ir: *Todos os dias, entre as 12:00 e as 24:00*

Contactos: Mlýnská kavárna, Park Kampa (vchod z ul. Říční 1), Praga 1 – Telefone +420 608 444 490 – Website Não tem

Šlágr Kavarna

O local classifica-se como uma “kavarna” (café) mas eu sinto-me tentado a colocá-lo o rótulo de “cukrarna” (pastelaria ou confeitaria). Na realidade é as duas. Num primeiro espaço, não engana ninguém, com a montra cheia de bolos e outras iguarias doces. Algumas mesas espalhadas de forma esparsa contribuem para transmitir uma falsa impressão de espaço. Porque o estabelecimento é tudo menos grande.

Mas o melhor do Šlágr encontra-se um pouco mais escondido. É aquela segunda sala, a que chegamos depois de ultrapassar um arco e subir dois ou três degraus. Quando pisamos a plataforma superior pela primeira vez, é como se tivéssemos concluído uma viagem no tempo. De súbito já não estamos na Praga do século XXI, capitalista, depois de ter sido comunista, e, antes disso, uma posse nazi durante cerca de sete anos. Não, estamos mais atrás no tempo, na Checoslováquia dos anos 30, quando este país era um bastião de ocidentalidade e de democracia.

A decoração replica na perfeição esses tempos idos, e a música, umas vezes cantada em inglês, outras em checo, acentua a transição temporal. Pelas paredes, fotografias e gravuras contemporâneas dessa chamada Primeira República, quando o país era novo, quase acabado de nascer.

Em suma, é esta recriação de época a verdadeira mais valia do Šlágr. De resto, é um café (lá está, é-o nesta plataforma interior) acolhedor, romântico... especialmente a meio da tarde, quando as pessoas ainda não saíram dos escritórios e se se pode usufruir do espaço com calma. Aconselhado para ler um livro num dia de Inverno, com um chocolate quente ou um chá na mesa.

O menú está disponível em inglês e oferece o leque habitual de bebidas e também a bolaria que, não tendo experimentado, sou tentado a recomendar apenas pelo contacto visual que estabeleci.

Ao contrário do que geralmente acontece nos cafés de Praga não existe Wi-Fi disponível no Šlágr.

Como Ir: *Apanhe o eléctrico 22 no centro (Teatro Nacional ou Narodni Trida, por exemplo) na direcção de Nádraží Hostivař e saia em Krymská (como sempre, as estações são anunciadas). São duas paragens depois da praça de Namesti Miru, facilmente identificável pela grande igreja que ali se encontra. Depois, ande um pouco no sentido oposto ao da direcção do eléctrico. Ou seja, para cima. Encontrará o Šlágr do seu lado esquerdo.*

Quanto Custa: *Preços razoáveis; um chocolate quente, cerca de 2 Eur.*

Quando Ir: *Entre as 15:00 e as 16:00 quando está mais sossegado.*

Contactos: Slagr Kavarna, Sudicka Francouzská 72 – Praga 10 – Telefone +420 607 277 688 – Website www.kavarnaslagr.cz

Dobra Čajovna

Um dia, casualmente, passava a pé pela avenida Korunni e reparei neste estabelecimento. Chamou-me a atenção. Parecia-se com um museu de motas, com uma série delas colocadas no interior das janelas.

Tinha tempo, tentei entrar e ver mais de perto, mas estava fechado. Encerrado aos Domingos. Tomei nota mental para regressar noutra ocasião, e cerca de duas semanas depois, necessitando agendar um encontro com um amigo meu, surgiu a oportunidade.

Ele chegou primeiro, e quando entrei no espaço vi-o logo, sentado na sala principal. Passei pelo balcão de entrada e fui logo cuprimentado por uma mulher com ares de proprietária. Bom sinal.

Sentei-me. O local é limpo, muito limpo. Pintado com cores vivas e com as tais motas, que agora podia ver mais de perto. Algumas encontra-se simplesmente posicionadas em locais “normais”, enquanto outras se encontram suspensas nas paredes e no tecto. A meio da tarde aquilo estava vazio. Apenas um par de moças, ar de estudantes, numa mesa atrás de nós, computadores ligados.

Logo se acercou um senhor de cerca de quarenta anos, com aspecto de checo típico, mas uma simpatia nada normal. Era de facto o dono, como fiquei a perceber pela conversa que se foi desenvolvendo, quer quando aceitou o meu pedido para uma cerveja, quer quando regressou à mesa uma e outra vez à medida que eu ia esvaziando garrafas atrás de garrafas – sim, é estranho mas não existe aqui cerveja a copo.

O seu inglês era muito aceitável tinha um interesse genuíno em interagir com os clientes. Conversámos sobre a decoração do café e revelou-nos alguns segredos. A simpatia era tanta que pensei que era um novo projecto, e que ainda se estava naquela fase de cativar novos clientes, no entusiasmo inicial. Perguntei-lhe isso mesmo, se tinha aberto há pouco. Mas não. Há nove anos, disse-me.

Ficou portanto visto o Moto Cafe, e recomenda-se. Relativamente central, cm serviço agradável, uma decoração diferente, wi-fi, preços dentro da média. Mas atenção que tem um horário de abertura fora do comum: abre a meio da manhã e encerra ao final da tarde, à comércio tradicional. E está encerrado aos Sábados e Domingos. Talvez o rigor se deva à localização: ocupa um segmento do piso térreo do edifício que é o quartel-general da polícia de Praga.

Como Ir: Se quiser ir de eléctrico, o café fica mesmo em frente da paragem Perunova, servida pelos números 10 e 16. Quanto a Metro – linha verde – sair em Jiriho z Podebrad subir a avenida e virar na segunda à esquerda, precisamente a rua Perunova. Caminhar, passar pelo primeiro quarteirão e quando desembocar noutra rua com linhas de eléctricos, é mesmo ali defronte.

Quanto Custa: Dentro dos preços normais de um café ou bar de Praga.

Quando Ir: A meio da tarde de um dia de semana.

Contactos: Motor Cafe, Korunni 98, 100 00 Prague 10 – Telefone +420 602 653 055 – Website www.motor-cafe.cz

Kavarna Sudička

Kavarna Sudička. Mais um cantinho especial, numa cidade cheia locais de charme. Quem por ali passe, dificilmente antevirá o que encontra, ao abrir aquela porta e descer as curtas escadas que conduzem à sala do Sudička, na cave. Nem mesmas as duas velas, colocadas de um lado e outro da entrada, preparam o casual cliente para o ambiente envolvente que pauta este estabelecimento. O edifício “art nouveau” onde se encontra, foi construído em 1902, e o espaço sob o prédio foi inicialmente aproveitado como armazém de carvão para aquecimento, e depois como lavandaria comunitária.

Lá em baixo, apenas uma sala. Repleta de pormenores mágicos. A lareira dá um toque caloroso aos serões frios de Inverno, cujas baixas temperaturas não se fazem sentir nunca nos interiores. Os armários e as paredes acolhem peças cheias de carisma. O mobiliário, de madeira escura, está em harmonia com o espírito que os proprietários do Sudicka idealizaram. Pelas prateleiras espalham-se revistas e livros, que os clientes podem ler a seu bel-prazer. O romantismo, em todas as suas acepções, reina aqui. É o local ideal para um momento repousado, seja ele preenchido por uma amena conversa, pela leitura do seu autor favorito ou mesmo por algum trabalho na Internet, uma vez que o acesso Wi-Fi é livre.

O local é requintado, não num sentido snob, mas pela genuína qualidade de tudo o se encontra presente. O serviço é cuidado, com todo pessoal capaz de se exprimir facilmente em Inglês. Se for fumador e pedir um maço de cigarros, este ser-lheá apresentado numa bandeja de prata, já aberto, com uma carteirinha de fósforos para utilização imediata.

No Sudicka tem ao seu dispôr uma excelente seleção de cafés e chás, para além de vinhos e outras iguarias. O chocolate quente é muito bom e a cerveja, claro, é fresca e cristalina. A comida é confeccionada com elevados padrões de qualidade, e o que escolher, virá certamente a agradá-lo.

Talvez o único problema do Sudicka seja a sua popularidade. Se fôr depois das 5 da tarde apenas por milagre conseguirá uma mesa. Poderá, isso sim, marcar o seu lugar com antecedência. Mas melhor será experimentar os encantos deste local após o almoço, quando poucas pessoas ali se encontram.

Como Ir: De metro até à estação Jiriho z Podebrad (linha verde). Virado para a entrada da igreja, a Nitranská é a rua imediatamente à sua direita.

Quanto Custa: Preços razoáveis, mais do que justos para a qualidade oferecida. Poderá consultar os detalhes na ementa disponível no website (ver link abaixo) .

Quando Ir: Aberto das 10:30 às 23:00 aos dias de semana e das 12:30 às 23:00 aos fins-de-semana; contudo, será de esperar que encerre mais tarde do que está indicado no horário. Como encontrar uma mesa depois das 17:00 é complicado, aconselha-se uma visita a meio da tarde.

Contactos: Sudicka, Nitranska 7 – Praga 2 – Telefone +420 222 511 609 – Website www.sudicka.cz

Cafe Globe

O Globe foi um dos meus primeiros amores em Praga. Encontrado na última noite na cidade, de imediato me encantou, com o seu conceito versátil, nada habitual em Portugal. Numa primeira sala encontra-se a livraria, que comercializa livros e revistas em inglês. Depois, no corredor, encontram-se computadores para aceder à Internet, e por fim, um salão com mesas complementado por uma *mezanine*.

Na altura fiquei fascinado pela conjugação de conceitos. Em 2005 ainda não era comum o acesso Wi-Fi à Internet, e a possibilidade de poder ligar o meu computador em qualquer mesa enquanto tomava uma bebida deslumbrou-me. Claro que hoje, com a vulgarização da net sem fios, oferecida a troco de nada em quase todos os cafés, resurantes e bares da cidade, o Globe já não oferece o mesmo encanto. Mas mesmo assim é um local interessante, até porque tem uma história: após a queda do regime comunista, em 1989, uma multidão de americanos invadiu o país, atraídos pelo romantismo de uma Europa virgem e pelas inúmeras possibilidades profissionais que aqui se começavam a configurar. Para os americanos Praga foi, e de certa forma ainda o é, o que Paris representou no período entre guerras. Um destino ideal, cheio de misticismo, tentador. Uma promessa de aventura, de uma vida diferente. Ora sucede que o Globe foi o primeiro porto de abrigo para esta comunidade que começava a formar-se. No início dos anos 90 Praga era uma cidade bem diferente. Os checos não estavam então habituados a estrangeiros, e a realidade do dia a dia era ainda a que tinha pautado a vida destas gentes nos 20 ou 30 anos transactos. E sabia bem a esses ocidentais que se estabeleciam ter um local de encontro. E isso, foi o Globe.

De volta aos dias de hoje, poderá visitar este local para uma bebida ou uma refeição ligeira. Por vezes há eventos culturais, sempre anunciados no website oficial. Aos Domingos, depois das 20:00, costuma ser exibido um filme. De resto, o espaço é utilizado para expôr arte, e a actuação de músicos ao vivo é comum.

Muito popular é o serviço de “brunch”, na qual o Globe se tem vindo a especializar, com ofertas dinâmicas a cada Domingo.

Mas nem tudo são rosas por aqui. A actual gerência tem explorado o poder de comprado público, eminentemente anglo-saxónico, disposto a pagar algo mais

semelhante à prática dos seus países de origem para encontrar um ambiente controlado. Enfim, é como estar em casa no estrangeiro. É um pouco o espírito gregário português, de formação de comunidades onde quer que se encontrem uns quantos lusos. E isso, torna também o Globe um local algo inóspito. Não irei ao ponto de dizer que existe uma política de racismo em vigor, mas quem não for anglo-saxónico ou física e culturalmente bastante próximo, poderá sentir alguns olhares estranhos enquanto estiver sentado no Globe.

Na realidade já não frequento o local, mas decidi mesmo assim publicar este artigo, em honra de tempos passados e da história que o envolve.

Como Ir: A Pstrossova é uma rua paralela ao rio. Algures entre o Teatro Nacional e a Casa Dançante.

Quanto Custa: Demasiado, mas um dia não são dias. Não se assuste, é apenas um pouco acima da média.

Quando Ir: Entre as 9:30 e as 00:00.

Contactos: Globe Bookstore & Cafe, Pstrossova 6, 110 00 Praha 1 – Telefone +420 224 934 203 – Website www.globebookstore.cz

Cafe Fantazie

O Cafe Fantazie encontra-se numa localização simultaneamente central e remota: está fisicamente muito próximo do centro, mas poucas pessoas passarão por ele por mero acaso. Todo o quarteirão, aliás, toda a zona onde se encontra, é interessante e merece um passeio repousado, com atenção aos detalhes arquitectónicos que abundam nestes edifícios clássicos, de inícios do século XX.

Trata-se de um pequeno café com uma decoração encantadora, de outros tempos, extremamente personalizada. Gosto especialmente da mesa com duas poltronas perto do bar, na sala de entrada, mas no seu todo o espaço é agradável e acolhedor.

Suspeito que se trata de um negócio de família, e que a senhora loura que serve às mesas é a proprietária. Adoro vê-la a fazer um “break” no serviço para trocar dois dedos de conversa com a clientela enquanto beberica do seu copo de vinho tinto, regressando à faina com um gesto de quem diz “- Já me ia esquecendo que há trabalho para fazer”.

As gentes que páram pelo Cafe Fantazie são essencialmente locais, e quando o digo, não me refiro a checos mas sim a habitantes ali do bairro. É um prazer observar a multidão, as mesas ocupadas, aqui por um casal de namorados já entradotes, acolá um grupo de amigos. Vêem-se senhores dignos que entram para dizer olá aos conhecidos e para uma bebida rápida, e pares de jovens, e pequenas famílias. O riso e o som de vozes envolve o espaço com um calor humano muito próprio. Ideal para levar um livro no bolso e virar umas quantas páginas na companhia de um chá, de um chocolate quente ou, porque não, de uma chávena de café.

Pode aproveitar para aqui beber um copo de cerveja Svijany, uma marca de certa forma comercial, mas bem mais exclusiva que os grandes nomes mainstream, como a Pilsener, Staropramen ou Gambrinus.

Tenha em conta que o Cafe Fantazie, como negócio de família que é, não está aberto todos os dias, encerrando ao Domingo.

Como Ir: O ponto de referência será a praça Palackého, servida por muitos eléctricos e por uma saída da estação de metro de Karlovo Namesti (kinha amarela). Uma vez na praça, procure a rua Podskalska, que dela sai, na extremidade mais oposta ao centro da cidade. O café encontra-se nessa rua, numa esquina, no segundo quarteirão.

Quanto Custa: Os preços do costume num café de Praga.

Quando Ir: Por volta das quatro da tarde, de forma a arranjar mesa e ficar para a “rush hour” do café.

Contactos: Cafe Fantazie, Ladova 1 Praha 2, Vyšehrad 120 00 – Website <http://cafe-fantazie.cz>

Cafe Grand Orient

Sob o som melodioso do piano entramos. Para trás deixámos a entrada deste belo edifício cubista, onde se encontra, no piso térreo, o museu dedicado a esta corrente artística. O verde domina o espaço, requintado mas com um toque algo usado, que, se querem que vos diga, apenas realça de forma positiva o ambiente clássico que aqui reina. Junto às janelas as mesas são maiores, adequadas para grupos, com longos sofás a acompanhar as suas superfícies. Depois, ao meio e no canto, as mesinhas simples, com duas singelas cadeiras, estofado verde riscado com branco.

Sentamo-nos num desses conjuntos, perto das janelas, de onde podemos observar a sala em toda a sua extensão. O menu apresenta as sugestões de sempre: baguetes, chocolate quente, saladas, refeições ligeiras. Apenas os preços são mais elevados do que na maioria dos locais. Por uma baguete paga-se cerca de 4 Euros. Hesito um pouco e acabo por me decidir por uma cerveja, Staropramen, de pressão. É excelente. Muito fresca, cheia de vida. Delicio-me com a espuma enquanto a música passa por momentos da pianada para uma balada clássica, para aí dos anos quarenta. Observo as pessoas em redor. Um misto: há um grupo de estrangeiros obviamente de diversas proveniências; ao meu lado um casal de turistas com a mesa repleta de mapas e guias prepara-se para se levantar; do outro lado, um par de checos, de aparência bem sucedida na vida. A sala está bem composta, sem contudo estar cheia. Lá fora o dia está cinzento, mas a beleza arquitectónica que nos rodeia não se fragiliza com a ausência do sol. Da janela podem-se ver detalhes numa outra perspectiva, elevada. Em dias solarengos e amenos a esplanada que corre na estreita varanda exterior será uma maravilha, com as suas românticas mesas e as suas vistas melhoradas, em redor do edifício.

É mais um local para se estar, de forma descontraída, eventualmente fazendo uso da internet sem fios, gratuita. Se escolher bem a mesa, poder-se-á mesmo recarregar o computador enquanto se lêem os e-mails.

Um café recomendável, clássico, mais natural que outras escolhas mais famosas, mas também mais turísticas. Aqui, sente-se o tempo que passou. Respira-se História... e histórias. Claro que é o pouso ideal para quem se interessa por estas coisas da arquitectura, para quem uma visita ao museu se sugere. Além de mais, a

localização central é um factor encorajante. É quase impossível o visitante cirandar por Praga sem passar aqui à porta.

Como Ir: Na rua que liga a praça antiga da baixa da cidade à Namesti Republiky. Localizado no edifício do Museu do Cubismo, numa esquina, perto da Torre da Pólvora.

Quanto Custa: Não é barato, considerando a média praticada em Praga. Mas não é caro para o viajante ocidental: 2 Eur por uma cerveja de meio litro, Cerca de 4 Eur por uma baguete.

Quando Ir: A meio de um dia de exploração, para descansar um pouco. Ou se o tempo estiver desagradável. É sempre quentinho no interior.

Contactos: Grand Orient Cafe Ovocný 569/19 110 00 Praha 1 – Telefone +420 224 224 240 – Website www.grandcafeorient.cz

Dobra Trafika Ujezd

E se ao entrar numa loja de tabaco e revistas se aperceber que esta fachada inocente mais não é que um portal para um interessante abrigo de comida e bebida? Pois é o que sucede com a Dobra Trafika, localizada em Helichova. Na primeira vez que ali fui, nem queria acreditar. Por detrás do balcão onde um homem jovem atende os clientes, existe uma sala... e de repente, deixou de ser uma loja de tabaco para passar a ser um pub. Se não houver ali espaço disponível, é provável que tenha mais sorte lá em baixo, na cave, onde se escondem mais três ou quatro mesas.

O local é muito frequentado por jovens estudantes, que o podem tornar algum agitado, barulhento mesmo, mas se o ambiente estiver demasiado confuso, é caso para recorrer à solução de recurso... de novo... descer as escadas.

O espaço lá em baixo tem um ambiente especial, apropriado para reuniões misteriosas, para encontros de sociedades secretas. Apresenta aquele cheirinho das salas de fundos reservadas a clientes especiais. Mas atenção... não abra nenhuma porta... a única vez que o tentei, dei mesmo com uma dessas salas, a valer, e com quatro pares de olhos fixos em mim, num misto de interrogação e hostilidade.

E o que experimentar da Dobra Trafika? A cerveja não é a bebida de eleição neste local, uma heresia em Praga! Pode contudo bebê-la, e terá acesso a marcas alternativas, de que provavelmente nunca ouviu falar mas que merecem uma chance. A variedade de vinhos é considerável, assim como a selecção de chás. Para comer, talvez um queijo marinado com pickles, acompanhado de umas quantas fatias de pão escuro.

O serviço é deplorável e nada recomendado a espíritos impacientes. Terá que relaxar, esperar, encomendar a sua bebida e qualquer coisa que deseje petiscar... e depois relaxar mais e aguardar de novo. Quando chegar a hora de pagar, não se faça rogado: levante-se e vá-se embora. Mas calma! Não estou a sugerir que se ponha a mexer sem pagar a conta. Ali, trata-se desse detalhe à saída, com a figura que atende no balcão do tabaco.

Em suma, é um espaço alternativo, geralmente isento de estrangeiros e sobretudo de turistas. Tem uma personalidade própria, e creio que gostará de o conhecer. Se estiver preparado para o serviço à checo, no caso, sem antipatia, mas com uma boa dose de ineficiência.

Como Ir: Do lado do rio onde se encontra o Castelo, bem perto do centro. A morada é Újezd 37, e se for de eléctrico poderá apanhar o 12 ou 22, e sair em Hellichova.

Quanto Custa: Bem dentro da média.

Quando Ir: Abre cedinho de manhã e fecha todos os dias às 23:00. Ao final da tarde é bem capaz de estar demasiado cheio.

Contactos: Dobra Trafika, Újezd 37, 110 00 Praha 1 – Telefone +224 257320188 – Website www.dobratrafika.cz

Choco Cafe

Alguém me falou do Choco Cafe há umas semanas. Depois, outra pessoa mencionou este local. Sinal de que estava na altura de experimentar este estabelecimento, localizado bem no centro de Praga.

Apesar de se assumir como um café, a especialidade da casa é outra: o chocolate quente. Existem mais de trinta variantes, todas elas preparadas com uma base de 70% de chocolate puro, o equivalente a cem gramas do delicioso produto. As opções encontram-se ordenadas por categorias, iniciando-se nas formas mais simples: chocolate puro, chocolate branco, chocolate com natas. Depois, surgem as propostas que implicam a adição de frutas frescas; outra categoria passa pela adição de licores e bebidas alcóolicas, eventualmente em conjugação com as frutas; por fim, o capítulo de frutos secos, que de novo inclui algumas sugestões mistas.

Estamos portanto no paraíso dos apreciadores de chocolate, numa atmosfera a fazer lembrar a loja do famoso filme com Johny Depp e Juliette Binoche, *Chocolat* (2000). o Ambiente é acolhedor, com uma decoração intimista, mesas de estilos e formas irregulares, diversos sofás. Por vezes pode-se tornar demasiado populado, mas as tardes dos dias de semana, quando os checos estão nos seus postos de trabalho e os turistas de fim-de-semana não se encontram na cidade, prometem facilidade na obtenção dos melhores lugares e um ambiente sossegado.

Claro que os produtos disponíveis no Choco Cafe não se esgotam nos magníficos chocolates quentes; para além das corriqueiras bebidas e de alguns pratos leves, está disponível uma razoável selecção de cafés e de chás. Os preços são algo altos para os padrões de Praga, mas não levarão ninguém à falência: um chocolate simples a rondar os 2,50 Eur, enquanto os mais fantasiosos podem ir até os 4,00 Eur.

O serviço é cuidado, com pessoal atencioso e com alguma facilidade na utilização do inglês. Outro aspecto “mais” do Choco Cafe é a disponibilização (gratuita, como de resto é regra em Praga) de Internet sem fios para todos os clientes.

Um dos problemas que poderá ter com o Choco Cafe é o de chegar até ele: apesar de se localizar na área mais central da cidade, como qualquer boa parte antiga, esta é um emaranhado de estreitas ruas. O melhor é estudar no seu mapa como chegar até à praça Betelemska, pois a rua do Choco Cafe parte desta.

Como Ir: O melhor é encontrar no seu mapa a rua Liliová, na zona central de Praga, não muito longe do rio, para sul da praça antiga.

Quanto Custa: Não é especialmente barato. Média de 3 Eur pelo chocolate quente.

Quando Ir: A meio da tarde num dia de semana.

Contactos: Choco Cafe Liliova, 4 Praha 1

Cafe Slavia

O Café Slavia encontra-se num restricto grupo de cafés que lutam pela popularidade como o café mais clássico de uma cidade onde quase tudo é “clássico”. Trata-se de uma batalha complicada, onde o Café Louvre, localizado a uns meros duzentos metros, também participa.

A sua grande abertura ocorreu no Verão de 1886. Seria um Agosto igual a tantos outros na cidade que por essa altura fazia parte do Império Austro-Húngaro. A sua localização, na esquina da Narodni Trida (avenida Nacional, um nome que naturalmente seria outro por essa altura) com a bela via que transita junto ao rio, prometia desde logo. A inauguração coincidiu com a abertura do Narodni Divadlo (Teatro Nacional) e tal não foi uma coincidência. Pretendia-se oferecer aos frequentadores do teatro um café de qualidade do outro lado da rua.

Nas suas cadeiras sentaram-se durante mais de um século as figuras mais emblemáticas da sociedade, da ciência e da cultura checa. Kafka frequentava-o, assim como, bem mais tarde, o homem que liderou o processo de democratização do país, tendo-se tornado o primeiro presidente da Checoslováquia livre, em 1989: Vaclav Hável. Aliás, o presidente – dramaturgo de profissão – viveu grande parte da sua vida não muito longe, no edifício que se ergue ao lado da famosa Casa Dançante, mas foi especialmente nos anos 60, nos primeiros anos da sua actividade criativa, que frequentou o café.

Actualmente o Café Slavia encontra-se aberto, apesar de um encerramento temporário entre 1992 e 1997, provocado por uma disputa legal. É bastante visitado por locais e turistas e as mesas com vista para o rio são muito procuradas, tornando-se um prémio desejado pelos clientes.

O seu interior, em Art Deco, data da Primeira República (1919-1938), e pode albergar até trezentos clientes. As mesas Tonet, são originais, as mesmas que testemunharam episódios marcantes da história checa desde 1920. De resto, as mesas de madeira escura e os mármorees verdes das paredes são símbolos de um passado glorioso, dos glamorosos anos 20 do século passado.

Como é regra nos cafés checos, o cliente pode consumir desde uma simples bebida até uma refeição faustosa, destacando-se o bife à Slavia.

Como Ir: Muito central. O metro Narodni Trida encontra-se a duas centenas de metros e a paragem de eléctrico Narodni Divadlo é mesmo defronte.

Quanto Custa: Algo caro, em reflexo da fama e da localização no centro turístico. Mas nada que impeça uma visita.

Quando Ir: Uma vez li a sugestão de um cliente habitual: logo á abertura, para sentir o clima da manhã, a partire das 8. As pessoas entram para tomar o café, fumam um cigarro enquanto consultam os jornais da manhã; e depois, ao serão, numa atmosfera completamente relaxada, com as notas do piano que se elevam no ar (das 17 às 23), enchendo a sala com o ambiente muito especial... por essa altura é normal ver clientes todos ataviados, prontos para uma sessão no teatro, tal como se fazia nos finais do século XIX. Aberto das 8 às 24 e durante o fim-de-semana das 9 às 24.

Contactos: Kavarna Slavia, Smetanovo nábřeží 1012/2, Praha 1 110 00 – Telefone +420 224 218 493 – Website www.cafeslavia.cz

Louvre Cafe

O Louvre é um dos quatro ou cinco cafés clássicos desta cidade, e o meu favorito. Foi fundado em 1902, frequentado por nomes grandes da cultura e da ciência, como Franz Kafka, Albert Einstein, Karel Capek. Depois, foi encerrado pelo regime comunista. E, tal como uma fénix, renasceu das suas cinzas para deliciar os clientes com um ambiente requintado mas não snob e com um longo menú de especialidades a experimentar.

Está convenientemente localizado na Narodni, a poucas centenas de metros dos grandes centros da cidade. Mas a sua posição, num primeiro andar, pode complicar as coisas. É preciso estar com atenção para notar a sua entrada. Após um primeiro lance de escadas o visitante chega ao novo Louvre, um espaço moderno que parece não ter o sucesso do seu irmão mais velho, apesar de oferecer Internet Wi-Fi e partilhar a mesma ementa. Talvez as pessoas venham até aqui em busca dos fantasmas de um passado, esperando sentir a nostalgia dos tempos imperiais. E assim, prosseguem a ascensão, vencendo um segundo lance da escadaria imponente, e entrando, por fim, no espaço do clássico Louvre. Do lado direito, uma pequena loja vende tabaco e outros artigos que se espera utilizar num café (isqueiros, esferográficas, postais, blocos de notas, etc), e em frente encontra-se o acesso para o jardim interior, aberto na época alta, entre a Primavera e o início do Outono. Ainda a partir deste hall de entrada, uma outra porta permite entrar numa sala mais intimista, adequada para refeições convencionais. Assumindo que o visitante quer chegar ao mais genuíno espaço do Louvre, este terá que caminhar mais uns passos e entrar por fim numa sala sobrecomprida, com confortáveis cadeiras colocadas em redor de mesas rectangulares e quadradas. Os lugares mais apreciados são junto à janela, mas se não encontrar nenhum vago pode tentar dois espaços mais resguardados: atrás de si, a sala para não-fumadores tem geralmente menos procura. No sentido contrário, avançando mais um pouco e virando à direita, encontrará um espaço de menores dimensões, entre o salão principal e a zona dos bilhares.

Apresentado que está o espaço, vamos à vasta ementa (que pode ser consultada integralmente no website do café). Há uma coisa completamente imperdível: os gelados. Note bem: estamos a falar de uma iguaria preparada localmente, de forma artesanal. Cada bola de gelado custa cerca de 0,50 Eur (!!). Ou seja, uma taça bem composta, com quatro deliciosos sabores e uma pequena bolacha decorativa vai-lhe

custar algo como 2 Eur, o mesmo que em muitos locais de Portugal lhe pedirão por uma simples bolinha de gelado. Os sabores não são muitos, nem poderiam ser, dada a sua manufactura local. Apesar de não ser um apreciador incondicional, recomendo intensamente o chocolate. Para o complementar, adicionaria uma porção do de banana, pistachio e yogurt.

Se o tempo está frio e não lhe apetece mesmo gelado (nem sabe o que vai perder) sugeriria o chocolate quente, servido em dose pequena ou grande. Aprecio também o “fresh cocktail”, produzido com sumos naturais de laranja, kiwi e banana. Para comer, por assim dizer, tudo é bom, e não apontarei uma opção específica.

Diria que o Café Louvre é um marco incontornável na sua visita a Praga. Pela sua posição central, acabará por tropeçar nele mais cedo ou mais tarde, não encontrará melhor lugar para relaxar um bocado enquanto adiciona mais uma experiência nesta sua viagem. Em cada mesa encontrará folhas timbradas e lápis, para tomar notas, e à entrada, na tabacaria, poderá recolher uma pagela com a história detalhada do café.

Não se surpreenda com alguma negligência, ou pior, na qualidade do serviço; apesar de alguns dos funcionários serem bastante simpáticos, há outros que... nem vê-los.

Como Ir: Muito central. O metro Narodni Trida encontra-se a poucas dezenas de metros assim como os eléctricos que param junto à estação.

Quanto Custa: Depende do que consumir. Os excelentes gelados são baratíssimos, e as refeições estão cotadas a preços muito aceitáveis para o tipo de ambiente.

Quando Ir: Entre as 9 da manhã e as dez e meia da noite. Não se fie no horário afixado, vá por nós.

Contactos: Café Louvre, Národní 22 Praha 1, 110 00 - Telefone +420 224 930 949 – Website www.cafelouvre.cz/en/

Blatouch

Foi um amigo que descobriu este local. Combinámos posteriormente um encontro para trabalharmos um pouco juntos e assim que entrei fiquei rendido aos encantos do BlaTouch. É um espaço com um toque francês, que, segundo o tal amigo, faz lembrar o mítico café de Amélie Poulain, em Montmartre. Talvez seja da decoração, da frequência com que é passada música francesa ou da gerente, também ela com um não-sei-quê de gaulesa, que lhe valeu entre nós a alcunha de “la petit francaise”.

Por outro lado existe algo de intelectual neste café. Não de forma ostensiva, mas de facto há ali qualquer coisa. Existem livros espalhados, à disposição dos clientes – apesar de todos eles serem em checo – e jogos de mesa que podem ser usados livremente. Depois, é oferecida ligação Wi-Fi à Internet, geralmente de boa qualidade, estável e com uma velocidade aceitável.

A sala de entrada, estende-se sobre o seu comprimento, e alberga o balcão de serviço. Dá logo as boas-vindas ao visitante, com o seu estilo caloroso. Mas o melhor está lá dentro, numa segunda sala, maior, e que tão facilmente escapará à atenção do cliente – se este não precisar de usar o WC, que se encontra ao fundo de tudo. Neste segundo espaço, reservado a não fumadores, o ambiente é verdadeiramente caseiro. Com facilidade esquecemos que estamos num estabelecimento comercial, enquanto bebericamos um copo de vinho ou um chá de menta fresca, resfatelados no sofá com um livro na mão.

O serviço é excelente, muitos furos acima do padrão de Praga. Rapaziada afável, com bom inglês e verdadeiramente dispostos a ajudar e resolver eventuais problemas. O menu é outro elemento muito positivo: variado, com uma selecção de artigos invulgar, quer no que toca a beber como no que toca a comer. Já referi o chá de menta fresca. Adiciono a baguete mista, coisa banal em Portugal, mas não muito frequente por aqui, e que sabe bem, de tempos a tempos. E uma maravilhosa “tortilha” – mais um crepe, contudo – recheada com queijo azul e espinafres. A cerveja é sempre fresca e bem tirada. E os preços são muito agradáveis.

Como Ir: Estação de metro Namesti Miru, linha verde. Coloque-se em frente à entrada da bela igreja. Olhe para a sua direita. Verá uma rua, que se chama Americká. Siga

essa rua até chegar a uma pequena praça. O BlaTouch encontra-se do lado direito dessa praça.

Quanto Custa: Pouco, sobretudo atendendo à qualidade.

Quando Ir: Basicamente, das 11:00 à 1:00.

Contactos: BlaTouch, Americká 17, Praha 2 – Telefone +420 222 328 643 – Website www.blatouch.cz

Standard Cafe

Um dia, precisando de me encontrar com um velho amigo, ele indicou-me esta morada. Cheguei bastante mais cedo, tinha tempo. Fiquei imediatamente conquistado pelo ambiente jovem oferecido por este café. Trata-se de um projecto efectivamente jovem, um investimento de tudo o que podiam dar na vida por parte de dois estudantes de Praga, que aqui criaram um refúgio pouco vulgar, bem no centro da cidade.

Apesar de se encontrar a 2 minutos dos pontos mais turísticos, o visitante pode ter a certeza que no Standard Cafe não será enganado – como tantas vezes sucede em locais situados nestes quarteirões mais centrais de Praga. Pelo contrário, a juventude que aqui reina garante um processo descomplicado, conversa em inglês e honestidade assegurada.

Quem observa o Standard Cafe descortina uma equilibrada mistura entre modernidade e classicismo. Não sei como os proprietários explicariam este design, mas com facilidade imagino uma tentativa de conjugar a o espírito característico da sua própria juventude com a zona envolvente, cheia de história e de estórias para contar. E o resultado é este: um toque de Primeira República (período histórico e cultural compreendido entre 1918 e 1938) que se sente sob a decoração moderna que foi impressa ao espaço.

E na hora de encomendar? Há muito por onde escolher. Fazendo jus ao nome, não faltam cafés, listados numa longa selecção. Mas há também as cervejas, a fugir ao *mainstream*, e os petiscos, que sempre se encontram em cafés e cervejarias checas. Existe também comida a sério, com um menú diário.

Uma das vantagens do Standard é mesmo a localização, numa ruazinha paralela ao rio, bem perto da famosa ponte Karlovo, excelente ponto de partida para uma exploração dos becos e vielas da cidade antiga.

Duas notas informativas avulsas: existe wi-fi disponível para os clientes e o horário estende-se das 10 à 1 da manhã.

Como Ir: Caminhe a partir da extremidade Este da ponte antiga, com o rio pela sua direita. Atravesse a rua quando puder, e entre por uma rua relativamente discreta

que, a cerca de 150 m da ponte, sai para a esquerda. É mesmo a rua do Standard, que se encontra do lado esquerdo, a cerca de 200 m do início da via.

Quanto Custa: Preços médios, ajustados para um público estudante sofisticado.

Quando Ir: A qualquer altura, mas ideal a meio da tarde, quando não está muito cheio e apetece fazer uma pausa na exploração da cidade

Contactos: Standard Cafe, Karoliny Světlé 321/23 110 00 Praha 1 – Telefone +420 606 606 806 – Website www.standard-cafe.cz

Cafe Rybka

O Café Rybka localiza-se numa belíssima área de Praga, naquele emaranhado de ruas que se desenvolve paralelamente à avenida Narodni, por onde passará o viandante que vindo do rio atalhe por detrás do Teatro Nacional rumo à estação de metro de Narodni Trida. Uma referência será o U Fleku, um restaurante histórico que consta em tudo o que é guia de Praga, que desaconselha de todo, mas que fica a menos de 100 metros aqui do café de que vos falo hoje.

É uma zona que de resto recomendo: tem detalhes arquitectónicos deliciosos, sobretudo se mantiver os olhos altos, atento aos detalhes que se levantam umas dezenas de metros do solo, e também uma série de bares, tascas e restaurantes a merecerem alguma atenção.

Mas do que hoje vos falo é de um café. O Rybka, que em checo significa “peixe”. O cliente-tipo aqui é o estudante, vanguardista, intelectual. Há outros géneros, claro, mas a a multidão caracteriza-se pela jovialidade e pelas conversas a puxar pelo intelecto.

Como em tantos outros cafés de Praga o fumo dos cigarros pode ser um problema, especialmente no Inverno quando o frio faz manter portas e janelas encerradas e as deficiências da capacidade de ventilação destes espaços se fazem sentir. Mas, claro, tem as suas vantagens, e a primeira será precisamente a atmosfera alternativa. Outra característica é o cruzamento entre os conceitos de café, de livraria e de biblioteca. É verdade, logo ali, na única sala do estabelecimento, encontram-se pesados armários repletos de livros. Uns para venda, outros para leitura no local.

Uma vantagem deste café são os preços, muito acessíveis, especialmente da cerveja, cujo meio-litro de pressão não custará mais de 1,30 Eur. E, a bem da verdade, convém dizer que apesar do nome, a maioria dos clientes opta mesmo pela cerveja.

Paul de IP Pavlova

Já não sei de onde vinha ou para onde ia, mas estava a passar ali, em IP Pavlova, um local de cruzamento tantas e tantas vezes atravessado. Também não sei porquê, mas os meus olhos fixaram-se neste estabelecimento, que se calhar já estava ali da última vez que andei por aquelas paragens. “- Olá, o que é isto”, pensei eu.

Entrei e gostei logo do que vi, ignorando que o melhor ainda estava para vir. As montras exibem iguarias, com preços marcados de forma clara. Numa, os doces, com diversas filas de bolos de aspecto chamativo. Não são baratos, como de resto a pastelaria não o é num país onde não existe a tradição de ir ao café e comer um bolinho. A peça custa uma média de 1,50 Eur. Ao lado, os salgados. E que belas sandes ali estão, ao dispôr do faminto cliente. E aqui entra uma nota de esclarecimento: Paul é um franchising – não sei se Europeu se meramente checo – de padarias francesas. É comum encontrar um Paul num átrio de um centro comercial, mas nunca vi um estabelecimento como este em IP Pavlova. Ora como padaria francesa que é as baguettes são mesmo a especialidade da casa.

E portanto, dizia eu, aquelas sandes são um espectáculo de cor. Os preços, comparativamente, são mais agradáveis, com preços a rondar os 3,50 Eur. Ao lado, os croissants, todos alinhadinhos, com recheios diversos, a acentuar o carácter francês da coisa.

No topo do balcão, a fazer-me lembrar as velhas charcutarias de Lisboa, mais uns petiscos, distribuídos por pratos, de forma irregular, a encher a vista. Atrás dos expositores um par de jovens checas atarefa-se a aviar as encomendas, também elas de encher o olho – as minhas desculpas pelo sexismo.

E pronto, isto é o que o cliente vê à primeira vista. Muitos, entrarão, comprarão qualquer coisa para comer e sairão sem se aperceber do que se passa mais para o interior da loja. Mas eu reparei nas escadas e estava decidido a não perder pitada.

Lá em cima, um par de salas espantosas. De repente entramos num outro mundo, numa França clássica, que nos deixa de queixo caído enquanto Edith Piaf nos segreda aos ouvidos as estrofes de uma qualquer das suas canções. O conceito alia o requinte de um café clássico com os aspectos práticos de um fast food. Os clientes que ali desejem tomar a sua refeição deverão transportar os bens adquiridos lá em baixo num tabuleiro, e para o depositar, findo o respasto, lá está,

como em qualquer McDonalds, o móvel de prateleiras à medida dos tabuleiros, discreto, a um canto.

Os candeeiros, acesos, para compensar o lusco-fusco criado pelo cerramento das cortinas da sala, têm lampadas de luz amarelada, quiçá um toque a transportar o imaginário dos clientes para aquela época dourada em que estas salas se iluminavam a velas. Existe até uma pequena lareira, que me atrevo a pensar poderá ser acesa nos dias frios de Inverno.

A mobília é apropriada, aliando o funcionalismo que não pode ser dispensado num conceito assim com o classicismo do ambiente que se pretende recriar. E funciona. Nas paredes há mesmo réplicas de pinturas para ajudar “à festa”. É maravilhoso como de um modelo baseado no feio fast food se transitou para um ambiente agradável, que parece cortar as amarras com a frieza desnudada das salas das hamburgarias por esse mundo fora.

Chegar aqui é simples, até porque IP Pavlova é um hub citadino, onde dezenas de milhares de pessoas transitam de umas linhas de metro para as outras, de umas carreiras de eléctricos para as outras. Mas não imagine o leitor um cenário dantesco urbano com passagens aéreas, corredores sem fim num labirinto sem salvação. Não. É tudo à moda antiga. Se quer passar da linha verde para a linha vermelha, terá que subir a avenida e andar 300 metros até chegar à outra estação. Dito isto, poderá chegar ao Paul através da linha vermelha de metro, que é a opção mais conveniente, mas também existe uma boa série de eléctricos a parar mesmo à porta, por exemplo, o turístico 22.

Por fim, queria dizer que baralhado sobre como classificar este local, acabei por me decidir por “Cafés”, mas podia ser um restaurante, apesar de se auto-classificar como padaria.

Comes & Bebes - Bares

U Sadu

Confesso desde já: o U Sadu é um dos meus pousos na cidade de Praga. Nem sei bem como começou esta relação... talvez os meus círculos sociais me tenham puxado para este caótico pub de Zizkov. A verdade é que hoje é um ponto de encontro comum e não consigo imaginar uma vida em Praga sem ele.

O U Sadu ocupa uma esquina, numa pequena praça quase paredes meias com a imponente torre de TV de Zizkov. No exterior, uma pequena esplanada montada num estrado de madeira começa a encher-se assim que a Primavera chega. Lá dentro, o piso térreo oferece uma ampla sala, decorada com artefactos obsoletos, ferramentas industriais e pequenas alfaías agrícolas. Fazendo-se menção de descer à cave, não podemos deixar de observar os símbolos comunistas em exposição desordenada, raridade num país que enterrou bem fundo as suas memórias incómodas de quarenta anos de opressão. Não é só à memória comunismo que os checos procuram fugir, mas talvez sobretudo às recordações do domínio soviético. Mas no U Sadu encontra-se um pouco desse passado, bem claro, para quem quiser ver.

Na cave, um pequeno labirinto de pequenas salas, dispostas de tal forma que por vezes parece que o diabo as esconde. A cerveja e o fumo do tabaco são omnipresentes, tornando-se mais densos à medida que o serão avança. O público do U Sadu é uma delicada mistura entre habitantes locais, alguns residentes estrangeiros e uns raros turistas. Por vezes, quando a cerveja já correu em quantidades generosas, a interacção entre diferentes grupos decorre de forma pacífica. É normal as pessoas falarem entre si, travarem conhecimento. Apesar do inglês que se vai ouvindo nesta e naquela mesa, emana mesmo assim um sabor puro, da mais fiel tradição checa de “hospoda” (pub).

Não espere boas maneiras do pessoal que aqui trabalha. Ao bom estilo checo, um sorriso será um bem raro, e uma resposta torta aparecerá célere se a procurar... ou mesmo se não fizer por isso.

Vai-se ao U Sadu para beber cerveja, mas pode-se tomar uma boa refeição. Os petiscos são variados, todos baseados na gastronomia checa. Aconselho o queijo marinado (Naklandy hermelin) que aqui, ao contrário do que é costume, é servido

cortado em pequenos pedaços, com um cesto de pão. Se o seu fígado estiver em grande forma, poderá também experimentar o mesmo tipo de queijo, mas frito. Outra delícia checa. Se optar por um prato mais tradicional, não esqueça que na República Checa o acompanhamento tem de ser encomendado à parte.

Os preços são razoáveis, baixos mesmo, pelos padrões portugueses. Mas mantenha um olho nas contas. Aliás, no papelinho deixado na sua mesa, onde os empregados vão traçando uns risquinhos à medida que servem as encomendas. No que toca a cerveja, ideal é ir ao balcão do bar e pagar no acto de entrega... por causa das tosses.

Uma característica agradável do U Sadu é o horário da cozinha. É um dos pontos onde é possível encontrar comida até horas mais avançadas.

Como Ir: Apanhe o metro até Jiriho z Podebrad (linha verde) e aí caminhe pela rua Laubova (estando à entrada da igreja, virado para ela, é imediatamente para o seu lado esquerdo); chegará a um cruzamento, atravesse-o e continue a andar na mesma direcção. A rua muda de nome, passa a chamar-se Blodkova. Passadas umas dezenas de metros entrará numa pequena praça. É aí.

Quanto Custa: Preços aceitáveis, baratos para os nossos padrões.

Quando Ir: Se não suporta fumo de tabaco, não vá ao serão. Mesmo fora desse período, o ar não será tão puro como desejável. Tecnicamente está aberto entre as 9 e as 4... da manhã.

Contactos: U Sadu, Škroupovo náměstí 5, Prague 3 – Žizkov – Telefone +420 222 727 072 – Website www.usadu.cz

U Vystrelenyho Oka

Zizkov é tradicionalmente um bastião comunista, tendo-se formado como um bairro proletário e mantido a sua personalidade socialista ao longo dos tempos. Actualmente é aqui que se sente ainda um pouco do cheiro a nostalgia dos tempos do domínio soviético, e este pub é um exemplo vivo de tudo isto.

Estamos a falar de “the real thing”. Aqui não há turistas nem menus em inglês. Desaconselhamos de todo uma visita sem a companhia de algum conhecido checo que possa sentir o pulso ao ambiente e ajudar na comunicação. É um local com um público de todas as idades, fiel ao espírito checo de “hospoda” (pub). É o ponto de reunião da comunidade local após um dia de trabalho ou num fim-de-semana invernos. O ambiente pode ser denso, com a ventilação deficiente e muito fumo na sala. Os móveis são de uma simplicidade total. Mesas e bancos corridos de madeira bruta. Assim o exige a atmosfera envolvente. É frequente que operários veteranos em estado de embriaguez variável cantem velhas canções comunistas e dançam em cima das mesas, sobretudo mais junto à hora de fechar, quando o álcool já fluiu o suficiente. A decoração é em conformidade: grosseira, simples, com alguns elementos comunistas.

O serviço é surpreendentemente atencioso e profissional, tendo em conta que a simpatia não faz parte do folclore checo e este local é do mais puro e popular. Os preços não são tão baixos como seria de esperar por aqui, mas mesmo assim estamos a falar de cerveja (0,5 l) a 30 Kc. Qualquer coisa como 1 Eur.

Apesar do ambiente ser potencialmente hostil – é preciso não esquecer que muita desta gente cresceu a ver-nos como O Inimigo – não houve qualquer tipo de problemas na minha visita. Na realidade estabeleceu-se contacto amigável com os ocupantes da mesa mais próxima, um jovem casal de eslovacos, e já à saída, na rua, um outro casal, mais velho, fez questão de nos perguntar se precisávamos de alguma orientação para atingir o nosso destino.

Opinião final? Um dos momentos mais interessantes da minha vida em Praga. E está tudo dito.

Como Ir: Não se meta nisso sem um acompanhante checo. E nesse caso, peça-lhe para tomar a dianteira.

Quanto Custa: Preços aceitáveis, baratos para os nossos padrões, mas podiam ser mais baixos tendo em conta a categoria do estabelecimento.

Quando Ir: Ao serão avançado.

Contactos: Hospoda U Vystrelenyho Oka, U Bozich Bojovniku 3, Prague 3 – Zizkov

Wings Club

Este é um daqueles sítios encontrei por mero acaso, como tantas vezes sucede numa cidade onde a peculiaridade se torna vulgar, onde a cada esquina vimos algo diferente.

O Wings Club é claramente um pub-restaurant temático, dedicado à aviação. E assim sendo, digo desde já, a coisa não foi feita por pouco: entrar na sala interior do estabelecimento equivale, literalmente, a visitar um segmento do Museu da Força Aérea. O local foi fundado em 2004, e a colecção em exibição pertence a um dos proprietários originais, Mark Petru (que, assim como os dois restantes fundadores, George Vysoky e Petr Prediger, é na realidade um piloto). E o melhor é que o espaço, não sendo suficientemente amplo para albergar na totalidade as peças reunidas ao longo do tempo por aquele entusiasta da aviação, vai vendo o seu recheio rodar, adicionadas umas coisas, retiradas outras.

Ao entrarmos no Wings Club devemos transitar para a sala interior, construída em forma de hangar, onde as peças mais interessantes se encontram expostas. Desde o cockpit de um dos Spitfire utilizado nas filmagens de Dark Blue World, passando pelos incontornáveis modelos e pinturas colocadas nas paredes, terminando numa miríade de instrumentos aeronáuticos... mas para todos os detalhes sobre a colecção, o melhor mesmo será visitar o website do local. A verdade é que o ambiente recriado funciona às mil maravilhas, envolvendo o cliente pelo intemporal espírito da aviação.

No Wings Club pode beber uma cerveja ou um refrigerante, mas também tomar uma refeição completa. A qualidade da comida é aceitável. Os preços são nivelados pela média da cidade, mas a qualidade do serviço deixa muito a desejar. Mantenha o zen e um olho atento na conta. Apesar de tudo, vale a pena pelo menos uma visita. Existe WI-fi gratuito, mas não estão disponíveis tomadas para manter o portátil com energia externa.

Dark Blue World (Tmavomodrý svet em checo)

Filme checo produzido em 2001, do mesmo realizador de Kolya, que ganhou um Óscar para Melhor Filme Estrangeiro. Conta a história de um grupo de pilotos checos que, com o início da II GUerra Mundial, se refugia no Reino Unido para prosseguir a luta contra a Alemanha. Existe uma evidente relação entre o filme e este local, com vários artefactos usados durante a rodagem a estarem agora expostos no Wings Club. No website do pub podem-se ver imagens dos membros da equipa que produziu o filme nas instalações do Wings Club. De resto, a temática comum é evidente.

Como Ir: *Apanhe o metro até Jiriho z Podebrad (linha verde) e passe para trás da igreja aí existente. A rua do Wings Clube sai das suas traseiras e encontrará o pub a cerca de uma centena de metros.*

Quanto Custa: *Preços aceitáveis, baratos para os nossos padrões, dentro da média de Praga.*

Quando Ir: *Entre as 11:30 e as 24:00. Mas depois do final da tarde poderá ser complicado arranjar uma mesa. Depende da sorte.*

Contactos: *Wings Club, Lucemburská 11, Prague 3 – Vinohrady – Telefone 420 222 713 151*

Zlý Časy

Apresento-vos hoje um espaço que entrou muito recentemente para o meu leque de opções em Praga. O Zlý Časy é um pub-restaurant enterrado numa cave no obscuro (para os turistas) bairro de Nusle, em Praga 4. Chegar lá não é contudo tão complicado como isso. Basta tomar o elétrico 18, que passa em paragens centrais, como Karlovo Namesti, Narodni Třida ou Narodni Divadlo, e sai na paragem Náměstí Bratří Synků. A rua do Zlý Časy sai dessa praça, pelo que com um mapa na mão e um pouco de atenção a coisa torna-se fácil.

Mas porquê que estou tão entusiasmado com o Zlý Časy? Bem, aqui entre nós, este é um dos últimos pubs “secretos” que os verdadeiros apreciadores de cerveja frequentam. Sem os tiques de vedetismo de tantas cervejarias famosas, o Zlý Časy é simpático. O pessoal é geralmente sorridente, uma sensação única neste tipo de estabelecimento, e, até ver, honesto. Mas o que realmente interessa é a selecção de cervejas. É isso que nos traz até aqui e faz deste local algo especial. Com cerca de dez torneiras de cerveja, o Zlý Časy apresenta diariamente uma escolha diferente, fazendo rodar o conteúdo das suas torneiras mágicas. É possível apreciar cervejas verdadeiramente exóticas, vindas de todos os cantos do país. Filtradas, semi-filtradas, não filtradas. Cerveja “branca” e “preta”. Cerveja com toques de gengibre, de castanha. Mas quem queira verdadeiramente mergulhar no universo da cerveja checa deverá deitar um olho aos frigoríficos que expõem uma gama impressionante de cerveja engarrafada. Se é apreciador de cerveja, não pode de forma alguma vir a Praga e perder uma visita ao Zlý Časy.

Claro que existe comida ao dispôr dos clientes. O habitual menu deste tipo de locais, com pratos simples de porco e galinha, muito carregados nos fritos, assim como queijos para acompanhar a cerveja.

Os preços são muito agradáveis, com pratos desde os 4 Euros. A cerveja, essa, tem custos muito díspares, consoante a selecção que se fizer. Já as vi desde as 22 Czk até às 35 Czk. Que é como quem diz, entre os 0,75 Eur até aos 1,40 Eur. Canecões de meio litro, claro.

Outro factor agradável é que, apesar de ser possível, o local não costuma estar cheio. Pode-se arranjar uma mesa com relativa facilidade. Senão, há sempre a possibilidade de molhar o bico de pé, enquanto se espera por uma aberta para sentar.

Como Ir: Basta tomar o elétrico 18, que passa em paragens centrais, como Karlovo Namesti, Narodni Třida ou Narodni Divadlo, e sai na paragem Náměstí Bratří Synků. A rua do Zlý Časy sai dessa praça.

Quanto Custa: Pouco.

Quando Ir: É melhor não ir depois das 23 horas.

Contactos: Zlý Časy, Cestmírova 5, Prague, 4 – Telefone +420 604241454 – Website www.zlycasy.eu

U Kruhu

Entrei neste sítio por mero acaso, quando procurava um outro, um café que queria experimentar. Afinal, encontrei o café, que não me agradou especialmente, e mesmo defronte, esta pérola escondida...

Acede-se ao U Kruhu através de um arco. Passa-se naquele túnel que pertence ao edifício, com caixas de correio e tudo. E depois, está-se no pátio. É a guarda avançada deste pictoresco *pub* checo. Foi amor à primeira vista. Estava um dia cheio de sol, e é nessas condições que recomendo absolutamente uma visita. Naqueles poucos metros quadrados os pormenores são tantos que vai demorar um bom bocado até os apreciar a todos. E as cores também. Há cor nas plantas que trepam pelas paredes, nas aves canoras que enchem o pátio de música, nas chapas de publicidade *vintage* penduradas, na bonecada que decora o recinto. O que não há é serviço de mesa. Está avisado. É preciso entrar e pedir.

A anfitriã é uma senhora que poderia ganhar um prémio de representatividade: quando penso numa checa de meia idade, é assim, com uma beleza que se esfumou mas deixou traços para trás, pouco amiga de sorrir, com toques de matrona. Não ligue. Faz parte da experiência. Há três ou quatro variedades de cerveja. E comida, comida de *pub* checo, uma carícia na cultura nacional. Vou para uma Kozel branca, a mais barata. É pouco mais de 1 Euro pela caneca de meio-litro que trago para a mesa. Venho a pensar no que vi lá dentro, no ambiente tão característico. Não é só a senhora outrora bela e ainda sisuda. É tudo. A decoração, os amigos sentados a beber, claramente clientes da casa.



Estou sozinho no pátio. Aquilo é o tradicional *zahrada*, o jardim, que tantos cafés e pubs publicitam em grandes letras

mas que poucos conseguem manter como se deseja. Em tempos fui muito fã de um outro, do mesmo género, entretanto encerrado: o Pink Floyd Cafe. Mas agora estou aqui, no U Kruhu. É central, mas suficientemente longe do centro turístico para se manter assim, genuíno. Mesmo assim, quando me apresto a partir, chega um grupo

de estrangeiros, alemães, creio, trazidos por um homem que parece ser um guia turístico. Este será o seu trunfo para mostrar ao seu grupo um verdadeiro *pub* checo. E é um bom trunfo, um ás.

Antes disso, numa outra mesa, duas mulheres jovens sentam-se com uma cerveja. Obviamente empregadas em alguma loja ou escritório ali perto que fazem uma pausa no trabalho. O sol enche aquele páteo maravilhoso, os pássaros cantam, a cerveja está fresca. É um local onde se pode encontrar a felicidade, se se olhar com os olhos certos.

P.S. – U Kruhu significa algo como “No Círculo”.

Como Ir: A pé, a partir de Narodni Trida ou da praça Venceslau. O melhor é ver o mapa em baixo para estudar o melhor percurso.

Quanto Custa: Pouco.

Quando Ir: Num dia cheio de sol.

Contactos: U Kruhu, Palackého 723/6, 110 00 Praha-Nové Město – Telefone +420 605 258 978

Dnistre

Como os meus leitores mais assíduos talvez se tenham apercebido, a comida checa não é um dos meus motivos de sonho. Mas comer em Praga, sim. Porquê? Porque nesta cidade é possível encontrar restaurantes representativos de uma infinidade de cozinhas, algumas delas bem exóticas para o paladar ocidental. É o caso do Dnister, um pedacinho da Ucrânia escondido numa cave de Praga.

Antes de mais, fique avisado: não espere um ambiente requintado, com decoração primorosa e mobiliário elaborado. A sala de refeições é, bem pelo contrário, um espaço simples, básico, grosseiro. Chão de cerâmica barato, mesas de fórmica baratas, cadeiras elementares. As paredes estão nuas, e uns arranjos pirosos são colocados aqui e acolá. Mas este cenário é uma peça do puzzle que torna este local encantador, e a palavra-chave para compreender o seu charme é “autenticidade”. Pois não disse anteriormente que o local é um cantinho da Ucrânia? E o que espera o leitor encontrar num qualquer restaurante local naquele país do Leste Europeu?

Na realidade, o testemunho dos meus amigos ucranianos é unânime: “é mesmo como lá na Ucrânia”... “parece que estamos numa festa de casamento lá da terra”... “o vodka é tal e qual como lá”.

Se o tema lhe interessa e pensa visitar o Dnister, aconselho um jantar ao Sábado. Pode marcar uma mesa, para jogar pelo seguro, apesar de ter dúvidas que o pessoal fale inglês suficiente para tal processo. Quanto à comida, não se assuste: existem menús em inglês. Não farei sugestões para o prato principal, mas não perca uma terrina de “borsch”, que consiste numa sopa à base de beterrada, com batata, cebola e outros vegetais, e que é muito popular em diversos países do Leste Europeu (mas não da gastronomia checa).

Se sugeri o jantar de Sábado para uma visita, não foi por acaso: se tiver sorte, terá direito a música ao vivo. Atenção! Não estou a falar de folclore barato para turista ver. Aliás, é pouco provável que veja mais estrangeiros no restaurante, e isso aplica-se mesmo aos checos. O público é característico: emigrantes ucranianos que ali se reúnem, em busca de um cheirinho da pátria e de conterrâneos para dois dedos de conversa. Mas, voltando à música, se não se trata de folclore barato, não anda longe: é música pimba, da mais pimba que se arranja na Ucrânia, mas mais uma vez é este toque de algo genuíno que a torna preciosa.

Com o avançar do serão e respectivo consumo de vodka, as gentes animam-se, e começa a dança. Um jantar simples pode tornar-se num bailarico, formado espontaneamente, como uma réplica perfeita do que se passa lá longe, na Ucrânia, a cada Sábado.

Em suma, um jantar no Dnister pode facilmente resultar numa experiência inesquecível. Senão, ficará sempre a refeição, barata, muito barata, cheia de sabores que não encontrará com facilidade na sua cidade.

Como Ir: Qualquer transporte para a praça Palackeho Namesti – por exemplo, a estação de Karlovo namesti, na linha amarela, e seguir as indicações com atenção. Ou qualquer um dos muitos eléctricos que lá passam. A Na Morani, onde se encontra o Dnister, do seu lado direito de quem vem de Palackeho Namesti, é a rua que desemboca na praça, vinda de cima, com a linha dos eléctricos.

Quanto Custa: Pouco.

Quando Ir: Sábado ao jantar é o mais prometedor, devido à possibilidade de música ao vivo e animação redobrada.

Contactos: Restaurace Dnister, Na Morani 6, Prague, 2 – Telefone +420 739 020 889

Haštalsky Dědek

Esta é uma proposta simples. Estou-vos a escrever sobre um restaurante que aparentemente nada tem de extraordinário. A decoração é banal e está longe de apresentar um ambiente requintado, como poderá ver pelas imagens. Mas então, porquê este artigo? Porque o Haštalsky Dědek (que significa “O Avô Haštalsky”) disponibiliza uma ementa succulenta a preços baixos. Além disso o turista tem a vida simplificada, podendo consultar o menu em inglês, língua que é igualmente falada pela generalidade do pessoal que lá trabalha.

Mas as vantagens do local não estão ainda resumidas: aqui poderá encontrar uma pequena mas agradável selecção de cervejas menos comerciais, trazidas de diversos pontos do país e mudadas com frequência para quebrar a monotonia. A cozinha é tipicamente checa, ficando a recomendação expressa para a sopa de alho, uma iguaria adequada para os dias mais frios ou para quando o comensal precisa de um reforço de energia urgente. As doses são bem aviadas e a principal dificuldade residirá na escolha.

Um dos aspectos mais agradáveis no Haštalsky Dědek é a perfeita associação entre o ambiente genuinamente local, a gastronomia checa, os preços e a facilidade de comunicação. Um conjunto de factores que raramente pode ser encontrado reunido.

Além disso, apesar de bem escondido numa viela mais que secundária, fica num local acessível, para o qual se pode caminhar a partir do centro. Em suma, é um estabelecimento que seleciono quando procuro uma refeição substancial a preço reduzido acompanhada de uma cerveja interessante. Ideal para dois dedos de conversa quando o tempo lá fora não está convidativo.

Como Ir: O ponto de referência é a central Namesti Republiky, a qual deverá deixar seguindo pela Revolucni, em direcção ao rio. Depois, vire à esquerda, na Dlouha, caminhe um pouco, tome a Rybná, à sua direita, e depois a Haštalská, de novo à direita. Encontrará este restaurante bastante disfarçado, no edifício de um hotel.

Quanto Custa: Pouco. **Quando Ir:** A qualquer altura, dentro do razoável **Contactos:** Haštalsky Dědek, Haštalská 731/20, Prague, 1 – Telefone +420 224 827 196 – Website www.hastalskydedek.cz

Haštalsky Dědek

Numa obscura rua do não menos obscuro bairro de Zizkov, encontra-se o restaurante Highland. Descoberto quase por acaso, por ocasião de uma visita a um amigo que vive ao virar da esquina, o Highland seria apenas mais um dos milhentos restaurantes de Praga se não servisse o melhor bife que conheço por estas paragens.

O interior não tem nada de especial. O serviço, já foi muito mau, mas recentemente, com algumas mudanças no pessoal, a coisa melhorou bastante. Não se esperem salamaqueques ali. Apenas deixou de ser um candidato ao pior serviço de Praga e arredores, o que já não é mau, porque enfrentar os diabos que “serviam” à mesa era um pesadelo apenas vivido pelo prémio na forma de um bife suculento com molhos deliciosos.

Apesar de propostas alternativas no menu – alegrem-se, existem menus em inglês – está fora de questão encomendar algo que não um bife, a não ser que deteste carne e vá até lá para oferecer um enorme prazer a um carnívoro inveterado. Existem bifos de duas categorias: de 200 e 300 gramas. E o preço? É assim... os bifos de 200 gramas custam 129 Czk e os de 300, 159 Czk. Ou seja, cerca de 5 e 7 Euros! Pronto, é verdade que os acompanhamentos se pedem e pagam à parte. Um excelente costume checo que nos permite compôr os pratos à nossa preferência. Assim, as batatas fritas trarão um acréscimo de cerca de 1 Eur à refeição. Mas se não for um fundamentalista pode experimentar um outro acompanhamento, sensivelmente pelo mesmo preço, ou apostar na variedade. A estes preços, é aproveitar!

A qualidade da carne é (pelo menos comigo sempre foi) de uma qualidade extrema. Tenra, tenrinha. Temperada com arte e engenho e coberta pelo molho que escolhemos. Existem cerca de 20 à escolha, com combinações bem alegres, que vão bem para além dos clássicos molho de cogumelos, de pimenta ou de café. Para os mais comilões, há ainda a jóia da casa, um enorme bife de meio quilo! Talvez ao preço que pagaria por um dos pequeninhos em Portugal.

Como Ir: Fica a meio caminho entre as estações de metro de Jiriho z Podebrad e Flora, linha verde. O melhor será depois usar um mapa para encontrar a rua exacta.

Quanto Custa: Barato, baratissimo. **Quando Ir:** Ao jantar. **Contactos:** Highland Baranova 1832/13 Praha 3

Hrom do Police

O restaurante Hrom Do Police não tem nada de especial. É apenas mais um restaurante com traços de pub, igual a tantos outros que se podem encontrar na República Checa e nas áreas de Praga menos turísticas. E por isso é que é interessante. O checo comum não concordará comigo, mas o visitante terá, espero, infinitamente mais interesse em conhecer um local destes, tão característico da cultura local.

Localiza-se no simpático bairro de Vinohrady, que significa “vinhas”, nome trazido do século XIV, quando o rei Carlos IV cobriu toda aquela área com videiras. Hoje é uma zona algo cosmopolita, escolhida por muitos estrangeiros como área de residência, devido ao equilibrado balanço entre preço e proximidade ao centro histórico da cidade.

Apesar da aparência banal, o Hrom Do Police tem contudo uma característica única: vende cerveja Police, sendo o único local em Praga onde se pode apreciar esta pequena marca. A fábrica de cerveja Poličce foi fundada na aldeia de Poličky no início do século XVI. Depois de um período negro durante a época comunista, os descendentes dos antigos proprietários reataram a produção em 1994, seguindo os métodos do grande mestre cervejeiro Franz Bittner.

Para além de poder experimentar esta deliciosa cerveja, o visitante tem ao seu dispor diversos pratos da gastronomia checa, existindo menus em inglês (uma preciosidade em locais não turísticos). Outra nota positiva vai para a rara honestidade do pessoal: não há notícia de problemas na hora de pedir a conta, algo quase inédito em Praga. E além disso é geralmente possível comunicar em inglês. Enfim, um “bouquet” de factores que fazem deste local uma experiência altamente recomendada.

Como Ir: De metro até Namesti Miru (linha verde), depois, subir a avenida Korunní, que se encontra por detrás da enorme igreja. Vire na quinta rua à direita, a Chodská. E a Morávská é o primeiro cruzamento, mesmo ali à frente. **Quanto Custa:** Barato. Cerveja Poličce a 23 Czk, ou seja, menos de 1 Eur, e estou a falar, claro está, de meio litro. Uma refeição completa, com duas cervejas para empurrar, ficará por cerca de 8 Eur. **Quando Ir:** Aberto desde as 11:30 até à meia-noite, mas atenção: encerra aos Domingos. **Contactos:** Hrom Do Police, Moravian 40 – Praga 2 – Telefone +420 222 517 815 Website www.hromdopolice.cz

Comes & Bebes - Restaurantes

Kabul

Cheguei ao Kabul pelo conselho amigo de um americano que em tempos habitou a cidade. Não é todos os dias que temos ao alcance da mão um restaurante afegão. Longe vão os dias em que a gastronomia chinesa era considerada exótica. Em tempos de globalismo cultural, torna-se cada vez mais complicado experimentar novas sensações de palato, e esta é uma que não deverá perder na sua visita a Praga.

O Kabul tem como que duas vidas: no Verão, abre-se para o exterior, com uma vasta esplanada exterior, colocada nas traseiras, insuspeita para quem apenas o visitou na época baixa. Mas é no Inverno que se torna verdadeiramente agradável, pelo carácter acolhedor da sua pequena sala de refeições interior. Poderá ser complicado arranjar mesa, mas por sorte nunca fui deixado à porta. O velho Hasib Saleh não é proprietário só no papel. Este falcão afegão está presente e ninguém poderá deixar de o notar. Nos seus cinquenta anos, cabelo rapado, uns quilos acima do desejável... e a conduzir o negócio de forma tão tradicional como a comida que serve: nada lhe escapa, sempre atento, solucionando problemas, zelando para que o cliente disfrute da visita ao máximo. Em dias de mais movimento dá uma ajuda às mesas. Quando as coisas estão paradotas, simplesmente senta-se a uma mesa, sem nunca perder de vista a actuação dos empregados e a situação no espaço que controla.

A decoração e a mobília são encantadoras, realçando o toque exótico, coincidindo com a ideia que temos do que deverá ser um restaurante afegão. O menu oferece soluções menos arrojadas, como o checo goulash, simples pratos de massa e salada de atum, Mas isso é para os conservadores, persuadidos num momento de fraqueza a seguir os mais arrojados até aqui. O que importa mesmo são as especialidades afegãs. Mas para os detalhes gastronómicos prefiro dar a voz a quem é entendido, convidando o leitor a seguir o link indicado abaixo, assim como a visitar a página do restaurante consultando o seu menu. Ali, verá que os preços são uma agradável surpresa. Por uma refeição razoável, prepare uns dez Euros. Incluindo um prato principal, uma cerveja e um cesto de pão afegão. Os vegetarianos estarão, como se esperaria, protegidos. E para quem tem menos fome, existe uma ampla escolha de pequenos pratos, mais económicos, para que ninguém saia sem experimentar a gastronomia daquele remoto país.

O Kabul é mais um exemplo da dinâmica gastronómica da cidade de Praga, repleta de restaurantes dedicados às mais recônditas cozinhas. Encontrar comida chinesa, indiana, italiana, ou mesmo grega e espanhola, é relativamente banal. Mas por estas ruas escondem-se pérolas por descobrir, como esta que hoje vos apresentamos. Não perca a oportunidade, até porque a localização discreta mas central é irresistível.

Como Ir: *Ok, a localização é central, mas de difícil descrição. O ponto de partida será o Teatro Nacional (Narodni Divadlo) bem junto ao rio Vltava. Mas daí para a frente talvez seja melhor estudar o mapa e encontrar a morada indicada.* **Quanto Custa:** *Uma boa refeição, cerca de 10 Euros.* **Quando Ir:** *Aberto entre as 12:00 e as 23:00* **Contactos:** *Restaurace Kabul, Karolíny Světlé 14 110 00 – Praha 1 – Telefone +224 235 452 – Website www.kabulrestaurant.cz*

Karavensaraj

O Karavensaraj é um dos restaurantes mais exóticos da cidade, não só pelo menu, como também original reunião de conceitos que ali podem ser encontrados. As propostas gastronômicas são geograficamente distribuídas pelo Médio Oriente. O menu é em si um motivo de interesse: as suas folhas assemelham-se a um guia turístico da região ou, melhor ainda, a um *roadbook* ou caderno de viagens. Pelas suas páginas encontramos bizarras sopas, saladas e chás. Estranhas sobremesas, bebidas e formas de cozinhar. Vindas do Egipto, Síria, Líbano e Jordânia. A preços de regalo, que convidam o cliente a experimentar a maior variedade possível do extenso cardápio.

O espaço está decorado em conformidade. Tresanda a aventura, evoca o espírito da expedição. Mapas, elementos decorativos daquelas regiões e magníficas fotografias dão côr às paredes, e pelos vãos das janelas empilham-se livros temáticos, que podem ser consultados enquanto se espera pela refeição. Se não encontrar nada do seu agrado, poderá procurar na pequena mas bem recheada biblioteca que se encontra algo dissimulada junto ao balcão do bar. Ali terá ao seu dispôr guias de viagem em checo e inglês cobrindo todas as regiões de que se possa lembrar. Se necessitar poderá utilizar o acesso Wi-Fi de forma gratuita.

A excelência do menu e das salas de refeição é complementada pelos sabores naturais dos pratos encomendados. Existe uma certa rusticidade na comida servida que poderá não agradar aos mais requintados, mas que encantará aqueles que se enquadram no espírito que domina todo o conceito deste restaurante. Já a qualidade do serviço poderá constituir um teste à paciência do mais ousado dos aventureiros. Certa vez já se tinham passado quarenta minutos e o pedido ainda nem tinha sido recolhido, e foi preciso efectuá-lo ao balcão para que persistisse uma vaga esperança de podermos tomar a refeição em tempo útil... diga-se de passagem que passados poucos minutos todos os artigos encomendados se encontravam sobre a mesa. De resto o trabalho do pessoal do restaurante costuma ser genericamente caótico, o que pode ser perdoado se tivermos em atenção que este estabelecimento não tem fins lucrativos: todo o lucro é canalizado para instituições humanitárias, conforme explicado numa das folhas do menu.

Para além de uma alternativa válida para uma refeição convencional, o local é um excelente ponto para passar umas horas de uma tarde chuvosa de volta do trabalho que se leva no computador, enquanto se beberica um genuíno chá, ou percorrendo

as páginas de um bom livro na companhia de uma refrescante bebida com sabor a oásis.

Como Ir: *Caminhe em direcção à Casa Dançante, seguindo junto ao rio, vindo do centro. Encontrará este restaurante na segunda esquina a seguir ao Narodni Divadlo (Teatro Nacional), que deverá servir de ponto de partida. Um bom número de linhas de eléctricos serve este ponto. Se preferir o metro poderá usar a linha amarela e, saindo em Narodni Trida, seguir até ao Narodni Divadlo.* **Quanto Custa:** *Preço médio de uma fausta refeição, sem vinhos: 300 Kc.* **Quando Ir:** *Não existe uma recomendação específica, Quando tiver sede e/ou fome, entre as 11:00 e as 23:30.* **Contactos:** *Karavanseraj Masarykovo Nabrezi 22, Praga 2 – Telefone +420 224 930 390, Website www.hedvabnastezka.cz/klub*

Kmotra

Quando assentei os pés pela primeira vez em Praga, há quatro anos, levava na agenda uma visita a esta pizzaria, fruto das anotações feitas durante as longas pesquisas online. Depois, o compromisso caiu no esquecimento, e no meio da agitação não se fez tempo para procurar a Kmotra. Mas o destino tinha algo a dizer: na minha última noite “tropecei” no local e aconteceu: comi a melhor pizza da minha vida.

Desde essa noite, retornei vezes sem conta à Kmotra (que em checo significa “Padrinho”), até porque durante um par de anos vivi ali mesmo, ao virar da esquina. E, tirando um ou outro dia menos feliz, mantenho ainda esta relação de amor.

Quando se chega ao local, pode cair-se na impressão, errada, que o espaço é diminuto. É que as salas a sério se encontram na cave. À superfície, apesar de ser possível tomar uma refeição convencional, o espaço está mais vocacionado para se tomar uma simples bebida. Espreitemos então lá em baixo! Logo que terminamos de descer as escadas avistamos o forno e o mágico que gravita em seu redor. Ideal será encontrar uma mesa ali à beira, porque o homem é um espectáculo. Sozinho, satisfaz as necessidades de um restaurante com mais de cem lugares: prepara a massa, estende-a, cobre-a com os ingredientes, introduz as pizzas no forno, mantém-nas debaixo de olho... e nos intervalos, imagine-se, ainda varre o chão, limpa o interior da fornalha e mantém o seu espaço de trabalho perfeitamente organizado. A foto que pode ver aqui ao lado, é deste grande génio. Existem outros mestres pizzeiros, porque nem mesmo um deus das pizzas pode trabalhar 365 dias por ano, por isso rezem que o homem esteja de serviço quando visitarem a Kmotra.

De resto, se não for possível sentar perto do forno, não fiquem tristes. Conseguir um lugar já será bom, se for às horas convencionais de refeição. Espreite todas as salas... existem mais três ou quatro, e não hesite em pedir o auxílio de uma das funcionárias. O inglês por ali não é fluente mas chega para uma comunicação básica.

Mas vamos ao que interessa: as pizzas (existem outras opções, claro, mas nunca me passou pela ideia abdicar de uma pizza em favor de massas ou afins, não neste restaurante). A massa é de altura intermédia, saborosa, geralmente cozinhada durante o tempo certo. Mas a cobertura é que me fez render aos encantos da Kmotra. Os ingredientes são colocados de forma generosa, sempre de boa qualidade e em combinações idílicas. E este é mesmo o elemento chave da

qualidade da pizza na Kmotra: aqui, não se limitam às tradicionais combinações... “tropical”, “quatro estações”, “peperonni”... etc, etc. Não! Aqui criou-se. Exemplos? Tomem lá uma Špenátová (c. 5 Eur), de espinafres com muito alho e pequenos pedaços de bacon, tudo isto coberto com queijo riccota. Mais? Os apreciadores de queijo podem escolher uma Praha (c. 5 Eur), com queijo edam e queijo brié, azeitonas verdes e tomates frescos. Talvez a minha favorita: Mascarpone (c. 5,50 Eur), com três ou quatro bolas de queijo mascarpone, salame picante e chilis.

O tamanho das pizzas é muito justo, mas também, quando se fala de justeza e pizzas, geralmente significa que são enormes. Ninguém (espero eu) ficará com fome depois de uma pizza aqui. A gula, essa, sobretudo depois de tão bem estimulada, será mais difícil de saciar.

Como Ir: Muito central. O metro Narodni Trida encontra-se a poucas dezenas de metros assim como os eléctricos que param junto à estação. Também acessível a partir da paragem de eléctrico de Narodni Divadlo. Tome a avenida Narodni e vire na
Quanto Custa Barato! Uns 8 Eur pela refeição completa. **Quando Ir:** Abre às 11 e encerra às 24. Aconselha-se ir fora das horas das refeições para se conseguir uma mesa. **Contactos:** Kmotra V Jirchářích 12, Praha 1 – Telefone +420 224 934 100 – Website www.kmotra.cz/en

Kofeine

Cheguei a este restaurante pela mão de uma amiga que aqui me convidou para almoçar. Não posso dizer que tivesse sido um amor à primeira vista. Localizado numa semi-cave onde tradicionalmente se guardava o carvão para o aquecimento do edifício, é necessário descer meia dúzia de degraus para chegar à primeira das duas salas que compõem o espaço.

O local era já conhecido. Recordo-me de há uns quantos anos existir aqui um temperamental restaurante de comida eslovaca que só abria quando estava para ai virado; e, de resto, duas portas mais acima, vamos encontrar o excelente café Sudicka.

Já sentado, frente a frente com a minha amiga, observo a envolvimento. A decoração é agradável, mas sem fascinar. Claro que isto são gostos, porque não há nada de errado por ali. Simplesmente prefiro espaços ainda mais personalizados – que os há por Praga. Mas seja como for, estará sempre muitos furos acima do que se espera num negócio que oferece menus de almoço a baixo custo.

À minha frente, num quadro de ardósia, está rabiscada a lista de sugestões da semana, umas sete ou oito, apenas em checo. Mas não há necessidade de preocupações. Logo o amável proprietário surge com um *tablet* que me estende, onde posso consultar a lista em inglês. Quanto a sopa é que não há alternativa. É mesmo só a do dia, que no caso era um creme de ervilhas, apresentado com um fio de natas a desenhar uma espiral na sua superfície verde. Deliciosa. O primeiro contacto gastronómico é positivo. Entretanto, foi-me trazido um copo de *ice tea* natural, também ele incluído no menu.

Depois segue-se o prato principal, um pouco curto em quantidade, nesse aspecto inspirado pelos princípios da *nouvelle cuisine*, como de resto já tinha sucedido com a sopa. É contudo marginalmente suficiente para me saciar e, por outro lado, a qualidade está muito mas mesmo muito acima do esperado. Tinha pedido um guisado de pedaços de porco, que me é servido com uma mistura mágica de ervas aromáticas, e aquilo foi comer e pensar durante um par de segundos se choraria por mais.

Após a refeição a minha companhia encomendou uma limonada natural, enriquecida com jasmim, e aproveitei para meter conversa com o anfitrião. Disse-lhe que vinha de Portugal, e que por lá o jasmim se usava abundantemente na cozinha. Conte-lhe que eu próprio tinha um bom filão no jardim, de onde recolhia

umas pernadas quando me perdia na cozinha. À laia de resposta, foi dizendo que já tinha estado duas vezes em Portugal. A primeira, partindo de Faro, indo até ao norte e regressando ao Algarve. Numa segunda passagem pelo nosso país, entrando a partir de Espanha e seguindo o vale do Douro.

Sobremesas não pedimos, até porque não estão incluídas no menu. Custam 70 Czk, cerca de 2,50 Eur, mas algumas sugestões soam mesmo bem. Com a vossa autorização, tirado directamente do website do restaurante: *White nougat soufflé with cherries, Mocha crème with white chocolate and raspberry tapioca, Belgian chocolate mousse with orange and forest fruit.*

Portanto, e a título de resumo, para já temos: boa localização, um preço ridiculamente baixo, comunicação em inglês, comida maravilhosamente confeccionada e um serviço excelente. Será preciso acrescentar mais alguma coisa? Nem por isso. Naquele dia foi encontrado o meu novo restaurante de eleição.

Ao fechar este texto, não resisti à tentação de espreitar as sugestões da semana que agora se inicia (escrevo-o a uma Segunda-feira). E destaco estas, pedindo desculpa pela transcrição exacta, em inglês: *Chicken pieces with ginger and peanuts sauce and jasmine rice, Meat balls in tomato sauce with persil mash potato, Beef goulash with carlsbad dumpling.* E sim, são pratos disponíveis para o menu. Almoçar por menos de 4 Eur, é verdade.

O jantar o local transforma-se mais numa casa de tapas, como o proprietário abertamente assume. A variedade de petiscos é grande, mas sair de lá de estômago recheado será um pouco mais dispendioso.

Duas notas informativas avulsas: existe wi-fi disponível para os clientes e o horário nos dias de semana estende-se das 11 às 24; ao Sábado, das 17 às 24. Domingos e feriados, encerrado. Bom apetite, que o será, certamente!

Como Ir: Metro – linha verde – sair em Jiriho z Podebrad e procurar a rua Nitranska, que será encontrada a sair da avenida que ladeia a praça, do lado direito de quem sobe. Depois é andar um pouco e no segundo quarteirão encontrará do lado direito o restaurante. **Quanto Custa:** Incrivelmente barato ao almoço, não tanto ao jantar mas de qualquer modo, perfeitamente aceitável. **Quando Ir:** Almoçar de Segunda a Sexta, excepto se for feriado.. **Contactos:** Kofein Nitranska 9 130 00 Prague 3 – Telefone +420 273 132 145 – Website www.ikofein.cz/home.htm

La Casa Blu

Conheci La Casa Blu por ocasião da sua festa de 11º aniversário: foi fundada em 1996 pelo chileno Jorge Zuñiga. Cheguei cedo, pouco depois das seis da tarde, e tive direito a uma das últimas mesas disponíveis. Daí em diante, até bem depois da meia-noite, foi sempre a encher, num crescendo de animação bem pautada pelo falar em castelhano, que se destacava de entre o mosaico de idiomas.

A decoração esmerada, muito trabalhada, num misto indefinido a que chamaremos de sul-americano hispânico, com muitos pequenos detalhes para descobrir relaxadamente, enquanto se passeia pelo espaço.

Já o serviço deixou muito a desejar, tornando-se quase impossível de obter uma bebida nas mesas a partir de determinada hora. E diz quem o tentou que mesmo o acesso ao balcão se mostrava complicado. Bem verdade que uma festa de aniversário é sempre uma ocasião que ameaça terminar em regime de *full house*. Mas há que saber estar preparado para as eventualidades e escalar o pessoal em conformidade. E seja como for, a falta de pessoal para dar vazão ao serviço das salas é uma constante que se verificou em posteriores visitas. Já agora, um conselho: confira com atenção a conta.

O cardápio tem preços algo acima da média da cidade, mas mesmo assim perfeitamente aceitáveis. Uma bela pratada de nachos com frango, coisa succulenta, com muito bom aspecto e bem confeccionada, foi artigo para custar pouco menos de 200 Kc. A cerveja Staroproanem estava a escorrer a 19 Kc por cada meio litro, mas esta não conta porque era uma prenda de anos aos clientes.

La Casa Blu constitui-se como um espaço de cultura hispânica, onde as artes não são esquecidas, existindo exposições temporárias e dando-se espaço de antena a diversas vertentes da cultura em castelhano. Uma pequena nota para assinalar a disponibilização de acesso à Internet por Wi-Fi, uma mais valia cada vez mais em voga neste tipo de estabelecimentos e que pode, de facto, funcionar como um factor aliciante na hora de decidir onde passar umas horas agradáveis depois de um dia de trabalho ou ao serão.

O espaço encontra-se decorado de forma cativante, paredes pintadas em amarelo torrado, elementos de infinita variedade pendurados, arrumados, aconchegados por todo o lado... sempre relativos à América do Sul.

Vamos aconselhar este local para quando vier a calhar um ambiente de diversão, de preferência com um grupo de amigos bem dispostos. Na realidade uma visita solitária a La Casa Blu não é de excluir se apetecer comer algo da gastronomia sul-americana. Mas a exponenciação das potencialidades do espaço só é atingida com o ambiente festivo que se obtém numa roda de gente afável.

Ah! Desde Janeiro de 2009 é um dos poucos locais em Praga onde o fumo é interdito.

Como Ir: O truque é chegar à avenida Pariszka, que vai entre o rio e a praça principal da cidade. Uma vez aí, assumindo que está a caminhar em direcção a Starometske namesti, deverá virar na primeira rua digna de seu nome à esquerda, Bělkova. O La Casa Blu fica no seu fim, mesmo na esquina com a Kozi, do lado direito. **Quanto Custa:** O menú é variado, oferecendo cocktails entre as 105 Kc e as 63 Kc. Os pratos de refeição andam pelas 200 Kc, sendo nalguns casos possível encomendar meias doses por 140 Kc. Caipirinha, Caipiroska e afins rondam as 100 Kc. Há uma longa oferta de tequillas, com valores entre as 65 Kc e as 110 Kc. **Quando Ir:** Abre pela manhã, e mantém-se activo pela noite dentro... até certos limites. **Contactos:** La Casa Blu Kozi, 15 – Praga 1 – Telefone +420 224 818 710

Las Adelitas

Vai agora para dois meses que os meus olhos pousaram num artigo que falava num novo restaurante mexicano na cidade; o facto, só por si, não me teria despertado interesse de maior. Afinal de contas vivemos numa grande cidade, onde todos os dias abrem e fecham restaurantes, e, convenhamos, a gastronomia mexicana não é propriamente uma raridade. Mas algo me chamou a atenção no texto: a menção à natureza genuína da confecção dos pratos neste novo espaço. Pelo que o jornalista dizia, a comida era preparada não para agradar ao palato europeu, mas com a aproximação possível à original forma de fazer as coisas no México, com as inevitáveis restrições causadas pela ausência dos melhores ingredientes.

Com o interesse apurado, pedi a uma amiga mexicana que apurasse a veracidade desta informação, ao mesmo tempo que procurava mais informações. Os resultados não poderiam ser melhores: não só recebi a confirmação por parte da minha exploradora, como apurei que uma boa parte do corpo diplomático mexicano é cliente habitual do espaço, o que certamente significará algo.

As salas de refeição do Las Adelitas (o termo refere-se a um grupo de combatentes femininas que lutaram na longa Guerra de Independência do México) são pequenas, criando um ambiente intimista que tem o seu valor, mas que faz com que facilmente o restaurante se encontre lotado. O pessoal, todo ele mexicano de gema, é extremamente amigável, e a comunicação em inglês é fluente. Os preços são muito razoáveis. Pode-se contar com 8 Eur para uma refeição completa, incluindo uma bebida. E quanto à comida, bem, terei que confessar que não sou um especialista na gastronomia mexicana, mas que os pratos que experimentei estavam deliciosos, lá isso estavam. Para mim, pedi uns Tacos Dorados de Tinga, ou seja, de galinha, que vieram acompanhados com alguns vegetais, uma dose de arroz e uma pequena porção de feijão preto esmagado, que foi reforçada com uma dose do mesmo que pedi à parte. Uma maravilha! Fora isto, fui depenicando de outras iguarias que outros comensais encomendaram, e tudo estava extremamente no ponto. Para beber, como estava sedento, não fui muito original, enveredando pelo caminho fácil da cerveja checa, mas posso recomendar a “horchata”, uma bebida que sabe e parece ser baseada em leite, mas que é uma água obtida a partir da submersão de sementes de meloa, com canela. Outra delícia!

Ficou ganha portanto outra referência, outra opção para o já rico panorama gastronómico de Praga.

Como Ir: De metro (linha verde) ou em qualquer eléctrico que chegue a Namesti Miru. Ali, estando de frente para a imponente igreja, é tomar a rua à nossa direita, e seguir até encontrar o Las Adelitas, a cerca de 300 ou 400 metros, do lado direito (depois de passar uma pequena rotunda). **Quanto Custa:** Uns 8 Eur para uma refeição básica, Um pouco mais se quiser contar com todas as mordomias gastronómicas. **Quando Ir:** Como o local se enche facilmente, sugiro um jantar antecipado. **Contactos:** Las Adelitas, Americká 8, Praha 2 – Telefone +420 222 542 031 – Website www.lasadelitas.cz

Matylda

Era uma tarde cinzenta, fria, chuvosa. E eu estava decidido a encontrar um cantinho prazenteiro, onde pudesse usufruir do prazer de uma boa leitura, num ambiente acolhedor e na companhia de uma chávena de chocolate quente.

Subi a bordo, e logo ao transpôr a porta fui recebido com um enorme sorriso: “- Dobry den”. Que é como quem diz, “Boa tarde”. Respondi, primeiro em checo, passando depois para inglês. Perguntei se era possível tomar apenas uma bebida. A bonita empregada disse que sim, que não havia qualquer problema nisso, e convidou-me a segui-la até uma mesa. Sugeri que me fosse permitido instalar numa outra, mais pequena e com cadeiras menos confortáveis, mas em localização nobre, no canto da coberta, completamente rodeada de painéis envidraçados que me providenciariam uma vista sobre a Casa Dançante, a ponte, o rio e a ilha. E assim foi.

Ainda me deleitava com a envolvência romântica, quando me foi entregue o menu, em inglês, com preços em coroas e em euros. Decidi experimentar uma salada grega, ao que se seguiria o tal chocolate quente, à laia de sobremesa e aconchego para a leitura que já ia antecipadamente saboreando. Com um timing perfeito a senhora voltou à mesa para anotar a encomenda; com um profissionalismo assinalável registou desde logo o pedido da bebida apenas para depois da refeição ligeira, perguntou se ia querer um cesto de pão e partiu para transmitir os meus desejos à copa.

O espaço estava quase vazio, mas dois pequenos grupos de turistas preveniam aquela incomodativa sensação de abandono, oferecendo uma presença calorosa mas discreta. A sala encontra-se arranjada em conformidade com a escolha temática, com móveis clássicos, longos bancos almofadados em couro a acompanhar as robustas mesas colocadas a estibordo e bombordo, com uma longa linha de mesas colocadas no centro do convés. Na popa, ao ar livre, umas poucas mesas de menores dimensões, redondas, permitem o usufruto do espaço em melhores dias, e, voltando ao interior, existem umas quantas daquele tipo colocadas nos cantos, para melhor aproveitamento da área.

Lá fora, imponentes cisnes passavam junto ao casco, um par de metros abaixo da minha localização. Na ilha, as silhuetas das árvores já despidas de folhas recortam-se contra o céu escuro, com o majestoso castelo de Praga como pano de fundo. A noite começa a cair sobre a cidade quando me é trazida a salada. O prato é de excelente confeção. Os produtos utilizados são frescos e perfeitamente adequados: azeitonas de preparação caseira, pimentos de três cores cortados em finos pedaços, assim como pepino, tomate e cebola de casca vermelha. Tudo isto coroadado por uma generosa fatia de queijo feta e um tempero apurado, reforçado por uma pitada de pimenta fresca que o empregado aplicou, já na mesa, depois de me perguntar se assim o desejava. Como com muito prazer, apreciando o ambiente e a paisagem exterior, enquanto me felicito interiormente pela escolha que se veio a revelar tão acertada. Terminada a refeição, o prato é levantado com presteza, e é-me trazida uma chávena de chocolate quente. Denso, com uma película que se forma à superfície, e que acaba por desempenhar um papel práctico, mantendo o calor do líquido.

Passei ali mais uma hora, bebericando da chávena, enquanto lia os primeiros artigos de uma National Geographic Magazine adquirida durante a tarde. A noite adensou-se e foi-me dada a contemplar uma perspectiva do castelo de Praga no esplendor da sua iluminação nocturna. Da mesa onde me encontro tenho um ângulo de vista especialmente adequado, com a estrutura a erguer-se defronte de mim.

Na hora da despedida deixo uma generosa gorjeta, inevitável, perante o enorme prazer que este bocadinho me proporcionou e o eficiente serviço dos dois colaboradores que me acompanharam. Um espaço que me há-de ver voltar vezes sem conta. Ideal para uma tarde chuvosa, quando não apetece fazer mais nada, e as quatro paredes do quarto são já pequenas para nos conter. Será sem dúvida um local agradável para dias mais solarengos, especialmente se conseguir uma das mesas exteriores, mas haverá que contar com alguma concorrência na luta pelos melhores lugares.

Como Ir: Um bom ponto de referência é a Casa Dançante, como pode ver na primeira imagem. De resto, o barco encontra-se no passeio ribeirinho, entre a ponte Jiuraskuv e a ilha Slovansky. Se quiser usar o metro poderá sair na estação de Karlovo Namesti – linha amarela. **Quanto Custa:** Saladas na ordem dos 6 Eur. Pratos principais a rondar os 12 Eur. Chocolate quente a 2,40 Eur. Preços de 2009. **Quando Ir:** Aberto diariamente entre as 9:00 e as 23:30. Recomendo o final de tarde, com o cair da noite a destacar a iluminação do castelo. **Contactos:** Botel Matylđa Rasinovo Nabrezi – Praga 1 – Telefone +420 724 800 100 – Website www.botelmatylđa.cz

Comes & Bebes - Restaurantes

Pivovarský Klub

As tradições locais são um dos interesses naturais do turista e a cerveja é um elemento incontornável na cultura checa. Se seguir os roteiros comerciais, é certo que cairá nas teias dos estabelecimentos mais famosos, invariavelmente de fraca qualidade no serviço prestado e de preços exagerados.

Infelizmente os melhores locais são quase inacessíveis para o viajante, pela localização remota e a barreira linguística é uma realidade. Resta uma gama de cervejarias de um patamar intermédio, onde o público checo é regra, mas onde existem condições para receber os estrangeiros que procuram algo fora dos esquemas viciados das grandes referências turísticas.

O Pivovarský Klub, a uns passos da estação de metro de Florenc é uma solução muito razoável para quem procura saborear a boa cerveja checa, devidamente acompanhada por uns petiscos da tradição local, ou mesmo uma refeição mais séria. De resto, a competência desta cervejaria transparece na carta de cervejas que apresenta: são algumas centenas, entre variedades de pressão e produtos engarrafados oriundos de todo o mundo. Vende-se aqui a cerveja mais alcóolica do mundo, que ocupa um lugar de honra na lista de ofertas, pelo surreal preço de 220 Kc. Mas este é um valor excepcional. As variedades mais comuns rondam as 30 kc pela caneca de meio litro, extraída de uma escolha de cerca de dez torneiras, cujo conteúdo varia diariamente. Uma variante curiosa é a *giraffe*. Desiluda-se o leitor. Não, não se trata da “girafa” das nossas cervejarias. Aqui em Praga a *giraffe* é um dispositivo com cerca de um metro de altura, cheio de boa cerveja, que vai sendo retirada com uma mini-cerveja para as canecas dos clientes na própria mesa. Dá sem dúvida um toque pictoresco à visita ao Pivovarský Klub!

A comida é um pouco mais cara do que a média da cidade, mas apresenta boas sugestões de gastronomia tradicional. Os queijos são especialmente deliciosos, e custam cerca de 60 CZK. Recomendo o Camembert marinado, mas para os palatos mais virados para os sabores intensos, o *beer cheese* é uma opção muito válida.

Se for sozinho ou com mais uma pessoa não deverá ter problemas. Mas se o seu grupo mais numeroso será muito conveniente tentar a reserva de mesa.

Como Ir: Use a estação de metro de Florenc (linha amarela ou vermelha) e siga as indicações para a estação de autocarros de Florenc. Uma vez ai chegado (certifique-

se se que está na entrada pedonal da estação), atravessa a rua, caminha cerca de 100 m para a direita e está lá. **Quanto Custa:** Preços muito variados. A comum das cervejas de pressão custará 30 Kc por cada meio litro. Um bom queijo, 60 CZK. **Quando Ir:** Não existe uma recomendação específica, Quando tiver sede e/ou fome, entre as 11:00 e as 23:30. **Contactos:** Pivovarský Klub Křižíkova 17 Praha 8- Karlín, 180 00 – Telefone +420 222 315 777 – Website www.gastroinfo.cz/pivoklub

Sofia

Que Praga é uma cidade talhada para a experiência de uma cozinha internacional, já é uma certeza. Mas o Sofia não é apenas mais uma possibilidade em aberto: é um dos locais mais adequados para desgustar uma linha gastronómica que nos é geralmente desconhecida, combinando um ambiente genuinamente simples, com uma política de preços agradáveis, um serviço aceitável e um menu variado com comida bem confeccionada.

Durante anos passei em frente ao Sofia, anotando mentalmente que uma visita se impunha. Mas por uma razão ou por outra, talvez sobretudo pelo aspecto obscuro daquela entrada que nada deixa antever do espaço de refeições, a experiência foi sendo adiada. Foi há não muito tempo que arranjei coragem para entrar por aquele hotel adentro – sim, porque o restaurante está incorporado nas instalações do hotel com o mesmo nome – e em boa hora o fiz.

O espaço está arranjado com uma simplicidade eternecedora, que nos deixamos adivinhar alinhar-se pelos padrões pouco sofisticados em vigor nos espaços do mesmo género na própria Bulgária. A música tradicional passa em fundo, com um nível adequado: não tão alto que se intrometa nas nossas conversas, mas mesmo assim, com o volume suficiente para poder ser apreciada se nos concentrarmos no som.

Fomos encontrar um serviço igualmente equilibrado, bem longe da pior linha de atendimento à moda checa. O pessoal tem uma abordagem sóbria e geralmente eficiente, e se o tempo que medeia a encomenda e a apresentação dos pratos for demasiado longa, isso poderá dever-se a um anormal número de clientes. Numa situação comum a espera é perfeitamente razoável, e o cliente é premiado com uma refeição preparada de forma personalizada.

Suponho que um dos problemas que se coloca a estes restaurantes de cozinha internacional será a impossibilidade de adquirir os ingredientes necessários para reproduzir de forma fiel a gastronomia de origem. E isso é algo que se sente no Sofia. Apesar de apelativas, diferentes e gostosas, as propostas que constam do variado menú afastam-se um pouco daquilo que aprendemos sobre a cozinha búlgara. Mas não deixemos a nossa visita ser ensombrada por esta dúvida. Existem várias páginas de menu – em inglês e checo e com algumas (preciosas) imagens. Uma possibilidade interessante reside na opção de encomendar pequenas doses de

alguns dos pratos indicados, formando uma refeição constituída por “um pouco de tudo” a um preço muito razoável.

Os preços são aliás um dos elementos fortes desta proposta búlgara. O visitante deverá esperar gastar em média 10 Eur, incluindo o prato principal, um par de bebidas e uma gorjeta na ordem dos 10%. Um exemplo: uma “gôndola”, recipiente de barro cheio com uma mistura de vegetais, pedaços de fiambre e de frango, cortados finamente, levado ao forno com uma cobertura de queijo e de um ovo; duas cervejas de meio litro; um pão tipo “pita”, essencial para apreciar o molho natural libertado pelos vegetais enquanto são cozinhados; 10% de gratificação. E isto fico em 220 Czk, ou seja, uns 9 Euros.

A primeira abordagem ao Sofia criou uma impressão positiva, entretanto confirmada por posteriores visitas. Sem dúvida um local que entrou para a minha “carteira” de opções para jantar.

Como Ir: Desloque-se até Namesti Miru, o que poderá fazer através de várias linhas de eléctricos ou da linha verde de metro. Uma vez lá, vire-se de costas para a entrada da imponente igreja que domina toda a praça, e atente na primeira rua que vê à sua esquerda. O Sofia fica aí, já quase ao chegar ao fim da rua. **Quanto Custa:** Pouco, sobretudo considerando a qualidade. Uns 10 Eur pela refeição completa. **Quando Ir:** A um jantar dentro das horas convencionais. **Contactos:** Sofia, Americká 28 120 00 Praha 2 – Telefone +420 224 255 711

U Ferdinanda

O U Ferdinanda é um local aparentemente sem nada de especial: mais um local, misto de cervejaria e restaurante, onde os checos vão depois do trabalho, beber umas cervejas e comer qualquer coisa antes de ir para casa. Localiza-se numa zona central, mas não propriamente numa área turística, com acesso fácil a partir da praça Venceslau ou da Namesti Republiky.

O leitor há-de ter reparado que usei a palavra “aparentemente”. Porque na realidade o U Ferdinanda mantém uma particularidade notável: neste local discreto pode-se comer o melhor “gulash” da cidade! Esta maravilha gastronómica é muito popular na Europa Central, apesar das diferenças: por exemplo, na Hungria é servido quase como uma sopa, enquanto na República Checa os pedaços de carne são cobertos de molho.

Quanto à U Ferdinanda, pode olhar para o menú, mas grande número dos clientes só lá vai mesmo para o “gulash”. O preço é o primeiro atractivo. Cerca de 5 Euros, e já inclui uma cerveja pequena – que na República Checa significam 33 cl – loura ou preta. Depois, a iguaria é servida em tempo recorde. Com tanta saída e considerando a natureza do prato, é apenas natural que exista um grande caldeirão na cozinha repleto de “gulash”, pronto a ser derramado para os pratos.

Quando chega à mesa é um prazer de ver. Vem acompanhado por algumas fatias de um preparado à base de pão, ideal para molhar no molho que cobre os tenros pedaços de carne de vaca. Tudo isto é coberto com um fio de natas e alguns vegetais em pickles.

A cerveja é de marca Ferdinand, uma sugestão simpática que permite variar e fugir um pouco às marcas “mainstream”.

Por vezes existe acesso gratuito à Internet por Wi-Fi; outras vezes, nem por isso. E não adianta perguntar aos empregados. Não costumam falar inglês, nem sabem nada sobre Internet. Em dias especiais há eventos desportivos projectados na parede do fundo de sala. E tenha em conta que a lotação pode esgotar. Eventualmente poderá reservar uma mesa, mas não é tarefa fácil se não souber falar Checo. Já agora, se ao chegar ao local vir mesas vazias com um sinal de “Reservado”, confirme com o pessoal... muitas vezes não o estão na realidade.

Como Ir: *Simples. Encontra-se numa transversal da famosa praça Venceslau. Indo de baixo, é a última de quem sobe em direcção ao imponente edifício do Museu, do lado esquerdo. A rua chama-se Oplatlova. Depois, é caminhar até ao primeiro cruzamento e o U Ferdinanda está nessa esquina do lado direito.* **Quanto Custa:** *O que nos traz aqui é o “gulash” e este é barato. Outras opções disponíveis têm preços mais realistas.* **Quando Ir:** *De preferência fora da “hora de ponta”, ou seja, antes das 17:00, e certamente antes das 23:00, quando o U Ferdinanda encerra. Já agora, aos Domingos está fechado.* **Website** <http://ferdinanda.cz>

Letna

Antes de mais peço desculpa pelo anglicismo do título. Depois de anos a referir-me ao local assim faz-me confusão aplicar a tradução correcta.... jardim da cerveja.

O Letna Beer Garden é uma instituição da cidade. Morto no Inverno, renasce na Primavera para atingir o auge anual durante o Verão, palpitando ainda nas primeiras semanas de Outono. É local de encontro para milhares de pessoas. Literalmente. Mesmo que se tenha outros planos é comum combinar junto ao beer garden, e depois logo se verá.

Existem uma meia dúzia de *beer gardens* de primeira apanha em Praga, mas o de Letna cruza uma série de aspectos positivos que, sem fazer dele o meu favorito, o distinguem: é central, pode ser acedido a partir de qualquer ponto do centro da cidade; é espaçoso, apesar de nas melhores tardes ser complicado encontrar uma mesa; encontrando-se num parque é um excelente ponto para comprar umas cervejas e ir para um qualquer ponto do parque; e por fim, talvez o seu grande trunfo, a deslumbrante vista sobre o Vltava e, lá ao longe, os pináculos da praça da cidade antiga.

Do lado do menos bom, aponto a cerveja servida em copos de plástico, o que para um apreciador pode ser um problema. Pessoalmente, tento levar na mochila o meu copo especial para estas ocasiões. O pessoal de serviço ao quiosque da cerveja não objecta a encher o seu copo pessoal. Além disso este *beer garden* é muito popular entre os *expats* e mesmo turistas aparecem por lá, tornando-se por vezes demasiado “estrangeiro” para o meu gosto.

Mesmo assim a atmosfera de uma tarde de Primavera cheia de sol pode ser esplendorosa. Há pessoas de todos os tipos, de todas as idades. Há cães que brincam por ali, casais que flirtam, grupos de amigos que se reúnem, velhos companheiros que se encontram. Há idosos que observam a sua Praga com um copo na mão, e os tais estrangeiros que não acreditam na sorte que têm em ali estar. Muitos ficam pelas mesas, de preferência as da orla, aquelas que oferecem directamente a espectacular vista para o rio e para a margem oposta.

Mas em todo o redor há animação. As pessoas sentam-se pela relva, aos pares ou em círculos. Joga-se futebol ou *frisbee*. Alguns levam guitarras e outros instrumentos, surgem concertos espontâneos. Há alegria no ar. É este o pulsar de um *beer garden* de Praga. E em Letna ainda é mais intenso.

Dali parte-se muitas vezes para uma refeição, discute-se o restaurante a escolher. No bairro ali ao lado, com o mesmo nome, existe uma mão cheia de possibilidades. Mas também se pode descer até lá abaixo, atravessar o rio e ir-se mais para o centro. Já o oposto é mais complicado. Se puder escolher entre apanhar um eléctrico e ir à volta ou simplesmente caminhar a partir do centro, escolha a primeira hipótese. Aquela subida final é de matar uma pessoa.

Numa nota muito pessoal, vivi ali à beira durante pouco mais de um ano. Muitas vezes me sentei nas suas mesas, e mais ainda passei nas imediações, a caminho de qualquer outro ponto na cidade. Foram memórias que ficarão.

Como Ir: Ou vai a pé, do centro, atravessando a ponte que atravessa o Vltava na sequência da avenida Revolucni, ou apanha um eléctrico que vai dar uma certa volta, deixando-o na paragem Letensku Namesti, de onde poderá caminhar durante uns 400 m até chegar ao beer garden.

Quanto Custa: A cerveja custa cerca de 1,20 Eur.

Quando Ir: Numa tarde de sol com temperatura amena; mais sossegado aos dias-de-semana, em plena laboração aos fins-de-semana.

Na Hradbách

Este não será nem o mais popular nem o mais famoso beer garden de Praga, mas é o meu favorito. Nele encontro a melhor combinação de factores positivos, sendo que a localização, não se tratando de algo verdadeiramente fora-de-mão, é um pouco remota para quem anda pelo centro histórico. O que é irónico, porque na realidade Na Hradbách se encontra no epicentro histórico da cidade e da nação checa.

Vysehrad é hoje um bairro, mas antes foi nome do castelo original, do que foi construído antes de mais nada, mesmo antes do actual castelo da cidade. Empossado assim como semente da cidade e da nação que nasceriam, ganhou importância no século XIX, na era dos nacionalismos, que não passaram ao lado dos checos. Actualmente, para além do tal bairro, servido por uma estação de metro da linha vermelha com o mesmo nome, encontra-se aqui a fortaleza, mais ampla e mais recente, na área da qual encontramos uma série de pontos de interesse. Os outros ficam para outros artigos. Para já interessa-nos este beer garden, que vamos encontrar junto à muito antiga rotunda de São Martinho, no centro da fortaleza.

É agora altura de enunciar os pontos que fazem de Na Hradbách o meu beer garden de eleição: apesar da localização ser algo afastada, chegar até aqui é sempre um passeio agradável, desde que o tempo esteja de feição e, assim como assim, se não o estiver é porque também não é dia para beer gardens; há o ambiente quase místico de Vysehrad, uma espécie de terreno sagrado dos checos, que gosto de visitar de tempos a tempos; agrada-me a quase ausência de estrangeiros por estas paragens; ao contrário do que sucede na maioria dos beer gardens de Praga, aqui a cerveja é bem tratada, ou seja, servida em copo de vidro; para acompanhar a cerveja, ou vice-versa, há sempre uma boa oferta de grelhados a preços muito agradáveis, como de resto o é o da bebida; o espaço é amplo, com mesas junto à muralha, com balouços para os pequenotes, e mais mesas no centro do terreno, e muito espaço para sentar no chão; e depois há a vista deslumbrante, o que não será de espantar se nos lembrarmos que estamos numa fortaleza que sucedeu a um castelo da alta Idade Média.

Como em todos os beer gardens a melhor altura para vir até ao Na Hradbách é numa tarde de fim-de-semana, de preferência num bonito dia de Primavera. Convém não vir cedo de mais porque os horários deste local são muito liberais e

pode bater com o nariz na porta. Por outro lado, se tudo correr bem, encontrará na atmosfera que ali se vive a recompensa pela viagem até Vysehrad.

O que mais aprecio aqui é a informalidade que se respira. Toda a gente está descontraída, comendo e bebendo, em pequenos ou grandes grupos. As crianças brincam à vontade. Cães amistosos correm por ali. A alguns apetece-lhes apenas estenderem-se na relva. Há pessoas que lêem enquanto bebericam a sua cerveja.

Os cheiros dos assados invadem o espaço e abrem apetites. Se for preciso mais uma cerveja, é caminhar até ao pub convencional que funciona ali, com um par de salas e umas quantas mesas, e pedir a seguinte. Há até mais que uma marca à escolha, o que não é vulgar neste tipo de sítios. Existem também casas de banho, para dar a devida circulação ao fluir dos líquidos.

Da beira da muralha vê-se quase todo o bairro de Vysehrad e boa parte do de Nusle e mais para diante. A dificuldade é decidir que lugar escolher. Depois, é usufruir do momento. Para quem está de passagem é altamente recomendado, como um instante da alma e do estilo de vida genuinamente checos, tão arredados que andam dos locais turísticos a que maioritariamente os visitantes se confinam de livre-vontade.

Blues Sklep

O nome remete para os Blues mas na realidade o que se ouve mais por aqui é Jazz, apesar de em algumas noites, nem uma coisa nem outra, umas vez que são abertas excepções para dar lugar a estilos de música variados.

O local é central, localizado numa das extremidades da discreta rua Lilóva, no coração da cidade velha. Entra-se primeiro num pátio, depois, do lado direito, umas escadas conduzem ao antro musical que é o Blues Sklep. Todos os dias, sem excepção, há espectáculo. Começa pelas 21:00. Chega-se, vai-se até ao balcão do bar... se quiser de assistir à performance paga-se ali a quantia referente ao ingresso, geralmente 100 CZK, 150 CZK nas noites de Sexta e Sábado. Ou seja, cerca de 3,50 Eur e 6 Eur respectivamente. Se for sozinho ou com um acompanhante estou capaz de dizer que basta aparecer, mas se levar um grupo considerável será melhor tentar fazer uma marcação ou chegar um bocado antes do início da hora do concerto.

A sala é adorável, intencionalmente desleixada e escura, pequena, talhada para o intimismo que se pede para uma noite de blues ou de jazz. O público é variável, talvez com maior predominância das pessoas um pouco mais velhas, mas a mescla de idades e de estilos é mesmo o factor dominante. Acima de tudo é uma atmosfera informal. Talvez haja serviço de mesa, talvez não. Seja como for não custa nada levantar-se e ir ao bar buscar uma cerveja, ali vendida a preços simbólicos. 1,20 Eur por um copo de meio-litro de Gambrinus. Começa a música, corre a cerveja, loira a fresca, os aplausos enchem a sala a cada pausa. A animação estende-se por umas três horas, até à meia-noite, mais coisa menos coisa. O bar, esse está aberto entre as 19:00 e as 2:30, sempre com música dentro do espírito do estabelecimento.

No bem conseguido website do Blues Sklep, com versão em inglês, pode consultar o programa diário com uma semana de antecedência; por vezes podem-se mesmo escutar pequenos trechos da música da banda em cartaz. Estão disponíveis os menus, podem-se fazer reservas. É, em suma, um dos locais mais agradáveis para um serão alargado de música em Praga.

Vagon

Vagon. As noites loucas do Vagon. A noite em Praga nunca pára. Não é uma cidade que viva para o fim-de-semana. Aqui, todos os dias são bons para um pouco de diversão. Numa metrópole com metade dos habitantes de Lisboa, todos estes espaços, nomeadamente os que oferecem música ao vivo, apresentam um programa diário, sem interrupção.

E é com a banda diária que se inicia a festa. Todos os dias, imperetivelmente, pelas 21:00. A actuação dura três horas, o que significa que igualmente sem falta, após a meia-noite, está aberta a pista de dança – ou seja, o local, em toda a sua extensão, para a longa noite que vai até às cinco ou seis da manhã. O ingresso para a actuação ao vivo anda entre as 100 e as 150 Czk, ou seja, entre os 4 e os 6 Euros. Depois, terminado o concerto, a entrada é livre. Tão simples como isto. E não só é de borla como as bebidas são escandalosamente baratas. A cerveja Staropramen corre sem parar daquelas torneiras, enchendo ininterruptamente copos de meio litro por 26 Czk. Mais coisa menos coisa, UM Euro.

E que música vai aparecendo por aqui? As actuações ao vivo são diversificadas. Pode ser uma banda de blues, ou um revivalismo (por exemplo, no mês em que vos escrevo estão agendados concertos revivalistas de Queen, Simon & Garfunkel, Ozzy Osbourne e Led Zeppelin), musica étnica. Sei lá. É uma variedade sem fim. Quanto à segunda parte da festa, pois a música é inteligível, rock, revivalismo, anos 80, 90.

A “fauna” local é igualmente variada, digna de observação. Há por ali criaturas dignas de um Woodstock, sequiosos de reviver aqueles tempos em que ficaram cristalizadas, ávidas dos concertos de outros tempos que ali se podem usufruir nos que correm. Mas a sério, há gente de todas as idades, de todos os estilos. É um ambiente interessante. Esteja preparado para a nuvem de fumo. Já sabe, na República Checa é permitido fumar em locais de diversão nocturna.

Como Ir: *Caramba, não podia ser mais simples. Fica em Narodni Trida, mesmo em frente ao café Louvre e ao Rock Cafe, com uma entrada discreta numas arcadas, mesmo ao lado de um KFC.*

Quanto Custa: *Pouco.*

Quando Ir: *Se quiser assistir ao concerto, a partir das 21:00. Se quiser uma borla e simplesmente dançar, pois terá que ser depois da meia-noite.*

Contactos: *Vagon Club, Národní 25, Palác METRO, Prague, 1 – Telefone +420
733737301 – Website www.vagon.cz*

Akropolis

Localizado no carismático bairro de Zizkov e ocupando os primeiros pisos de um edifício de início do século XX, o Palac Akropolis é um local incontornável na vida nocturna de Praga. Na realidade, trata-se de um espaço polivalente de cariz cultural, com salas de espectáculo e de exposições, mas a abordagem aqui recai sobre a discoteca.

Ao entrarmos na Akropolis, temos o roupeiro do lado direito, de uso compulsivo: não poderemos entrar de mochila ou casaca. E para os deixarmos à guarda do pessoal temos que pagar. Mas não se assuste. Aqui, todos os preços são simbólicos. 20 Czk para o cabide, talvez 60 Czk para a entrada. E lá em baixo, a cerveja corre aos valores de uma vulgar cervejaria. A rapaziada que zela pela entrada é mal encarada, mas a verdade é que sempre que precisei, foram prestáveis, quer para indicar uma direcção, quer para devolver o dinheiro da entrada a uma amiga que se arrependeu assim que começou a descer as escadas.

A música é variada, dependendo dos dias. Os DJ's convidados oferecem ao espaço um toque de diversidade, tanto mais que existem duas salas à escolha. É mesmo uma questão de experimentar. Contudo, as noites de Domingo são imperetivelmente dedicadas ao *Reggae* e, já agora, de entrada livre. Por vezes, são testados modelos experimentais, com mistura de *live music* e disco, nas nos dias *Reggae* isso nunca falta: há ali dois artistas que surpreendem. Está a maralha a dançar ao som de um Bob Marley e de repente olha-se e é o DJ que está a cantar. E muito bem.

A fauna que se vê pela Akropolis é sempre variada, mas com predominância para o pessoal alternativo, amigo de uma boa passa, que, de resto, se pode consumir no local sem qualquer problema. Mas lado a lado vão-se vendo turistas estrangeiros, estudantes locais, grupos de pessoas polidamente “normais”, mais velhos, mais novos. Enfim, é um espaço de convívio são onde não é de esperar hostilidade ou escaramuças, onde se tirna natural falar com os vizinhos da mesa ao lado, não porque se está à procura do engate, mas porque... simplesmente é natural.

O ambiente começa a aquecer a partir das 23 horas, e atinge o seu pico talvez por volta da 1 da manhã. Depois, é sempre a descer. A cerveja barata faz moossa, e é

frequente podermos ter a certeza que não existe uma só alma sóbria em todo o espaço. São noites loucas, as da Akropolis. A atmosfera positiva propicia quase sempre muito divertimento. Pode ir sozinho, ninguém o impedirá. Mas é com um pequeno grupo que as coisas se tornam mesmo “wild”.

Para terminar, sugiro que comece a noite um pouco antes no U Sadu, um pub bem checo que fica ali a umas escassas centenas de metros. Para retirar, não se preocupe com transportes. É sair, contornar o edifício pela esquerda, e ir sempre a descer. Vai encontrar uma rua com linhas de eléctricos onde passam transportes nocturnos, activos sem interrupção, que o levarão ao centro. Convém é levar o bilhete no bolso, porque, já se sabe, a bordo não se pode comprar. E não se pisme com o ambiente sempre surpreendente dos eléctricos nocturnos de Praga.

Como Ir: Por assim dizer, pode ir por cima ou por baixo. Sendo que por baixo é o trajecto oposto ao que indicámos no texto. Por cima, é questão de apanhar o metro (atenção que só corre até à meia-noite) de linha verde e sair em Jiriho z Podebrad. Ande em direcção à torre de TV de Zizkov, atravesse a sua praça, e vai encontrar o Akropolis logo a seguir. Mas talvez seja melhor conferir a morada num mapa e levá-lo consigo.

Quanto Custa: Muito barato. Entrada a cerca de 2,50 Eur. Cerveja de meio-litro por cerca de 1 Eur.

Quando Ir: Qualquer dia da semana, de preferência depois das 23 horas. Não precisa de esperar pelo fim-de-semana para aparecer. Em Praga todas as noites são boas.

*Contactos: Endereço: Palac Akropolis Kubelikova 1548/27 – 130 00 Prague 3
Telefone +420 296 330 911 Website www.palacakropolis.cz*

Rincon Latino

Não deixa de causar alguma estranheza que encontremos em Praga um ambiente de festa latina geralmente mais dinâmico do que numa grande cidade tecnicamente latina como Lisboa. Mas assim é. O local de que hoje vos falo é um belo exemplo disso. Localizado em Smichov, bem perto de Andel – uma área central, com uma vida intensa, rodeado de escritórios e comércio – vamos encontrar o Rincón Latino, um espaço dedicado aos ritmos sul-americanos, com destaque para a “salsa” e o “merengue”.

Depois de subir a escadaria, que de certa forma remete desde logo para umas distantes Buenos Aires ou Havana, chegamos ao salão de dança, em cuja pista pares constituídos de forma aparentemente desorganizada evoluem. Neste local o fumo não é permitido, ao contrário do que sucede em quase todos os espaços de diversão nocturna da cidade. Logo, o ar é fresco, sente-se o arejamento do ambiente, propício aos esforços físicos que uns valentes passos de dança latina exigem dos bailarinos.

A decoração é excelente! A informalidade do local é dominante, mas nota-se que não foi obtida por acaso. Está ali muito trabalho e inspiração! A luz, também ela estudada para criar o ambiente desejado, intimista sem se cair no exagero, contribui para o resultado final: um espaço muito agradável, onde apetece desde logo voltar.

No bar, o pessoal atende de forma expedita os clientes que acorrem em busca de uma bebida refrescante, ou, quiçá, algo mais forte. São pessoas simpáticas, as que trabalham no Rincón Latino. Entendem-se em todas as línguas e a comunicação dificilmente será um problema na casa: inglês, castelhano, português... e talvez mesmo checo, para os mais aventureiros.

Claro que as noites não são sempre iguais. O início da semana chega mais manso, com a animação a crescer a olhos vistos a partir de 5ª Feira, para atingir o pico na noite de Sábado. De resto, sobretudo aos dias de semana, o melhor é aparecer depois do jantar, que apesar das credenciais o Rincón Latino funciona mais como uma entretenha de serão do que pela oferta de uma noite-dentro plena de loucura. As pessoas que vão dançando dão um toque pictoresco ao local, pela alegria contagiante com que deslizam pelo soalho, pela diversidade de idades, raças e estilos.

Por vezes há eventos especiais: actuações ao vivo, concursos de dança, e, claro, aulas para os iniciados, dadas por professores cubanos de gema. Os preços são agradáveis, como é costume na noite checa. Pela cerveja (de meio litro) que funciona como elemento referencial padrão por estas paragens, pagará o visitante cerca de 1,20 Eur. Uma maravilha, sobretudo se considerarmos o ambiente diferente de que gozará aqui.

Como Ir: De metro ou em qualquer eléctrico que chegue a Andel, zona central de Praga, apesar de já algo distante do centro histórico. Depois, são 100 metros a pé, sem grandes complicações, uma vez que o clube se encontra na rua principal, por onde passam os eléctricos.

Quanto Custa: Em princípio não se paga admissão, e todas as bebidas são muito baratas.

Quando Ir: Talvez o serão de 5^a Feira, logo a seguir ao jantar, seja o momento mais equilibrado. Conte com mais gente ao fim-de-semana, e com noites mais tranquilas nos dias de semana.

Contactos: Rincon Latino, Štefánikova 7, Praha 5 – Telefone +420 608 740 833 – Website www.rinconlatino.cz

Wakata

O Wakata é um estabelecimento mítico da *nightlife* de Praga. Existe há muito, nem sei bem quanto. Gerações sucessivas frequentaram-no, ali cometendo as loucuras de sempre da juventude. Localiza-se no coração do bairro de Letna, não propriamente simples de atingir pelo turista de ocasião, mas também não será assim tão complicado. Uma dica: os eléctricos que passam em Letenský namesti (1, 8, 15, 25, 26), onde se poderá apear. Com jeito poderá caminhar a partir da estação de metro (linha vermelha) de Vltávská.

Os seus proprietários definem-no como um *DJ lounge style club*. Mas amiúde há música ao vivo. O programa pode ser consultado no website oficial do Wakata. A entrada é sempre livre e faz-se por uma porta que dá para a semi-cave onde funciona o clube, para onde se desce através de três ou quatro degraus. As bebidas quase que são também gratuitas. O que dizer quando nos pedem 1,20 Eur por um canecão de meio-litro de cerveja Kozel bem geladinha? Se for com fome, não há problema. O pessoal pode-lhe preparar algo para comer a preços igualmente apetitosos... tostas, talvez um cachorro-quente, é uma questão de perguntar, até porque em principio o *staff* fala inglês.

A atmosfera é *underground*, alternativa. Espaço jovem com omnipresente perfume da marijuana e encher a sala. Que de resto é pequena: com mais um anexo onde se podem jogar matraquilhos, tem uma lotação de cerca de cinquenta pessoas, vá, com boa-vontade, setenta.

A animação entra noite dentro, bem para lá das horas regulamentares. O horário oficial fala em três da manhã aos dias de semana e cinco ao fim-de-semana. Mas no Wakata a festa acaba quando acaba. Nunca se sabe. Abre ao final da tarde, lá pelas seis, funcionado como bar até ao fim do serão.

A ficha que o Lonely Planet apresenta para o estabelecimento é bastante esclarecedora. Desta vez tenho que concordar com a malta do LP:

“There’s no designer chic or style statements in this small, unpretentious, laid-back DJ lounge, a house-free zone where you can enjoy inexpensive beers and cocktails among the scuffed and mismatched furniture while you bop along to a soundtrack of funk, Latin, dub, ambient, jungle, reggae or hip-hop.”

IV – Coisas Diversas

A Passagem de Ano

A passagem de ano é uma ocasião que inspira muitas viagens. Nada melhor do que mudar de ares para entrar num novo ano. Mas será Praga um destino interessante para a grande festa? Certamente é diferente, e um dos factores que há a ter em conta é a imprevisibilidade das condições climáticas.

Não é preciso grandes contas para concluir que quem se deslocar a Praga para comemorar a entrada num novo ano, vai encontrar o Inverno no seu pico. O frio é coisa certa. As questões que ficam em aberto são: serão as temperaturas quase intoleráveis para passar o ano na rua? Irá chover? Irá nevar?

Bem, quanto ao frio é muito relativo. Sem dúvida que os foliões precisarão de bons agasalhos, e ajuda (e de que maneira) se não andar a cirandar o dia todo. O corpo pode acumular energias se se mantiver abrigado nas horas que antecedem a meia-noite, e isso não é complicado. Numa cidade como Praga todos os espaços interiores são generosamente aquecidos. Quanto à chuva, é pouco provável. A haver algum tipo de “precipitação”, será quase certamente de neve, e isso, meus amigos, confere um toque memorável à ocasião.

Se as coisas ficarem mesmo feias, a ocasião é capaz de descambar. já imagino o caos instalado nos espaços de diversão nocturna, com toda a gente a tentar fugir do frio. Mas também antevejo uma aventura inesquecível. Existem milhentos pubs e cafés agradáveis por toda a cidade antiga, com os estabelecimentos mais “in” a serem encontrados na avenida Dloua (Dloua Trida). Mas vamos esperar o melhor... a minha recomendação é inequívoca: suba à colina de Petrin, que oferece a melhor vista sobre a cidade antiga, e que tem amplos espaços relvados. A meia encosta instale-se e aprecie os muitos fogos de artifício que se erguerão sobre Praga. É um espectáculo fabuloso. Pode levar uma garrafinha com algo quente para animar a noite, ou, se não é dado aos prazeres do alcóol, um termo com chá ou café.

Depois, sobretudo se estiver com amigos, pode escolher um cantinho para recuperar forças e ir noite dentro à conversa. Se seguiu o meu conselho, aproveito para sugerir algo que costuma estar aberto nessa noite, e que fica nas imediações: Dobra Trafika.

Agora, o que não deve fazer: ceder à tentação de seguir a multidão e ir até à grande praça Venceslau. Isto é, se não quiser arriscar-se a brincar com o fogo, literalmente falando. A loucuro instala-se mesmo antes das doze badaladas, e quando o ano novo entra em força, uma multidão de ébrios lança todo o tipo de foguetes... muitas

vezes, a direito, contra a multidão. Não, não é exagero. Deixo aqui uma representação visual do que por ali se passa naquela noite, mas tenha em conta que se trilhar o caminho que previamente sugeri, deverá estar afastado da confusão:

Por estranho que pareça, não é complicado encontrar ligações “low-cost” para esta altura do ano. Não me aventura a sugerir percursos, porque se trata de um mercado em evolução constante, e o que é válido agora não o será dentro de alguns meses. Mas entre Ryanair, Easyjet e Wizzair, a coisa costuma-se resolver com cerca de 100 Eur para ida e volta. Aproveito para sublinhar que uma visita nesta altura do ano não se devberá cingir às comemorações da mais famosa meia-noite.... há toda uma panóplia de atracções de Inverno à sua escolha, como expliquei em Praga no Inverno e 10 Coisas a Fazer.

Festival One World

Quando um dia alguém me perguntar quais foram os momentos mais marcantes da minha vida em Praga, não hesitarei em afirmar que participar no festival One World foi um deles. O ambiente que se vive nos meios mais intelectuais de Praga durante pouco mais de uma semana de Março é algo de fabuloso. O festival, em checo “Jeden Svet”, mobiliza o grupo de cinemas independentes da cidade, em cujas salas podemos assistir ao que de melhor se fez em cinema documental no decorrer do ano transacto.

As películas são portanto plenas de actualidade. De resto, a selecção é apertada, oferecendo ao espectador um leque de trabalhos de elevada diversidade, quer temática quer geográfica. Os bilhetes, com um custo de cerca de 4 Eur, podem ser adquiridos nas bilheteiras dos cinemas envolvidos. Alguns deles um primor de visitar por si, com salas clássicas mantidas dedicadas ao cinema alternativo. Uma proeza nos dias que correm. Por outro lado, vale a pena adquirir um passe. Tipicamente custa cerca de 20 Euros, e dá direito a assistir a 2 ou 3 filmes diariamente. Contudo, os portadores do passe terão que proceder ao levantamento dos bilhetes, de forma a que a organização possa gerir os lugares disponíveis. Vá contudo munido de alguma paciência: por vezes as filas podem ser algo longas.

É aconselhável a aquisição do catálogo do festival, um livro com informação detalhada (disponível em inglês) sobre todos os filmes participantes, que se revelará um precioso auxiliar na organização do nosso calendário de visualizações. Contudo, se perdermos uma sessão, podemos ter a certeza que a obra será exibida numa outra sala e num outro dia, de forma a satisfazer aqueles que decididamente querem ver o filme mas têm qualquer impedimento na primeira projecção.

Muitas das sessões contam com a presença da equipa de produção do filme, que após a visualização se disponibilizar para uma pequena sessão de troca de ideias com o público, que é convidado a colocar questões e expressar a sua opinião.

O festival é organizado pela Fundação PIN (People In Need), criada por elementos envolvidos na Revolução de Veludo (que em 1986 causou o derrube do regime comunista na então Checoslováquia) e teve a sua primeira edição em 1998, tendo crescido de ano para ano desde então.

Em suma, trata-se de um evento a não perder, uma óptima forma de passar tempo de qualidade se vai visitar a cidade em Março e, lá chegado, for brindado com um tempo austero de Inverno. Por outro lado, arriscaria dizer que o One World é, por

si, uma razão para visitar Praga. Ao fim de dez dias a ver cinema documental de alto calibre, sentimos que enriquecemos, que tivemos uma experiência única e irrepetível. É sem dúvida uma mais valia.

Website Oficial: <http://www.oneworld.cz>

Os Dias que Abalaram Praga

O Assassínio de Heydrich

Depois de séculos sob domínio estrangeiro, os checos alcançaram a almejada independência após o término da I Guerra Mundial, em 1918. Foi sol de pouca dura. Formalmente independentes, perderam a sua soberania para a Alemanha em 1938, na sequência do ultrajante Pacto de Munique. Nesse mesmo ano o exército alemão entrou na Checoslováquia, que num novo modelo federativo se viu convertida num “Protectorado” germânico. O primeiro Reichprotektor da Boémia e Morávia foi Von Neurath, um diplomata de carreira de comportamento impecável, que procurou o equilíbrio possível, defendendo a autonomia checoslovaca e travando os métodos brutais das SS e da Gestapo.

Contudo, um dos homens fortes das SS, protegido de Hitler e apontado por muitos como o sucessor natural do “fuhrer”, conspirou incessantemente contra Von Neurath, e acabou por tomar a sua posição, depois de muitas manobras de bastidores. O seu nome era Reinhard Heydrich e estava-se em Setembro de 1941.

A conduta alemão nos territórios da Boémia e Morávia alterou-se de imediato. Foi lançada uma campanha contra os movimentos de resistência. O relacionamento entre o Governo formal do Protectorado e as autoridades alemãs agravou-se e o Primeiro-Ministro Elias acabou mesmo por ser detido e condenado à morte. Entretanto, em Londres, o antigo presidente Beneš travava uma complexa luta política, pelo futuro da nação Checoslovaca e pelos seus próprios interesses pessoais. Depois de resistir durante um par de anos às pressões das potências aliadas para instruir o seu exército clandestino em terras checas para sabotar instalações vitais para o esforço de guerra alemão, Beneš começa a compreender que algo terá que ser feito. As dúvidas iniciais, que se prendiam com a violência das represálias alemãs sobre a máquina clandestina e sobre a população inocente, dão lugar à necessidade de uma acção espectacular, que traga credibilidade aos checos e ao governo no exílio que Beneš lidera. Ciente de que a acção que se prepara será polémica, Beneš elimina cuidadosamente todas as provas do seu envolvimento. Formalmente será o seu chefe dos Serviços de Informação, coronel František Moravec o responsável pela operação.

De qualquer forma, já desde há algum tempo que são largados de pára-quedas na Boémia e na Checoslováquia, com muita dificuldade, algumas equipas de militares checoslovacos, com missões distintas: em alguns casos, estabelecer e fortalecer o contacto, via rádio, entre a resistência no terreno e o Governo no exílio; noutros,

com objetivos de sabotagem bem delineados. E é neste contexto que serão largados os homens que formam a equipa da Operação Antropóide – o assassinato do Reichprotektor Reinhard Heydrich. Existem hoje enormes questões em aberto, amplamente debatidas, sobre esta operação: porque é que os Serviços Secretos ingleses não se opuseram à única missão de assassinato de um alto responsável alemão no decorrer de toda a Guerra? Porquê que Beneš condenou indirectamente à morte largas milhares de checos, executados como represália e vítimas das investigações que se seguiram à morte de Heydrich? Se a primeira questão é mais misteriosa, a segunda pode responder-se com alguma segurança: Beneš terá “vendido a sua alma ao demónio”, sacrificando os seus compatriotas a troco de notoriedade política, a nível pessoal e nacional. Provavelmente sentia que se havia esperança para a reconstrução da nação checoslovaca após o final da guerra, havia que marcar presença com todos os meios possíveis nesta fase de indefinição.

Entretanto a operação Antropóide seguia o seu curso de forma atribulada. O plano previa a execução da missão num par de meses, mas acabou por decorrer mais de um ano entre a largada dos pára-quedistas e a conclusão da operação. No terreno grassa a discórdia. Os homens previamente colocados e os mais proeminentes membros da resistência discordam do assassínio. Sabem que abaterá um temporal de proporções incalculáveis sobre a sua organização e sobre a população. Mas os dois militares enviados para matar Heydrich são irredutíveis: receberam a ordem directamente do presidente Beneš, e como soldados que são levarão até às últimas consequências as instruções que lhes foram atribuídas. Até ao último momento o pessoal no terreno vai tentar obter a anulação das ordens, que nunca chega. Entretanto, Gabčík e Kubiš seguem as rotinas do Reichprotektor. Uma série de ideias avulsas tem que ser colocadas de lado. Fica fora de questão lançar um golpe de mão contra a mansão onde Heydrich vive, nos arredores de Praga. Qualquer ataque na zona urbana mais próxima do centro é igualmente descartada. Num e noutro local a vigilância é demasiado forte e ao mínimo deslize os reforços alemães chegariam com demasiada rapidez, sendo de qualquer forma a fuga tornada praticamente impossível.

Assim a atenção centra-se no percurso diário de Heydrich. O oficial alemão revela-se negligente com a sua própria segurança. Conforme repete por diversas vezes, um cuidado nesse aspecto seria interpretado como sinal de fraqueza. Recusa fazer-se acompanhar por guardas. Viaja sozinho, apenas na companhia do seu motorista. Despreza sistematicamente recomendações superiores no sentido de incrementar a sua segurança, e nem aceita a adopção de blindagem adequada no seu carro.

Após semanas a fio estudando os percursos de Heydrich, Gabčík e Kubiš seleccionaram um ponto da estrada com as condições ideais para o ataque: tratava-se de uma curva apertada, no bairro de Kobylisy, onde o carro teria que abrandar,

permitindo a intervenção dos dois comandos. Por outro lado, o local permitiria a fuga dos atacantes, que conseguiriam chegar ao centro de Praga com facilidade, misturando-se aí com a multidão. Um deles atacaria Heydrich com uma arma automática Sten modificada, enquanto o outro, munido de granadas especialmente desenhadas para o efeito, seria o homem de reserva.

Na manhã de 27 de Maio de 1942 o ataque foi levado a cabo, mas o plano complicou-se: a Sten encravou, deixando Gabčík à mercê de Heydrich. Neste momento o alemão cometeu um erro fatal. Em vez de prosseguir a viagem em segurança, ordenou ao motorista que detivesse o carro de forma a responder ao ataque. Imediatamente Kubiš arremesou uma granada que explodiu junto ao carro. Heydrich, aparentemente em boa condição, disparou a sua arma sobre os assaltantes em fuga e mandou o condutor prosseguir no encalço dos fugitivos.

Assim, enquanto corriam pelas suas vidas, os dois militares checoslovacos estavam plenamente convencidos que tinham falhado. Não podiam imaginar que Heydrich iria falecer num hospital dentro de dias, o seu corpo envenenado mortalmente por fragmentos do carro que entraram em contacto com o seu sangue.

Os dias que se seguiram foram de puro terror para a população. Os alemães atacaram em força, levando a cabo terríveis represálias. A face mais conhecida da vingança alemã foi a destruição da aldeia de Lidice e o extermínio dos seus habitantes. Os movimentos de resistência foram praticamente desmantelados pela pressão que se seguiu ao atentado.

Quanto aos pára-quedistas, reuniram-se com camaradas de outras operações anteriormente desencadeadas na Boémia e Morávia, e esconderam-se na igreja de São Círil e Methodius (perto da actual Karlovo Namesti). Entretanto, um dos pára-quedistas, isolado dos companheiros pelas circunstâncias, rendeu-se voluntariamente aos alemães, a troco de uma generosa recompensa em dinheiro. Apesar de desconhecer o paradeiro dos fugitivos, algumas das pessoas que denunciou estavam ao corrente do actual esconderijo, e foi assim que nos primeiros dias de Junho uma força de intervenção entrou na igreja, iniciando-se um feroz combate que terminou com o suicídio colectivo dos comandos checoslovacos, que usaram a última bala para acabar com as suas vidas.

Os Assassinos de Reinhard Heydrich

Josef Gabčík, nasceu em Žilina, na Eslováquia. Aprendeu o ofício de ferreiro antes de ingressar no exército, onde permaneceu até à dissolução das forças armadas checoslovacas. Antes de fugir para França para se juntar

Jan Kubiš, natural da região de Třebíč, na actual Rep. Checa. Serviu no exército checoslovaco, no 31º Regimento de Infantaria, optando por se manter nas forças armadas depois do período obrigatório. Também ele

Legião Estrangeira, trabalhou numa fábrica de armas químicas, que sabotou diligentemente. Quando a II Guerra Mundial estalou, deixou a Argélia para ingressar no Exército Checoslovaco constituído em “terras livres”. Depois da derrota na campanha de França, conseguiu chegar à Grã-Bretanha, onde foi integrado na 1ª Brigada Mista Checoslovaca. Foi dos primeiros a se voluntariar para missões na Pátria ocupada pelos alemães.

acabou por se refugiar em França em 1939, onde foi forçado a alistar-se na Legião Estrangeira. Tendo combatido com distinção na campanha de França em 1940, recebeu a medalha da Cruz de Ferro francesa. Após a derrota, também ele logrou juntar-se à 1ª Brigada Mista Checoslovaca, formada em Inglaterra. Tendo-se constituído voluntário para as arriscadas operações encobertas na Boémia, substituiu o sargento Karel Svoboda, que entretanto sofrera um acidente, na Operação Antropóide.

As Cheias de Agosto de 2002

Depois de uma semana de chuvas torrenciais os habitantes de Praga descontraíam sob o sol quente de Verão. Naquele Domingo, 10 de Agosto de 2002, ninguém sonhava com a catástrofe que se abateria sobre a cidade dentro de três dias.

No dia seguinte começaram a circular os primeiros rumores, que indicavam a eminência de uma cheia de dimensões épicas. A televisão estatal começou a emitir avisos direccionados às áreas tradicionalmente vulneráveis a este tipo de catástrofes. Na manhã do dia 12, a TV mostrava imagens das medidas que se tomavam para fortalecer as defesas da cidade contra o ataque da água. A norte de Praga, algumas localidades tornavam-se já pequenas ilhas, à medida que os solos das planícies envolventes se saturavam de água.

Foi no dia 13 que o Vltava transbordou. Os primeiros barros afectados foram Karlin e Liben, onde a água arrastou descontraidamente todas as barreiras de sacos de areia construídas na véspera. À medida que o elemento invasor se aproximava de Florenc, equipas da polícia varriam os edifícios da zona, forçando os habitantes mais renitentes a deixar os seus lares enquanto era ainda possível alcançar locais seguros sem a utilização de embarcações. Nos hospitais de Klimentaska e Dvorakovo Nabrezi um exército de ambulâncias procedia à evacuação dos doentes. Por esta altura o tráfico automóvel entre as duas margens do Vltava era apenas possível através da ponte de Barrandov. Todas as outras travessias do rio eram permitidas apenas aos peões.

O exército foi chamado para destruir e afundar todos os barcos que se iam desprendendo dos seus pontos de amarragem e por ali andavam à deriva, ameaçando a segurança das pontes, e um mirone morreu por acidente, atingido por estilhaços de uma destas explosões.

Por todo o lado a actividade era frenética: dezenas de locais exigiam a atenção das autoridades – edifícios oficiais, museus, bibliotecas, arquivos... repletos de materiais cujo salvamento era prioritário. Ao serão, o presidente da Câmara Municipal, Igor Nemec, tomou a dramática decisão de ordenar a evacuação compulsiva dos 50.000 habitantes da Cidade Velha. Uma mala por indivíduo, era tudo o que estas pessoas estavam autorizadas a salvar da sua vida de tantos anos. No aeroporto, o caudal de turistas era confrontado com o caos. Muitos, passaram as suas férias em camas de campanha, num dormitório de uma qualquer escola de Praga.

No dia 14 de Agosto a cidade parecia petrificada. O sistema de protecção do Metro falhou, por razões que levaram anos a ser debatidas, sem resultados conclusivos, e nada mais nada menos que vinte e nove estações foram submergidas. Um sistema desenhado para providenciar abrigo à população em caso de conflicto nuclear, rendia-se às águas do Vltava. A ilha de Kampa encontrava-se 5 a 8 metros debaixo de água. Todas as pontes se encontravam agora encerradas. No magnífico Zoo de Praga a destruição era desoladora. A sua parte mais baixa encontrava-se totalmente debaixo de água, e as imagens dos tratadores forçados a abater animais em pânico correram mundo.

Foi preciso esperar mais um dia para que o elemento invasor começasse a retroceder, deixando bem claro a destruição provocada. Edifícios ruíram. Os pavimentos foram destruídos. A rede de metro, totalmente paralisada, colocava uma pressão inimaginável sobre o sistema de autocarros e eléctricos. Nas dezenas de milhares de lares evacuados, uma quantidade imensa de alimentos encontravam-se agora em processo de putrefacção. O sistema de esgotos, estava naturalmente paralisado, assim como o abastecimento de electricidade e água potável.

Em dois dias, as águas do Vltava tinham causado incontáveis prejuízos e até perdas de vidas humanas em extensas áreas da cidade de Praga. Um pouco por todo o país viveram-se horas dramáticas, com algumas localidades a serem invadidas por violentas enxurradas que tudo arrastaram à sua passagem. A estimativa oficial dos prejuízos rondou os 2,5 biliões de dólares. Mas, apesar da extensão dos danos, os checos lançaram mãos ao trabalho e num espaço de tempo admiravelmente curto as feridas deixadas pelas águas encontravam-se cicatrizadas. Nalguns casos, a reconstrução permitiu melhorar o que antes existia. Na Cidade Velha muitos edifícios foram restaurados na sequência das cheias. Os sistemas de defesa da cidade foram melhorados, tornando-se uma mão invísivel que actualmente zela pela segurança dos habitantes de Praga e dos seus bens.

Curiosidade

A primeira cheia documentada em terras da Boémia sucedeu em 1784, e desde então ocorreram seis catástrofes deste tipo: 1784, 1827, 1845, 1890, 1997 e 2002. Contudo, as cheias de 1997 não chegaram a afectar Praga, apesar da devastação noutras partes do país. Um período de segurança de mais de 100 anos terá amolecido a população, que encarou os avisos preliminares com displicência, apesar das imagens de destruição em terras da Morávia apenas cinco anos antes.

Requiem pela Primavera de 1968

Em 1968 a Guerra Fria estava no seu auge. Os EUA envolviam-se no Vietname e um pouco por todo o mundo, os dois gigantes globais envolviam-se em duelos indirectos. Entretanto, na Europa, multidões saíam às ruas de Paris insurgindo-se contra o estado estabelecido no país. Mas a Primavera de Paris teve uma irmã, menos famosa: a Primavera de Praga.

Dia 5 de Janeiro de 1968. Alexander Dubcek assume a liderança do Partido Comunista, e, portanto, da Checoslováquia. Inicia-se um processo de liberalização, em direcção aquilo que se chamou de “socialismo democrático”. É aliviada a censura sobre a imprensa e são libertados presos políticos. Estão dados os primeiros passos para a gloriosa Primavera de Praga, que empolgará o país durante sete meses.

Em Abril Dubcek alarga as medidas de liberalização, ameaçando o controle do país por parte de Moscovo. Nos jornais, começam a surgir artigos de opinião atacando a URSS, algo inédito em países do Pacto de Varsóvia.

Perante estes desenvolvimentos, não é de estranhar que o Politburo de Moscovo sentisse uma apreensão crescente. Tal como sucedera 12 anos antes, em Budapeste, receia-se que uma liberalização excessiva lance faíscas de revolta em direcção aos restantes países do Bloco de Leste, tornando o controle da situação impossível. Há mesmo receios que algumas das suas próprias repúblicas, como a Ucrânia, Lituânia, Estónia ou Letónia sigam a onda de contestação, destabilizando o gigante soviético.

As dimensões do desastre anunciado precipitaram a decisão de invadir a Checoslováquia. No dia 21 de Agosto iniciou-se o ataque. Cerca de 500.000 militares de diversos países do Pacto de Varsóvia (na realidade, apenas a Roménia se recusou a alinhar na invasão, que Ceausescu criticou abertamente) entraram na Checoslováquia, controlando de imediato a situação. Tal como sucedera em 1956 na Hungria, os EUA manifestaram-se ruidosamente contra a acção, mas não foram mais além do que dos protestos diplomáticos.

Os dias que se seguem são de intenso frenesim. O aeroporto militar de Kbely, na periferia de Praga, é o centro de uma ponte aérea organizada pelos soviéticos para reforçar o controlo do país. Dia e noite, incessantemente, pesados Antonov

transportam homens, viaturas, abastecimentos. Nas ruas de Praga, a presença dos ameaçadores tanques estrangeiros é confrontada por multidões enfurecidas, frustradas pela força descomunal que ameaça asfixiar a euforia de liberdade que se tinha instalado no seu país.

Nos dias que se seguiram à invasão, uma questão foi debatida vezes sem contas por um número incalculável de checoslovacos: sair do país ou ficar? As fronteiras, abertas algum tempo antes à luz do espírito da Primavera de Praga, ficaram ainda algum tempo acessíveis e muitos optaram por fugir do anunciado jugo soviético. Nos primeiros dias 70.000 retiraram para o “mundo ocidental”, num total de 300.000 checoslovacos que optaram por recomeçar uma nova vida algures na sequência da invasão.

No país, as forças invasoras causaram as primeiras vítimas. Quando tudo terminou contavam-se 72 vítimas mortais e cerca de 700 feridos. Um número reduzido, sobretudo quando comparado com a violência que pautou a intervenção de 1956 na Hungria. Mas aí, a resistência à projecção de força soviética foi substancial, com uma parte considerável do exército nacional a opôr-se activamente aos invasores. Na Checoslováquia, pelo contrário, não houve resistência armada, nem por parte de unidades das Forças Armadas nem por parte da população. A reacção existiu contudo: centenas de milhares saíram às ruas, tentando comunicar com os militares estrangeiros, implorando, garantindo. Que queriam apenas ser senhores de si próprios, que, ao contrário do que lhes tinha sido transmitido pelos seus oficiais, não estavam ali para derrotar uma intentona orquestrada pelos “imperialistas ocidentais” mas para esmagar um povo irmão. Por todo o país as populações retiraram os sinais de trânsito indicando direcções, excepto aqueles que apontavam para Moscovo. Outros, foram pintados com o nome “Dubcek” ou “Svoboda” (o Presidente da Checoslováquia). Nas cidades, as raparigas descobriram que uma excelente forma de destabilizar o invasor era passearem-se em esplêndidas mini-saias, uma forma de luta que foi amplamente utilizada. Os jovens militares russos, na flor da idade e nada habituados aquelas coisas, deixavam-se corroer pela frustração do desejo.

Se mais nada trouxe, a expressiva resistência passiva terá pelo menos prolongado a vida política de Alexander Dubcek. Nos primeiros momentos da invasão, o líder do Partido e outras destacadas figuras do seu governo são detidas por pára-quedistas soviéticos. Mas perante o enorme apoio demonstrado pela população nas ruas, os soviéticos recuaram na sua decisão de colocar Dubcek sob prisão. O líder checoslovaco viria a ser afastado alguns meses depois, em Janeiro de 1969, na sequência de graves incidentes após a vitória da selecção de hóquei no gelo sobre a sua rival da URSS (Campeonato do Mundo, vitória da Checoslováquia por 4-3, a única derrota da URSS nessa edição, que viria a ganhar).

Talvez o final simbólico da Primavera de 1968 possa ser encontrado no dia 16 de Janeiro de 1969, quando o estudante Jan Palach se imolou pelo fogo, junto ao Museu Nacional, na praça Venceslau, em protesto não só contra a invasão de Agosto mas sobretudo contra a conformação nacional. Foi o último suspiro de um país que se viu arrastado para a esfera soviética de uma forma vigorosa. Até então não existiam tropas soviéticas estacionadas no país, que vieram para ficar. Foi preciso esperar até 1991 para se ver um país sem unidades militares estrangeiras estacionadas no seu solo.

Mais informação: um excelente testemunho do que foi a euforia vivida durante a Primavera de 1968 e nos dias quentes pós-invasão pode ser recolhido na obra-prima de Milan Kundera, A Insustentável Leveza do Ser, e/ou no filme como o mesmo título, inspirado no livro desse autor.